

LIGIA AMPARO DA SILVA SANTOS

O pulo da cerca
tecendo os fios das
memórias de uma
trajetória errante por
“entre” trincheiras
acadêmicas

11



LIGIA AMPARO DA SILVA SANTOS

O pulo da cerca
tecendo os fios das
memórias de uma
trajetória errante por
"entre" trincheiras
acadêmicas



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

LIGIA AMPARO DA SILVA SANTOS

O pulo da cerca
tecendo os fios das
memórias de uma
trajetória errante por
"entre" trincheiras
acadêmicas



Salvador
UFBA
2023

2023, Ligia Amparo da Silva Santos.
Direitos para esta edição cedidos à UFBA.
Feito o Depósito Legal
Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa e projeto gráfico
Gabriel Cayres

Editoração
Tiago Pedra

Revisão
Autora

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

S237 Santos, Ligia Amparo da Silva.

O pulo da cerca : tecendo os fios das memórias de uma
trajetória errante por “entre” trincheiras acadêmicas / Ligia Amparo
da Silva Santos. - Salvador : UFBA, 2023.

202 p. (Memorial, v. 11).

ISBN: 978-65-5631-123-4

1. Professores universitários – Guias de experiência de vida.
2. Nutrição - Pesquisa. 3. Nutrição – Estudo e ensino.
4. Antropologia nutricional. I.Título.

CDU: 612.39:378.12

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/O

A IDENTIDADE RUIVA

Assumi a minha identidade ruiva

Ruiva, rude e russa

Ruiva, ruidosa e raivosa

Ruiva rosa

Rosa risonha

Que risonha roça

Os seus fios incandescentes os ares da vida

Deixa um rastro de fogo

Iansã assanhada

Com o seu raio revolta

Rabisca e rala

A sua rapsódia rasa

Rascunha e rasga

A identidade ruiva ao relento

Que rebenta e rejuvenesce

Refina e renova

Resiste e ri

Ruivosamente...

Ligia Amparo

Salvador, 30 de maio de 2008

(Dos tempos do Orkut)

Sumário

Sumário

- 13 Prefácio**
- 19 Preambulando I**
- 21 Preambulando II**
- 25 Prelúdio ao alvorecer**
 - 26 Baiana(o) não nasce, estreia!
 - 27 Aprendendo a ler o mundo através das letras...
 - 29 O menino do dedo verde...
 - 30 Os vultos da Pátria: educação básica nos tempos da ditadura...
 - 31 Levanta a cabeça!: Os tempos de Escola Técnica
- 37 Interlúdio I – Os tempos de faculdade (1985-1992)**
 - 38 O que você quer ser? Pulando a cerca do ensino superior...
 - 40 Havia uma pedra no meu caminho: debutando na Nutrição
 - 41 “A Criança que pratica esportes respeita as regras do jogo capitalista”: o corpo e a Educação Física

- 43 Saltitando para lá e para cá: Nutrição e Educação Física a um só tempo
- 44 Aproximações antropológicas e a visita aos Kiriris
- 45 Vamos criar as regras do jogo!: experienciando a docência no ensino básico
- 46 Explorando o Sertão: os tempos da extensão universitária no Projeto Cansação
- 49 “A gente não quer só comida”: os tempos do Movimento Estudantil
- 51 Eu também quero fazer pesquisa!: os tempos primevos da iniciação científica
- 54 Está formando? E agora? Os últimos semestres de Nutrição

59 Interlúdio II – Os tempos de professora na universidade – Parte I (1993-2006)

- 60 Professora? Os tempos de docente substituta
- 61 Ainda seguindo no Sertão: o Projeto Cansação como docente
- 63 Lá vêm as tecnologias digitais...
- 64 Em regime de Dedicção Exclusiva: entre o concurso e o mestrado (1994-2000)
- 66 Atuando como professora efetiva (período de 1994 a 1997)
- 67 Vivenciando o Projeto UNI
- 68 Experienciando a gestão universitária: a chefia do Departamento em exercício
- 69 Experienciando a instituição do mundo da pesquisa – Projeto FINEP

- 70 Retornando ao Semiárido: a Extensão na APAEB-BA e as participações políticas nas ações contra a fome e a miséria e pela vida
- 71 *Fish and chips!* Já é hora de fazer o mestrado! Sob o frio de *Scotland*
- 73 As boas filhas a casa voltam: retomando à ENUFBA (1999-2002)
- 77 Prosseguindo na experiência em gestão – chefia do departamento
- 77 Preparando os terrenos para o doutorado
- 82 O pulo da cerca: a vivência do doutorado (2002-2006)
- 88 Dando um pulinho de volta ao objeto de estudo
- 92 Enveredando para o trabalho de campo
- 93 *Allez-y!* Paris!: dando um salto distante rumo ao Doutorado Sanduíche (2004-2005)
- 95 Europa, França e Bahia! Retornando à boa terra (primavera de 2005)

99 Interlúdio III – Os tempos de professora doutora pesquisadora ENUFBA (2006-2022)

- 100 As boas filhas sempre estão voltando: retornando à ENUFBA (2006-2022)
- 101 Precisamos reformar o currículo! Assumindo a coordenação do colegiado de graduação em Nutrição
- 103 “Eu tô te confundindo pra te esclarecer”: reconfigurando as aulas em círculo
- 104 Na hora de criar o grupo de pesquisa: emerge o NEPAC
- 105 Ensinar é preciso, pesquisar não é preciso! Ingressando na pós-graduação (primavera de 2008)

107 E o Relatório Sucupira? Compondo a coordenação do PPGANS (2008-2012)

111 O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (NEPAC) – Parte 01

111 Vamos conquistar o mundo e a Bahia também! A criação do NEPAC e primeiras atividades (2006-2012)

113 Saboreando o primeiro projeto de pesquisa no tabuleiro da baiana

117 O cinema, a comida e o comer (2006-2008)

119 O comer afro-barroco em Jorge Amado

120 Tá na hora da merenda! O Centro Colaborador em Alimentação Escolar – CECANE-Bahia (2006-2012)

121 *Bega Xá Ca da Sebê*: atuando no “Continente Africano” no Projeto Nutrição em São Tomé e Príncipe (2011)

125 Vamos à feira? Desvelando o corpo e o comer popular em tempos da *lightização* da existência

129 Tutoriando: o Programa de Educação Tutorial (2010-2018)

133 O projeto Fotografia e Comensalidade

137 Literatura e Comensalidade no PET: reavivando o comer afro-barroco

139 O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (NEPAC) – Parte 02

140 “A EAN está em todos os lugares e ao mesmo tempo em lugar nenhum”: construindo Tecnologias Sociais em Alimentação e Nutrição

- 150 “Nós olhamos o paciente como um todo”: o corpo da nutrição
- 153 Agora já tem o curso de doutorado!: retomando a gestão do PPGANS (2015-2019)
- 153 Novos ventos sopram no NEPAC e as primeiras orientações de doutorado (2015-2019)
- 154 Como se orienta uma tese? Uma experiência de orientação coletiva com as primeiras doutorandas
- 158 Fechando ciclos de projetos anteriores: as defesas de mestrado e participações em cursos e bancas entre 2014-2018

161 O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (NEPAC) – Parte 03 (2017-2022)

- 162 Vamos nos organizar! Participação em Associações Científicas e Redes de Pesquisa
- 165 Com atenção plena: as PICS no cuidado *a pessoas com obesidade na atenção básica*
- 169 Obesidade(s), diferentes olhares e múltiplas expressões: um projeto de pesquisa e formação
- 173 *Morabeza*: explorando outra nação insular africana, Cabo Verde
- 175 Uma missão possível: CAPES PRINT e Internacionalização em Espanha

179 Interlúdio IV – A experiência acadêmica em tempos de isolamento social

- 181 Seguindo nas contribuições para a gestão acadêmica dentro e fora da UFBA
- 183 Em tempos de isolamento social: entre o corpo, a comida e o cuidado

- 183 Tecendo cuidados com nossos retalhos em mais um projeto
- 184 Agora sou PQ2!: imbricando corpo(s), fome(s) e obesidade(s)
- 187 Pesquisadoras latinas, uni-vos! A missão do CAPES-PRINT/
UFBA agora é no México
- 189 Tricotando Redes: Projetos das Redes NAUS e GT
A&N ABRASCO
- 191 E o seu pós-doutorado?

193 Desenlace

- 193 O porvir que figura na linha do horizonte...
- 196 O NEPAC e os novos movimentos
- 198 Desvelando a Bahia profunda...
- 200 A metodologia da galinha pulando

Prefácio



Início citando Magda Soares, em *Metamemória*, que foi modelo inspirador quando escrevi o meu próprio memorial.

Descobri/descobrimos: os meus dias não são meus, são nossos. Sob os meus dias, parece estar a vivência de toda uma geração que se educou e educou nas últimas cinco décadas. [...] parece que a experiência passada que aí vai contada não me pertence – convenceram-me de que os dias não são meus, são nossos, e que não só eu aprendi, mas outros poderão aprender deles e com eles. (SOARES, 2001, p. 16)

Em um texto denso, rico e de leitura prazerosa percorremos uma trajetória singular tecida nos meandros de conjunturas e de um processo histórico que vamos acompanhando, aprendendo... Desde o título do trabalho aos subtítulos temos inspiração, toques de humor, poesia. Mas temos também engajamento político! O aprendizado sobre a autora é também sobre a dinâmica econômica, social e cultural da Bahia e do próprio país nas décadas que o memorial contempla. É sobre afirmação permanente, antropofágica, da identidade baiana e brasileira.

História das universidades, do ritmo desenfreado de trabalho, dos prazos apertados, do compromisso que enovela nossas vidas, das temáticas dominantes, da verdadeira luta para que a alimentação fosse reconhecida e tivesse seu espaço nos editais, mesmo na área de Saúde! Esse registro é fundamental e convida à reflexão e

à construção dessa história pelo “outro lado da cerca”. Enquanto a luta era travada nas áreas da Saúde, vivenciamos esse processo também nas ciências humanas, nas quais a alimentação estava ausente ou aparecia de forma intermitente nas pesquisas acadêmicas até os anos 1980. Há certa retomada nos anos 1990, e temos também nesse campo um difícil vivenciar o “entre”. Considero que foi importante para ampliar horizontes e reunir pesquisas sobre alimentação nas ciências sociais, a construção do Grupo de Trabalho Comida e Simbolismo, nas Reuniões Brasileiras de Antropologia (RBA). A iniciativa de Maria Eunice Maciel e Sérgio Alves Teixeira, em 1996, ocorreu justamente em Salvador, e foi continuada por muitas de nós sociólogas, antropólogas, historiadoras, nutricionistas, entre outras áreas, que hoje habitamos esse espaço efetivamente transdisciplinar¹. Entendo que essa luta por reconhecimento empreendida no âmbito da Nutrição e da Saúde, na qual Ligia teve forte protagonismo, teve repercussão e influência para a alimentação no campo das próprias ciências humanas e sociais, na construção de espaços institucionais, nas agências de fomento. Este é um aspecto que vale a pena investigar. Os indícios estão presentes no curso de aperfeiçoamento e nos eventos sobre Alimentação e Cultura que conformaram a Rede Internacional de Alimentação e Cultura.

Ao observarmos os grupos de trabalhos da RBA, também temos claros indícios dessa influência. Há dois textos que procuraram sistematizar parte de sua trajetória que nos propiciam tais sinais. Cito um deles. De acordo com Menasche, Collaço e Roim (2021, p. 18), no decorrer dos anos nota-se “a participação de um grande grupo de fora da antropologia, as(os) nutricionistas, que tentam construir uma ponte entre ciências sociais e nutrição. Muitas procuraram se especializar em antropologia, sociologia e seus trabalhos privilegiam o olhar para alimentação e o alimento.” Embora as autoras considerem que “em alguns aspectos” a relação entre as áreas foi permeada por disputas e tensões, apontam o fato de que a significativa participação desse grupo introduziu discussões sobre a fome, a segurança e a soberania alimentar e nutricional, hoje muito presentes nos grupos de trabalhos sobre alimentação. Destaco ainda a afirmação de que: “A participação desse grupo foi (ou é) tão presente que em 2016 na 30ª RBA, em João Pessoa, o único GT dedicado à alimentação teve duas coordenadoras com formação original na nutrição [Ligia era uma delas]. Essa maior participação desse grupo, pode inclusive, pautar as características das próximas edições” (Idem).

1 Aqui se faz necessário um esclarecimento. Contamos com a participação de pesquisadores dessas áreas nos debates, nas apresentações de trabalhos, mas houve uma predominância claramente feminina nas coordenações dos grupos de trabalho ao longo dos anos.

A sociologia demorou por décadas, quase século, para resolver o dilema da compreensão sobre o equilíbrio do pêndulo indivíduo-sociedade. Norbert Elias foi sem dúvida pioneiro nessa empreitada, embora por muito tempo desconhecido na academia brasileira. Sua construção teórica das configurações/figurações nos leva a perceber como atores individuais imprimem suas marcas nas sociedades, ao passo que são influenciados por essas. Ler o memorial de Ligia nos conduz à compreensão clara desse movimento, aprendemos que “seguir pelos caminhos que foram postos” significou sempre produzir e ser produzida incansavelmente. E assim foi sua trajetória em todos os âmbitos de sua vida, instituinte. Esta é uma palavra-chave neste memorial, que nos diz da ousadia de ir além, de questionar o instituído, atividade política por excelência, de se sentir afetada e mobilizar criativamente esse afeto no bojo de um desejo que não é apenas do eu, mas de uma percepção de si como parte de um coletivo. O NEPAC (NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ALIMENTAÇÃO E CULTURA) é um espaço privilegiado dessa ação coletiva, criativa, instituinte, mas é a ação que o extrapola e sempre foi efetivada nas lutas estudantis, nas pesquisas e extensões em comunidades, nos bairros, nas orientações, no Programa de Educação Tutorial (PET).

Daí a opção pela cartografia: traz a competência e o profissionalismo acadêmico sem descuidar das emoções, das escolhas, dos desejos. Alia o trabalho intelectual, acadêmico com paixão. A protagonista das memórias não reivindica o protagonismo das ações, posto que em todo o processo vai nomeando as pessoas que compartilham e constroem conjuntamente as experiências. Assim, vamos conhecendo autores e autoras que contribuíram para a construção original das reflexões, nas quais arte, literatura, dança e poesia têm seu espaço.

Ligia nos previne logo de início que: “Não se trata tão somente da minha vida acadêmico-profissional, trata também da minha vida pessoal que, de modo feliz ou não, está intrinsecamente imbricada, enlaçada, emaranhada, enredada, entrelaçada (palavras que cada vez preenchem de sentido para mim) com o que sou hoje, o que me produziu enquanto pessoa ao longo destas décadas” (p. 17). No decorrer das páginas vamos penetrando o sentido profundo dessa afirmação, quando nossa personagem central nesse denso enredo admite que “nunca conseguiu fazer poucas coisas”, assumiu todas as oportunidades – eu diria também todas as tarefas – que se configuraram nos seus caminhos, pois, no seu dizer, “para as nossas universidades brasileiras, e sobretudo as nordestinas, parece não haver o direito à recusa de participar diante das nossas carências que integram o projeto gerador de desigualdades” (p. 117). A esta altura da leitura, quase sem fôlego diante do ritmo intenso de trabalhos que são apresentados, vamos alcançando a compreensão dessa vida entrelaçada, emaranhada ao conhecimento, à atuação profissional: a própria vida de nossa interlocutora.

Nesse percurso, o texto traz as bases das reflexões e ações no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão, na perspectiva de que, longe de significar apenas o cumprimento de exigências regimentais, rememorar possibilitou organizar a matéria sobre a qual serão construídas novas possibilidades.

Nas temáticas e ações propostas que vão se complexificando, adensando ao longo dos anos, eu diria que ela tem um olhar de quase 360 graus que vai incorporando objetos, problemas e teorias do conhecimento, atenta às conjunturas socioeconômicas, culturais e políticas, voltando sua atenção para pesquisas relativas a questões emergentes e urgentes. Destaco algumas dessas questões que se afiguram como centrais.

*Pular a cerca, nos remete pelo menos a dois sentidos:

– Trabalhar o mundo da vida reconhecendo e respeitando conhecimentos e desejos desse mundo, construindo sentidos, confrontando epistemologias e modos de produção do conhecimento instituídos. A opção pelo cotidiano traz a perspectiva de acionar construções teóricas que vinculam a observação do vivido no plano individual – a microanálise – com o quadro macroestrutural no qual a ação individual se constrói e ganha sentido, por meio das experiências e vozes de pessoas pertencentes a diferentes etnias, classes e gêneros, pensadas na sua relação com o todo de que são partes.

– Estar “entre” reconhecendo que alimentar é mais do que nutrir, compreender a alimentação exige mais do que “metrificações”: “E é neste encontro [dos sujeitos] em que as insuficiências das metrificações que se expressam diante de seres desejantes, que o comer se constitui também como uma expressão do desejo humano” (p. 129-130). Além disso, para Ligia, não se trata apenas de buscar novas metodologias, instrumentos de pesquisa, há outra dimensão a ser considerada: “a necessidade de reconstruir todo um processo de organização do modo de pensar o mundo e a ciência, ou seja, um novo modo de olhar os problemas de estudo, instrumentalizado por outras perspectivas de saberes” (p. 75).

No que diz respeito a esse novo modo de pensar a ciência e de olhar, lembro Stuart Hall em seu livro sobre a identidade cultural na pós-modernidade, quando menciona pelo menos cinco avanços na teoria social e nas ciências humanas que impactaram o pensamento na segunda metade do século XX. Refiro-me a apenas dois deles, que relaciono mais diretamente à construção das problemáticas desenvolvidas por Ligia: a percepção elaborada por Foucault da sociedade em suas relações micropolíticas, afetando o seu nível molecular: o corpo dos indivíduos. Corpo que deve ser modelado, disciplinado, tornado útil e dócil. Corpo que assume centralidade no tema da tese sobre “práticas corporais e alimentares na contemporaneidade” e se torna fio condutor para aprofundar questões como corporalidade e comensalidade e suas correspondências com sociabilidades, identidades, gostos alimentares, gênero, patrimônio,

alimentação saudável, modernidade e tradição, dentre outras. Nesse aspecto, pesquisas e publicações se constituíram em referências. Outro avanço que se afigura central e que marca sua produção e sua ação política é o “impacto do feminismo, tanto como crítica teórica como um movimento social” (HALL, 1998, p. 34). Esse movimento afirma as dimensões “subjetivas” como as “objetivas” da política: “o pessoal é político”. Abre espaço para pensar o modo como somos formadas(os) e produzidas(os) como “sujeitos generificados”, para pensarmos “novas arenas” da vida social.

*O trabalho de Ligia é referência também na construção de políticas públicas: a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) se torna um eixo temático central, pensado nas suas relações com o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) e Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN). Nesse contexto, destacam-se as ações e produções sobre o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), com ênfase para diversas funções no âmbito do CECANE–Bahia (Centro Colaborador em Alimentação Escolar), que cobria todos os estados do Nordeste no período (2006-2012). Além disso, durante o governo do presidente Lula, o PNAE se constituiu como parte das estratégias de colaboração com países africanos, contando com sua atuação.

Sua participação na mesa de lançamento do “Marco de EAN” (2012) e as publicações decorrentes das reflexões sobre o tema, bem como os trabalhos que vinha desenvolvendo, legam produções referenciais sobre os aspectos culturais e político-pedagógicos da alimentação. Na esteira da contribuição de Paulo Freire, aponta a valorização da culinária como prática emancipatória, trazendo para o centro da cena a participação histórica das mulheres nesse contexto. A discussão das comensalidades plurais se tornará central a partir de então, influenciando o debate.

* Reflexões sobre a alimentação em tempos de pandemia objetivaram “compreender como as pessoas estavam lidando com as práticas corporais e alimentares durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia da covid-19”. A investigação então desenvolvida resultou no livro publicado em 2022, intitulado *Em Tempos de Isolamento Social: entre o corpo, a comida e o cuidado*.

Partindo dos estudos e pesquisas realizados ao longo da trajetória acadêmica, Ligia desenvolveu um projeto em que, no seu dizer, buscou contemplar um objeto de interesse mais pessoal, relacionado à perspectiva do cuidado, já tratada no livro sobre a pandemia, e centrada no estudo das Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNT), cuja proposta foi “compreender, a partir de perspectivas interdisciplinares e epistemologias plurais, os imbricamentos entre os fenômenos da fome e da obesidade no contexto brasileiro e global contemporâneos, considerando ainda as interfaces com os temas do corpo, cultura, saúde e território” (p. 170).

Projeto aprovado, perspectivas de pós-doutorado, e a importante conquista da bolsa PQ! Novos avanços na percepção, no encontro com as teorias decoloniais, na compreensão da comida como ato pedagógico, (cosmo) político...

No bojo dessa potente trajetória, são levantadas questões fundamentais para nossa reflexão, sobre o impacto das proposições decoloniais nas problemáticas que estão postas – como elas permitem desvelar a Bahia e o Brasil profundo, resiliências, resistências? E a que mais me inquietou, confesso, como colaborar com os países africanos e com nossas próprias comunidades tradicionais superando o modelo colonial?

Termino citando a própria Ligia, ninguém melhor que ela para concluir a reflexão!

“[...] a produção de um bem comum, exige, por natureza, a comunhão. Precisamos aprender (ou reaprender) a vida comum e o espaço universitário é fundante para promover estas práticas. Aprendemos que ninguém solta a mão de ninguém!” (p.185).

Mônica Chaves Abdala
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

REFERÊNCIAS

HALL, S. *A questão da identidade cultural*. Textos didáticos n. 18. IFCH- UNICAMP, Campinas, fev. 1998.

MENASCHE, R.; COLLAÇO, J.; ROIM, T. Trajetórias da Antropologia da Alimentação no Brasil. 45º Encontro Anual da ANPOCS. Disponível em: file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/MENASCHE,%20COLLA%C3%87O,%20ROIM.%20Trajet%C3%B3rias%20da%20Antrop.%20da%20Alimenta%C3%A7%C3%A3o.%20Anpocs%202021.pdf

SANTOS, L. A. da S. *O PULO DA CERCA: tecendo os fios das memórias de uma trajetória errante por “entre” trincheiras acadêmicas*. 186 f. Memorial (Professora Titular) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

SOARES, M. *Metamemória – Memórias*. Travessia de uma educadora. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PREAMBULANDO I



Esta obra não é só um memorial para fins de promoção a Professora Titular de uma docente investigadora, é também sobre a sua história pessoal-acadêmica que, no decurso da sua escrita, foi produtora de muitos sentidos e ressignificações de uma trajetória. Agradeço imensamente aos professores que compuseram a Banca de avaliação do meu pedido de promoção, que cito nominalmente as professoras Ryzia de Cássia Vieira Cardoso (UFBA), Shirley Donizete Prado (UERJ), Maria Eunice de Souza Maciel (UFRGS), Mônica Chaves Abdala (UFU), e ao professor Pedro Israel Cabral de Lira (UFPE), que também são protagonistas, parceiras(os), testemunhas(os) desta história produzida por muitos encontros. O prefácio que a apresenta foi o texto produzido pela Profa. Mônica Abdala na sua interlocução durante o ato de defesa do Memorial.

A sua interlocução muito me tocou e aqui particularmente destaco o quanto me chamou atenção a uma parcela ausente neste memorial que, desde o dia da defesa, estou refletindo: a minha participação “do outro lado da cerca”. Não irei explorar os processos de esquecimentos, apagamentos, ou dos lugares “subterrâneos” da memória, nem tampouco, as pistas evocadas por ter quase que invisibilizado a participação nos Grupos de Trabalho da Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, nas bancas de trabalhos de conclusão de curso em programas alocados nas áreas de ciências humanas, dando luzes a minha participação e “ativismo” no campo da Saúde e Nutrição.

Decerto que as tamanhas obrigações relacionadas ao lugar que me situo hoje – não só pela formação de base, mas onde eu trabalho – um Departamento de Ciências da Nutrição –, as oportunidades, desafios e convocações para me manter neste lugar,

foram guiando os meus passos em árduas tarefas de tentar abrir espaços e oportunidades temáticas do “aqui”. Doravante, irei debruçar-me sobre este tema com mais cuidado em algum momento vindouro.

O que diria por agora, é que o “outro lado da cerca” nunca saiu do meu horizonte, até porque ele alimenta os meus projetos. Tanto não saiu que hoje, enquanto escrevo estas linhas, estou em uma estadia no Departamento de Antropología Social y Cultural da Facultad de Filosofía da Universidad de la UNED, Madrid. Talvez “daqui” seja oportuno reunir mais elementos para esta reflexão, uma vez que a produção desta obra por si já integra o projeto que ora estou desenvolvendo...

Em síntese, ao escutar e depois ler o texto da Profa. Mônica que prefacia esta obra, tive vontade de reescrever este memorial. Em verdade, mesmo antes da defesa, já tinha este desejo dado o pouco tempo que tive para escrevê-lo, considerando a efervescência de lembranças que não paravam de chegar à memória, sem, entretanto, conseguir cravá-las em letras e palavras a tempo. Todavia, este empreendimento seria demasiado grande para este momento e decidi publicar o memorial tal qual foi apresentado no dia da defesa, assumindo lacunas que poderiam ser preenchidas, além daquelas que jamais seriam, uma vez que são inerentes a obras desta natureza tão labiríntica.

Penso que ainda terei oportunidade de revisitá-la e reescrevê-la em período mais adiante... até porque, como um exemplo, ao findar este processo, entendi que o título já não condiz com os intentos atuais: não se trata de “pular a cerca” – na verdade seriam “cercas” – e sim de derrubá-la(as), nesta pertinácia inventiva de buscar produzir saberes não cerceados, intrinsecamente integrados, “entredisciplinares”. Este parece conceber o cerne do meu projeto atual. Todavia, respeitando a minha memória e os meus pontos de partida, honro esta obra com o título “o pulo da cerca”, em que este processo iniciou com afinco.

Por ora, temos esta obra com a qual espero contribuir e fazer sentido para os que se aventurarem a ler!

“Ser um é sempre devir com muitos”
Donna Haraway, *Quando as espécies se encontram* (2022)

PREAMBULANDO II

Uma certa feita, durante o meu doutorado, escrevi um texto como trabalho final de uma disciplina, que intitulei *O Pulo da Cerca*. O texto tratava do meu processo na construção do objeto da tese de doutorado que almejava empreender. Quase que intuitivamente tentei abordar as minhas inquietações relacionadas a alguém que se dispôs, a partir da área de Saúde, realizar o doutorado nas ciências sociais. Neste mesmo semestre, cursava uma disciplina com a profa. Heleieth Saffioti, socióloga, marxista, feminista, uma das intelectuais mais aguerridas que já conheci. A minha colega, que era a sua orientanda e estudava movimentos feministas, questionou-me sobre o porquê do título, uma vez que ele fazia alusões, no sentido figurativo da nossa cultura coloquial, à infidelidade conjugal. Não recorro ao certo o que me levou a intitular o texto assim. Muito provavelmente tenha sido por significar algo sobre a violação dos limites fronteiriços que cercam os saberes científicos, departamentalizados em campos, áreas e disciplinas. O que consigo dizer sem saber explicar bem, ao menos por ora, é que gostei de pronto desta alusão da infidelidade conjugal.

Guardo este texto desde 2001, utilizei em algumas palestras e aulas, acrescentei alguns elementos novos, mas nunca consegui cumprir a promessa de finalizá-lo para uma possível publicação. A minha orientadora do doutorado, a antropóloga Maria Helena Concone Villas Bôas da PUC-SP, era uma entusiasta deste intento. Partes dele foram incorporadas neste memorial, como também decidi tomar de empréstimo o título. Penso que assim decidi por conta do quanto estes deslocamentos “entre” áreas, as caminhadas pelos interstícios, proteger-se em alguns arbustos de possíveis

ataques, envolvem invariavelmente questões relacionadas à fidelidade aos campos de formação, assim como mobilizam os nossos afetos.

Considero que durante esta trajetória, fazendo analogia a um passado quase-atlético na ginástica rítmica, foram repletos de muitos ensaios, treinos, práticas de saltitar, muitas quedas, desejos de desistência, encorajamento, enfrentamento dos medos até alcançar este salto entre fronteiras. Para tanto, é preciso coragem. Coragem para andar na margem, um caminhar trôpego pela corda bamba, atravessar pântanos, mangues, desertos, atuar performances para tentar seguir trilhas que consideramos como quase-próprias. Considerando o sentido de percorrer trajetórias quase-próprias, creio que tenho sido, em muitos momentos, infiel...

22

Nunca escrevi um memorial em minha vida. Quando fiz o meu concurso público para a UFBA, à época, não tínhamos este dispositivo como exigência. Planejo escrevê-lo desde dezembro de 2021. Tinha a intenção, junto a outros movimentos pelos quais os ventos acadêmicos me sopravam, de escrever sob forma de um livro. Um livro que tivesse um cunho mais autoetnográfico talvez, autocartográfico quem sabe, autobiográfico por acaso, ou alguma modalidade de escrita que permitisse trazer um pouco mais da singularidade da minha trajetória vivida e como elas foram produzidas no cotidiano ordinário da vida. Não são histórias extraordinárias. São ordinárias, de uma entre tantas trajetórias docentes. Histórias que se passam a todas nós que compartilhamos deste fecundo terreno acadêmico, no qual plantamos os nossos pequenos arbustos, sempre na esperança de florescer. Não consegui este intento de um livro como desejava. Ao menos por ora. Os prazos, os tempos, a velocidade produtivista, minhas resistências, culminaram para que fosse tudo na última hora.

Mesmo assim, tentei seguir um fluxo das minhas memórias e lembranças, não as mais importantes necessariamente, mas as que, por alguma razão, me marcaram durante o ato desta escrita, coadunando, evidentemente, com a exigências necessárias para cumprir os requisitos expostos na Resolução nº 04/2014 do Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia que “Estabelece normas procedimentais para promoção à Classe E, denominação Professor Titular, da Carreira do Magistério Superior da Universidade Federal da Bahia, em conformidade com o disposto nos artigos 12 e 14 da Lei nº 12.772/2012 e da Portaria nº 982/2013 do Ministério da Educação”.

Sim, exatamente isso. O ato de coadunar, conectar, fazer convergir interesses pessoais e institucionais pareceu algo simbólico-material na tessitura desta trajetória que vos apresento neste Memorial. Não se trata tão somente da minha vida acadêmico-profissional, trata também da minha vida pessoal que, de modo feliz ou

não, está intrinsecamente imbricada, enlaçada, emaranhada, enredada, entrelaçada (palavras que cada vez preenchem de sentido para mim) com o que sou hoje, o que me produziu enquanto pessoa ao longo destas décadas. Uma história enlameada, produzida no lodo da universidade brasileira. Aqui faço uma referência a Donna Haraway, em uma obra que estou iniciando a leitura no momento em que produzo essa escrita, *Quando as espécies se encontram*². Nesta obra, a autora, que é bióloga além de filósofa, se afirma enquanto criatura da lama e não do céu. Haraway acha edificante as habilidades do lodo em manter as coisas em contato, lubrificando as passagens para os seres vivos e as suas partes.

Assim, me fiz – e me faço todos os dias – professora, educadora, pesquisadora, orientadora, tutora, gestora, aprendiz, neste lamaceiro que nos liga e nos torna necessários uns para os outros – colegas, estudantes, servidores, pessoal da limpeza, comunidades, serviços públicos e privados, família, amigos, companheiros, como também os aparatos tecnológicos “não actantes”, computadores, quadro negro, internet, livros, papéis, impressoras, cafezinho, prédios, mesas, histórias, canetas, apagadores, piloto, corredores, encontros, tudo interage, intra-age, celulares, WhatsApp, RNP, *e-mails*, *scanners*, Teams, Google Meet, botões, corriqueiros encontros, atas, decretos e portarias, editais, termo de consentimento, termo de cooperação, termo de outorga, comitê de ética, agências financiadoras, atos de defesas, reuniões de departamento, reuniões virtuais, trabalhos de campo. Absolutamente tudo emaranhado em uma verdadeira sinfonia.

E é entendendo esta orquestração sinfônica da vida que essa obra está apresentada em três partes: prelúdio, interlúdios e o desenlace desta trajetória. Ao olhar para o passado, refazendo-o com os olhos do presente, atribuo ao interlúdio um sentido de trégua reflexiva sobre as memórias. É certo que este fluxo da memória não foi tão espontâneo e se organizou cronologicamente diante da resiliência das nossas estruturas de pensar o tempo. Assim, o prelúdio anuncia o período anterior à vida acadêmica e os interlúdios são entrecortados em períodos temporais. Todavia, há histórias que vão e vem, que não couberam nas caixinhas do tempo, e nem me esforcei para assim fazê-lo. Já o desenlace trata do que está por vir no tempo que resta de “vida profissional”, ao menos na oficialidade. Quando finalizado, abarcava no cais da memória alguns pseudo-poemas que fui escrevendo especialmente nos momentos acadêmicos que nos permitiam efetivamente escrever. Não escrevo pseudo-poemas com regularidade, por coincidência ou não, eles “aparecem em minha mente quando estou produzindo escritas acadêmicas – minha dissertação de mestrado e tese de doutorado.

2 Haraway, D. *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: UBU Editora, 2022

Do mesmo modo que estes são momentos que meu afã de leituras romanceadas e poéticas afloram... Tomei os arquivos e pulverizei a obra com alguns pseudo-poemas no calar da noite, às vésperas do envio à banca, mas acabei trocando os arquivos, indo sem os poemas. Assim, eles estão aqui de modo inédito.

Enfim, como se diz nas linguagens das redes sociais atualmente, e eu aprendo na intensa convivência com as gerações mais novas, “sigamos o fio”...

PRELÚDIO AO ALVORECER



Saltei do ventre ao mundo
Assustada
Embasbacada
Tateando por entre as paredes do labirinto
Que norteia os meus caminhos
Carrego lembranças e esquecimentos
Não possuo amigos de infância
Nem tampouco da adolescência
Apenas flashes de rostos que mirei
Que estrada solitária!
Obrigada por inventar objetivos e sentidos
Garantias de continuidades
Que tantos mistérios!
Estou amarrada a ferros
Arrastando as bagagens
Até chegar ao fim da estação
Saltando em outro labirinto
Que esta existência inventou...

Ligia Amparo
São Paulo (2005?)

Baiana(o) não nasce, estreia!

Vim ao mundo em um verão caloroso que pairava sobre o solo soteropolitano, baiano, nordestino e brasileiro no dia 31 de dezembro de 1966. Nasce uma criança que se tornará uma mulher. Me intriga o desabrochar no tardar do ano de 1966, se foi por preguiça, postergação ou, simplesmente, para assistir ao espetáculo da ruptura de mais um ano no calendário gregoriano. Capricorniana da era do Cavalo de Fogo. Rebentei no Hospital Sagrada Família, próximo à Colina Sagrada da Igreja do Senhor do Bonfim, padroeiro não oficial da cidade de Salvador. Abaixo da colina, se vê a praia da Boa Viagem de onde, neste dia, prepara-se a Procissão de Nosso Senhor dos Navegantes. Imagino que ressoava, junto aos meus primeiros batimentos cardíacos após o corte do cordão umbilical, os sons dos atabaques e tambores que impregnaram em mim uma grande afeição às festividades profano-sagrada da minha terra chamada Bahia. Os festejos de homenagem ao Senhor do Bonfim, alguns identificam como Oxalá no Candomblé, têm como um dos seus pontos altos a Lavagem das suas escadarias por baianas. Estas caminham pelas ruas da Cidade Baixa, portando vasos com água de cheiro, delicadamente preparadas para configurar este ritual. Senhor do Bonfim e Oxalá se encontram na tentativa de “resolver” equações complexas do que se configura nesta cidade de grande expressão da negritude. Carnavais, festas de largo, multidões... muitos anos mais tarde começaria a compreender, depois de muito experienciar, os sentidos dos corpos diversos em movimentos nos espaços...

26

Com um pouco mais de quatro quilos o meu rebentar ao mundo não foi um processo muito fácil. Minha mãe não conseguia concentrar as forças necessárias para que o parto normal acontecesse. “No lugar de descer, eu subia”, assim contava ela. Tardou – mais uma vez – e vim ao mundo com uma série de edemas por ter “engolido o parto”, de modo que assustava as pessoas que me viam nas primeiras horas. Este relato dá-me a sensação de que eu me afogava em um “mar amniótico” pelo qual flutuei durante nove meses. O tempo, um plano de cuidados, injeções aplicadas “na coxa” realizadas por minha tia Lourdinha que havia atuado como técnica de enfermagem – lembra minha mãe com dó de mim –, me acompanhou desde os primeiros dias de vida. Aos poucos, fui me configurando em um “bebê lindo” – como diziam – que nada parecia com as imagens relatadas dos primeiros dias. Uma menina parda de pele clara no mar da negritude popular baiana.

Fui tecida pelos fios das camadas populares soteropolitanas. Meus pais não seguiram os seus processos de escolaridade – melhor, foram impedidos diante das agruras para garantir a sobrevivência imediata. Os dois migraram para a capital em busca de condições para melhor viver. Ele, da cidade de Valença e ela da cidade de Feira de Santana, ambas do estado da Bahia, mas de regiões distintas: a capital do Baixo Sul e

a Princesinha do Sertão, respectivamente, intercruzam os seus caminhos e suas culturas ao final dos anos de 1950. Intentaram assim, aliançar suas dores das rupturas e sofrimentos que portavam nas bagagens para tecer os fios de uma família simples, de trabalhadores, tendo como devir a rigidez disciplinar que pairava entre os valores da época, que antecedia o Golpe Militar. O casal gerou quatro filhos – três meninas e um menino, o çaçula, sendo eu a primeira desta prole.

Era uma menina esquelética e muito pálida que preocupava os meus pais. Imagino para não confundir com um corpo resultante da fome ou do descuido. Recordo o meu pai levando-me ao pediatra, já com um pouco mais de idade, e recomendando, em segredo, que eu negasse que comia. Queria vitaminas que ajudassem a aumentar o meu peso. Um dia chegou com uma “prescrição” de sopa com Caldo Knorr. A centralidade era este caldo em cubos que chegava aos mercados da cidade ressignificando a força dos caldos para a força dos corpos (irei recordar disso na produção da minha tese...). Em suma, pouco resolutivo, segui esquelética até o final da minha adolescência, que adensava com a profundidade da minha timidez...

No meu entorno tudo era popular, a casa, meu nome – Da Silva Santos – a família, os vizinhos, a música. De um lado, Raul Seixas, Ederaldo Gentil, Edil Pacheco, os Tinoços, preferidos de meu pai, junto a Ray Charles, que o lembrava do clarinete que tocava na sua infância em uma banda sinfônica da sua cidade. De outro lado, Tina Charles e outros sons mais “modernos” e “americanizados” que chegavam à indústria fonográfica brasileira, através das primeiras vitrolas que invadiam as casas populares. Inesquecível os olhares que se voltavam para mim na tenra infância ensaiando passos ao som de “Pata Pata” de Miriam Makeba em um disco compacto que havia em casa.

Na TV, os festivais de música, Elis Regina, Chico Buarque, Tony Tornado e a tropicália dos Novos Bárbaros, Caetano, Gil, Bethânia, Gal..., os Novos Baianos impregnavam imagens de modos de ser tão divergentes à moral de Deus, Pátria e Família, que não pareciam coadunar com a plena ditadura. Tudo isso faz parte da minha memória fonográfica, visual e afetiva. Rádio e TV produzindo impactos e, desde já, dialogando “contrários” – moderno e tradicional, irreverência e submissão –, colidindo na minha formação enquanto ser humano.

Aprendendo a ler o mundo através das letras...

Aos cinco anos de idade eu já sabia ler. Recordo quando esta consciência de “letrada” chegou a mim em um dia sentada aos pés de meu pai que repousava em um sofá, enquanto lia o jornal. Transcorri palavras formando frases tão conexas para uma tenra criança que meu pai afastou o jornal das suas vistas para me olhar. De pronto,

perguntou a minha mãe que estava na cozinha: “Oh Dulce! Ligia já sabe ler?”. Não recordo o que minha mãe respondeu ao longe, parecia algo meio que parecia que sim, sem muita certeza. Recordo-me, aos cinco anos de idade, profundamente desta cena.

Já estava a esta altura partindo para os rumos da escolarização. Foi em uma escola comunitária em meu bairro que aprendi as primeiras letras. No chamado “ensino pré-primário”, já solicitava à minha mãe que comprasse os livros do 1º ano primário em meados do ano letivo. Tenho em minha memória a beleza daqueles livros “cheios de letras”. Tinham textos que eu gostava de ler e que, antes da aula começar, costumava ajudar os alunos do 1º ano a fazerem a lição. Minha mãe comentou com a professora e ela disse que sabia deste meu feito com os colegas e que poderia adquirir os livros. Ademais, eu já tinha finalizado os livros do pré-primário àquela altura dos meados do ano letivo. Foi tanta felicidade que contrastava com a tristeza dos dias que não tinha aula. Voltava pelo caminho de casa em prantos, surpreendendo com o motivo do meu choro aquelas vizinhas e vizinhos com quem cruzava. Eu amava a escola...

28

Chegava em casa ávida para fazer a lição que nem queria almoçar. O meu gosto pela escola me fez, ainda, aos cinco anos de idade, ter a minha primeira experiência de “monitoria”. Enquanto aguardava minha mãe me buscar, estava entre os cheiros e manchas das tintas de cor azul do mimeógrafo, ajudando a professora, usando os carimbos pedagógicos com imagens de animais para preparar a lição dos estudantes. Amava fazer aquilo, amava a ponto de intencionar apresentar à minha avó o mundo das letras, que ela desconhecia. Era injusto, creio que considerava, alguém não participar deste dispositivo de ler o mundo e as ideias. Foi a minha primeira experiência “docente”. Minha avó foi a minha primeira aluna, aluna rebelde e não interessada. Foi uma experiência malsucedida...

Ao final do ano, recordo-me de uma cena após findar a festinha escolar, protagonizada por minha mãe em uma longa conversa com a professora. A pauta era que, no lugar de ir para a 1ª série primária, eu poderia ser matriculada diretamente para a 2ª, já que o meu desempenho com os livros novos foi o suficiente para seguir em frente. Preocupações de minha mãe – assim como dos vizinhos – fizeram com que este tema fosse discutido, se seria adequado ou não. Eu iria me sentir deslocada com colegas mais velhos? Minha mãe conversou com a pediatra que, até sugeriu, se esta decisão estivesse desconfortável, poderia me manter na série esperada e me inscrever em um curso de inglês, por exemplo. Esta solução foi ofertada porque eu resistia, queria ir para o 2º ano e assim foi...

Com quatro filhos adentrando a idade escolar eu tive que mudar da minha escolinha, na 4ª série, para uma escola pública. Lá, a diretora também resistia, com meus oito anos de idade, que eu cursasse uma série que estava fora do escopo da minha idade. A minha querida professora Valdete, diretora da escola em que estudava, foi à escola,

junto à minha mãe e eu, para convencer a diretora que eu estava preparada. Para resolver o impasse, fui submetida a uma prova com operações complexas de matemática que eu percebi, *a posteriori*, que jamais iria obter êxito. Percebi quando uma professora se aproximou de mim e, secretamente, ajudou-me a resolver. Lembro-me que uma terceira pessoa viu a cena e ela confessou: “estas operações nenhum aluno que tenha finalizado a 4ª série consegue fazer”. O teste era para confirmar a convicção da diretora que eu não seria capaz.

O findar desta história é que ingressei na escola na 4ª série. Recordo da cena da diretora entrando na minha sala ao final da primeira unidade pedindo uma salva de palmas para mim, pois havia obtido nota dez em todas as matérias. Aquilo para mim não fazia muito sentido. Eu era uma criança muito tímida. Não sabia reagir. O que me marcou desta história foi a professora Valdete. Foi ela quem me introduziu nas primeiras letras, me permitiu experimentar o cheiro da docência e, sobretudo, foi a pessoa que acreditou profundamente em mim. Acreditou nas potencialidades de uma menina na sua mais profunda timidez – o que guardo hoje com agradecimento –, bem como o reconhecimento da qualidade mais forte de uma professora: acreditar sempre que os estudantes são capazes. Isso é algo que irá marcar a minha carreira futura... Muitos professores e professoras acreditaram em mim posteriormente, mas creio que esta atitude, na mais tenra infância, quando estamos construindo as nossas personalidades, fará (e fez) profunda diferença no futuro.

O menino do dedo verde...

Aos oito anos de idade, meu pai perguntou o que eu gostaria de ganhar de presente de aniversário. Eu respondi de imediato: um livro. Meu pai, sempre sisudo, abriu um sorriso. Nunca esqueci do dia que caminhava de mãos dadas com ele, ainda sorridente e orgulhoso, ao longo da Rua Chile até as imediações do Terreiro de Jesus, no Centro Histórico da cidade de Salvador, onde se concentrava a esta época um conjunto de livrarias. Meu pai pediu a um dos funcionários uma sugestão de livro para a minha idade e ele nos trouxe *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon. Fascinava-me o simples fato de estar lendo um livro, tanto quanto a história de Tistu, com seu dedo mágico transformando e florescendo tudo que tocava. Jamais esqueci essa história e reli este livro quando estava na França, entre 2004 e 2005, na busca do entendimento do que tanto me encantou. Era o meu primeiro livro, marcando o meu mundo das letras.

Os vultos da Pátria: educação básica nos tempos da ditadura...

Decerto que o contexto educacional da ditadura militar já se fazia presente desde o meu primeiro dia de escola na infância. Não destaquei anteriormente que eu ainda presenciei uma escola que tinha os seus resquícios de violentar o corpo. Punir o corpo para corrigir. Assim também meu pai justificava sua crença de supostamente “estar fazendo o melhor”, através de um dito popular acerca da correção de um arbusto: “o pau que nasce torto nunca se endireita”. Esta não foi uma expressão criada pelo pagode baiano dos anos 1980. As surras eram estratégias necessárias para formar um cidadão honesto e “de bem” (poupando-me de todas as ressignificações que têm sido feitas a esta palavra no contexto político atual). Em que pese a minha felicidade na escola e o combo de “boa aluna tímida”, eu vi ainda as palmatórias agindo, os castigos no milho, dentre outras formas de castigo corporal³.

A continuidade do ensino básico e fundamental não pareceu seguir o mesmo brilho. Acho muito curioso as poucas memórias que tenho das salas de aula, os nomes dos professores, dos colegas de classe, vagas lembranças de algumas aulas. Sentia-me fora de tudo, quase que um *voyeur* na escola. Não consigo mapear as ausências deste momento do passado escolar. Na faculdade tive alguma pista, uma possibilidade. Já no movimento estudantil, nos anos 1990, arrumando coisas e materiais escolares desse período, me deparei com uma pequena coleção em tamanho de material de bolso, de cor amarela, que se chamava “Vultos da Pátria”. Veio rapidamente a memória de usá-la com frequência para realizar os trabalhos escolares. Passei a folhear e li um trecho sobre o General Castelo Branco.

O trecho o representava como um herói que não poderia permitir que os comunistas tomassem o Brasil, justificando, assim, como “necessário” o golpe militar, ou melhor, no seu dizer, a “revolução”. Termo que alguns empregam, no tempo de hoje, no desejo de reescrever a história. Choquei-me e passei a imaginar o quão fora de-sinteressante a escola, algumas cenas reclusas de professores – eram de esquerda? –, outros bem opressores. As matérias obrigatórias de OSPB (Organização Social e Política Brasileira) e EMC (Educação Moral e Cívica), as carteiras em filas, os estudantes tratados como número, as aulas de educação física militarizadas com seus movimentos calistênicos, as aulas de bordados para as meninas, os desfiles nas datas cívicas, quase como obrigatórios, o tocar o sino e a formação de filas para hastear a bandeira entoando o hino nacional, da bandeira – estes presentes em todos os versos

3 Irei rememorar estas imagens quando, em 2011, eu visito as escolas em São Tomé e Príncipe.

dos cadernos escolares –, todos em fila, obedientes e cordatos (ao menos assim era o esperado). Essa era a minha escola que, por algum motivo, a minha memória não deseja remontar mais detalhes...

Perdi o elo com a leitura que havia suscitado anos atrás, salvo os livros de literatura juvenil da Coleção Vaga-Lume da Editora Ática, como *O Escaravelho do Diabo*, *A Ilha Perdida*, *O Caso da Borboleta Atíria*, dentre outros, que eram leituras obrigatórias no ensino da 1ª a 8ª série, nos idos dos anos de 1970. Creio que li *Capitães de Areia* de Jorge Amado, talvez, o único do autor neste período. Também não recorro da presença da literatura nacional clássica, como Machado de Assis, Raquel de Queiroz, Guimarães Rosa, dentre outros. Certamente, os li no Ensino Médio, ou os li parcialmente, mas não me marcaram efetivamente, quiçá, pelas leituras apressadas e convocadas apenas para os acertos no exame do vestibular. Esta escola não me estimulou ao prazer da leitura, ou melhor, creio que a retirou de mim...

Levanta a cabeça!: Os tempos de Escola Técnica

Aos 12 anos, um primo meu entrou na Escola Técnica através do vestibular. Ser estudante da Escola Técnica nos anos de 1980 era consagrar uma carreira futura de operário bem remunerado na era do Polo Petroquímico. A cidade de Salvador se “modernizava”. Avançava, tentando atropelar o seu passado, na busca de um rumo ao futuro, e trazia para o seu entorno equipamentos como o Polo Petroquímico de Salvador ou Polo Industrial de Camaçari, fundado em 1978 – juntando-se ao Centro Industrial de Aratu, fundado em 1967 e a Refinaria Landulpho Alves, primeira refinaria do Brasil, inaugurada em 1950 –, gerando uma massa de trabalhadores assalariados – ainda que nas margens destas empresas, já que os funcionários de alto escalão vinham do Sul já industrializado do país. Institui-se nos corpos das baianas e dos baianos uma nova disciplina laboral, assim como modificou a paisagem arquitetônica da cidade de Salvador, quando as políticas de habitação migram para o Norte da cidade, a exemplo dos bairros da Pituba, Itaigara e Caminho das Árvores, bairros que eu diria de inspiração sudestina – tal como o Shopping Iguatemi, inaugurado em 1975 –, no qual os migrantes que vinham trabalhar no polo habitavam. A classe trabalhadora se conformava, cada vez mais, na tentativa de industrializá-la, sob os insultos da “preguiça baiana”... Assim, a cidade de Salvador se expande, se verticaliza com os empreendimentos imobiliários, se elitiza como também alimenta os sonhos de ascensão das camadas populares... alimentava os sonhos dos estudantes da Escola Técnica...

A Escola Técnica era uma escola de “gênios”, especialmente da matemática e da física. Me fascinei simplesmente pelo fato de fazer um vestibular e quis entrar sem a mínima noção do que seria um ensino técnico. Eu era uma criança de 12 anos quando passei a circular em uma instituição escolar com muita gente já adulta. Sofria *bullying* quando circulava sorridente, com o meu corpo ainda pueril, por um mar de gente distinta do que costumava a ver “iiii Esqueceu a merendeira!”, e timidamente sorria. Era uma escola grande. Adoeci no início do curso com catapora e acabei perdendo o primeiro semestre. Optei pelo curso de técnico em eletrônica. Não sei bem o porquê, e foi um curso que não fez sentido algum para mim. Segui por entre este mundo da física, eletrodos, voltagens, ampère, montando dispositivos eletrônicos, de telecomunicações, com as tecnologias da época. Ainda que amasse matemática e física – e, até dava banca para os jovens da vizinhança –, o que mais me encantou na ETFBA, era a física e a matemática que eu descobri ao fazer funcionar o meu corpo: foi a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD).

Os anos 1980 surgiam as práticas de dança como o jazz. Gostava de dançar, mas eu era muito tímida e desengonçada, já que crescia encurvando o meu corpo... Minha infância era vendo TV e estudando, enquanto minhas irmãs brincavam no quintal. “Ligia? Tem medo de tudo! Sequer sobe em uma cadeira!”. Ouvi inúmeras vezes esta frase de minha mãe, compartilhando as experiências da maternagem com suas amigas e vizinhas. Com toda razão... morria de medo, parecia ocasionar uma vertigem em alguma altura. Recordo disso, que é uma sensação que me acompanha até hoje: a do medo...

Mesmo assim, desengonçada e medrosa, queria dançar... havia estas opções na escola técnica – de jazz –, mas o ingresso era a partir de um exame. Perdi o dia... resolvi fazer para GRD, que mal sabia o que era. Uma espécie de dança e esporte ao mesmo tempo, portando objetos como bolas, fitas, arco e maças que pareciam prolongar o seu corpo. Entrei na sala pouco confiante que o meu encolhimento corporal pudesse resultar em algum êxito. Todavia, passei no teste! E não imaginava que aquilo mudaria a minha vida. Eu diria que a minha razão de estar na Escola Técnica fundamentou-se basicamente nisso, tornar-se uma semiatleta bem amadora de GRD.

Passava até seis horas por dia treinando; fazendo todas as aulas e classes, me tornei uma espécie de monitora e compo do a equipe. Escutando os clamores da minha técnica, “levanta a cabeça!”, “explora o espaço”, fui me compo do e recompo do, fazendo e refazendo o meu corpo e o meu estar no mundo. A GRD contribuiu, incisivamente, para levantar a cabeça e encarar o mundo. Deu-me coragem e ímpetos de criatividade e disciplina.

E foi aos clamores estridentes para levantar a cabeça que fui aprendendo a ser gente. Fui uma criança muito tímida que lidava na adolescência com a minha escoliose

acentuada e uma cifose de quem foi ensinada a sempre se curvar. Meu pai, antes de irmos visitar a casa de alguém, ministrava uma palestra sobre como se comportar. Sempre ficar quieta, só responder quando convocada. Este era para ele o comportamento adequado para as meninas. Esta era a moral esperada para as classes trabalhadoras, uma classe cordial, feita para servir. Nas casas das visitas, mal conseguia me mexer, e tive que me movimentar em um espaço que fora delimitado para minha performance, que era só meu, de cabeça erguida. Não foi fácil. Até hoje, ressoa “levante a cabeça”, junto com a voz de um locutor de rádio dos programas que meu pai escutava: “levante a cabeça e não esmoreça, pois é para frente que se anda”. Esse ditame não era permitido para mim?

Com a professora Cristina, minha professora e técnica, aprendi muito sobre autonomia pedagógica e disciplina. A GRD é um esporte que exige muita, muita disciplina, tem muitas regras rígidas, exercícios de dificuldades distintas, rigoroso e, ao mesmo tempo, explora o corpo em diferentes dimensões. Graciosidade, flexibilidade, agilidade. Corpo, espaço e aparelho é um compósito único que deve fluir na harmonia da música, do tempo, do ritmo...não é um esporte fácil. Fui aprendendo a criar nas malhas das regras...

O método da minha técnica diferia das demais da cidade. Em geral, a série de GRD era composta pela técnica e ensinada às atletas para replicarem na maior eficiência possível. Cristina não. Ela me apresentava as regras, reproduzia vídeos – que, na época, eram em fita cassete –, de apresentações em campeonatos nacionais e internacionais e ainda solicitava que eu escolhesse a música. Na época eram os solos de piano que me trouxeram afeição pela música nesse estilo. Mas adiante, as novas regras permitiam música solo de outros instrumentos e, para mim, foi a vez do saxofone e dos atabaques e berimbaus! Mesclando sonoridades locais e as globalizadas, com os movimentos dos aparelhos, criava a minha própria série. Ao apresentá-la, sugeria coisas novas ou estimulava o que eu poderia mais criar, inventar e, como sempre, que “levantasse a cabeça!”. Sempre era possível criar mais, expandir mais, fluir, ela acreditava que sim.

As minhas séries se tornaram eu mesma. Os aparelhos, extensões do meu corpo – experiência que me ajudou a ter um melhor entendimento nos estudos sobre o corpo, a partir de Merleau-Ponty. Tinha os meus ritmos, a minha presença, a minha identidade própria e cheguei a ganhar medalha em competições escolares – parecia convergir a ideia de que poderia me tornar uma atleta profissional –, já que aos poucos fui levantando a cabeça. Mesmo com todas as regras e disciplinas – junto a uma educação para a submissão –, a GRD foi o meu grande espaço de liberdade. Guardei isso para sempre. Creio que hoje uso o método de Cristina na minha vida docente e nas orientações de projetos...

Assim, se passou a minha vida escolar neste período no qual trouxe aqui fragmentos que flutuaram na minha memória. Cabe destacar que não via e nem conhecia pela minha tenra idade, pela minha ingenuidade, confluindo com a alienação produzida por uma educação proferida na era da Ditadura Civil-Militar Brasileira, algum movimento político estudantil que ocorria naquele espaço – e penso de modo mais “secreto” ainda – na ETFBA. Frequentava o espaço de congregação dos estudantes, o Centro Cívico, e lá aprendi a jogar xadrez, entretanto, nada mais eu vi além disso⁴...

Foi na escola técnica que aprendi uma outra dieta: os sanduíches das lanchonetes. Estes substituíam meu almoço diário, passando a ser hábito na cultura soteropolitana, como parte deste projeto modernizador – os “burguers”. Em meio a tudo isso, aos 13 anos, fiz uma tentativa de ser vegetariana. Aos 13 anos, a cozinha me interessava. Foi algo muito passageiro que não durou dois meses – eu, sozinha, nem teria como sustentar esta opção no cotidiano, mas ensaiei cozinhar.

34

Tenho uma tendência a comparar a onda vegana – reconheço várias vertentes do movimento vegano, mas aqui destaco aquela impulsionada por uma espécie de “modismo” – com a onda da macrobiótica naquele período, junto a uma versão do vegetarianismo. Soma-se às práticas de yoga, práticas esotéricas, cristais, alinhamento dos chakras que, hoje estão nas redes sociais, outrora estavam nas bancas de revista. Neste período, é importante marcar as influências da “contracultura” em Salvador, representada iconicamente pela Tropicália e pelos Novos Baianos. Jamais esquecerei, caminhando pela Rua Chile com meus pais, o encontro fugaz com Pepeu Gomes e Baby Consuelo, que desfilavam como se fossem figuras místicas aos meus olhos. Baby vestia roupas de estilo indiano, brancas esvoaçantes, ornamentada com seus longos cabelos ao vento sob o sol do céu iluminado de Salvador – era absolutamente fascinante para mim...

Na minha juventude, lugares como a aldeia Hippie em Arembepe que, nos anos 1970, deixou marcas ao receber personalidades como Janis Joplin, Mick Jagger, Roman Polanski, povoavam o nosso imaginário de uma Salvador Mística, fora do tempo e do espaço, evocada por muitos artistas. Não tinha ciência disso, entretanto,

4 Durante esta escrita localizei uma dissertação de mestrado intitulada “Os Alunos da Escola Técnica Federal e a Participação na Política Estudantil nos anos 1979 a 1989 em Salvador” de autoria de Naiaranize Pinheiro da Silva, PPGCS/UFBA, 2009, na qual a autora identifica na Escola Técnica Federal da Bahia “um importante espaço de reconstrução e resistência que se amplia na medida em que o regime militar agoniza” (...) Destaca ainda que “Em meados dos anos 1980 com a aprovação da Lei Aldo Arantes, o grêmio estudantil volta a ser o espaço de representação autônoma no ambiente escolar, impondo novas demandas e exigindo novos modos de organização do movimento”. Eu simplesmente não vi...

não significa que não me afetasse. Eu vivia isso de algum modo...Consumia revistas que indicavam um outro modo de vida, yoga, meditação, os chakras eram temas que me encantavam, ao lado do interesse pela comida, e buscava pôr em prática meus interesses na minha pequenez de ainda menina. [...]

INTERLÚDIO I

OS TEMPOS DE FACULDADE

(1985-1992)

A minha ingenuidade é minha arma
Contra a alma corrompida
A minha ingenuidade é
a minha resistência
Contra a naturalização dos
gestos tiranos
A minha ingenuidade não é boba
Nem pura e nem virgem
Parte dos olhos de quem tanto viu
Um mundo em labaredas
E os seus corpos em chamas
A minha ingenuidade crava no mundo
Seus olhos brilhantes
E observa
Para além dos argutos
Buscando o que ninguém nunca viu
Perplexa contempla o mundo cru
Pincela com cores futuristas
Criando um mundo idílico
Não distante do real
A minha ingenuidade não é burra
Ela sabe

E dissimula não saber
Ela até se torna perversa
Quando não confessa
O quanto é esperta
A minha ingenuidade até golpeia
Com a sua delicadeza
As rudezas humanas
Ela ainda despreza
Aquele que se revela
Arguto por natureza
Destes, ela ri
Por estes ela sofre
Mas a sua opção de resistir
Marca a sua estratégia de sobreviver
Polida e cortês
Gotejando no mundo
Suas dores e lágrimas
Crente e descrente
Em um porvir mais humano...

Ligia Amparo
Salvador, 09 de junho de 2009

O que você quer ser? Pulando a cerca do ensino superior...

Enfim, chegou a época de adentrar no ensino superior. Nos anos de 1980, tínhamos a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Católica de Salvador (UCSAL), junto à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como as maiores instituições de ensino superior da Bahia, somados a algumas poucas faculdades. Entrei em um cursinho pré-vestibular e passei por aquelas situações conflituosas do final da adolescência: por qual curso optar? Aos 16 anos, passei bastante tempo entendendo que o meu dilema era entre Engenharia Elétrica e Processamento de Dados, este último ainda era um curso emergente com os avanços da tecnologia. Todavia, foi paradoxalmente no “cursinho” que me aproximei mais das outras áreas de conhecimento; além da matemática e física, tinha as humanidades. História, geografia, além da biologia, química, como ainda as línguas portuguesa e inglesa, começaram a performar outro sentido que me instigou a querer trabalhar com seres humanos. Foi através dos “lendários” módulos pré-vestibular, grossas encadernações com compilados de textos, apostilas, exercícios, que curiosamente fui re-expandindo os horizontes de saberes que me encantaram na infância principalmente. Os exercícios de matemática e física eram deixados para o final das minhas jornadas de estudo, pois me divertia tentando sempre acertá-los. Recordo de um colega com quem quase sempre fazíamos uma espécie de competição para acertá-los e trocávamos ideias e estratégias de resolução de problemas da física e da matemática.

Não sabia o que fazer...não tenho elementos para lembrar toda a essência de meus conflitos. Iniciei por eliminação e queria aquele curso que tivesse a maior abrangência de áreas – sim, porque não queria abandonar as ciências naturais! Física me encantava e desde aí me intrigava como as fórmulas – ainda que gostasse delas – retiravam a “alma” da física que era compreender como os fenômenos físicos aconteciam e, nas aulas, se reduziam a metrificação e precisão da aplicação das fórmulas.

E neste turbilhão, me deparei com os cursos de Psicologia e Nutrição. O primeiro, não recordo o porquê, se configurou como uma das opções finais após a “garimpagem”. Mas, para decidir, fui ao setor da UFBA que ofertava gratuitamente apoio às vestibulandas e aos vestibulandos na escolha profissional. De pronto, a psicóloga me desestimulou a fazer psicologia. Não sei se foi para “proteger” a sua categoria contra as decisões pouco determinadas, e/ou porque não ofereci elementos mais afinados com esta opção. Creio que a sua impressão sobre mim era a de mais uma jovem perdida... Hoje, vejo que também poderia ter sido uma boa escolha...

Nutrição era ainda um curso desconhecido, com pouco prestígio, muito menos que hoje, que funcionava, como ainda funciona, como opções paralelas ao tão almejado curso de Medicina. Ainda perseguimos uma tradição que era a mais intensa da tríade prestigiosa conservadora: Medicina, Direito e Engenharia.

O seu currículo em um manual da UFBA indicava possuir estatística, biologia, química, economia, sociologia, antropologia, anatomia, fisiologia, bioquímica. Pareceu-me abrangente o suficiente para um objetivo e, somando este alargamento que compunha o currículo, havia outro elemento que me interessava: entender a fome. Era a geografia que mais sugeria questões sobre este fenômeno (nem conhecia a obra *Geografia da Fome*, de Josué de Castro), questões estas adensadas, intuo agora, nos anos de 1980, enquanto matérias televisivas proferiram imagens das turbulências sociopolíticas que tomavam conta do país na época. Sem muita atenção às notícias, o que me revolve a memória são as imagens: uma liderança política barbuda que despontava falando ao microfone para multidões, imagens da fome e da seca no Nordeste, políticos na Assembleia Nacional em Brasília clamando por Diretas Já, povoavam a minha mente. Consumia-as, mas não necessariamente as digeriria. Algo povoava o meu imaginário que, em algum momento, instigou-me a compreender.

Assim, prestei vestibular para Nutrição, sendo aprovada em 3º lugar e quase “fechando” a prova de matemática. Fiquei orgulhosa disso, foi uma nota que compensou o baixo desempenho em outras matérias como a Língua portuguesa. O vestibular na UFBA a esta época era considerado muito difícil e complexo, optando por novas formulações distintas das múltiplas escolhas, o que deixava os vestibulandos profundamente prejudicados em um país no qual o ensino fundamental e médio sempre foram um desafio.

Cabe lembrar que naquele período entrar na universidade não era algo trivial. Era como passar em um “buraco de agulha”, especialmente para quem vem das camadas populares. As tecnologias da época tomavam meses para a saída do resultado. Assinalávamos em uma folha apropriada, com caneta preta ou azul, os “quadrinhos” das respostas que considerávamos corretas, com muito cuidado para que não houvesse equívocos ou rasuras. Aguardar a sistematização de tudo isso com a avaliação das redações gerava ansiedade. A divulgação dos aprovados era um evento histórico. Passamos por rituais de espera dos resultados divulgados nas rádios, aguardando o seu curso – que acontecia por ordem alfabética –, o turno, o semestre – para aqueles que tinham duas entradas ao ano –, e os nomes, também por ordem alfabética. Ouvir o seu nome lido e proferido pelos locutores de rádio – sim, locutores, desconheço locutoras na minha infância –, era seguido de gritos da família, amigos e vizinhança que acompanhavam coletivamente esta audição das rádios. O contrário, a mais profunda tristeza e incerteza sobre o futuro. Outra opção era se amontoar nos murais

das universidades para buscarmos os nomes da lista. As imagens da televisão e os rituais de choro – de alegria e tristeza –, abraços, promessas e cabelos raspados eram capturados pelas câmeras de TV e preenchiam os espaços dos noticiários.

Foi uma felicidade, mas não tão plena... Para meus pais – particularmente meu pai, que passou anos lembrando do malfeito de não ter aceitado o estágio na Empresa Telebahia, onde poderia ter uma boa chance de emprego aos moldes do Polo Petroquímico –, foi um golpe. Sonhavam com a filha engenheira – se ao menos fosse para Medicina ou Direito! Foi para a cozinha das profissões....

Havia uma pedra no meu caminho: debutando na Nutrição

40

Entrei no curso de Nutrição da Universidade Federal da Bahia em 1985. Lembro do primeiro dia de aula em que meus pais me deixaram em frente à Escola Politécnica, em um dos atalhos para chegar à Escola de Química com destino a aula de uma das primeiras disciplinas do curso. Não sabia muito bem o caminho, até que vi a minha frente uma colega que encontrei em uma das atividades de recepção de calouros e corri para alcançá-la. Enquanto meus pais partiam felizes, eu tropeçava em uma pedra que me levou ao chão. Imobilizada pela forte dor que acometia meu tornozelo, eu não conseguia levantar e fui cercada por pessoas, até que fui carregada por um segurança, conduzindo-me ao Serviço Médico Universitário que ficava a poucos metros dali. Foi assim a minha chegada à UFBA, tropeçando, ganhei uma torção do tornozelo e quinze dias com o pé imobilizado...

Como já destaquei, penso que uma das principais mobilizações que me levou ao curso de Nutrição foi o fenômeno da fome. Nos idos de 1984, o Brasil passava por uma ebulição política com o “fim do milagre econômico” e a iminência das eleições presidenciais, o movimento Diretas Já... Me ocorrem imagens do Congresso Nacional, de Ulisses Guimarães, instigando setores da sociedade civil brasileira por uma redemocratização do Brasil. Esta transição iria acontecer no ano seguinte, sem eleições diretas, o ano do meu ingresso ao curso de Nutrição da Universidade Federal da Bahia. Considero a minha geração como de filhas e de filhos da Ditadura Civil-Militar. Com isso, tive uma infância e adolescência muito silenciosa em relação ao que acontecia no país neste período. Para mim, as imagens do mundo chegavam, ainda que “borradas” e pouco compreensíveis, pela TV brasileira, especialmente, pelo Jornal Nacional. Ali, eu via as imagens daquele homem barbudo falando para multidões, imagens do Planalto Nacional, intercaladas com imagens da fome no Nordeste. Iniciava-se a falar efetivamente na palavra fome... entro na ENUFBA neste contexto...

Como a vasta maioria dos cursos de nutrição – como acontece até hoje –, os primeiros semestres se debruçavam sobre o ciclo básico, a área de humanidades era bastante incipiente ou marginalizada. Bioquímica, anatomia, fisiologia, química, biologia, além de outras, perfazem este percurso curricular, o que provocou fissuras no meu propósito, parecendo que a interdisciplinaridade e a temática da fome somente compunham o meu universo onírico do que seria nutrição. Tentei desistir, retomei a ideia das engenharias – por desencanto, ou por entender que havia errado ou até para satisfazer os meus pais – e prestei vestibular novamente, mas não obtive sucesso. Já havia perdido o ritmo frenético para enfrentar o vestibular...

Enquanto seguia no curso de Nutrição, continuava com a minha prática em GRD. Ao lado dela, fazia as aulas de dança na escola preparatória do Teatro Castro Alves, que funcionava ao fundo, a Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb/Secult-BA) (hoje a Sala do Coro do TCA). A dança afro, balé clássico, dança moderna, dança contemporânea, e todas as formas experimentais do corpo em movimento me levaram a prestar vestibular para Educação Física na Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Outro golpe, especialmente, e de novo, para o meu pai.

"A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo capitalista": o corpo e a Educação Física

Na educação física, descobri um outro mundo, um outro mundo de gente. Gente que pensava com o corpo. Seguia na ginástica rítmica – disciplina da qual fui monitora – mas, também, na prática de toda sorte de esporte. Ao lado das práticas de Calistenia e do discurso ideológico do lema “Esporte para Todos” emergia, nas margens do curso de Educação Física, as críticas sobre o esporte e o desempenho de aptidões físicas, do desempenho esportivo e a correção moral, confrontando com a busca do caráter pedagógico do corpo e da ludicidade da educação escolar. Foi impactante a leitura de um texto intitulado “A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo... capitalista” escrito por Valter Bracht⁵, publicado em 1987, cujo próprio título, ao menos hoje, nos parece autoexplicativo. Senti a violência encarnada da biopolítica. Adentrei em outras vertentes do curso, um grupo de teatro amador que se divertia mais do que encenava, mais dança contemporânea e experimental, e a prática da educação física escolar. Fiz estágio em educação infantil, com um dos professores que considerava mais emblemáticos na época neste campo. Era inventivo, irreverente,

5 BRACHT, V. A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo... capitalista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 1986; 7 (2): p. 62-68.

com uma pulsão de vida fantástica. Aprendi muito com esta experiência, que será ensaiada mais adiante quando me tornar professora da rede estadual.

Neste período se instalava em Salvador, já na era do Axé Music, as primeiras academias de ginástica, disseminando o culto ao corpo, as aulas de aeróbica, performance, performance. Dei aulas de aeróbica em algumas academias como meio de garantir alguma renda. De um lado, me encantava, de outro, me preocupava com as perguntas relativas a quanto tempo levaria para perder a barriga, aumentar tal músculo etc. Decerto que eu tinha um corpo “atlético”, entretanto, era um corpo produzido pela prática esportiva com a qual eu celebrava o corpo e o movimento e não integrava o propósito maior de culto ao corpo.

Foi na educação física, quando transitava da menina ingênua para alçar voos na vida adulta, que aprendi sobre os corpos, aprendi com os corpos, aprendi através dos corpos, aprendi a pensar com o corpo...Fui deslocando o meu lugar no mundo e no mundo da educação física. Meu corpo franzino, encurvado se erigia “levantando a cabeça”. As culturas corporais foram fazendo mais sentido, como o mundo da capoeira, a qual pratiquei por um bom período, fazendo algumas aulas com Mestre João Pequeno, um dos representantes vivos da Capoeira Angola, no Forte de Santo Antônio (dele ouvi boas histórias da capoeira). Ensaiar teatro em um quase-grupo formado na faculdade que nunca conseguiu estrear uma peça; o mundo da dança, em um período efervescente da Bahia e do TCA, fazendo aulas de dança afro, contemporânea, moderna e tantas outras que, atrás do Teatro se praticava; frequentava o Pelourinho, muito antes da sua gentrificação, os seus museus, as bibliotecas com as leituras sobre capoeira e sobre a cidade de Salvador... Fui me realocando no mundo, revisitando os meus valores e os meus olhares para esta baianidade e brasilidade. Foi caminhando para as margens do curso que pude ver, deste lugar, os corpos divergentes, o rosto das identidades locais...

Há um marco na graduação em Educação Física que para mim é relevante na minha trajetória. Este ocorreu na disciplina de Ginástica Olímpica (GO), como ainda era chamada na época. A avaliação final era a organização coletiva de um campeonato. A GO era uma disciplina obrigatória para todas e todos os estudantes, independentemente da sua afinidade e habilidades para o seu desempenho. Entretanto, para que o campeonato ocorresse era necessário ter todas as personagens: juízes, técnicos e, sobretudo, atletas.

Formou-se uma equipe feminina com todas as estudantes que tinham alguma habilidade com a prática, que rapidamente se organizou. Do outro lado, restaram as pessoas que não desejavam e não tinham destreza, marcando a competição, antecipadamente, por uma profunda assimetria. Propus que pudéssemos modificar e mesclar as equipes, até porque, qual sabor teria esta vitória? Não foi aceita a proposta

e decidi sair do grupo e me adensar ao grupo dos “excluídos”. Uma das colegas também acompanhou. Dediquei-me profundamente, mais do que o treino pessoal, ao das colegas. Eram jogadoras de basquete e handebol, com uma rigidez corporal com a qual parecia não caber a fluidez da GO. Desestimuladas, alimentavam a crença de que não teriam sucesso neste feito. Passamos a treinar coletivamente, por vários momentos conjuntamente, ajudando umas às outras. Pela minha experiência com a GRD, assumi mais o papel de técnica do que de atleta, incorporando a tarefa de acreditar nos potenciais do trabalho de grupo. Eu me emociono quando recordo e tenho a perfeita memória do dia da competição. Vencemos! Não foi o talento individual e, sim o trabalho coletivo, intenso e dedicado, que venceu. Esta pequena historietta, nos meus juvenis 21 anos de idade, irá marcar toda minha vida acadêmico-científica até os dias de hoje. Marca quando, por exemplo, estamos escrevendo coletivamente um projeto de pesquisa para apresentar a um edital de financiamento, que nos oferece poucas chances ao nosso grupo de pesquisa. Tratarei disso mais adiante, mas o lema nosso se transformou em “Vamos ganhar este Edital!” e a metodologia da “galinha pulando”. Lembro da mediação do trabalho de grupo de pesquisa, cuja ideia de coletividade e convivialidade se conforma como central para o trabalho.

Saltitando para lá e para cá: Nutrição e Educação Física a um só tempo

Cursava as duas graduações ao mesmo tempo e, como a UFBA estava passando por um período de recorrentes greves, finalizei o curso em Educação Física primeiro. Vivia entre as escolas de Nutrição, Educação Física, os estágios na Escola Técnica, aulas de aeróbica ao final do dia, sendo estes dois últimos remunerados e centrais para manter financeiramente os meus estudos. A esta altura, meu pai já havia desistido de mim e decidiu não mais pagar a minha faculdade de educação física. Com o apoio da minha avó, o estímulo da minha mãe, ao lado da obtenção de uma bolsa de monitoria de GRD, que me ofertava a isenção das mensalidades, consegui finalizar. Era uma rotina que se iniciava às 5h da manhã e findava às 22h. Ainda aos finais de semana fazia “bicos” nas atividades e eventos esportivos que a Secretaria de Esportes promovia pelos bairros – ainda seguindo o “Esporte para Todos” –, ou ainda em animações de festas infantis ou o que mais aparecesse que pudesse trazer algum rendimento.

Depois de trancar por alguns semestres o curso de Nutrição diante de tantas atividades e greves da UFBA, retornei e quase desisti, pela segunda vez. Já queria cursar dança, mas me envergonhava de tantas idas e vindas e tantas opções que não se converteriam *a priori* em um valor profissional no mercado de trabalho. Pensava

que meus pais não suportariam mais este golpe. Aquela criança promissora perdida em seu futuro. A desistência foi interceptada pela decisão de uma professora em me dar uma chance para realizar uma prova em que simplesmente eu tinha faltado.

Era Nutrição Normal III com a professora Maria Helena Guimarães. Fui falar com ela, assumindo que não havia motivo para ter faltado, em um movimento que a convocava para dizer um não, que poderia acalentar a minha angústia e responsabilidade pela desistência. Contudo, o plano inconsciente não teve sucesso, ela aceitou e fui realizar a prova. Na realidade me encantava Nutrição Normal III, me encantava a anatomia dos corpos, a cinesiologia, ciência do movimento, músculos, células, ciclo de Krebs, e como condensava em uma valsa os processos metabólicos dos nutrientes no corpo humano... para mim era tudo mágico! Então... eu segui...

Outros movimentos configuraram a minha continuidade na Nutrição e contribuíram para definir as minhas linhas de fuga em trajetórias futuras neste caminho. Um deles ocorreu em paralelo à descoberta da Nutrição Normal III⁶. Cursei a disciplina optativa de Antropologia, com o professor Pedro Agostinho. Este professor foi fundamental na minha formação. Bastante experiente e reconhecido pelos seus estudos no campo da Antropologia Indígena, muito atento às questões da nutrição e da comida na antropologia, lançou as primeiras sementes de um encontro que se iniciava para mim. Sempre sinalizava temáticas que me interessariam, ainda que nem sempre conseguisse alcançá-las, mas as acolhia: “isso é muito interessante para a nutrição!”, olhando para mim ao que respondia, esboçando um sorriso tímido... o professor precisa se interessar pelo o que o outro se interessa e provocar a ampliação incessante deste interesse por novos caminhos, pela inventividade, conexões talvez não pensadas, produzidos objetos de estudos... fui aprendendo a ser professora enquanto aluna antes mesmo de decidir por isso...

44

Aproximações antropológicas e a visita aos Kiriris

Tivemos a oportunidade de realizar uma visita, pela primeira vez, a uma comunidade indígena no estado da Bahia, os Kiriris. Uma experiência formidável para quem ainda possuía, no seu imaginário deturpado, a figura do “índio” praticamente

6 Componente curricular do currículo do curso de graduação em Nutrição que trata basicamente das propriedades metabólicas e clínicas dos macronutrientes e micronutrientes, fontes e grupos alimentares, energia, biodisponibilidade, interação entre nutrientes bem como recomendações nutricionais nos diversos ciclos da vida. Sendo um dos primeiros ofertados pela Escola de Nutrição, funciona como um rito de passagem para se “sentir no curso” após quase dois anos em componentes curriculares do ciclo básico.

paralisada nos livros de história e nas fantasias da “comemoração” do dia do “índio”. Dormimos na aldeia e fiquei fascinada de tal modo que quis realizar o trabalho final de uma disciplina intitulada “Inquéritos Alimentares” nesta comunidade, mas foram muitos obstáculos que inviabilizaram essa atividade (hoje reconheço que era um trabalho muito dispendioso para o escopo de uma disciplina considerando ainda a complexidade para autorizações de trabalho com povos indígenas).

Assim foi que a antropologia cravou suas marcas na minha trajetória e seguiu portando-a para todos os campos. Aqui, cursando Nutrição Normal III pela manhã e a disciplina de Antropologia no turno da tarde, lembro de Annemarie Mol, em seu relato na introdução de sua obra *The body multiple*⁷, quando cursava medicina e filosofia ao mesmo tempo. Guardadas as devidas proporções das experiências, para mim revela como as perspectivas de confluir por entre as fronteiras dos saberes ocorrem no campo da experiência vivida.

Vamos criar as regras do jogo!: experienciando a docência no ensino básico

A esta altura, no meio destes processos de descoberta de uma “outra nutrição”, já havia sido aprovada em concurso para professora da rede estadual na Secretaria de Educação do Estado da Bahia em 1990, quando me formei em Educação Física. Foram quatro anos de docência, antes de entrar no ensino superior, que marcaram a minha trajetória pessoal e profissional. A compilação dos desvelamentos da educação física escolar e o papel do esporte na escola, do movimento estudantil, estudos sobre o corpo “biológico” e os estágios na educação infantil, permitiu-me experimentar e tentar transformar uma prática de educação física na escola, ao menos a que trabalhava, que mais parecia recreativa e/ou uma prática domesticadora de corpos à serviço de uma sociedade capitalista. Intentava empreender “aulas teóricas”, ou seja, espaços de discussão sobre a nossa cultura corporal, práticas corporais, dentre outras temáticas relacionadas ao corpo no mundo da vida. Relato uma das aulas que aprendi e/ou recriei, a qual remonta à minha experiência de praticante de GRD e às práticas e concepções de educação física que aprendi e vivenciei. A turma era estimulada a jogar futebol, mas sem regras. Não era necessário limites do campo, do gol, nenhuma regra. O jogo sem regras era inicialmente comemorado e se transformava, posteriormente, em uma prática insustentável para eles. Reconhecendo isso, fomos criando acordos e

7 MOL, A. *The body multiple: Ontology in medical practice*. London: Duke University Press; 2005.

regras coletivas de forma compartilhada, de acordo com as necessidades para fazer o jogo fluir e ser possível para todo mundo que participava. Ao final, procedíamos uma discussão do que estava efetivamente em jogo (ou por detrás do jogo). Discutíamos sobre a democracia, na qual as regras de convivência são estabelecidas pelos próprios jogadores. Quando conhecemos o porquê das regras e participamos das suas elaborações, a convivência e o respeito coletivo tornam-se mais efetivos nas nossas vidas. Assim, a criança que respeita as regras do jogo construído coletivamente e de modo participativo, respeita a democracia! Utilizo esta aula até hoje nos grupos de pesquisa, nos projetos, nas salas de aula, perfazendo os nossos acordos pedagógicos em ato...

Explorando o Sertão: os tempos da extensão universitária no Projeto Cansanção

46

Retomando o curso de Nutrição, depois da experiência da disciplina de Antropologia, organizei minha coragem sufocada pela timidez e busquei a professora Carminha, como era conhecida a professora Maria do Carmo Soares de Freitas, para falar dos meus anseios no curso. Não recordo como a abordei, recordo do local onde a conversa aconteceu, um dos bancos em frente às árvores centenárias, que já não existem mais, no pátio do que fora a Escola de Aplicação e hoje funciona a Escola de Nutrição. As interlocuções com Carminha prosseguiram durante a graduação no Projeto Cansanção e na sala de aula da disciplina de Educação Nutricional e em outros espaços. Foi através do campo de saberes e práticas de Educação Nutricional, hoje Educação Alimentar e Nutricional, que fui aprendendo mais sobre os determinantes da fome – através da obra de Flávio Valente, sobre as políticas de alimentação e nutrição, da obra de Francisco Vasconcelos, além dos cursos de extensão sobre economia política, promovidos por ela em parceria com a Escola de Economia da UFBA. Todo esse contexto me conduziu a assumir a Educação Alimentar e Nutricional como um dos espaços mais relevantes para mim na nutrição, na atuação da docência, pesquisa e extensão.

Nesta mesma esteira de encontro com Maria do Carmo, também me marca a felicidade de ter vivido na ENUFBA um de seus momentos, talvez, mais marcantes: docentes sensíveis às causas sociais e políticas. Nos corredores e pátios da Casa Verde resguardava muitas histórias de lutas que poderiam ser travadas pela luta por existir: a ENUFBA tem histórias de invasão das casas na busca de um espaço que abarcasse seus anseios de formar estudantes, fazer extensão e pesquisa, congregando professoras que se ocupavam dos saberes e práticas alimentares e nutricionais. Finalmente, assentou suas malas na antiga Escola de Aplicação onde está até os dias atuais; após o

projeto Reuni sofreu profundas reformas na sua arquitetura, abrigando outros cursos como a graduação em Gastronomia, e os cursos de pós-graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde junto, ainda, à Residência em Nutrição Clínica.

São lutas contadas pelas professoras que viveram em uma universidade durante a Ditadura. “Correr dos cachorros” em manifestações era uma expressão repetidamente relatada em momentos de confraternização e recordação deste momento difícil e de muita luta e resistência. Histórias pessoais denunciando como a ditadura revolteou as estruturas acadêmicas e perseguiu os estudantes e docentes de modo violento.

Maria do Carmo foi organizadora de um dos maiores Congressos Brasileiros de Nutrição (Conbran) da sua história – ao menos a meu ver –, com o tema “Fome: é uma questão política”, ocorrido em Salvador, em 1987. Era também um dos mais primorosos momentos das organizações populares nas periferias brasileiras, como na cidade de Salvador. Iniciava um movimento de dar voz aos “famintos”, alcunha muito utilizada por Maria do Carmo. O tema do Conbran foi muito oportuno no momento político que vivia o país. A ENUFBA vivia política. Lá, fiz cursos de extensão que contribuíram para a minha formação política, desenvolvia trabalhos nas comunidades periféricas da cidade de Salvador, seja em extensão, ou impulsionada pelas aulas práticas das disciplinas. Havia uma causa, uma luta que, aliando ao movimento estudantil, fui tecendo o meu rizoma no terreno na ENUFBA, plantando a minha árvore. Foi percorrendo as periferias da cidade grande que também parti para um universo desconhecido, o Semiárido baiano, através do Projeto Cansação, desde 1992, integrando o Grupo de Saúde e Nutrição.

O Projeto Cansação foi um Programa Interdisciplinar de Integração Universitária desenvolvido entre os anos de 1987 e 1993 na sua primeira fase⁸ em uma área rural do Semiárido baiano – o município de Cansação –, reunindo professores, técnicos e estudantes da Universidade Federal da Bahia. O projeto objetivava “apoiar e estimular a população a se organizar politicamente, aprendendo a reivindicar para o atendimento de suas necessidades e conseqüentemente melhorar a qualidade de vida, isto com o apoio e o trabalho envolvendo diversas áreas”⁹. Integrava assim docentes e estudantes das áreas de Agronomia, Veterinária, Sociologia, Arquitetura, Nutrição, Medicina, Enfermagem, Odontologia, Direito, dentre outras.

8 O Projeto Cansação Fase II entre 1995 e 1996. Não localizo registros do que aconteceu entre estes dois períodos.

9 PAIVA, M. S.; NOVAES, V. L. R. de. As perspectivas da cultura e extensão no curso de enfermagem da Universidade Federal da Bahia. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [online]. 1993, v. 1, n. spe, p. 111-120. Acesso em: 14 jan. 2023

Cansanção é um município baiano situado na Região do Semiárido; destaco que, até então, eu desconhecia o Sertão Nordestino. Nascida e criada na capital Salvador, as idas mensais – 346 km de distância –, durante o período de participação no projeto, possibilitaram contrastar aquelas imagens gravadas em minha memória emanadas pelas telas das TV da época, com as encontradas sem esta mediação tecnológica. Este encontro com o campo, juntamente com estudantes e profissionais de distintas formações, foi fundante para o entendimento de educação popular e, hoje já diria, de epistemologias.

Foi um profundo desvelar de camadas erigidas pelo curso quase que monodisciplinar e monoepistêmico da nutrição. Primeiro desvelamento: a ética do encontro com os “rostos” de homens e mulheres do campo. As imagens de corpos sob um sol escaldante, chapéu de palha, conduzindo uma carroça com mandioca, ou as imagens áridas da terra, crianças desoladas sem nome, sem identidade, foi dando lugar ao humano, ao “demasiadamente humano”. O povo do campo tinha nome, identidade, voz, desejos, interesses, raiva, intriga, tudo que integra o humano. O humano inserido entre os outros viventes e imbricado em seu território. Foi lá que comecei a mudar a concepção do que vem a ser o Sertão, suas riquezas e bonitezas constituindo um lugar vivo, uma vida “outra” negada pelo urbano modernizado.

Segundo desvelamento: a prática da nutrição e as ações a serem desenvolvidas não se configuravam tecnologias “prontas” a serem aplicadas em um aspecto do humano – a relação da nutrição com o corpo biomédico. Era necessário ouvir, ouvir a comunidade, ouvir os colegas, e criar estratégias de trabalho com o outro a partir destas ideias oriundas do diálogo e, fundamentalmente, de modo colaborativo. Aprendi que a realidade é soberana, portanto, os saberes (entre)disciplinares precisam respeitá-la, reverenciá-la e dialogar. Aprendi que a realidade é complexa, assim sendo, somente saberes complexos (entre)disciplinares podem dar conta, ou melhor, aproximar desta realidade. Saberes populares e saberes científicos demandavam um outro patamar de relação mais horizontal e profícua. Aprendi, aprendi, e aprendi muito... Ingressei no Projeto Cansanção ainda estudante e saí quando este finalizou, já na condição de docente.

Em uma outra ponta entrelaçada da minha formação cabe um importante destaque à participação no movimento estudantil. As organizações estudantis estavam esfaceladas e/ou nos subterrâneos da história com a Ditadura Militar. Início esta história no dia em que caminhava, ainda no início do curso, em uma das ruas da Cidade Baixa que me levava ao Largo de Roma. Ao sair, me deparei com uma caminhada política que me fascinou. Bandeiras vermelhas com foice e martelo, camisas com o rosto de Che Guevara, boinas, uma turma muito diferente. A manifestação era por algo que não recorro, mas certamente, oriunda desta eclosão dos movimentos sociais ao

final da Ditadura, eram muitas as pautas... Ao encontrar um antigo colega da ETFBA na universidade, comentei com ele e perguntei como faria para saber melhor sobre aquelas coisas. Parecia que havia um mundo paralelo ao que habitava. Este amigo me apresentou o mundo do movimento estudantil e da militância política.

"A gente não quer só comida": os tempos do Movimento Estudantil

De imediato iniciei a minha participação no Diretório Acadêmico (DA) da ENUFBA, colaborando para o processo de reconstrução da entidade. Havia uma gestão com poucas pessoas que tentavam recuperar o movimento. Me aproximei e fui integrante da direção do DA de Nutrição e, tão logo, da Executiva Nacional dos Estudantes de Nutrição (ENEN). Me tornei uma liderança do movimento estudantil e me envolvi tanto nas temáticas universitárias como nas pertinentes à nutrição – a fome –, e naquele momento iniciava a discussão sobre a segurança alimentar e nutricional. Foi na sala do DA e do DCE que tive a oportunidade de enfrentar a timidez, antes, com o corpo na GRD e, agora, discursando em público. Eu era – e ainda sou – muito tímida. Não imaginava a possibilidade de falar em sala de aula. Atenta, me gerava interrogações que queria elucidar, entretanto, o simples fato de pensar em fazer uma pergunta, levantar o dedo, me causava taquicardia e logo desistia.

O movimento estudantil foi colaborando para este enfrentamento. Falar em público, articular ideias, tentar ser convincente, defender propostas, conversar com as pessoas, foi colaborando para organizar esta habilidade tão fundamental para a docência: conversar.

Entre festas na Escola de Nutrição nas tardes de sábado com a, ainda não famosa, Banda Olodum, para arrecadar fundos a fim de participar dos encontros nacionais de nutrição – os ENENUT e os encontros da UNE, fui viajando de ônibus por este enorme Brasil. Atravessei o Semiárido e adentrei a floresta amazônica para chegar em Belém (ENENUT, 1990); Teresina, Piauí, no Conselho de Entidades de Base de Nutrição (1991); ENENUT, em Fortaleza, Ceará (1991); ENENUT, em Salvador, que organizamos (1992). Segui rumo ao Centro-Oeste para Cuiabá, Mato Grosso (1993); Niterói, para o I Seminário Nacional dos Estudantes de Nutrição sobre o Combate à Fome e a Miséria (1993); além das participações nos Congressos da UNE em diferentes estados e cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, São José dos Campos, Recife, dentre tantas outros. Fui conhecendo um pouco do Brasil, das brasileiras e brasileiros e das universidades brasileiras, como também dos cursos e

colegas de nutrição. Neste período, também fui representante estudantil no Departamento de Ciências da Nutrição, no ano de 1993.

Em 1992, organizamos um ENENUT em Salvador com o tema “A gente não quer só comida”, trecho de uma canção da época, composta por Arnaldo Antunes, em um período de ouro do Rock Brasileiro, que se conformava enquanto um estilo musical nos anos 1980, cujas músicas expressavam o contexto político da época e contestações que iam além do elementar. A pergunta “você tem fome de quê?” nos levavam a outros patamares de reflexão sobre os sentidos da fome para além da materialidade do corpo. A arte nos proporciona o transcendente...

Esta experiência de organizar um encontro – desde a programação, realização dos convites, gestão de recursos financeiros, alojamentos para os estudantes, negociação com as instâncias da universidade – me marcou para toda a vida. Foi um encontro fabuloso. Contamos com uma mesa de abertura com a presença do professor Flávio Valente, do deputado federal Jacques Wagner, que naquele momento presidia a Comissão contra a Fome no Congresso Nacional, junto a outros pesquisadores e pensadores importantes no campo.

Foi ali que a minha formação política se consolidou como cidadã e profissional. Aprendi com as pautas sobre o feminismo e, ainda, a formação nas temáticas mais amplas que diziam respeito aos nossos objetos de estudo e de trabalho profissional. Foi no movimento estudantil que fiz leituras sobre Rosa Luxemburgo, Michel Lowy, 18 de Brumário, dentre tantas outras(os) autoras(es) que foram adentrando no meu universo de leitura e na minha formação política.

De alguma maneira, estas atuações me prepararam para os tempos que estavam por vir na vida docente. Em 1993, Herbert de Souza, conhecido como Betinho, funda, em meio ao Movimento pela Ética na Política, a Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria e pela Vida que se constituiu em uma rede vigorosa de mobilização nacional para ajudar 32 milhões de brasileiras e brasileiros que estavam em situação de fome e pobreza, segundo os dados do IPEA na época. Adentro a vida docente participando dos comitês locais, se tornando, a fome, tema dos projetos de extensão e futuramente de pesquisa no campo da avaliação de políticas de alimentação e nutrição. O lema de Betinho era intrigante: “a fome não espera”. O tema da solidariedade, tão reavivado hoje, colocava em xeque a ideia de que, sendo a fome um produto das políticas públicas, a sua solução só estaria no plano da macropolítica. Isso me recordava uma angústia que eu tinha no Movimento Estudantil que figurou em uma das cenas deste período. Caminhando com os colegas do ME pelas ruas do bairro do Canela, onde se situa um dos *campus* da universidade, nos deslocando entre uma e outra instituição, quase “saltávamos” as pernas esticadas e cuias das pessoas que estavam nas ruas pedindo dinheiro e comida. Aquilo não parecia incomodar aos colegas que, geralmente,

discutiam política, a crise econômica das políticas de ensino, saúde etc. Eram absolutamente invisíveis. Parecia um tabu ver e se comover diante do entendimento de que era responsabilidade do estado e a nossa a de mudar o estado. Betinho revolve esta perspectiva que embaçava os nossos olhares: a vivência cotidiana da fome...

Eu também quero fazer pesquisa!: os tempos primevos da iniciação científica

Além das atividades de extensão, tive algumas experiências em iniciação em pesquisa. Cabe lembrar que neste período a pesquisa ainda era muito embrionária na ENUFBA, como na própria UFBA. Não era um período no qual a pesquisa era acessível e nem se conformava em política efetiva tanto de estímulo como de formação doutoral dos docentes. Estes eram poucos. O “ponto forte” da ENUFBA era a extensão, uma marca ainda talvez fragilizada, que perdura ao lado da pesquisa hoje. Recordo a primeira bolsista PIBIC da ENUFBA no início dos anos de 1990, com o protagonismo da professora Leonor Pacheco.

Coadunando com a agenda da luta contra a fome, participei de muitas outras iniciativas científicas que se assentavam na ENUFBA. Grande parte delas se dedicavam à avaliação antropométrica, fundamentalmente, de crianças em comunidades periféricas de Salvador ou da Zona Rural. “Pesar e medir” crianças se configurou em uma tarefa com a qual estendia a militância para a academia. Treinar pessoas da comunidade, especialmente junto a membros da Pastoral da Criança, tomava espaço ao passo que o campo da Epidemiologia Nutricional se configurava no âmbito da saúde coletiva, atraindo grande parte dos pesquisadores e pesquisadoras da nutrição.

Ao lado disso, transcorria a “politização” da epidemiologia com cunho marxista que emergia na América Latina, através dos textos da professora mexicana Asa Cristina Laurell, pesquisadora que aludia o processo saúde e doença como um processo social, logo, relacionado ao modo de produção de uma sociedade; também, do professor equatoriano Jaime Breilh, com a epidemiologia crítica ou social, com o qual fiz um curso durante o Congresso Latino Americano de Epidemiologia, ocorrido em Salvador em 1995, somados com a emergência do Instituto de Saúde Coletiva, fundado também em 1995, traziam a epidemiologia das carências nutricionais como um dos horizontes futuros na minha carreira.

Integrei pesquisas realizadas na ENUFBA como: análise de condições de vida e saúde dos trabalhadores de Sapeaçu-Bahia (1995), diagnóstico nutricional de crianças de 0 a 5 anos nas áreas carentes do município de Valente-Bahia (1995), Hipovitaminose A no município de Serrinha-Bahia (1992), Impacto da Crise Econômica sobre

o Baixo Peso ao Nascer (1991-1993), dentre outros. Participando como bolsista ou integrante da equipe de coleta de dados, estas pesquisas integraram parte deste período de “pesar meninos”, expressão muito usada na época e sim, sempre no masculino...

Experimentei de tudo um pouco até me encontrar em um caminho. A professora Roseane Dantas assumiu a disciplina Nutrição Normal III, após a sua chegada do doutorado na USP, e “trouxe” a Nutrição Experimental. Tentei ingressar neste universo, pois me encantava o desenho de uma pesquisa experimental, todavia, não conseguia lidar com as “cobaias”. Nem era em primeira instância. Algo sobre os direitos animais de laboratório provocava um pavor entranhado em minha carne que tentei superar. Findou esta história no dia em que, enquanto uma colega pegava os animais – no caso era um rato – eu a auxiliava segurando a tampa da gaiola quando, de repente, o animal se irritou e a sua cauda tocou em minha mão. De imediato, emiti um grito e quase derrubei a gaiola. Comuniquei a minha lamentável desistência. Não dava para lidar com os “ratinhos”...

52

Todavia, como era encantada por desenhos metodológicos de investigações, o que demanda uma projeção imaginária da simulação de uma realidade, a professora Roseane me propôs que trabalhasse junto à profa. Lourdinha, hematologista, no Instituto de Ciências da Saúde, com o tema da anemia. Profundamente encantador o trabalho sobre a anemia hemolítica no estado da Bahia. A profa. Lourdinha chegou a realizar um estudo dentro do Projeto Cansação sobre a anemia tanto ferropriva como a hemolítica. Não consigo recordar, talvez por inexperiência, que na época houve um imbróglio sobre a autoria da descoberta da profa. Lourdinha, diante de outros pesquisadores não baianos e/ou não brasileiros, mas lembro que algo já havia me intrigado no jogo de poder no campo científico.

Trabalhei pouco tempo com a profa. Lourdinha. Estudei animadamente o tema da anemia, tive uma estadia no laboratório e me interessava como as dosagens eram submetidas a sua metrificação. No entanto, no dia em que literalmente engoli uma substância com a pipeta – sim, era um período de tecnologias em que a pipetagem era realizada com a boca –, entendi que a “minha praia” não era a dos laboratórios. A minha praia era as comunidades, as pessoas e foi aí que ingressei no Projeto Cansação, fazendo extensão, conforme já relatado anteriormente.

Já quase ao final do curso, tive a oportunidade de obter uma Bolsa de Iniciação Científica em um projeto coordenado pela profa. Ana Marlúcia Assis, sobre o baixo peso ao nascer na cidade de Salvador. A bolsa fora sugerida, penso que de forma despreziosa e talvez ao acaso, pelo prof. Maurício Barreto, depois de uma breve conversa a caminho da cidade de Cansação – ou seria uma outra cidade com trabalho de campo –, que resultou nesta sugestão à profa. Ana Marlúcia. Ela dizia que não sabia o que tinha conversado – e nem eu – que resultou nesta sugestão. Hoje professora,

fazendo também indicações, posso intuir quando um pesquisador percebe alguma possibilidade, algum sinal que está convocando um estudante para a vida acadêmica...

Entretanto, o percurso do meu trabalho como bolsista não foi muito exitoso. Ao lado de questões pessoais que me afetaram neste período, tínhamos que buscar nas maternidades de Salvador, nos famosos livros pretos de registros, ainda feitos de forma manual, as informações sobre os dados de peso ao nascer das crianças na cidade de Salvador. Uma das maternidades que coletei dados foi a que eu nasci e pude ver o registro dos meus dados de nascimento, do ingresso da minha mãe no dia... fui muito afetada por aquelas letras levando a minha imaginação para o dia, os fatos... tentando recriar as cenas na década de 1960. O trabalho de coleta de dados era exaustivo e monótono e não tínhamos muitos momentos de discussão de pesquisa, exceto de organização do trabalho de campo. Algumas insatisfações foram manifestadas e eu estava entre as pessoas que as colocaram. Queríamos fazer pesquisa mesmo sem saber o que exatamente seria. Melhor, entendo hoje, queríamos, talvez, nos imbricar na pesquisa para além da coleta de dados. Compreendo também que todas nós, professoras, pesquisadoras e estudantes, estávamos aprendendo a fazer pesquisa e a fazer iniciação científica.

Quando realizei esta seleção para a bolsa, ao mesmo tempo havia realizado outra no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) da Bahia para um projeto no campo da antropologia da alimentação, coordenado por Vivaldo Costa Lima e, por alguma razão que a minha memória não alcança, a difícil reflexão que fiz para escolher a proposição anterior.

Outra marcação que considero importante para estas linhas foi a minha tentativa de desenhar, de modo quase que autônomo, um objeto de pesquisa, não concluído até os dias de hoje. As minhas idas ao Pelourinho e as bibliotecas lá localizadas foram retomadas com as leituras sobre a formação da cidade de Salvador. Dentre as autoras e autores que lia, destaco: Kátia Mattoso, como fundante para a compreensão histórica da cidade de Salvador; Maria Yedda Linhares, com a história do abastecimento, uma obra em dois tomos, desde o século VIII até o decurso do século XX; Vivaldo Costa Lima, com a antropologia da alimentação, dentre outras obras. Com estas leituras queria trabalhar a história do abastecimento da cidade de Salvador, uma temática em voga no período. Ainda tínhamos o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), importante órgão criado durante a Ditadura Militar, responsável pelo histórico Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (PRONAN), cujo foco mais proeminente eram os programas de suplementação alimentar.

Entretanto, para um país que se urbanizava e modernizava, que tinha a Revolução Verde como estratégia central de produção de alimentos em larga escala com uma lavoura mecanizada e excludente, o abastecimento alimentar era um tema relevante.

Na Bahia, desde o início dos anos 1980, havia a Empresa Baiana de Alimentos (Ebal) e a Cesta do Povo como equipamentos de oferta de alimentos para a população de baixa renda, ao lado das CEASA. A Nova República desencadeou profundos debates para as redefinições das prioridades sociais, ao lado das discussões sobre a Reforma Agrária e Agrícola. As políticas de alimentação e nutrição discutidas na minha formação de nutricionista, nos projetos de extensão, no movimento estudantil e nas minhas leituras formavam um compósito de prioridades temáticas na minha cabeça. Este projeto não conformado já indicava para mim a busca de olhares distintos: aqui buscava a história e a sociologia para abordar os problemas do abastecimento alimentar. Busquei as professoras Maria do Carmo e, posteriormente, a profa. Sandra Chaves – que chegava à escola transferida de outra instituição –, para “abraçá-lo”, mas os caminhos não levaram a concebê-lo. Este é um dos tantos projetos que fui deixando pelo caminho; entretanto... as leituras não saíram de mim.

Está formando? E agora? Os últimos semestres de Nutrição

Ao lado disso, seguia com a formação do nutricionista nas disciplinas em outras áreas. Recordo-me da disciplina de Deontologia e Dietoterapia que cursava simultaneamente já no penúltimo semestre. A professora Edileuza Gaudenzi mediava a disciplina de Deontologia e discutíamos a ética profissional; ali, produzíamos pequenos manuscritos dialogando bastante com Paulo Freire, o que me contaminava especialmente por conta do Projeto Cansação. A disciplina Dietoterapia Aplicada era ministrada pela profa. Gardênia Abreu. Em Dietoterapia, uma disciplina que gostava muito, me era permitido conversar com os pacientes do Consultório Dietético, sua dieta, suas proposições... A marca da professora Gardênia Abreu que disse uma das suas fabulosas frases que nunca mais esqueci. Toda vez que tínhamos um caso de obesidade – sim, ao final da graduação os casos de obesidade emulavam com os casos relacionados à fome, desnutrição e carências nutricionais –, não deveríamos pensar: “mais um caso de obesidade”. Esta frase ressoou por quase 30 anos, quando já no período recente, estudando o tema da obesidade, venho tentando formulá-lo mais teoricamente, por meio da noção de obesidades plurais ou obesidade(s), com as marcas singulares da pessoa, de acordo com o seu corpo-território, os distintos marcadores identitários, retirando de cena a automação da prescrição dietética. Ali, ainda que preocupada muito mais com o acesso aos alimentos, eu já vi a cultura, os aspectos simbólicos dos pacientes do ambulatório. As narrativas nos encontros não

nos deixavam escapar, como por exemplo a angústia de uma dona de casa que me interrogou: “você sabe o que é cozinhar para os outros e não poder comer?”.

Ainda nesta disciplina, em uma certa feita, lendo a historiadora Maria Yedda Linhares, me encantei com a sua discussão sobre a farinha de mandioca¹⁰. Linhares afirmava que a farinha foi a sustentação das classes populares do Brasil Colonial. Lia que a formação do “povo” brasileiro, da existência das camadas populares do que viríamos a chamar de Brasil, deve-se a sustentação – a sustança – da farinha de mandioca. Isso me tomou de modo grandioso na compreensão da relação afetiva – e ancestral – que nós, brasileiras e brasileiros, sobretudo, nordestinas e nordestinos, temos com a farinha de mandioca. Do outro lado da cerca, a dieta saudável, que se conformava no seio das ciências da nutrição, estabelecia uma verdadeira beligerância contra a farinha, expulsando-a dos pratos que perdiam a sua identidade de brasilidade em prol do saudável que imperava.

Não conseguia administrar bem esta dualidade em mim até que um dia, em uma apresentação de um estudo de caso sobre um paciente, a prescrição nutricional “equilibrada” e “adequada” às suas necessidades, como era de “praxe”, retirava a farinha de mandioca. Saltei da cadeira em manifesto na aula, trazendo a fala de Maria Yedda Linhares, em defesa da farinha, e perguntava: por que? Porque esta violência com a nossa farinha, a quem tanto devemos a preservação da existência do povo brasileiro? Não recordo muito bem o debate provocado, mas recordo, sim, a sensibilidade da professora Gardênia e o acolhimento do “protesto”.

Ainda nesta reta final da formação em graduação, farei dois últimos registros nos estágios. Segui no movimento estudantil e fazendo os estágios, além do trabalho como professora de educação física em uma escola estadual. Em um dos estágios de Administração em Serviços de Saúde (ASA) hospitalar fui acolhida pela professora e futura colega Deusdélia para fazer um estudo qualitativo sobre a percepção do trabalho dos funcionários da cozinha de um hospital.

Com as leituras sobre as políticas de alimentação e nutrição, em particular o Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT), em conjunto a leitura de *A Loucura do Trabalho*, de Christophe Dejours, me interessei pelas condições de trabalho dos profissionais da cozinha. Desenvolvi “atabaroadamente” entrevistas e escutei muitas histórias de vida, do trabalho precário, com registros ainda vivos do que o labor da cozinha representa em uma sociedade na qual a escravização da população negra foi

10 Refiro-me especificamente a duas obras da autora: LINHARES, M. Y. *História do abastecimento*, uma problemática em questão (1530-1918). Brasília: BINAGRI, 1979; como também LINHARES, M. Y.; SILVA, F. C. T. da. *História política do abastecimento (1918-1974)*. Brasília: BINAGRI, v. 2, 1979.

fundante. Recordo quando uma das funcionárias afirmou que queria ser atendente, o quanto a encantava estar ao telefone, falando com as pessoas. Ali, aprendi o quanto o trabalho doméstico e o trabalho profissional e as marcas da escravidão se imbricavam nestas relações de trabalho.

Já o estágio de Nutrição Clínica foi definidor para não seguir a carreira nesta área. Para mim, é muito difícil lidar com o sofrimento e a morte em um ambiente hospitalar. O primeiro paciente que acompanhei foi a óbito duas semanas após o início do estágio, referendando esta dificuldade. Não era o trabalho, não era a proposição do cuidado, da prescrição, era o sofrimento diante da iminência da morte. Quase fui reprovada. Todavia, a supervisora, professora Tereza Deiró, defendeu aguerridamente meu desempenho ao longo da formação, e possibilitou que a integralização do curso ocorresse naquele semestre.

56

Até o final do curso, segui com a militância no movimento estudantil, participando do Diretório Acadêmico do Curso de Nutrição, do Diretório Central dos Estudantes da UFBA, assim como da Executiva Nacional dos Estudantes de Nutrição. Participei em 1992 do movimento pelas eleições paritárias para a direção da Escola de Nutrição de modo muito ativo, assim como iniciei a minha trajetória de realizar conferências e participar de mesas, escrevendo textos, ainda como estudante.


No decurso da escrita deste memorial encontrei alguns manuscritos, como: “Você tem fome de quê: uma contribuição para o IX ENENUT” em 1992; “O Consea e o movimento da ação da cidadania contra fome e miséria e pela vida: algumas reflexões”, para a I Jornada de Nutrição do Mato Grosso, suponho no mesmo ano; “A Situação Alimentar e Nutricional da População Brasileira as décadas de 1970 e 90: perspectivas para o terceiro milênio”, sem indicação de data. Foram registros que indicam as preocupações que me afetaram na academia e no campo político, concatenadas com as discussões do final do século passado.

Neste ínterim, quase finalizando o curso, recordo da visita de um professor de uma Universidade de Angola, tentando atrair pessoas para trabalhar em seu país. Me interessei profundamente. Foi a profa. Leonor Pacheco que informou a existência de um programa na ONU intitulado Voluntários da ONU e resolvi me candidatar, contudo, não obtive êxito já que ainda não havia concluído o curso, e outras questões que não me ocorrem. Mais adiante fiz uma outra tentativa através de outro projeto desenvolvido por alguma ONG junto à ONU, mas que foi interrompido pois havia deflagrado uma guerra em Angola.

Colei grau na sala da coordenação em separado, pois havia me confundido com as informações sobre como seria a colação da turma “sem solenidade”. Simplesmente não cheguei a tempo. Foi sem testemunhas, sem fotos, e nenhuma forma de registro, e entre alguns risos da diretora e da coordenadora, com as minhas confusões. Jurei

com a mão estendida – me incomoda esta posição: “*Prometo que, ao exercer a profissão de nutricionista, o farei com dignidade e eficiência, valendo-me da ciência da nutrição, em benefício da saúde da pessoa, sem discriminação de qualquer natureza. Prometo, ainda, que serei fiel aos princípios da moral e da ética. Ao cumprir este juramento com dedicação, desejo ser merecedor dos louros que a profissão proporciona.*”

E assim, segui pelos caminhos que foram postos, desviando das pedras e obstáculos, sobrevivendo aos tropeços, fui produzindo no meu caminho...



INTERLÚDIO II

OS TEMPOS DE PROFESSORA NA UNIVERSIDADE

PARTE I (1993-2006)

Não,
Não foi necessariamente
o roteiro que desejei
Não o roteiro que fiz ao
menos por completo,
Mas, respeitando a misteriosa
mão que a cartografou
Faço dela a minha estrada,
Pessoal e única,
Inteira e minha,
Só eu a conheço com precisão,
Só eu tenho o mapa.
Utilizando o poder que conquisei
e o que a mim foi atribuído
Eu a construo a cada dia,

A cada amanhecer procuro
mapear onde estou
Para onde estou indo ou para
onde estou sendo levada.
Deixando as minhas marcas
da minha micro-história
Feitas com risos e lágrimas,
Amores e paixões
Saudades e lembranças
Feitas com as mãos, cabeça
e coração
Feitas neste chão.
Por enquanto
Sigo a estrada

Ligia Amparo
Em algum lugar da terra (2005?)

Professora? Os tempos de docente substituta

Mal conclui o curso de Nutrição já havia uma vaga para professor substituto para a disciplina de Desenvolvimento da Comunidade, que me interessou. Não me sentia preparada para tal, mas havia professoras que confiavam que seria possível conduzi-la. Assim, foi minha entrada na carreira docente no ensino superior em 1993. Como professora substituta recém-formada, tinha em sala de aula nada além que os meus colegas de turma e algumas já eram amigas. Passei dois anos tentando lidar com esta relação que ainda era ambígua – estudante-professora. Foi um período importante para o estabelecimento de diferenças na igualdade, distâncias e proximidades, discernimento nos modos de “julgar”.

A sala de aula não me assustou efetivamente. Já tinha experiência em docência em outros níveis de ensino e atividades educativas nas ações de extensão, além do lugar de liderança estudantil, que colaboraram para me conformar como professora e não ter conflitos dignos de nota na relação com os estudantes. Entretanto, não me vestia ainda como professora. Convivia com minhas roupas corriqueiras de estudante – incluindo shorts, até isso ter sido pauta de uma reunião de departamento. Hoje, eu percebo uma certa rebeldia juvenil com traços característicos da época, mas naquele momento acolhi esta mudança de “status” e a minha relação, tanto com as estudantes quanto com as professoras, havia se deslocado. Não me vesti convencionalmente, mas passei a cuidar um pouco mais deste novo lugar, até porque passei muitos anos para deixar de ser confundida com uma estudante no ato das aulas (confesso que até pouco tempo sentia muita falta, pois pensava que estava perdendo a minha jovialidade!). Hoje, eu brinco com estudantes que se tornam professoras e que têm, geralmente, como primeira atitude a de utilizar sapatos mais formais, fechados e, se possível, com salto, simbólico nesta “elevação de status”...

Busquei instituir nas salas de aula muitas experimentações pedagógicas que fui reunindo ao longo da minha ainda primaveril formação. Entrar por meio da disciplina Desenvolvimento da Comunidade, seguindo nas demais disciplinas da área de Nutrição Social me possibilitou prosseguir no fluxo das leituras e apropriações, tanto das perspectivas sociológicas como das políticas públicas de alimentação e nutrição e de saúde pública. Esta última área me encantava e desejava ir para a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), no Rio de Janeiro, fazer Residência em Saúde Pública...

Ainda seguindo no Sertão: o Projeto Cansação como docente

Agora como professora substituta, continuei no Projeto Cansação em uma fase quase conclusiva e segui em outra etapa já como professora efetivada coordenando o Grupo de Saúde da Fase II do projeto entre os anos 1995-1996. Fiquei responsável pelas questões pertinentes à saúde e nutrição, mergulhando em estratégias que se baseavam na educação popular nestas comunidades. Desenhamos um plano que envolvia o levantamento dos principais problemas de saúde – afinal, era tempo do “planejamento estratégico” e do “Arco de Maguerez”, estes até os dias atuais se fazem presentes nas ações educativas –, para depois desenharmos algumas ações com a comunidade.

Recordo-me profundamente do desenvolvimento desta atividade. Registrávamos os problemas indicados por elas e eles, porém, lá no fundo, achava que já sabia o que estava por vir: desnutrição, diarreia, verminose etc. Entretanto, o destino saltou com uma grande surpresa que me marcou. Quando achava que quase tudo havia se esgotado no universo de problemas já previamente estabelecido, algumas mulheres cochichavam e riam. Perguntei o que passava, pois também queria saber. Uma delas falou, mas não havia entendido bem. Tínhamos questões de entendimento coletivo diante dos distintos modos de falar, algumas formas de denominar coisas ou sentimentos de maneira distintas, vocabulários que marcavam o falar do campo. Mas não era isso que eu não entendia.

Creio hoje que era o inusitado. Uma delas entendia que não tinha prazer sexual e isso era um problema de saúde. Queixavam-se dos homens que não cuidavam bem delas nas relações sexuais-afetivas. Fui tomada de surpresa, mas conseguimos de imediato acolher e conversar sobre isso, o que resultou em uma oficina sobre relacionamentos afetivos e sexuais – descobertas do corpo feminino e prazer sexual, conduzida pela turma da Enfermagem junto à profa. Elisabeth Bittencourt. Recordo os olhos curiosos sobre os objetos anatômicos do aparelho reprodutor feminino. Mulheres com uma numerosa prole não conheciam o útero, nunca haviam visto uma representação dele quando estas imagens já estavam na escola e nos livros didáticos, popularizando-as para quem conseguia estar nas instituições escolares. As oficinas foram com mulheres e até alguns homens participaram. Relatos posteriores indicaram que as suas vidas sexuais tinham melhorado substancialmente.

Entretanto, a surpresa que tive inicialmente percorria a minha cabeça e o meu modo de pensar as mulheres e homens do campo em situação de vulnerabilidade. Como em meio a uma seca, terra árida com perda das parcas colheitas, terras marcadas

pela fome e miséria, mulheres se preocupavam com o prazer sexual? E, acrescento, em meio a desnutrição, diarreia, verminose, ser este um problema de saúde? Levei muito tempo para elaborar melhor não esta pergunta, mas meu processo de não reconhecimento das mulheres e homens do campo como seres humanos desejantes, movidos pelos afetos. Acreditava que já havia desmantelado uma imagem carregada de preconceito em relação ao campo, mas não completamente. Duas pontuações: como estes deslocamentos dos nossos olhares e afetações são processos que não se esgotam – ou é respondido dicotomicamente “tenho ou não tenho preconceito” –, precisamos estar atentos sempre e com os corpos dispostos para tal; necessidades e/ou desejos humanos não se hierarquizam. Aprendi um pouco mais sobre fome e a experiência dos sujeitos que vivenciam a fome...

62

Não conseguia formular outra coisa fora das caixinhas dentro das quais aprendi a depositar os fenômenos em um processo analítico para depois compreendê-lo: primeiro, as necessidades “primárias”, depois outras e depois outras, como se fossem camadas – primeiro biológico, depois psicológico, social etc. Parece que quem tem fome não deseja, não possui subjetividades, não produz experiências, não tem biografia, não faz trajetória humana. Hoje entendo que mesmo aqueles que defendem um mundo sem fome e a garantia dos direitos fundamentais para todos os sujeitos do planeta podem ainda carregar imagens parciais e equivocadas daqueles e daquelas que convivem com a fome. Retomarei este tema mais adiante no percurso do meu trabalho.

As oficinas seguiram e decidimos trabalhar com a Constituição e o Capítulo da Saúde. Havia participado na 9ª Conferência Nacional de Saúde, ocorrida em 1992, em Brasília, com o tema “Saúde: Municipalização é o caminho”, na qual temas sobre a estruturação do Sistema Único de Saúde (SUS), que nascia a partir da Carta Constitucional, como também a Saúde como Qualidade de Vida foram abordados. Fui mobilizada pela atmosfera da conferência, os movimentos populares, os agentes de saúde, o discurso empolgante de Sérgio Arouca que concluiu com a expressão de Che Guevara “endurecer sem perder a ternura”, praticamente levando a multidão ao delírio, expressava, no conjunto, o processo de luta impulsionado pela Reforma Sanitária e, agora, fomentava a institucionalização do SUS.

Àquela altura, compreendia que seria fundamental educar todas as cidadãs e todos os cidadãos sobre os seus direitos como parte central de um processo educativo em saúde alimentar e nutricional. E por que não ir à fonte? E por que não com o povo do campo? A atividade era ler coletivamente o capítulo da Saúde da Constituição: artigo por artigo, interpretando, exemplificando, criando analogias que fizessem sentido para aquele contexto do Sertão baiano, da seca. Eram pessoas não alfabetizadas e/ou com pouca escolaridade. Porém, nada impedia que as suas experiências e

a sua capacidade de abstração e significação da realidade não se concretizassem em aprendizagem. Convidamos colegas da área de Direito, estudantes que integravam o projeto, para que organizasse uma pauta do ponto de vista jurídico, ao final de nossas discussões. Todavia, àquela altura, os participantes já estavam com pautas sobre como se procedia os atendimentos no posto de saúde, como o controle dos veículos que transportavam os doentes ou para “fazer exames” em serviços de maior complexidade fora da cidade se constituía em uma decisão do prefeito. Foi organizada uma manifestação em frente ao posto de saúde com estas pautas exigindo os direitos constitucionais à saúde. No período, também tivemos a oportunidade de assessorar a implantação do Conselho Municipal de Saúde do município.

Há muitas experiências e vivências destas idas mensais ao Semiárido, em direção ao município de Cansanção, durante aqueles anos... Lembranças que não cabem nestas linhas...

Foi com o trabalho intitulado “O desenvolvimento da consciência sanitária dos trabalhadores rurais de Cansanção a partir da discussão da municipalização da saúde: uma experiência no Sertão da Bahia” que participei do I Encontro Brasileiro de Ciências Sociais em Saúde, promovido pela ABRASCO, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1993. Penso que a escolha de participar deste evento pioneiro no âmbito da Saúde Coletiva, assim como participei do I Encontro Nacional de Antropologia Médica, ocorrido em Salvador no ano seguinte, solidificou as opções de olhares acadêmico-científicos que me afetaram. Adenso, aqui, também, as participações como representante da ENUFBA e delegada das Conferências Estadual e Municipal da I Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, sediado em Brasília, em 1994, bem como representante da Equipe UFBA no Projeto Ação Local Integrada, em Itabuna, promovido pelo Programa Mundial de Alimentos e o Programa de Comunidade Solidária no mesmo ano, e, ainda, a participação no Comitê Estadual da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida desde o ano de 1992 até 1995, momento de grande efervescência política no campo da alimentação e nutrição.

O projeto finalizou e devo ter tido um retorno à Cansanção e nada mais. Me despedi com a bagagem cheia de aprendizados que me constituíram como professora e pesquisadora...

Lá vêm as tecnologias digitais...

Despeço-me com um dos retornos nas kombis da UFBA ao lado de Paul. Paul era um estudante britânico que – nunca soube ao certo a sua inserção – participava do projeto entre idas e vindas ao seu país. Um dia, Paul me contava que na sala do STI

(Setor de Tecnologia e Informação) da UFBA havia computadores – as unidades da UFBA não eram ainda providas deste equipamento – e a possibilidade de se comunicar com alguém em qualquer lugar no mundo em muito curto espaço de tempo – quase que instantâneo. Paul se referia ao e-mail, os correios eletrônicos que já anunciava a chegada da internet ainda nos anos 1990. Eu não conseguia acompanhar o seu relato de tão “surreal” e mágico que me parecia. Algo impossível de imaginar. Lembrei do relato do meu pai quando, pela primeira vez, ele ouviu um rádio em funcionamento, ainda adolescente. Conta ele que se dirigiu para trás do aparelho tentando averiguar quem estava falando. Tudo parece mágica, a tecnologia é, em um certo sentido, mágica quando traz um futuro inimaginável outrora, melhor, a vida é uma mágica...

Ao escrever estas linhas neste momento, me impressiona o quão recente é esta história e o quanto iria revolucionar os nossos processos de trabalho cotidiano de ensino, pesquisa e extensão. Iniciei a vida docente mergulhada nas transparências escritas com caneta piloto e retroprojeto como uma grande modernidade, disputando espaço com o quadro negro, em giz, e trazendo as canetas pouco adiante. Iniciei a fazer pesquisa, buscando periódicos em volumosos livros buscando as publicações de interesse, registrando à caneta em um formulário para solicitar à bibliotecária que, por seu turno, contactaria a Bireme, aguardando o envio impresso em cerca de 15 dias (cada artigo), caso a biblioteca não tivesse a assinatura das revistas. Hoje, temos acesso imediato aos bancos de dados, SciELO, Portal de Periódicos CAPES, ou até mesmo podemos “dar um google”; temos acesso a milhares de artigos que escapam a nossa capacidade de acompanhar o mundo editorial de publicações científicas. Naquela época, não imaginava o que estava por vir...

Em regime de Dedicção Exclusiva: entre o concurso público e o mestrado (1994-2000)

No auge dos meus 27 anos, ingressei na UFBA via concurso público para a área de Nutrição Social. Ainda como professora substituta, surgiu um concurso cuja discussão era se seria para professor assistente, portanto, portador do título de mestrado, ou para professor auxiliar. Vivía em um meio acadêmico que concebia, diferente dos tempos de hoje, a carreira de pós-graduação – mestrado e doutorado – como integrante do percurso formativo do docente do ensino superior. Creio que neste período só tínhamos duas professoras com doutorado e poucas com mestrado. Por algum motivo que não recorro, mas suponho que tenha sido um equívoco no edital, o concurso foi destinado para preenchimento de uma vaga para professor auxiliar na matéria de Nutrição Social.

Decidi fazer o concurso. Muito jovem, pouca experiência acadêmica, mas já determinada em seguir essa carreira. Vislumbrava realizar experimentalmente o concurso. Talvez, apostar em uma colocação de 2º lugar, uma vez que havia a possibilidade de aproveitamento de outra vaga dentro de dois anos. Interessava-me, pois mantinha ainda o desejo de investir na Residência em Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP/Fiocruz, adquirir um pouco mais de experiência prática e seguir as trilhas do destino.

Preparei-me para o concurso. Compunham a banca duas personalidades importantes na minha vida, a profa. Sandra Chaves e o prestigioso professor Malaquias Batista Filho, da UFPE. O sorteio do tema da prova escrita foi sobre as políticas públicas de alimentação e nutrição, tema que percorreu por diversas vias – em sala de aula, na militância, nas comunidades, nos congressos – a minha vida estudantil. Com uma nota acima de 9,0 pude seguir com um pouco mais de confiança, tendo como tema da prova didática os inquéritos alimentares, não estando tão preparada quanto o tema anterior.

Havia cursado uma disciplina optativa sobre este tema com a professora Matilde Prado na qual quis desenvolver como trabalho final um inquérito alimentar junto aos Kiriris, que havia visitado na disciplina de Antropologia com o prof. Pedro Agostinho. Busquei a profa. Maria do Rosário que não me animou a fazê-lo. Hoje compreendo como os antropólogos, por vezes, funcionam como guardiões das comunidades indígenas. O tempo passou e não consegui fazer uma outra proposição junto às comunidades populares e fiz meu trabalho com estudantes do ensino fundamental de uma escola particular que funcionava próximo a ENUFBA, o antigo Colégio Maristas.

Trabalhar com estudantes de classe média ou média alta não me interessava, mas foi a saída possível e não deixou de me surpreender. Registrar que jovens consumiam cerca de dois litros de Coca Cola por dia, levou-me a pensar sobre a dieta moderna. Utilizar as ferramentas de inquérito alimentar – recordatório 24 horas, frequência semanal – e projetar uma representação do consumo alimentar sementeava processos investigativos, assim como esta experiência ajudou no processo de conformação de um espírito científico. Aqui o compreendo com a formação de um olhar que transpassa os seus objetos eleitos. O espírito científico, para mim, foi se consolidando, pelo interesse pleno e irrestrito aos objetos, aos fenômenos. Assim aprendi, por meio da experiência com estudantes da classe média, que havia outra(s) fome(s) sendo gestadas na dieta alimentar moderna, os problemas alimentares não se resumiam a falta de comida, mas em sua qualidade. Em síntese, ainda estávamos adentrando em um outro modo de abordar as questões alimentares e nutricionais, não somente focada nas carências alimentares, mas também nos “excessos” como pensávamos na época,

associando de modo mais contundente a comida como mercadoria e os modos de produção de alimentos associados aos modos de produção da vida...

Esta experiência no âmbito da disciplina, revisitada pelos estudos preparatórios, colaborou para, nas duas horas concedidas pelas regras do concurso, organizar a aula nas transparências para o retroprojeto.

Foi assim que meu projeto da Residência nem foi concebido com o advento da aprovação no concurso público, pelo qual fui nomeada em 27 de outubro de 1994, tomando posse e iniciando meu exercício na UFBA em 17 de novembro de 1994, como professora auxiliar em Regime de Dedicção Exclusiva. Para tal, eu tive que fazer uma das despedidas mais difíceis profissionalmente: meu cargo como professora de educação física, através de um pedido de exoneração em 15 de novembro de 1994.

Interessante que algumas pessoas cientes da minha dupla formação, em um contexto no qual Jane Fonda alimentava a expansão das academias de ginástica com as aulas eufóricas de aeróbica e musculação, imaginavam que estava com um “nicho” formidável de atuação para corroborar com o projeto “biopolítico” de emagrecimento em massa. Entretanto, tanto na educação física como na nutrição, percorri caminhos outros, pelas margens destas formações e atuações profissionais que, futuramente, iria fazer convergir no campo da pesquisa. Um pouco mais adiante...

66

Atuando como professora efetiva (período de 1994 a 1997)

Entre 1994 e 1997, muitas atividades relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão foram empreendidas. Tive participação como docente em praticamente todas as disciplinas relacionadas a minha vaga: Avaliação Nutricional, Nutrição em Saúde Pública, Educação Nutricional, Desenvolvimento da Comunidade e Comunicação, Administração em Saúde Pública em Serviços de Nutrição, e, fundamentalmente, Estágio de Nutrição Social (mais adiante assumo também Deontologia da Nutrição). Para uma professora jovem, preparar aulas, estudar os temas, elaborar avaliações, pensar em práticas, metodologias, e também ir se formando, formar e ser formada em ato, era um empreendimento exigente no qual não estamos preparados para a docência. Seria aquilo que o Cipriano Luckesi denominou “senso comum pedagógico” que fazia conformar experiências anteriores em práticas. Todavia, as minhas vivências anteriores me permitiram experienciar coisas novas em sala de aula, reunindo ensino-pesquisa-extensão em direção ao que eu acreditava ser a docência, ou melhor, ser professora, melhor ainda, educadora no sentido mais freiriano do termo. Meu senso comum intercrucava com o que chamo aqui ainda como “consciência

crítica”, primando pela reflexividade das minhas práticas. Hoje, arrisco a dizer que ser professor(a)/educador(a) é um devir...

Vivenciando o Projeto UNI

Em que pese todas as críticas aos modelos pedagógicos instituídos em nossas universidades, há, nas margens, nas linhas de fuga, nas buscas e encontros com outras trajetórias, abertura para algo novo. Minhas primeiras experiências com a docência foram contextualizadas no Projeto UNI. Este foi um período, no ano de 1993, também, em que a UFBA passou a integrar o Projeto UNI, sob a coordenação da professora da enfermagem, profa. Heloniza Costa.

É importante considerar as turbulências ainda candentes com as pautas sobrepostas desde 1986 para a saúde: Movimento Sanitário, Conferências de Saúde, a descentralização, SUDS e luta pela municipalização da saúde, as experiências docentes assistenciais desenvolvidas na universidade que, sem as perspectivas do financiamento público para instituir projetos, foram auxiliadas por muitas fundações estrangeiras que estavam em cena, a exemplo da Fundação Kellogg¹¹.

Assim, como proposição da Fundação Kellogg na América Latina, nasce a partir de 1992 os Projetos UNI – uma nova iniciativa na educação dos profissionais de saúde: união com a comunidade, implantados em 23 universidades de 11 países da América Latina, tem como principal estratégia o estabelecimento de parceria entre ensino, serviço de saúde e comunidade, com propósito de desencadear mudanças no modelo de ensino e de atenção à saúde, bem como na forma de participação social em saúde.

Na UFBA, o projeto foi desenvolvido a partir de 1993, no Distrito Sanitário Docente Assistencial, Barra/Rio Vermelho, com a participação das Escolas de Enfermagem, Medicina, Nutrição, Farmácia e Odontologia, como também Psicologia e Medicina Veterinária.

Integrei o Projeto UNI assim que ingressei na UFBA. Em 1996, eu assumi a sua coordenação acadêmica ainda muito jovem e inexperiente em atividades dessa natureza. Coordenava ações de sete cursos de saúde envolvidos no projeto, junto aos serviços de saúde do Distrito Sanitário Barra/Rio Vermelho e às organizações comunitárias desta região. As comunidades do Alto das Pombas, Calabar e Nordeste

11 Neste momento da minha carreira tenho na memória a presença de muitas fundações americanas ao lado da Kellogg – como a Ford e a MacArthur – financiando projetos universitários e sociais, com oferta de bolsas de estudos, dentre outras ações. Desejei pesquisar e contextualizar um pouco mais sobre a atuação dessas fundações e melhor contextualizar, mas não foi possível.

de Amaralina eram espaços de intensa circulação dos estagiários e de estudantes das disciplinas em aula prática.

O Projeto UNI me impulsionou para um conjunto de interesses relacionados à compreensão da formação dos profissionais de saúde: ações de ensino conjuntas, experiências curriculares coordenadas, enfoque nos problemas de saúde do território, articulação do mundo do ensino com o mundo do trabalho e o planejamento situacional, planejamento estratégico, Arco de Maguerez, Currículo Baseado em Problemas (PBL).

As oficinas de levantamento dos problemas prioritários de saúde da população da área de atuação do Projeto UNI-Bahia Distrito Sanitário Barra/Rio Vermelho eram as estratégias coletivas fundamentais para pensar o desenvolvimento de práticas de saúde no processo de formação profissional que fossem socialmente contextualizada, instrumentalizando os profissionais socialmente comprometidos para o enfrentamento de problemas e das reais necessidades de saúde da população.

Ao lado de contatos com experiências de 24 instituições da América Latina, essa vivência possibilitou “desnaturalizar” o *modus operandi* dos currículos das carreiras de saúde, sobretudo, de nutrição. A partir da qual passei a participar de inúmeras comissões de Reforma Curricular do curso de graduação em Nutrição da UFBA. Acostumei-me, logo de início, a participar de reuniões acadêmicas, com as comunidades, com os estudantes, negociações, diálogo, foram aprendizados relevantes no Projeto UNI...

Experienciando a gestão universitária: a chefia do Departamento em exercício

Esta experiência um tanto prematura no Projeto UNI, se deu *pari passu* a outra. Compus com a profa. Ana Marlúcia, na condição de sua vice, a Chefia de Departamento que também assumia ao mesmo tempo o cargo de vice-diretora da ENUFBA. A profa. Ana Marlúcia teve que assumir a direção da escola em exercício e, por consequência, assumi a Chefia de Departamento. Foi estranho o processo de ser “chefe” de minhas professoras, lidar com as hierarquias historicamente erigidas nas relações anteriores – geracionais, professor/aluno. Fui aprendendo a gerenciar... aprendendo junto aos processos de funcionamento de uma instituição pública, com a gestão colegiada, como os processos democráticos vão sendo atuados no cotidiano das instituições...

Experienciando a instituição do mundo da pesquisa – Projeto FINEP

Ao longo desta experiência, ocorreu um dos primeiros grandes projetos da ENUFBA – o projeto FINEP – coordenado pelas professoras Sandra Chaves e Leonor Pacheco. A esta altura, a ENUFBA tinha dois núcleos de pesquisa, um coordenado pela profa. Ana Marlúcia Assis, de Epidemiologia Nutricional, e outro, de Nutrição e Políticas Públicas, coordenado pela profa. Sandra Chaves. Diga-se de passagem, foram os primeiros núcleos de pesquisa da ENUFBA, fundando o eixo da pesquisa para uma escola, cuja graduação e extensão eram os seus pilares fundamentais, até então. O Projeto FINEP foi impulsionador do Núcleo de Nutrição e Políticas Públicas e do fazer pesquisa neste campo do saber. Recordo-me precisamente da sala do núcleo, onde havia os primeiros computadores da escola e as impressoras ainda matriciais com os quais trabalhávamos.

O projeto se intitulava “Avaliação das Políticas Públicas na Área de Alimentação e Nutrição implementadas no Estado da Bahia, no período de 1994 a 1997” e objetivava não só avaliar as políticas públicas, como também desenvolver metodologias apropriadas para tal. Foi no âmbito deste projeto que se conformou um grande laboratório de pensar e fazer ciência. Projeto de grande fôlego, ambicioso, não só na sua abrangência, como também em sua envergadura metodológica. Do ponto de vista da sua abrangência, o projeto percorreu 43 municípios do estado da Bahia, selecionados por suas condições de extrema pobreza e integrantes do Programa Comunidade Solidária, vigente na época pelo governo federal do presidente Fernando Henrique Cardoso. Nestes municípios, a equipe visitou domicílios beneficiários do programa, percorrendo bairros, ruas e povoados dos mais recônditos cantos da Bahia profunda. Do ponto de vista metodológico, os termos estrutura-processo-resultado ressoavam entre pesquisadores e pesquisadoras, em um ato de decifrar e adaptar uma metodologia multidimensional para avaliar cinco programas na área de segurança alimentar e combate à fome, que integravam a agenda do Programa Comunidade Solidária do governo federal entre 1995-2002, a saber: Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT), Programa Nacional de Controle das Deficiências da Vitamina A (PNVITA), Programa de Distribuição de Cestas de Alimentos (PRODEA) e Programa de Atenção ao Desnutrido e à Gestante em Risco Nutricional “Leite é Saúde” e, sendo no estado da Bahia, inclui-se o Programa Cesta do Povo, estratégia de abastecimento popular do governo estadual.

Com estes elementos, passado um período de um pouco mais de dois anos, ao findar o estágio probatório, estava na hora de pensar em um mestrado. Dentre tantas

áreas de interesse e instituições fortes, tinha o recém-criado Instituto de Saúde Coletiva. Cheguei a cursar algumas disciplinas, participar brevemente de atividades, mas achava que teria que partir. Nascida e criada em Salvador, fui conhecendo o país através do movimento estudantil. Uma experiência em outro estado seria muito salutar. Decidi tentar ir para a Escola Nacional de Saúde Pública –ENSP, na cidade do Rio de Janeiro, considerando que a ENSP era uma potência que já tinha despertado o interesse em fazer a residência... me inscrevi. Às cegas, sem diálogos com possíveis orientadores, elaborei um projeto relacionado a uma experiência de extensão que desenvolvi junto à APAEB, sobre aproveitamento integral de alimentos. Permitam-me antes contar esta experiência.

Retornando ao Semiárido: a Extensão na APAEB-BA e as participações políticas nas ações contra a fome e a miséria e pela vida

Convidada pela Associação Comunitária de Produção e Comercialização do Sisal (APAEB), situada na cidade de Valente-Bahia, estou de volta ao Semiárido em 1996. Desta vez, com uma atividade voltada para trabalhar com saúde de crianças. Na época, a então chamada alimentação alternativa, era uma prática bastante disseminada no Brasil, a partir do início da década de 1980, principalmente para grupos considerados biossocialmente vulneráveis – hoje diríamos vulnerabilizados –, como crianças e gestantes. Era considerada, pelos seus defensores, uma estratégia de combate à fome e desnutrição direcionada, especialmente, para as classes populares cujo acesso aos alimentos foi historicamente negado. Consistia em promover na dieta brasileira o uso de alimentos tradicionais e não tradicionais, mais acessíveis como os farelos (especialmente os de trigo e arroz), folhas verdes (de beterraba, taioba, caruru, bredo, batata-doce, cenoura), cascas (de verduras e frutas como banana, abóbora e ainda casca de ovo) e sementes (gergelim, melancia, abóbora).

Dentre estas opções, a mais disseminada era a multimistura, uma mistura de pós de farelos, folhas, cascas e sementes de diversos subprodutos a serem acrescentados à dieta, visando o aumento de seu valor nutricional. A alimentação alternativa foi desenvolvida pelos médicos Clara e Rubens Brandão, e a Pastoral da Criança da Confederação Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) tinha a alimentação alternativa como uma das linhas de suas ações básicas de saúde, nutrição e educação que, progressivamente, foi ganhando espaço nos equipamentos públicos, como creches, escolas e serviços de saúde.

Entretanto, a sua eficácia em relação à desnutrição e ao atendimento das necessidades nutricionais, bem como suas qualidades sanitárias, eram muito questionadas e polêmicas em relação às evidências científicas que efetivamente as sustentavam, o que gerou, nos meados dos anos de 1990, muitos debates entre os nutricionistas e a Pastoral da Criança.

A participação comunitária, através dos líderes da pastoral, constituiu a base sólida para a disseminação desta prática e foi neste trabalho que tive a possibilidade de acompanhar, de modo mais próximo, como as estratégias materiais e simbólicas eram desenvolvidas. Não foi um trabalho fácil, não foi um diálogo confortável. Mais uma vez, fui impelida a desenvolver um trabalho que, hoje talvez, fosse chamado de educação para ciências, a tradução dos saberes científicos como dispositivo para pensar nas práticas populares vigentes. Criei tabelas, gráficos, imagens que ofertassem elementos a serem concluídos pela própria comunidade sobre a “eficácia” ou não da alimentação alternativa. Fundamentalmente, queria promover uma discussão mais ampliada sobre os determinantes da fome e da desnutrição no país que, naquele momento, já sementeava a noção do direito à alimentação no âmbito das políticas, colocando em questão a alimentação alternativa como a grande solução para estes problemas complexos. Oficinas que traziam esta discussão e promoviam as tecnologias da avaliação nutricional e a operacionalização do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN) como ferramentas importantes para o monitoramento dos problemas nutricionais foram empreendidas neste trabalho.

O Projeto Cansação e a assessoria na APAEB-BA faziam parte de uma profusão de participações políticas e de extensão emanadas no contexto de luta contra à fome. Neste período registro duas participações. Uma no Comitê Estadual da Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria e pela Vida entre os períodos de 1992 e 1996, e em uma Comissão designada pelo Reitor da UFBA, em conjunto com o Comitê supracitado, na construção do subprojeto de Avaliação e Acompanhamento do Projeto “Ação Local Integrada para a Segurança Alimentar no Município de Itabuna”, entre o período de 1995 e 1996.

Fish and chips! Já é hora de fazer o mestrado! *Sob o frio de Scotland*

Neste ínterim, despertou em mim o interesse nas representações sociais e nos significados simbólicos, atravessados por uma religiosidade, já que a dimensão técnico-científica não possibilitava, de modo equitativo, a discussão sobre o seu conteúdo sociopolítico, ideológico e simbólico. Eram os tempos, anos 1980 e 1990, dos

estudos das representações sociais do corpo e da saúde no campo da Saúde Coletiva, assim como da alimentação e da dieta.

Dois movimentos foram desencadeados desse processo. Um foi a contemplação do tema no projeto FINEP. Mesmo que as práticas da alimentação alternativa não se constituíssem, de fato, em uma política pública, a sua relevância no campo da alimentação e nutrição e sua evocação como uma estratégia para garantir a segurança alimentar, fez-se relevante. O outro foi ser este o tema do projeto de pesquisa que apresentei no processo seletivo da ENSP. Não obtive sucesso neste intento, o que me causou profunda frustração.

De volta para a casa, havia uma outra possibilidade que se desenhava no horizonte. A Fundação Kellogg estava financiando bolsas de pós-graduação e como integrante do projeto UNI fui contemplada. Tinha em mãos uma bolsa para ir a qualquer lugar do mundo, mas sem saber para onde. Decidi pelo mais viável: University of Dundee, na Escócia. A University of Dundee abrigava o Center for Medical Education, que, por seu turno, abrigava também The Association for Medical Education in Europe (AMEE), ambos coordenados pelo professor Ronald Harden. Lá havia um curso Master in Medical Education que tinha estabelecido parceria com a Fundação Kellogg neste projeto de formação de profissionais de saúde. Não refleti muito sobre isso, era um trabalho que já desenvolvia e fazia um curso a distância nesta instituição sobre o tema. No mesmo ano, eu parti para Escócia depois de uma longa maratona de seis meses, para apropriar-me minimamente da língua inglesa.

Não sabia inglês, nunca tinha viajado para fora do Brasil, mal sabia os trâmites, as trilhas, nem busquei conselhos dos experientes... simplesmente fui. Recordo com detalhes do meu deslumbramento com a arquitetura de Edimburgo, quando me locomovia em um ônibus do aeroporto para a estação de trem. Eram imagens de filmes e, em se tratando de Escócia, filmes de contos encantados. Em Dundee, fui recepcionada na rodoviária por um estudante, professor universitário da Colômbia. Me inseri em uma comunidade de participantes do projeto UNI de países distintos da América Latina e estudantes de outros lugares do mundo. Na minha turma, tinham colombianos, vietnamitas, indianos, britânicos, chineses, e pessoas de muitas outras nacionalidades. Foi em Dundee, uma cidade universitária com cerca de 70 mil habitantes, na época, nas margens do continente europeu, que o mapa mundi se abriu para mim. Países do continente africano, da América Central, do Leste Europeu, da Ásia se apresentaram para mim com rostos, gestos, modos de falar, cultura, e comida...

Muita dificuldade em compreender frases mais básicas me encolheram por mais de um mês em Dundee junto ao intenso frio. Todavia, em uma cidade pequena e universitária, os estrangeiros se auto acolhiam, ajudavam, celebravam, trocavam culturas. Tudo era novo, não somente para mim, mas para todos. A estadia em Dundee me

permitiu mais aprendizados de vida do que o próprio mestrado, o que me fez pensar quão importante são os intercâmbios na formação do espírito humano, dimensão basilar para a existência e para o professor/educador.

Em Dundee, também aprendi sobre modos distintos de viver a vida universitária, modos distintos de ensinar e aprender, outros modos de organizar um currículo, conferindo mais autonomia na aprendizagem, outra cultura acadêmica. Aprendi com a cultura inglesa outros modos de se expressar. Jamais esquecerei o primeiro manuscrito de um dos capítulos da minha dissertação entregue ao meu orientador, Sean MacAller, um jovem professor psicólogo irlandês. Sean o devolveu dizendo que não havia entendido. Tal conduta me irritou até que, com ajuda de um colega anglófono que praticamente reescreveu comigo todo o capítulo, empenhado em traduzir as ideias em linha inglesa – a maior aula de inglês que recebi – entendi que a apropriação de uma língua vai além da apropriação gramatical. A escrita era também a expressão do modo de pensar de um povo, o modo de estruturar ideias, que, na língua inglesa, é completamente distinta das línguas latinas, ao menos da portuguesa na sua “versão brasileira”. Entendi por que meu texto não tinha feito sentido para ele.

Estudei no mestrado a formação do nutricionista no Brasil, realizando uma análise a partir dos currículos. Nada publiquei sobre este estudo, mas muito aprendi sobre os currículos de nutrição, o que me qualificou ainda mais para o retorno às atividades da comissão de Reforma Curricular da ENUFBA, junto aos estudos sobre modelos curriculares nas áreas de saúde, avaliação de aprendizagem e competências, o PBL, dentre outras temáticas envoltas no mestrado.

Retorno após um ano e quatro meses, em dezembro de 1998, finalizando o Master Course In Medical Education, no decurso de 1999. Somente em 2000, com a dissertação intitulada “The Education of Professional Nutrition in Brazil”, recebo o meu diploma de mestre. Novos ventos sopram na carreira...

As boas filhas a casa voltam: retomando à ENUFBA (1999-2002)

Ao retornar à vida acadêmica da ENUFBA, retomei as atividades que desenvolvia na docência, no Projeto UNI, na Comissão de Reconstrução Curricular, conduzida pela profa. Conceição Monteiro, contribuindo com a elaboração de uma Proposta Preliminar do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Nutrição.

Soma-se a este elenco de atividades a continuidade no Projeto FINEP. Afastada para o mestrado, não participei da pesquisa de campo que aconteceu em distintas cidades do interior da Bahia. Esta experiência marca até os dias atuais as pesquisadoras

que lá estiveram. Neste retorno, assumi a coordenação do trabalho de campo em Salvador. Tratava-se de aplicar um questionário a famílias de baixa renda selecionadas na amostra. Passamos um mês com o motorista da escola, Seu Jorge, nos embrenhando pelos becos e ruelas da periferia de Salvador, conversando com as pessoas, entrevendo as situações de miséria e pobreza. Não imaginava o quanto desconhecia a cidade, não imaginava o tamanho da periferia soteropolitana escondida atrás dos seus cartões postais. A tamanha pobreza que não se expressava, de modo tão concreto, diante dos meus olhos... Uma série de publicações saíram no início dos anos 2000, além da publicação de um livro organizado pelas coordenadoras do projeto. Em síntese, este projeto marcará o destino de muitas participantes, hoje docentes de instituições de ensino superior, que irão aprofundar os estudos acerca das políticas públicas em alimentação e nutrição. Particularmente, embora minha trajetória profissional não tenha sido pautada pelos estudos no campo das políticas públicas efetivamente, o campo da antropologia da alimentação que me debruço atualmente está permeado por este tema.

Animada com os aprendizados do mestrado, com as experiências apreendidas no decurso do Projeto UNI com outras instituições brasileiras, latino-americanas e de outros continentes, alargou-se para mim a pluralidade infinita de maneiras de “inventar” percursos formativos e matrizes curriculares. Compreendendo, a um só tempo, os movimentos e desafios da educação superior no século XXI, bem como os do campo da saúde e da segurança alimentar, sendo estes dois últimos os principais conformadores dos eixos norteadores da formação do nutricionista. Já havia “desnaturalizado” o modelo flexneriano e suas divisões cartesianas e dicotômicas do ciclo básico e profissionalizante, juntamente com outras clássicas dicotomias: teoria *versus* prática, biológico *versus* social, individual *versus* coletivo e, ainda, a separação entre as “áreas” da nutrição, como também a célula *mater* do que se denomina “disciplinas”.

O projeto foi estruturado em oito eixos educacionais – perfil profissional, competências, objetivos educacionais, eixos temáticos, organização curricular, estratégias educacionais, sistema de avaliação da aprendizagem e processo de acompanhamento e avaliação do curso – baseados, fundamentalmente, na prática multiprofissional, na integração do conhecimento, visando à superação das dicotomias abordadas anteriormente. Clamava também pela busca da flexibilização curricular e a utilização de metodologias inovadoras, visando instituir novas formas de aprender, pautadas na autonomia e independência do estudante como elementos centrais do projeto.

As experiências vivenciadas no Projeto UNI, possibilitaram que tais princípios fossem profundamente discutidos para além da sua evocação discursiva, instituindo o “como fazer”, como materializá-los em uma matriz curricular. Algumas experiências são dignas de registro: a proposição dos laboratórios de integração, uma

intencionalidade pedagógica de “integrar” a matriz curricular horizontal e verticalmente. Horizontalmente, se pretendia promover em forma de espiral crescente, considerando níveis de complexidade de atenção à saúde, a relação do “todo para as partes”, leia-se da comunidade ao indivíduo; verticalmente, o projeto foi estruturado articulando os componentes curriculares do semestre em curso. Desejava-se, ainda, provocar fissuras nas lógicas disciplinares, trabalhando por módulos integrados, a exemplo do ensino por sistemas do corpo humano, integrando os saberes de disciplinas da anatomia, da fisiologia, da patologia etc.; ensino por grupos alimentares – cereais, carnes etc. – no qual em cada um congregasse disciplinas desde a produção dos alimentos até a elaboração de refeições para o consumo humano passando por todas as fases de processamento; e, ainda, a saúde e nutrição por ciclos da vida, congregando as disciplinas desde a saúde coletiva até o indivíduo nos processos de saúde-doença-cuidado.

Tal proposta ainda englobava como estratégias fundamentais o aprimoramento científico-pedagógico do corpo docente e o processo de avaliação – tanto do curso quanto dos estudantes. Sem embargo, a proposta jamais foi implementada. Afastei-me para o doutorado e retornei como coordenadora do colegiado de graduação em Nutrição com esta tarefa, mas sem sucesso. Reflito até hoje, depois que decidi me afastar deste processo, de modo até estratégico, quais foram os elementos que o impossibilitaram. Muito aprendi neste decurso sobre articulações, negociações entre proposições diversas, o respeito às decisões do coletivo, mesmo quando divergente das suas, enfim, creio que ainda terei oportunidade de amadurecer sobre tais questões.

Em síntese, foi um trabalho intenso, com muitas reuniões e oficinas que eram realizadas mesmo com a ocorrência de intensas greves nas instituições federais. Trabalhávamos com afinco e configuramos uma proposta que resultou em uma publicação, como forma de registro deste momento de trabalho. O artigo intitulado “Projeto pedagógico do programa de graduação em nutrição da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia: uma proposta em construção”, de autoria de toda a comissão pedagógica da época, foi publicado em 2005 na Revista de Nutrição e rendeu frutos. Foi, à época, um artigo muito consultado por docentes. Assim como as integrantes da Comissão foram convidadas para diferentes atividades e oficinas no país para discutir esta proposta.

Nesta esteira, como as questões de formação me afetavam intensamente, concomitantemente, submeti um Programa de Apoio ao Docente Substituto ao meu departamento, destacando que era uma “categoria” crescente nas instituições públicas. Registrava-se neste período a ausência de uma política de ensino superior consistente, com significativos cortes de orçamento, gerando, por exemplo, demandas reprimidas de concurso público, somados ainda, a necessidade de formação em pós-graduação

de docentes efetivos da universidade. As políticas de ensino superior no Brasil não contemplavam efetivamente uma política de formação docente. Conclamava a frase de que “um dia se dormia nutricionista, e no outro acordava professor”. Imaginava as docentes substitutas, muitas recém-formadas, perseguindo o “senso comum pedagógico”, termo utilizado pelo professor e educador da UFBA Cipriano Luckesi, indicando que aprendíamos a ensinar, de modo mimético, como nos ensinavam. Respeitando o lugar importante da aprendizagem experiencial – não se nasce professor, se torna professor –, sentia a necessidade de que o ato pedagógico precisava ser refletido à luz dos saberes pedagógicos sistematizados.

As iniciativas de reuniões e oficinas no âmbito do departamento, entendendo que seria a melhor forma de aprendermos e nos atualizarmos em docência, trocando experiências coletivas, não eram de fato frutíferas. Argumentávamos sobre como as nossas reuniões eram burocráticas e carecíamos discutir educação e ciência. Todavia, os departamentos e as disciplinas acabam por compartimentalizar os professores nas suas caixas. Assim, imaginava as dificuldades de desenvolvermos ações coletivas. O trabalho coletivo sempre foi um propósito na minha carreira até os dias de hoje... Em síntese, a proposta com as docentes substitutas foi viabilizada por cerca de dois semestres, buscando trazer para os encontros as experiências vivenciadas em sala de aula por elas.

De outra parte, as minhas atividades de sala de aula também foram afetadas com a organização de disciplinas a partir de PBL, e outras “metodologias ativas de aprendizagem”, de modo que fui deslocando a centralidade das denominadas “aulas expositivas” para estas propostas que, por seu turno, me desafiavam imensamente em aula. Recordo, em tempos futuros durante o Projeto Reuni na UFBA, já nos idos de 2012, uma frase dita pelo então reitor Naomar de Almeida Jr., referindo-se ao “sentimento híbrido (ou ambíguo) dos estudantes”: momentos refutam as metodologias tradicionais em aula, considerando-as monótonas, cansativas, excessivamente “teóricas” e distante da realidade da “prática”, alternando com momentos que, quando convidados para serem mais ativos e construtivos, também chegam a “refutar”. Nunca entendi isso como um comportamento inerente ou imaturo e, sim, como desafiador “sair de um lugar” incômodo, mas, ao mesmo tempo, acomodado (uma espécie de “zona de conforto”). Sempre compreendi como um desafio a ser trabalhado.

Tornar-se educadora seria estar permanentemente aberta a aprender com os estudantes, aproximar-se de um universo que, cada vez mais geracionalmente, se distanciava, junto com os anseios, desejos e preocupações com a vida. Cravar-se à escuta e nos convites a se escutarem, ou melhor, referendar a sala de aula como espaço de escuta mútua a partir do qual os saberes são construídos. Cada vez ampliava o meu círculo

de compreensão e interpretação de Paulo Freire. Fui me configurando, aos olhos das estudantes e dos estudantes, como uma professora, talvez, não tão convencional...

Nesta esteira, também tive a oportunidade de ter a minha primeira experiência em pós-graduação participando da disciplina de Metodologia do Ensino Superior no Curso de Especialização em Nutrição Clínica da ENUFBA, no ano 2000. Esta é uma disciplina que, até os dias atuais, tenho trabalhado no Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde na ENUFBA, criado em 2004. Segui os mesmos caminhos metodológicos, tendo como ponto de partida as próprias experiências vividas de ensino e aprendizagem, naquela construção coletiva dos saberes pedagógicos em espiral...

Prosseguindo na experiência em gestão - chefia do Departamento

77

Assumi, mais uma vez, a vice-chefia do departamento em 2000, sob a condução da profa. Nilce de Oliveira. Neste momento, com o declínio da profa. Nilce de Oliveira ao seu cargo de chefia, permaneci por oito meses neste cargo, considerando a ausência de candidatos à eleição. De fato, devido a um grande contingente de professores afastados para pós-graduação, acordei finalizar o mandato e somente sair para o doutorado no ano seguinte, arcando com o grande problema que levou à renúncia da chefe: estávamos sem secretaria. Assim, caminhei este período assumindo a coordenação acadêmica do Projeto UNI, a chefia do departamento, a reforma curricular, além dos encargos acadêmicos de ensino e atividades de pesquisa, até a saída para o doutorado.

Preparando os terrenos para o doutorado

Pensava neste período que caminhos tomar para o doutorado. Estava determinada a ir para as ciências sociais, em especial para o campo da antropologia, e queria outra experiência no exterior. Todavia, não conseguia vias de financiamento. Decidi realizar o doutoramento no Brasil, contudo, fora do estado, com a ideia fixa de fazer um doutorado sanduíche. Naquele período, início dos anos 2000, os programas de antropologia eram muito fechados para pessoas de outras áreas do conhecimento, que não as ciências sociais e humanas, somando-se, ainda, que este período não parecia tão oportuno para o estudo da temática da alimentação. Nada obstante, não sabia ao certo qual a temática.

Foi então durante o II Congresso Brasileiro de Ciências Sociais em Saúde, em São Paulo, em dezembro de 1999, que tive um *insight*. Coadunando o acúmulo de experiências teóricas e práticas e a curiosidade, se iniciou a formulação dos primeiros traços de um problema científico. Não por acidente, porque foi o momento no qual estava pensando em fazer o meu doutorado.

Veio uma pergunta em mente: como será que as pessoas estão lidando com as suas dietas no cotidiano? Há tanta informação sobre a dieta hoje e sua relação com a saúde, como as pessoas estão pensando e comendo? Por que não elaborar um projeto de pesquisa sobre isso? A ideia surgiu, mas ficou limitada por outra face da minha trajetória. Na minha atuação em nutrição sempre trabalhei no campo das políticas públicas de alimentação e nutrição, no qual os temas da fome e da desnutrição eram urgentes, como ainda o são. Poderia ser aquele um problema menor no bojo dos problemas sociais brasileiros, não demandando uma atenção científica...

78

Contudo, começou a crescer um sentimento de que este problema não era tão irrelevante assim. Quanto mais o pensava, mais o observava no mundo social o quanto preocupava as pessoas e, ainda, o quanto era um fato velado. Estava cada vez mais presentes nas falas, na mídia, nas revistas, na internet, metáforas, piadas dentre outros meios. Já havia registrado as primeiras ideias em duas páginas quando cheguei a Salvador e continuei pensando e observando estas questões. Nestas duas páginas, eu estabeleci como pressuposto a importância crescente do estilo de vida na determinação do processo saúde-doença dos indivíduos que têm, por sua vez, aumentado a responsabilização destes pelo seu processo de adoecer e morrer. Por exemplo, uma pessoa que morria de infarto há cerca de 30 a 40 anos, poderia ter a causa da morte considerada como uma fatalidade. No início dos anos 2000, a primeira pergunta que se faria é se ela fumava, ou bebia etc., procurando encontrar a “falha” no próprio ser humano em seu processo de autocuidado.

No conjunto destas responsabilizações se encontra a dieta, objeto cada vez mais investigado pela ciência. São inúmeros estudos que buscam a “dieta ideal”, provocando uma verdadeira cacofonia alimentar com inovações de produtos no mercado oferecendo promessas de garantir a saúde. Informações que têm alcançado os indivíduos por diferentes vias: os profissionais, a mídia em geral, revistas especializadas ou não, programas televisivos, internet, vizinhos e amigos, todos têm uma questão nova sobre a alimentação.

No entanto, em minha perspectiva, parecia que este movimento estava mais “estressando” os indivíduos do que promovendo saúde. Primeiro, porque seria difícil saber qual a dieta saudável, qual seria a melhor dieta a ser adotada. Segundo, pelo fato da própria dificuldade de seguir uma dieta frente a uma outra face do universo alimentar, que excita o desejo e o prazer – os *fast food*, por exemplo – e as dificuldades de

controlar a fome e o desejo de comer. Este era o momento que se discutia no Brasil a transição nutricional e a emergência da obesidade como um problema de saúde pública.

No período em que esta questão foi formulada, surgiu o curso de Metodologia em Pesquisa sobre Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva, financiado pela Fundação Ford, que ocorreria em Salvador em janeiro de 2001, promovido pelo Instituto de Saúde Coletiva, através dos Grupos de Estudos em Gênero e Saúde do Instituto de Saúde Coletiva (MUSA/ISC/UFBA) junto ao Instituto de Medicina Social da UERJ (IMS/UERJ) e a UNICAMP, com financiamento da Fundação Ford. Um curso potente, intensivo, congregando importantes pesquisadoras brasileiras dedicado a teorias e metodologias em pesquisa neste campo.

Assim, esta conjunção de acontecimentos, dentre eles a minha saída de um cargo administrativo na universidade e o forte desejo de me preparar para o doutorado, me levaram a inscrição no curso. Pensei que as ideias inicialmente germinadas poderiam ser melhor elaboradas dentro do curso, considerando que esta temática estava condizente com este. Embora a categoria de gênero não tenha sido pensada anteriormente, percebi que esta era fundamental para a construção do projeto já que, concluí no momento, as mulheres são as mais afetadas por estas questões.

Os temas de gênero e feminismo me instigavam desde o movimento estudantil, quando participei de organizações feministas, chegando a colaborar com uma comissão da mulher na gestão de um vereador do Partido dos Trabalhadores em Salvador. Cheguei a orientar um trabalho, em 1996, sobre a saúde das mulheres em Sapeaçu, sob esta perspectiva. Ademais, o tema gênero sempre atravessou de alguma maneira minha trajetória acadêmica, por estar em um curso hegemonicamente feminino, que lida com objetos historicamente associados às mulheres – o cuidado e a comida.

Assim, a temática do corpo também foi incorporada, pois percebi que não poderia desconsiderar a preocupação estética como um fenômeno importante. A convergência do discurso da saúde e do discurso estético não deixa transparecer o que realmente mobiliza as pessoas a agirem sobre os seus corpos e suas dietas. Elas normalmente optam pelo discurso da busca da saúde por este ser mais aceito socialmente. Logo, comecei a buscar a literatura sobre corpo e gênero e ampliei as duas páginas para cinco, limite solicitado para o anteprojeto necessário à inscrição no processo seletivo do curso. No anteprojeto, abordei a questão do corpo e da dieta em mulheres de classe média na cidade de Salvador.

Sendo aprovada, participei do curso, o que representou um retorno às práticas de investigação, depois de oito meses envolvida plenamente com a gestão acadêmico-administrativa. Ali, observei os avanços sobre a discussão de gênero na qual o tema de masculinidades tinha obtido força. Comecei a pensar sobre as preocupações em torno do corpo e da dieta no universo masculino e as diferenças relacionadas

ao gênero. Foi um momento profundamente rico de resgate de leituras, estudos e modos distintos de fazer ciência. Era um curso de excelência, com professoras e professores renomados. Além dos temas das aulas, os debates eram muito potentes, face à conformação de uma turma bem diversificada, em termos de áreas de conhecimento, níveis de formação e inserção profissional: acadêmicas, profissionais de serviços de saúde, ativistas de movimentos sociais ou de ONGs. Dentre estes debates, uma das pautas recorrentes era bem marcante: como fazer ciência e militância ao mesmo tempo? Como fazer ciência independente e ao mesmo tempo engajada? Como não transformar os saberes científicos produzidos em “manifestos”, mas, ao mesmo tempo, serem produtos comprometidos com a luta das mulheres? Levei na minha bagagem para toda a vida estes debates, assim como finalizei o curso com o meu pré-projeto de doutorado.

80

Deste modo, o projeto começava a obter contornos de temas que entrecruzavam as áreas da saúde e das ciências sociais. Eu busquei mais literatura desta segunda área para ampliar o alcance do projeto. O produto do curso foi exatamente a elaboração de um projeto de pesquisa. Assim, ampliei as cinco páginas para quinze. Alguns projetos foram selecionados para financiamento, no entanto, o meu não foi contemplado.

Sentia que havia indicações de que as questões do projeto já não se situavam, exclusivamente, na área da saúde. A construção deste projeto me fez descobrir que havia mais literatura sobre esse tema do que imaginava, situada nas ciências sociais e humanas. Algumas questões foram refletidas um pouco mais.

Uma questão foi mais comum para a preocupação com o corpo e com a dieta, que era a suposta “tirania da magreza” como uma imposição da mídia. Acreditava que poderia ir um pouco mais além para compreender este fenômeno. Outra questão fazia referência aos múltiplos sentidos do comer e, não apenas a busca da saúde, o que, não se constituía em novidade para mim. Sempre defendi que, na área de saúde, estas questões precisam ser intensamente consideradas, não como um apêndice das ciências nutricionais, devendo ter um tratamento interdisciplinar. Mas, em determinados momentos, parece que eu mesmo estava, inconscientemente talvez, tendendo a secundarizar, provavelmente, temendo ser acusada de “não estar fazendo nutrição”.

Comecei a perceber que a pesquisa na área da saúde e nutrição, fundamentada hegemonicamente pelas ciências naturais, tinha como principal foco produzir conhecimentos que contribuam para promover a saúde, prevenir e curar doenças. Procura-se salvar vidas e agora, mais do que nunca, prolongá-las ao máximo. Neste prolongamento da vida inclui também a referência da busca da qualidade de vida, um conceito que era recente no campo. Procura-se, então, afastar ao máximo da vida social a morte e o sofrimento. Isso é uma premissa inquestionável no campo da saúde.

Todos os campos de pesquisa na área de saúde, que é considerada uma ciência aplicada, estão voltados para aquela direção. Incluem-se, evidentemente, as ciências nutricionais. Estas deslocaram a comida, enquanto um produto sociocultural, para concebê-la, mormente, como um instrumento que se destina ao corpo biológico. O propósito era construir uma dieta ideal capaz de proporcionar saúde, evitar o sofrimento de certas doenças e, conseqüentemente, prolongar a vida.

Assim, fui começando a perceber que, ainda de forma incipiente, o meu projeto não englobava, de fato, as discussões sobre estas premissas: preocupava-me basicamente como as pessoas estavam lidando e experimentando o corpo e a dieta, mas não questionava, no fundo, os parâmetros científicos que embasavam esta suposta “dieta ideal”. Acho que no fundo acreditava neste alcance. O mito da saúde perfeita, a apologia ao bem-estar social e a busca da eterna juventude que, por sua vez, requerem, dentre outras coisas, uma dieta ideal capaz de oferecer a salvação – a salvação em vida – já que não há mais nada após ela para a ciência, passaram a ser questões dentro do projeto.

Suponho, com o olhar de hoje, depois de mais de duas décadas, que as ciências sociais estavam participando do projeto apenas “emprestando” o seu instrumental metodológico – as chamadas metodologias das pesquisas qualitativas. Sempre tive preocupação com o termo pesquisa qualitativa, como contraponto e ojeriza que “nós”, dos estudos “qualitativos”, tomávamos aos números – e penso que ainda tomamos – como se estes não “revelassem” a realidade. O debate qualitativo x quantitativo marcou o campo científico e da saúde nos finais da década de 1980 e 1990, e parece que seus resquícios ainda persistem hoje. Pensava que o que expressa a qualidade de um estudo, não é o método adotado, ou objeto escolhido e, sim, o trabalho intelectual do(a) autor(a). Lembra-me o que disse Pierre Bourdieu em algum momento da sua obra: não se preocupe com o seu objeto, certamente ele é bom, se preocupe com o que você vai fazer com ele.

Retomando, os referenciais teóricos das ciências sociais e humanas não estavam presentes na constituição da “alma” do projeto. Embora haja citações do campo, estas se conformaram como uma colcha de retalhos mal costurada. Comecei a me preocupar com a racionalidade das ciências nutricionais e a sua recomendação. Quero dizer, a lógica de uma dieta restritiva em calorias e gorduras, particularmente colesterol, não parecia ser ainda objeto de grandes questionamentos.

Desta forma, percebi que o meu projeto seria mais alargado se buscasse as ciências sociais para aprofundar estas interrogações. Decidi fazer o doutorado em ciências sociais, o que representou um importante desafio na minha vida. Resolvi correr o risco de “pular a cerca”. Assim, com este projeto, concorri a uma vaga no Programa de Doutorado em Ciências Sociais na PUC-São Paulo.

A PUC-SP veio à tona, quando, oportunamente, ocorreu o XVI Congresso Brasileiro de Nutrição, em Salvador, em 2001. Nele, um encontro casual foi definidor: a professora Lana Pires da UFPR, apresentada pela profa. Maria do Carmo. Caminhando pelos corredores do Centro de Convenções da Bahia e conversando sobre pós-graduação, expressei o meu desejo em fazer doutorado na antropologia. Lana estava fazendo na PUC-SP com a profa. Maria Helena Vilas Boas Concone, sendo Lana sua primeira orientanda nutricionista, que se interessou pelo tema da antropologia da alimentação. Mediada por Lana, entrei em contato com a profa. Maria Helena, que de pronto se predispôs, caso aprovada, a me orientar.

82 — Todavia, a minha saída ainda teve um impedimento que considero importante notificar nestas linhas tortuosas. A discussão do meu pedido de afastamento no âmbito do departamento gerou um debate que não havia ocorrido anteriormente: o mérito do projeto para as aprovações de saída para pós-graduação, estariam dentro dos interesses de pesquisa do departamento? O tema que havia proposto colocou em xeque a minha saída, pois alguns membros da comissão consideraram que não era prioritário para o órgão. Sendo uma discussão nova, que não fora estabelecida como critério, a minha saída foi aprovada, sendo que as próximas solicitações deveriam ter essa questão como pauta. Para mim, foi um desconforto e não consegui argumentar, apropriadamente, a urgência da temática para o campo. Decidi fazer – e penso que esta marca persiste até os meus dias atuais – o argumento de novos olhares para os objetos de estudo da alimentação e nutrição. Em síntese, no ano de 2002, estava na PUC-SP, situada no elegante bairro de Perdizes.

O pulo da cerca: a vivência do doutorado (2002-2006)

Chegar em São Paulo com toda uma baianidade afluída remete, de modo atualizado e contextualizado, à música “Sampa” de Caetano Veloso. A minha experiência de mestrado no exterior trazia uma ambiguidade das proximidades, em termos de brasilidade que, de algum modo, ressignificavam as nossas diferenças de nordestinidade e sudestinidade.

De imediato, acolhi recomendações de como “viver bem” em São Paulo: “você precisa morar perto de PUC” e assim o fiz. Depois de passagens por diversos lugares durante o primeiro mês, consegui alugar um apartamento no mesmo bairro, a partir do qual bastava caminhar dez minutos para chegar à PUC. Com quase o mesmo tempo, utilizando transporte público, em boas condições de trânsito, estaria na Avenida Paulista, espaço do qual muito explorei as inúmeras salas de cinema. Entre as disciplinas e a “disciplina” de frequentar a biblioteca, bem como as vivências

corporais e alimentares em São Paulo, fui formulando os meus saberes em ciências sociais. Afirmo que não foi fácil. Costumava dizer que estava fazendo graduação, mestrado e doutorado a um só tempo. Cursei as disciplinas introdutórias, destinadas a estudantes de outras formações, e um elenco maior possível de optativas sobre Memória e Mito, com Terezinha Bernardo, Gênero e Feminismo com Heleieth Saffioti, Seminários sobre a Distinção de Pierre Bourdieu, como Maria Celeste Costa, História do Corpo com Denize Bernuzzi Sant’Anna, disciplina com Edgard Assis Carvalho... Enfim, assisti ao máximo de conferências e debates, não só na PUC, como em outras instituições paulistas, a exemplo da USP. Estudava, estudava e sempre pensava como relacionar tais temáticas à alimentação. Todos os trabalhos finais eram ensaios que buscavam colaborar com estas formulações. Alguns deles foram publicados posteriormente.

Aos poucos fui adentrando em um universo da literatura das ciências sociais, até então, relativamente desconhecida para mim. Não era tão estranho, pois sempre me interessei pela área de ciências sociais desde a graduação, conforme já exposto aqui. Pensei em cursar graduação em ciências sociais. Ao longo da formação, contei com professoras do meu departamento, cujo genuíno interesse pelo campo muito me influenciou, como Maria do Carmo. Havia também a profa. Nilce de Oliveira que era socióloga e outras que se interessavam pelo campo “além da nutrição”, como Sandra Chaves e o campo das políticas públicas. Ademais, as leituras também vinham do movimento estudantil. No entanto, apesar de todo este interesse imanente, cursar o doutorado tem outro significado, um outro vínculo com o saber...

Vale também ressaltar que se havia dificuldades, na época, de aceitação do meu tema dentro das ciências da saúde, este também não encontrava muito espaço dentro das ciências sociais. Isso me causava certo desconforto, acentuando a sensação de estar “fora do lugar”. Será que tinha escolhido bem o que estudar? Será que valeria a pena a sustentação deste projeto? Embora a proposta encontrasse credibilidade de algumas pessoas.

Ao mesmo tempo que duvidava, persistia: “vale a pena sim”. Estas questões, que às vezes apareciam lá no fundo d’alma, não abalavam a minha confiança no projeto. Não sei bem de onde partia esta confiança, mas ela existia, talvez, mais pela intuição do que pela razão. Paulatinamente, algumas leituras ajudaram-me a ir conformando com solidez essa confiança.

Uma questão era como o interesse da escuta sobre o objeto de estudo se diferenciava em relação ao gênero. Achei interessante alguns comentários feitos por colegas – não só do Programa – sobre o projeto. Os homens, em geral, praticamente não comentavam. Um inexpressivo “interessante...” era o mais comum. As mulheres indicavam uma aceitabilidade maior. O mais interessante é que cerca de 80% delas,

estimo eu, terminavam se colocando à disposição para participar do universo empírico da pesquisa. Primeiramente, achava curioso, mas com a frequência do fato, comecei a considerar já se tratar de um “dado”. As “candidaturas” iam além de ato de solidariedade e colaboração com o meu trabalho. Indicava, suponho eu, a necessidade que as mulheres tinham de falar sobre isso. Recordo que quando apresentei o projeto no final do curso de Gênero, Sexualidade e Saúde, comentários muito valiosos não ocorreram durante o debate e sim após o seu término, em tom quase que “confessional” das experiências.

Parecia não existir espaços para expor as angústias que, especialmente, as mulheres sofriam e sofrem sobre a beligerância cotidiana com o corpo, com o comer e com a dieta. Este parecia ainda um tema velado no início dos anos 2000, quase que de “foro íntimo”, além de estar sempre associado a banalidades. Parecia estar vinculado a uma espécie de preocupação “fútil” de mulheres que não assumiram o seu papel ativo na sociedade. Logo, poderia se transformar também em um “objeto fútil”.

No entanto, dados indicavam que eram, exatamente, as mulheres que estavam inseridas no mercado de trabalho, especialmente em postos mais elevados, as mais preocupadas com o corpo e a dieta, diferindo radicalmente das tradicionais “donas de casa”. Estes são dados encontrados nos estudos de Susan Bordo – filósofa feminista, professora universitária –, em uma de suas obras, *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body*, publicada pela UC Press, em 2004. A filósofa abre esta obra narrando uma experiência pessoal de quando decidiu, enquanto professora de filosofia de uma universidade americana, se inscrever em um programa de emagrecimento, destacando a reação das colegas feministas do seu departamento. Tal evento desenrola um fio de interesse pelo tema e seus investimentos nesta discussão.

Este e outros exemplos que surgiam do cotidiano, concomitantemente com as novas leituras, foram aos poucos trazendo, cada vez mais, confiança de que este projeto trazia no seu bojo algo de importante para ser estudado. Percebi que ganhar confiança no projeto que está desenvolvendo é fundamental para seguir adiante...

Penso que pode ser relevante apresentar alguns destaques que afetaram a trajetória desta “travessia” percorrida entre as fronteiras dos saberes sobre a produção do conhecimento, sobre os modos de leitura e escrita nas ciências sociais diante das ciências da saúde.

Percebia que pertencer à outra área e estar cursando um doutorado nas ciências sociais não representava apenas a busca de novos conteúdos – ou de novas metodologias, instrumentos de pesquisa. Significava, também, a necessidade de reconstruir todo um processo de organização do modo de pensar o mundo e a ciência, ou seja, um novo modo de olhar os problemas de estudo, instrumentalizado por outras perspectivas

de saberes. As bases do pensamento das ciências sociais eram diferentes daquelas que havia construído ao longo da minha carreira. Era uma outra cultura científica...

A clássica pergunta que segue a “o que você está estudando?”, é: “com que autores você está trabalhando?”. Esta era uma pergunta que me causava certo incômodo. O que responder se estava procurando ler a maioria dos autores que me estavam sendo apresentados? Faria uma lista dos mais importantes que começava a perceber nas citações em aula, nos corredores e nos textos e os assumiria como tal? Não, “estou ainda definindo com quem vou trabalhar...” era a minha resposta frequente. Um dia, em uma aula, um professor discutindo a diferença sobre tema e problema, disse que o tema tem que ser problematizado e, para isso, é necessário ir à experiência. O problema não está nem na experiência e nem no tema e, sim, no encontro. É ele que delimita as fontes, os conceitos, e chama outras questões. Destacou, ainda, que era mais importante ter mais fidelidade ao problema do que aos conceitos. Foi a professora historiadora Denize Bernuzzi de Sant’Anna, importante autora na história do corpo, que iniciava naquela época os estudos sobre a temática da alimentação e, ainda, foi crucial em uma inflexão no meu doutorado a qual relatarei em breve. Foi algo muito marcante na minha formação, conformando um modo de olhar e compreender os autores e a relação com o meu objeto de pesquisa.

Sei que essa pode não ser uma concepção generalizada nas ciências sociais, mas foi a que comecei a assumir, a partir daquele momento. Estava, sim, disposta a dialogar, até porque é notoriamente imprescindível para quaisquer trabalhos científicos, com todos os autores que pudessem contribuir para o trabalho. Tampouco desejava compor uma outra “colcha de retalhos” mal costurada de uma forma “ingênua” – ao menos tentar evitar isso –, mas, sim, ter a liberdade para abrir mão de determinados pressupostos e usar tudo o que pudesse me instrumentalizar com múltiplos olhares para este tema/problema que apresentava múltiplas facetas. Ao menos, neste primeiro momento, achei a decisão mais acertada para não adotar opções ou filiações teóricas precipitadas que pudessem “aprisionar” o meu objeto de estudo em “exercícios confirmatórios” de teorias enraizadas em outras realidades. A questão da filiação teórica com autores – e me parecia mais do que com correntes teóricas – parecia, para mim, ser algo bastante corrente nas ciências sociais. Precisava negociar com isso (e hoje com as aproximações aos estudos decoloniais repenso este tema a partir de outros referenciais epistêmicos).

Nesta reorganização do modo de pensar residia ainda um outro contraste na relação com as fontes bibliográficas. Enquanto percebia que, entre os cientistas sociais, havia uma espécie de “culto aos sebos” na busca de obras clássicas raras e valiosas, os cientistas da área de saúde estavam vasculhando os artigos recém-publicados nas revistas científicas. Aqui, um artigo novo possui um mágico poder de superação

– quase que eliminação ou negação – dos anteriores. Nas introduções de um trabalho ou revisões de literatura, busca-se um levantamento bibliográfico dos últimos 5 ou 10 anos. Vinte anos já seria um artigo de revisão. Lembro, ainda, que a era dos tratados e manuais da área de saúde parecia estar terminando com a velocidade da produção do conhecimento. O culto ao artigo, considerando o seu ano de publicação, parece ser uma marca importante.

Nas ciências sociais, fui aprendendo, experiencialmente, que um texto clássico nunca morre. Ou melhor, fui reafirmando com a experiência. Os debates em torno de autores como Marx, por exemplo, são a todo o momento, reavivados, reiterados, anulados, criticados, mas sempre voltam à cena. Os autores, convergentes ou não em suas ideias, convivem, simultaneamente, no cenário das ciências sociais. Suas obras são imortais.

86

Poderia parecer estranho, mas esta diferença residia nas distintas concepções de tempo e de história que cada uma das ciências trabalha. Que preocupação teria as ciências da saúde em situar as obras no tempo, se o tempo que se trabalha é o tempo presente com o olhar para o futuro? Se o conhecimento é cumulativo, e o presente anula o passado? O tempo presente nas ciências sociais comporta todos os demais tempos anteriores, tendo uma convivência simultânea das obras de diferentes tempos e espaços, em um só tempo. Parecia fazer um compósito atemporal rizomático que não caberia nas linhas evolutivas do modo convencional de contar uma história, o que, efetivamente, desafiava os modos de apreender de quem teria como referência a evolução e a taxionomia como ainda fundante, em que pese todos as experiências de formação no campo da educação já vivenciados.

Isso, indubitavelmente, refletia na relação que se estabelece com a leitura. Nas ciências sociais não se lia um livro sem o seu contexto e, fundamentalmente, sem a trajetória do autor. A obra, para ser lida, precisa estar muito bem situada no espaço e no tempo. A relação vida-obra é muito estreita e isso é fundamental no processo de leitura. Na área de saúde, a produção científica intencionava ser mais despersonalizada, desenraizada, o que interessa é o que se pode extrair do texto como útil e transformá-lo em ação. Deslocar-se do espaço e do tempo seria fundamental para a universalização dos saberes, tema que será de meu interesse mais adiante: a epistemologia das ciências da nutrição.

Assim, a impessoalidade dos verbos *observa-se*, *refere-se*, *conclui-se* que advêm, geralmente, depois da descrição de fatos, dados e estatísticas, deixa subentender uma suposta impessoalidade do pesquisador. Ou seja, lendo os dados pode-se concluir, não é alguém que conclui – não se usa primeira pessoa aqui –, todos, obviamente, podem chegar a esta conclusão, pois, decerto, a verdade científica é unívoca. Havendo dúvidas, é só reproduzir o experimento nas mesmas condições de pressão e temperatura,

princípio norteador da ciência positivista. Evidentemente, que não se trata de um debate de estilo de escrita, mas um modo de pensar e conceber os conhecimentos e a sua produção. Atualizo, guardada as devidas diferenças, a experiência que tive ao escrever minha dissertação de mestrado na língua inglesa. A reorganização do modo de pensar tem repercutido na minha reorganização no modo de ler e, também, de escrever. São muitas habilidades diferentes que estão em jogo neste momento.

É também digno de destaque as interfaces com a literatura e as artes, especialmente na antropologia. A minha maior aproximação com as artes foi por meio da dança e, por uma questão relacional, a música estava presente. Um movimento interno neste campo aflorou nos últimos anos e com o processo do doutoramento se tornou algo fundamental na minha vida. A literatura, algo que me movimentou aos oito anos de idade, e adormeceu nos tempos de ditadura, reascendeu com uma força importante. O cinema, quase nulo na adolescência, se transformou numa paixão – despertada em Salvador, com o recém-criado, à época, Circuito Sala de Arte, que tinha outras propostas cinematográficas –, foi expandida no rico circuito cinematográfico de São Paulo. É quase um objeto de estudo.

Uma leitura marcante foi a obra de Clifford Geertz sobre *Works and Lives. The Anthropologist as Author*, em uma tradução em espanhol, publicada pela Ediciones Paidós Ibérica, de 1989. Dentre diversos pontos que podem ser explorados, a fascinante incursão sobre as convergências e os tensionamentos entre a literatura e a antropologia foi relevante para as minhas (re)interpretações entre os dois campos. A escrita da tese e dos trabalhos do doutorado foram entremeados por leitura de clássicos como Machado de Assis, que iluminavam a minha narrativa.

Neste trajeto e nas navegações pelas águas revoltas dos saberes, comecei a perceber que o objeto começava a se perder na literatura que me aproximava. A literatura sobre um tema, ao mesmo tempo, que oferece bases teóricas para a delimitação do problema, também confere um grande risco: o de perder-se nela. Quando se trata de um tema novo para o pesquisador, este risco aumenta.

Descobri um universo de literatura sobre o corpo que tem cada vez mais ocupado espaço nas ciências sociais. O tema da alimentação e o comer têm também obtido espaço nos escritos, embora muito mais incipiente, perdido entre outras inúmeras práticas corporais que vêm sendo discutidas. A emergência do problema da anorexia e bulimia, que alguns autores comparam ao fenômeno da histeria no século XIX, tem contribuído para isso.

Assim, comecei a perder-me nesta literatura sobre o corpo me afastando, paulatinamente, da literatura sobre o comer e a dieta; processo que vejo se repetir inúmeras vezes com orientandas e orientandos futuros. Toda vez que tentamos nos aproximar de uma temática nova – gentrificação, gênero, cuidado ou quaisquer que sejam –, o objeto

“alimentação” se transforma quase em um “apêndice” do trabalho. Meu exercício de orientação, de busca de originalidade nos trabalhos, tem se dedicado a recuperar o “objeto perdido”, para que não se transforme em um “objeto não identificável” nos projetos, ou ainda, uma discussão sobre a alimentação permeada de uma superficialidade, ou até ingenuidade diante dos outros saberes...

Era muito mais fácil trabalhar com o que já está escrito, muito mais seguro falar sobre algo que alguém já falou. Um exemplo disso era a questão étnico-racial, que, até então, não tinha se apresentado no projeto, cujo contexto a ser desenvolvido era na cidade de Salvador, com sua população majoritária de afrodescendentes. Este foi um evento interessante no dia em que, quase como um “susto”, me perguntei sobre isso: como iria trabalhar o corpo, o comer e a comida na cidade de Salvador, não considerando as questões étnico-raciais? Como isso foi invisibilizado na minha lida com uma literatura de corpo e gênero – diga-se de passagem que, muitas delas, fora do contexto brasileiro. A “cor” dos corpos soteropolitanos foi se esvaindo do meu objeto? Fui descobrindo que há um modo de leitura que pode invisibilizar ou formatar a experiência empírica para encaixá-la em teorias outras....

Foi desta maneira que, também, a questão do comer começou a se apagar no estudo e só percebi isso quando realizei algumas entrevistas-piloto. Analisando estas entrevistas, percebi que praticamente havia trabalhado só com o corpo. Comecei a refletir que, justamente, por não ter muitos escritos sobre a relação do corpo com a comida, é que deveria escrever sobre isso. Esta seria a essência do trabalho que poderia lhe conferir certa originalidade, a meu ver.

Demandava um modo de leitura a fim de buscar pistas nas entrelinhas de autores, usar a criatividade como um instrumento fundamental para elaborar esta construção. Pensei que não poderia perder de vista a experiência. Foi exatamente da observação empírica que o projeto emergiu, e os meus sobrevoos na literatura não poderiam formatá-la. A experiência, muitas vezes, fornece perguntas simples, para as quais as respostas são bastante complexas.

Aos poucos as ciências sociais foram sendo “absorvidas” pelo projeto, não como “um recurso técnico-instrumental”, se assim posso dizer, mas sendo paulatinamente integrado nas suas bases teóricas do modo como foi possível fazer...

Dando um pulinho de volta ao objeto de estudo

Comecei a conceber que o ato de comer era um dos que mais colocava em xeque a tênue fronteira entre o homem e a natureza. A comida era a natureza a ser incorporada, mas uma natureza já traduzida pela cultura. Comer era um ato biológico e

social, a um só tempo. No entanto, esta percepção não passava efetivamente pelas ciências nutricionais.

A cultura alimentar parecia, muitas vezes, ser considerada como um “obstáculo” para o projeto das ciências nutricionais em instituir uma nova dieta para as populações e para os sujeitos – em uma biopolítica. A cultura alimentar era na prática – explícita ou implicitamente – traduzida como “mito”, “tabu”, não no sentido antropológicamente conceituado, mas como hábito errôneo, dentre outras formas de se referir que demandaria “correção”. Até os dias atuais, intitular palestras ou atividades educativas como “mitos e verdades sobre...” é muito utilizado no campo da nutrição.

As ciências nutricionais reservam-se a estudar a ingestão, digestão, metabolismo e excreção dos nutrientes no corpo humano. Um corpo que parece estar fora do espaço e do tempo. Trata-se de um corpo essencialmente biológico, universalizado e inquestionável, do ponto de vista das epistemes que o sustentam. A dieta saudável vigente na época – rica em frutas e legumes, baixa em calorias e gorduras, especialmente em colesterol – não parecia deixar dúvidas em relação às recomendações as organizam.

O alcance da dieta ideal, universal que alimente todos os homens e mulheres do planeta adequadamente, eliminando e controlando os riscos para a saúde, situa-se no horizonte do projeto nutricional. A ciência evolutiva tem acumulado conhecimentos que não comportam as incertezas e nem a complexidade da relação entre o homem e o comer. Produz, assim, uma verdade única e universal que não pode coexistir com nenhuma outra.

Aos poucos, tais premissas deixaram de ser a referência – como “imagem objetivo” – e passaram a ser objeto de estudo. Alguns elementos nas discussões sobre a história das ciências têm impulsionado algumas reflexões sobre estes temas que me intrigavam. Não foi por mera coincidência que as ciências nutricionais surgiram no século XIX, na Inglaterra e, posteriormente, se desenvolvem nos Estados Unidos, período de intensa discussão sobre a pobreza e necessidade de preservação da força de trabalho. Também não foi em vão que as primeiras pesquisas começaram a segregar o alimento em partes – primeiro em macronutrientes e depois em micronutrientes – para melhor estudá-las e definir quais seriam as suas funções, condizente com o modelo vigente de ciência. Também não foi por acaso as analogias da comida como fonte de energia para alimentar o homem-máquina, assim como o desprezo pelas partes que não tinham função, o caso das fibras. Mais adiante, no século XX, o uso corrente dos alimentos refinados proporcionaria sua maior eficiência, enquanto função energética. As ciências nutricionais são, também, fruto de uma racionalidade tecnocrática que tem por princípio eliminar tudo que não tenha utilidade imediata.

Também não deve ter sido por acidente que, na década de 1970, período de grandes questionamentos sobre o sistema capitalista, eclosão do movimento ecológico,

dentre outras questões, as fibras retornaram ao cenário das pesquisas nutricionais, com afirmações de que, embora não tenham uma função energética, são fundamentais para o bom desempenho do funcionamento gastrointestinal, prevenção de câncer de cólon, dentre outras. Os alimentos integrais retornam ao cenário, carregando consigo um símbolo de contestação sob aval da ciência.

Não foi também sem querer que, da mesma forma que os movimentos foram “integrados” ao sistema, os alimentos integrais também o foram. Por exemplo, assim como o movimento hippie forneceu bases para o estilo “hippie chique”, que tem as suas vestes em lojas tão chiques quanto nos shoppings, os alimentos integrais também já compõem as gôndolas dos supermercados com seus preços exorbitantes, limitando o seu consumo em massa e, conseqüentemente, não pondo em risco a produção industrial de alimentos.

90

Em suma, atualmente, pode até parecer saberes já “dados” ou até para outros campos de saberes, mas para mim parecia “uma revelação”, especialmente à época. Este é um exemplo de algumas reflexões que fazia – hoje já com muitos outros contornos – e que mostra que as ciências nutricionais têm uma história. Esta, por sua vez, totalmente conectada com a história político-social que orienta as suas pesquisas. A verdade científica atual sobre o padrão alimentar preconizado é resultado desta trajetória não imune das crenças e valores vigentes ao longo desta história e não tão linear como parece.

Estas questões foram me fazendo pensar o quanto era necessário retornar ao outro lado da cerca e revisitar os fundamentos que estiveram e estão em jogo nas pesquisas das ciências nutricionais. Não localizava uma literatura brasileira sobre isso. As ciências nutricionais nos são fornecidas, geralmente, pela produção científica americana. Há mais de 20 anos a formação do nutricionista tem como grande referência a obra de Krause – *Alimentos, Nutrição e Dietoterapia* –, uma obra americana com mais de meio século em vigência, que utilizei na minha graduação e até hoje se constitui como referência nos cursos de graduação no Brasil. As propostas alimentares eram simplesmente “adaptadas” ao modo alimentar brasileiro, com pouco diálogo.

Conhecer um pouco a história pode ajudar a provocar certo estranhamento do presente para melhor estudá-lo, como preconiza algumas correntes da história. Isso porque um grande drama metodológico neste projeto é o como “estudar os outros” quando “estes outros somos nós mesmos”, como interrogar o que é tão familiar. A história pode ajudar neste afastamento do presente, do “nós mesmos”.

Só que estaria aqui também movimentando as minhas verdades. A formação em nutrição, diria que é quase dogmática na perspectiva da alimentação saudável que salva vidas. Preciso acreditar nisso para acreditar na profissão. É esta crença que sustenta a existência do profissional nutricionista. E agora?

Nos meus intercursos, estava quase esquecendo do que havia acordado comigo mesma. Fazer um doutorado no Brasil, mas fazer um doutorado sanduíche em algum outro país. Não sabia para onde ir. Todavia, as “conspirações do universo” – sim, pois nestas trajetórias há os encontros casuais – me levaram a ter um encontro na disciplina junto a Denize Bernuzzi Sant’Anna. Foi um momento importante não só pelas elaborações sobre o corpo e o aprofundamento em algumas leituras foucaultianas, mas, também, a oportunidade de ampliar reflexões a partir das elaborações da professora pesquisadora que, como havia referido anteriormente, debruçava-se sobre o tema da alimentação.

Encontrava-me com a minha orientadora com alguma frequência. Muito amável e acolhedora, discutíamos o tema, o objeto de estudo, sugestões de literatura e, por vezes, tinha a oportunidade de contar com a sua principal companheira de trabalho na PUC, que era a professora Josildeth Gomes Consorte, com suas sugestões profundamente valiosas. Tinha independência e autonomia na construção do meu trabalho, nas buscas das respostas e traçados de caminhos.

Mais ainda, Denize que havia estudado na França com o historiador George Vigarello, conhecia o sociólogo francês Claude Fischler. Em um momento, atravessando as fronteiras da minha timidez, me apresentei a Denize e expressei meu tema de interesse. Ela acolheu positivamente e se referiu a Claude Fischler, informando que o conhecia e poderia intermediar o contato com ele. Claude comunicava-se bem em inglês e ela sugeriu que o escrevesse, o que, sem muita reflexão, imediatamente o fiz. Surpreendeu-me, confesso, a disponibilidade e a confiança para contribuir em mediar um contato de uma pessoa que não conhecia...

Recebi de imediato uma sinalização positiva e iniciei os trâmites para solicitar a bolsa sanduíche, tendo como primeiro desafio, aprender francês. Nunca havia estudado, mas confiava no inglês que ainda preservava e em estudar do mesmo modo que fiz com a língua inglesa. Em um ano, com aulas particulares ocorridas entre São Paulo e Salvador – pois neste ínterim, voltei para fazer o trabalho de campo antes de partir –, fui estudando para obter o mínimo de nota do exame de proficiência. De imediato, também adquiri a obra que considero quase que antológica neste campo da antropologia da alimentação: *L’Homnivore* – desdobramento da tese de doutorado de Fischler, orientada pelo pensador Edgard Morin. Fui aprendendo francês com esta obra, lida três vezes antes de viajar...

Entre as minhas atividades neste período, também merece destaque que, dentre as políticas educacionais implementadas pelo Ministério da Educação, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/MEC empreendeu redirecionamentos para os processos de avaliação das condições de ensino dos cursos de graduação no país, no qual em me inscrevi e integrei o banco de avaliadores

Ad Hoc desde 2002. Assim, durante o doutorado participei de avaliações de cursos de graduação em nutrição, seja para credenciamento ou renovação do reconhecimento. Era um processo bem estruturado com cursos de formação e treinamento e a avaliação em pares. Aqui, tive a oportunidade de conhecer instituições particulares de todo o país, muitas delas em cidades do interior dos seus estados. Foram muitos aprendizados institucionais e de realidades múltiplas que operaram na formação dos nutricionistas no país. Experiência importante para atividades que assumirei futuramente.

Enveredando para o trabalho de campo

No primeiro semestre de 2004 retornei a Salvador, pois seria fundamental ter realizado meu campo antes do Doutorado Sanduíche. Mergulho na cidade, na busca de entrevistados e entrevistadas, transcrições, leituras repetidas, na busca de caminhos, categorias de análise, interceptada pelas aulas de francês... Já lia Salvador por outras lentes, sua história, sua cultura, sua arquitetura, os corpos dos transeuntes, os espaços públicos, a cidade pela TV, outdoors, publicidades etc. Salvador era outra cidade que interrogava... Não sabia por onde iniciar as entrevistas ainda que tivesse lido tudo que caía em minhas mãos sobre pesquisas qualitativas, entrevistas, análises etc. A ida a campo sempre nos traz hesitações, desconfiças do quanto estamos preparados, se já lemos o suficiente... guardo bem na memória esses momentos e é algo que, a partir da minha experiência, dialogo com a experiência dos estudantes – sempre no exercício de compreender as singularidades das experiências e o quanto elas residem em lugar inacessíveis no outro. O fato é que ter e/ou ser um corpo e o ato de comer são experiências universais, logo todas e todos seriam potenciais entrevistados no meu estudo, de modo que atravessa todos os recortes. Decidi começar de qualquer lugar, e foi em um salão de beleza conversando futilidades com uma manicure que a convidei para uma entrevista. Daí, ela foi indicando outras pessoas do seu círculo de convívio, muitas residentes de seu bairro, nas vizinhanças da minha moradia. Recordo as idas aos finais de semana e de uma delas, creio que a primeira, em uma tarde de sábado, o cheiro nas ruas do preparo da feijoada que me remeteu de imediato ao cheiro da infância. Não era o mesmo cheiro da feijoada que consumo hoje... e várias histórias desta experiência que colaboraram para conformar melhor o objeto (reitero a frase de Denise Sant’Anna que me marcou – o objeto nasce do encontro). Ali estava encontrando e recriando os contornos do meu objeto de estudo neste encontro com o outro...

Allez-y! Paris!: dando um salto distante rumo ao Doutorado Sanduíche (2004-2005)

Com as entrevistas da mala, parti para Paris em setembro de 2004. Esta cidade cheia de enigmas que, a princípio, causava alguns estranhamentos permeados de grande admiração. Em um ambiente pleno de vida intelectual e artística, realizei o Doutorado Sanduíche por dez meses, sob a supervisão de Claude Fischler, através do Programa de Estágio de Doutorado no Exterior – PDEE, financiado pela CAPES, no *Centre des Études Transdisciplinaires Sociologie, Anthropologie, Histoire* na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (CETSAH/ EHESS).

Foi toda uma trajetória de aprendizado de outra língua, mudança de São Paulo para Paris, uma outra cidade global e rica culturalmente. Por entre a solidão dentro do seu multiculturalismo, explorava os estudos, bibliotecas, aulas e fundamentalmente o cinema. O CETSAH/EHESS possuía importantes pesquisadores, como Edgard Morin, e foi onde Roland Barthes havia trabalhado e lá apreciava o seu gabinete de trabalho. Participei de seminários e assisti aulas inesquecíveis com Michele Perrot, George Vigarello, Marc Augé, Jean-Pierre Dozon, Stephen Mennell, Jean Jacques Courtine, Michelle Perrot, dentre inúmeros outros. Ouvi colóquios e comentários sobre grandes autores, como Michel Foucault. Foi muito importante para “dar corpo e alma” aos autores pois, de um modo geral, tendemos a lê-los como se fossem “transcendentais”. “Humanizá-los” foi central para as releituras das suas obras, contextualizando as condições de produção das suas teorias.

Acompanhei de perto nas aulas e conferências, os lançamentos dos tomos da *L’Histoire du Corps*, assistindo às exposições dos autores, durante os Seminários *L’Histoire des pratiques corporelles*, coordenado por George Vigarello. Esta foi uma obra importante para minha formação, destacando o modo como chegou a mim. Acompanhei também os seminários da pesquisa que Claude Fischler desenvolvia em sete países sobre o comer, dando origem ao livro *Mangeur*, cujas reflexões também foram importantes para meu trabalho.

Tive um acesso a uma literatura muito vasta. Devorava a biblioteca da *École* o máximo que podia. Era o meu lugar de trabalho, portando um sanduíche para almoço ou utilizando o restaurante da universidade, passava o dia neste lugar.

Paris inspira a reflexão, a filosofia e a cultura. Me inscrevi em um curso de francês oferecido pela prefeitura municipal destinado a estrangeiros, que se situava atrás do Museu do Louvre. Nos dias de aula, portando a minha carteirinha, com o pagamento de uma anuidade, o frequentava assiduamente, buscando embebedar-me com as imagens, obras, pintores e escultores que marcam a história da arte. Enquanto

apreciava as obras, voltava no meu imaginário a Salvador tentando costurar os fios históricos entre Europa-França-Bahia, eixo sul e o eixo norte. Encantava como um povo apreciava e conseguia produzir uma narrativa imponente sobre a sua cultura e acreditava que nós, latino-americanos, brasileiros, consumíamos tais narrativas que os “outros” produziam sobre eles mesmos e aquelas que produziam sobre nós. Achava-me sem voz, sem voz sobre nossas identidades...

Na mesma medida, fiz uma carteirinha de pagamento mensal que me permitia frequentar salas de cinema credenciadas. Acompanhava semanalmente os lançamentos, cuja quantidade de filmes novos era impossível de dar conta. Seleccionava obras cinematográficas de diferentes países, além dos franceses que usualmente não chegavam ao Brasil, com destaque aos filmes africanos. Filmes críticos, e bem contundentes, sobre as políticas de controle do fluxo migratório para a França. Fui conhecendo uma outra França além daquela que fora construída nos nossos imaginários, suas contradições e seu lugar no jogo de poder internacional, e o cinema colaborou nisso. Isso se deu do mesmo modo que conheci uma outra São Paulo, as vidas plurais e coletivas das grandes metrópoles. Aqui, no cinema, assim como nas artes plásticas, fui também adentrando nas relações entre a comida e as artes que farão ressonâncias no retorno de Salvador.

Em síntese, as vivências pessoais e profissionais nas cidades de Paris e de São Paulo, a interação com os corpos circulantes e as paisagens alimentares também funcionaram como fontes para frutíferas reflexões sobre o tema em estudo. “Consumi” estas experiências de modo “antropofágico”, aos moldes de Oswald de Andrade. Quanto mais conhecia outras culturas mais afirmava a minha identidade brasileira e baiana, reconhecendo o lugar de “estrangeira”. Ademais, cabe ainda destacar que estávamos em um momento político muito importante no Brasil, conquistando um lugar, diria inédito, na geopolítica internacional. Penso que esta afirmação identitária se soma ao desenrolar destas políticas. O ano de 2005 foi o ano do Brasil na França, em que o então ministro Gilberto Gil esteve, com frequência, em conferências e em instituições universitárias, eventos políticos e shows culturais. Foram muitos shows expressando a pluralidade da cultura musical brasileira, o que me alegrou ao vivenciar este momento. Estas experiências foram fulcrais para ampliar a discussão do corpo e do comer na cidade de Salvador, pensando nos processos globais que por ela passam, interagindo com as suas tradições.

Havia um desafio: como usar tudo isso na produção de uma tese, recordando os “modos de escrita” que trazia encarnado pela minha formação e atuação acadêmica? As nossas produções são mais aplicações de teorias eurocentradas em um contexto bastante adverso (refletia sobre isso na época; as atuais leituras sobre o pensamento

decolonial conferem novos contornos). Passei a refletir que a nossa “parcela ocidental” não seria capaz de dar conta da compreensão dos fenômenos.

Vivenciar um pouco a França, a cidade de Paris, significou também compreender um pouco o contexto de produção de grandes obras que utilizamos hoje. Era também compreender que o esforço de “encaixar” estas obras na realidade brasileira é algo bastante complicado. Observava na leitura de alguns trabalhos seminais a simplicidade do seu ponto de partida, originada das observações da realidade vivenciada para construir teorias. Por que não observar e descrever a nossa e produzir as nossas teorias? Acredito, às vezes, que nós somos atropelados por uma teoria produzida em outro contexto e, sufocados nela, queremos escolher qual seria a melhor para dar conta do fenômeno estudado. Isso evidentemente não quer dizer uma negação, muito pelo contrário. A trajetória dos percursos teóricos são fontes importantíssimas de inspiração e de construções. Trato aqui obviamente de reflexões que não seria capaz de responder...

Europa, França e Bahia! Retornando à boa terra (primavera de 2005)

Chegando a Salvador já de modo definitivo e aproveitando meus últimos seis meses para a escrita da tese, corri para os nossos museus para ver e rever Carybé, os Cravos: Mario Cravo, Christian Cravo, Presciliano Silva, dentre outros; uma releitura de Jorge Amado, Dorival Caymmi, Raul Seixas; fui ler com outras lentes os trabalhos de Edson Carneiro, Nina Rodrigues, Manuel Querino, Charles Darwin, Vivaldo Costa Lima, dentre inúmeros outros. Eles ficaram repletos de novos sentidos e significados para mim (não apenas para a compreensão do objeto, como também para a minha própria identidade brasileira e baiana). Buscava naquele momento conferir certa horizontalidade que possibilitasse um outro modo de diálogo entre os autores e autoras, intentando “decolonizar” o meu modo de pensar e fazer ciência. Decerto que era um intento mal-acabado, atabalhoado, que me fazia render, em muitos momentos, aos saberes eurocêntricos.

Debruçar um olhar quase que etnográfico sobre a cidade de Salvador junto com um percurso histórico foram elementos importantes para aprofundar a compreensão da corporalidade e comensalidade em Salvador, passando pela questão da modernidade e tradição, trazendo um elemento mesmo que pouco acabado, que foi o espaço citadino.

Um tema que adentra o trabalho é o discurso sobre a modernidade: um autor de influência foi o Anthony Giddens, Modernidade Tardia, Modernidade e Identidade.

Três contextos diversos de modernidade: Paris, São Paulo, Salvador. Mas por que Salvador? Voltei a interrogar a decisão do lócus do estudo. Estudar a cidade de Salvador ampliou o sentido de escolher um local para o estudo. Salvador correspondia a cidade em que resido e deveria contribuir para a compreensão dos fenômenos estudados no local, para uma cidade em que a tradição e modernidade desenvolvem um diálogo muito particular. Para tanto, perseguir a sua historicidade foi fundamental. Salvador passou a ser estratégica pelas suas tradições, reservando, ainda, marcas do seu período áureo quando capital do Brasil, atravessando a sua decadência econômica e declínio político até chegar à segunda metade da década de 1990, quando Salvador decide empreender projetos modernizadores. Comecei a conceber que esta “província planetária”, no dizer de Antônio Risério, poderia ofertar ricos elementos das relações de tradição e modernidade e do local e global.

96

— Passei então os seis meses alternando o caminhar pela cidade, lê-la através dos noticiários de jornais da imprensa escrita e televisiva, os espaços culturais, uma vez que já estava chegando o verão, como também a luminosidade do Carnaval e a preparação da cidade para esta gigantesca festa. As caminhadas matinais na orla do Porto da Barra, observar os corpos que circulavam, as mudanças arquitetônicas para uma cidade que impunha a seus corpos a descida da rede para o contínuo movimento, como sinônimo de saúde. Salvador intentava se modernizar, para tanto os corpos e suas práticas – como as alimentares – demandavam como parte do território, modernizar-se esteticamente. Assim, corpo, comida e cidade se imbricavam aos meus olhos...

A minha tese de doutorado pavimenta para mim o caminho vindouro. Publicada sob forma de livro em 2008, “O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares na contemporaneidade” é, ainda, o meu principal campo de estudos com as suas derivações temáticas exploradas em outras pesquisas, aprofundamentos de temas com corporalidade e comensalidade nas camadas populares, um estudo desenvolvido em feiras livres em que tratamos das dimensões da comensalidade, sociabilidade, identidade, gostos alimentares, gênero, alimentação saudável, modernidade e tradição, dentre outros.

Estudando as práticas corporais e alimentares dos soteropolitanos, um dos argumentos utilizados foi de que:

(...) há uma espécie de *lightização* dos corpos e do comer no âmbito soteropolitano, o que, em síntese, pode representar um processo de *lightização* da existência. Desta forma, novas disciplinas corporais e alimentares, assim como modificações no espaço citadino e de seus equipamentos sociais, são construídas na tentativa de instituir uma nova ordem. Tais processos estão em consonância com as influências mundiais que ditam novos padrões corporais e alimentares como também os próprios processos de modernização pelos quais passa a cidade, fortemente capitalizada pelos


empreendimentos turísticos. Destarte, para uma cidade que deseja ser moderna e integrada ao contexto nacional e internacional, não é suficiente atualizar o seu conjunto arquitetônico e o seu parque industrial. É necessário também modernizar os seus corpos, as suas práticas corporais e alimentares cotidianas. (SANTOS, 2008, p. 315)

Deste modo, a preocupação com a extensão e profundidade dos impactos desta modernidade sobre as práticas corporais e alimentares levou a uma atenção a partir da antropologia urbana: era fundamental compreender a cidade, não apenas como um cenário das práticas, mas como constitutivas dela. A história de Salvador, focando particularmente nos investimentos econômicos e turísticos nos anos 1990, foi central para tal compreensão. Assim, busquei me apoiar em diferentes discursos e narrativas sobre a cidade e seus corpos e suas comidas, publicitários, turísticos, oficiais, nas narrativas de rua, o carnaval, a literatura, música, enfim, tudo que fosse possível para me iluminar. Assim que a modernidade se expressava não apenas como uma consequência, mas como uma experiência, diversa na sua apreensão pelos sujeitos. O estudo foi neste espaço público enfrentando o desafio de “relacionar os fragmentos de uma realidade particular e compreender estas trajetórias situando-as no contexto mais global do espaço urbano” (p. 315), nesta “província planetária”, como afirma Antônio Risério (2004), que preza, desde as suas origens, pela miscigenação de tradições, diversidades e modernidades.

Sobre a égide do mundo *light*, o corpo, o comer, a comida e os alimentos estão sendo reinterpretados, reinventados, sendo alguns excluídos, outros reintroduzidos e outros ainda sendo transformados a fim de se adequar a esta nova ordem corporal e alimentar. Por outro lado, corria-se em paralelo, a reinvenção das tradições alimentares na busca de afirmação de identidades, mas também estimuladas pelos investimentos turísticos produzindo ícones alimentares.

Assim, retornei às atividades acadêmicas em 2006, depositando a tese para a defesa que aconteceu em 27 de maio de 2006. Neste mesmo dia, iniciava as comemorações do cinquentenário da ENUFBA, que fora fundada em 28 de maio de 1956. Acreditava que seria a melhor forma de comemorar esta data histórica para a instituição em que eu trabalhava. Minha defesa não tinha audiência, salvo a própria banca composta pelas professoras Maria Helena Villas Boas Concone, Josildeth Gomes Consorte, ambas da PUC-SP, Leila Marrach Basto de Albuquerque (atualmente da UNESP) e Silvia Jane Zveibil (USP).

Finalizada a defesa, caminhei pelo bairro de Perdizes, quase como uma despedida da PUC e de São Paulo. Tomei um café e entrei em uma livraria. Me presenteei, com muita felicidade em ter me tornado uma doutora em Ciências Sociais, com três dos quatro volumes da coleção Mitológicas de Claude Lévi-Strauss – *O cru e o cozido*, *Do mel às Cinzas* e *A Origem dos modos à mesa*, traduzido por Beatriz Perrone-Moisés, publicados pela Cosac Naify e, no dia seguinte, embarquei para Salvador...



INTERLÚDIO III
OS TEMPOS DE PROFESSORA DOUTORA
PESQUISADORA ENUFBA
(2006-2022)

Perdi o medo do papel e da caneta
Perdi o medo das teclas e das telas
Perdi o medo de me vê na minha escrita
 Que reflete meu pensar
Submete-me ao jogo da humildade e paciência
Do respeito às letras que olho para mim
 Respeitando-me mais
Suplantando a baixo estima com amor próprio
 Confiança e coragem
De me desnudar através dos parágrafos
 Que deixam nas entrelinhas
 As nuances da minha alma
 Perdi o medo de me ver
 Com as qualidades e defeitos
Que Deus me deu e eu as assumi

Salvador, maio 2006

As boas filhas sempre estão voltando: retornando à ENUFBA (2006-2022)

O retorno à ENUFBA já indicava novos ares bem distintos daqueles quando sai. Em apenas quatro anos, as políticas educacionais e de ciência ofertavam oportunidades de financiamento de pesquisa, concursos, e a ENUFBA já havia reaberto o seu Programa de Pós-Graduação em 2004. Interessava-me ingressar na pós-graduação, embora não soubesse ainda como iniciar este processo. Neste mesmo ano, em junho de 2006, recém-doutora, fui participar como ouvinte de um evento histórico no campo das pós-graduações em nutrição no Brasil: I Fórum de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Nutrição, em junho de 2006, na cidade de Salvador. Foi uma iniciativa importante dos Programas de Pós-Graduação em Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que contou com o apoio da CAPES, que deu início a uma luta coletiva para a criação da área de Nutrição da CAPES, luta a qual irei acompanhar com alguma proximidade e que relatarei mais adiante. Naquele momento, somente observava, pesquisadoras e pesquisadores já consolidadas(os) no campo, debatendo, discutindo, e eu tentando compreender os meandros do debate...

Também retorno a Salvador com dois artigos publicados em 2005 que me causam algumas projeções acadêmicas: um sobre o Projeto Político Pedagógico da ENUFBA ao qual já me referi, e outro artigo foi uma publicação que marcou a minha carreira – e marca até hoje: “Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis”, publicado pela Revista de Nutrição, em 2005. Este foi um artigo no qual busquei, a partir dos documentos e publicações oficiais do governo brasileiro, refletir sobre a Educação Alimentar e Nutricional no contexto da promoção das práticas alimentares saudáveis, que era apontada como importante estratégia para enfrentar os novos desafios no campo da saúde, alimentação e nutrição. Foi um texto situado em um momento histórico no qual, por exemplo, a OMS já havia publicado, em 2004, o documento sobre a “Estratégia Global em Dieta, Atividade Física e Saúde”, período em que vai se consolidando uma nova preocupação para o campo da alimentação e nutrição, a promoção da alimentação saudável com a relação dieta, alimentação saudável e doenças crônicas e não transmissíveis no âmbito das políticas públicas no Brasil. Uma frase representativa da conclusão deste artigo era que “a EAN estava em todos os lugares e ao mesmo tempo em lugar nenhum”.

O texto, hoje eu o interpreto, assim como interpreto a sua repercussão, era um convite a reflexão sobre o que, concretamente, estávamos conceituando e agenciando como Educação Alimentar e Nutricional. As frases de que “precisamos educar as

peças a comer”, não revelavam os entremeios das distintas perspectivas de educação a serem tomadas – ainda quando Paulo Freire é evocado nas referências. Essas publicações me colocaram no cenário do campo da nutrição brasileira, participando de eventos, congressos, dentre outras atividades. E penso que, neste processo, algo marca a minha produção intelectual: não efetivamente fornecer respostas, mas sim, entrever de outros ângulos e provocar reflexões sobre o que manejamos no cotidiano do campo da alimentação e nutrição. Esta seria uma tarefa difícil para o campo tradicionalmente vinculado a pesquisas que trazem respostas, sejam de desvelamento das causas dos problemas e/ou das respostas mais assertivas de soluções. A dinâmica da produtividade acelerada, do pragmatismo intelectual aliada a urgências dos problemas oferta um risco da redução da reflexividade e da criticidade.

Aos poucos, o lugar do “entre” foi me oferecendo ferramentas de traduções, conexões na busca de aliar as discussões teóricas advindas do campo das ciências sociais e humanas à realidade cotidiana do fazer ciência e do fazer profissional na saúde e nutrição. Aos poucos, fui me dando conta que o lugar do “meio”, do “entre” – nem tanto nutricionista, nem tanto cientista social – era, sim, um lugar legítimo e fértil. Conhecer os enredamentos da nutrição por meio da escuta cotidiana de colegas e estudantes me levou a outro lugar distinto, que irá contornar uma pergunta futura: o que singularizava produzir ciência a partir das ciências sociais dentro da saúde e nutrição? Aqui não desconsidero a larga produção das ciências sociais em saúde, considero a singularidade das ciências sociais e humanas em alimentação e nutrição que nem sempre dialoga com os mesmos interlocutores das ciências sociais e humanas que a saúde dialoga...

Precisamos reformar o currículo! Assumindo a coordenação do colegiado de graduação em Nutrição

Mal retomei as minhas atividades na ENUFBA, já fui instada para assumir o colegiado do curso de graduação em Nutrição. Me interessava o cargo já que gostaria de retomar o trabalho com a reforma curricular. Todavia, decidi que só faria isso após a minha defesa, portanto, no semestre seguinte. Assim, em setembro de 2006, iniciei um mandato de dois anos à frente do colegiado, enfrentando uma pluralidade de desafios na gestão. A gestão sempre é uma oportunidade de fazer políticas educacionais e pedagógicas, administrar conflitos das mais diversas ordens, gerir um cotidiano ordinário marcado por burocracias e modos distintos de fazer no espaço público.

Desafiava encontrar estratégias de inclusão – recordo aqui a política do coeficiente de rendimento como critério “meritocrático” para o processo de matrícula que,

por seu turno, excluía aqueles que por quaisquer motivos não conseguiam obter os desempenhos esperados. As universidades públicas brasileiras, particularmente as “federais”, não eram inclusivas, suas políticas se voltavam para os “bons”. Também aprendi sobre pessoas com deficiência com a experiência de uma estudante cadeirante, com a qual nem a ENUFBA e nem eu sabíamos como lidar (a UFBA não sabia lidar...). Aprendi a escutar mais ainda os alunos, seus anseios e novas gerações. Já com mais de dez anos de instituição, sentia as mudanças geracionais da época.

Há de se contextualizar que estávamos em meio a mudanças significativas do ensino superior no Brasil por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), cujo principal objetivo era ampliar o acesso e a permanência na educação superior, promovendo assim uma expansão não só física como acadêmica e pedagógica em todo país. A meta de ser “inclusiva” – criação da política de cotas, cursos noturnos, instituições interiorizadas – não foi um processo fácil de discussão no interior das instituições, tampouco sua efetivação, uma vez que envolve toda uma cultura meritocrática e elitista, e todo um aparato institucional não estruturado para ser incluyente.

Os desafios enfrentados dentro da própria UFBA, situada na cidade considerada mais negra fora da África, para instituir a política de cotas foi emblemático, considerando as diferentes vozes que alegavam pôr em risco a qualidade de “excelência”. Isso impactava no cotidiano das práticas de gestão universitária e na própria gestão da sala de aula. Ainda não se ouvia neste período falar de modo mais presente e contundente sobre racismo dentro da instituição, tal como hoje...

Esta tarefa será, possivelmente, resultante dessas políticas inclusivas ao ensejar discussões em sala de aula problematizando que o “poder das cotas” não era simplesmente de acolher estudantes pobres, indígenas e negros na cultura universitária vigente. Antes, seria o poder que a “presença” dos estudantes cotistas teria em sala de aula para redimensionar as relações de poder e de saber e de ser. Por exemplo, a universidade falar sobre a fome por aqueles que não passaram pela fome se distingue substancialmente quando aqueles que conhecem a experiência da fome passam a produzir saberes a partir deste lugar. Redimensiona-se esta ciência...

E foi neste período no qual, exercia a função de coordenadora do colegiado de graduação em nutrição, que recebemos um comunicado do INEP informando uma visita de avaliadores para o credenciamento do curso de Nutrição. Fomos na instituição tomadas de surpresa, uma vez que a avaliação do INEP era comumente considerada um sistema de avaliação para as instituições privadas. Isso gerou resistência que tal processo fosse instituído em nosso curso por parte dos seus pares, que, durante os seus 50 anos, nunca havia recebido uma visita do MEC, somados ainda a ideia corrente de que este era um dos melhores cursos do país.

Pondero que a minha experiência como avaliadora, conhecendo os processos e a proposta do INEP, junto aos esforços de qualificar também este processo de avaliação, pode ter colaborado tanto para dialogar como para “convencer” colegas de que havia seriedade no processo, como para a força tarefa de organizar o curso, as documentações, o preenchimento dos relatórios necessários para que a avaliação procedesse da melhor forma possível. Estava do outro lado do processo. Eu que tanto vi as tensões que cercavam as coordenadoras neste processo de visita, estava tomada por esta experiência. Considerando que o colegiado havia passado por algumas crises frente à ausência e/ou muitas mudanças de coordenadores, dentre outros fatores, foi desafiador a busca e organização deste processo, o que tomou boa parte do trabalho nesta gestão. Ao final, conseguimos realizar a contento e ainda ganhamos na organização de alguns materiais da memória do colegiado.

O decurso da reforma curricular culminou em uma proposição – na verdade, a continuidade da anterior, sendo atualizada, debatida e discutida no novo contexto. Um grande desafio nestas delongas da discussão é que com o grande fluxo de docentes afastados para realizar a pós-graduação¹², tínhamos sempre um quase que “eterno recomeçar”. A proposta então passou por outros crivos, debates em pequenos grupos de interesse, ajustes, e uma reunião ampliada convocada pela Congregação para a sua aprovação. Saí da coordenação do colegiado com esta proposta a ser viabilizada nos processos formais da ENUFBA e junto aos institutos. Algumas mudanças já haviam sido feitas, mobilizadas pela visita do INEP. Entretanto, houve uma nova discussão com o novo colegiado que não reconheceu a legitimidade da aprovação e iniciou-se um novo ciclo de revisão...

“Eu tô te confundindo pra te esclarecer”: reconfigurando as aulas em círculo

Retomei também as atividades de graduação, tendo atuações no estágio de Nutrição Social e na disciplina de Educação Nutricional, e em outras disciplinas como, por exemplo, Deontologia da Nutrição. Nelas se fazia sentir a presença das ciências sociais na sua construção, entremeadas desses saberes para os estudantes de nutrição. Seguiu o processo de reflexão a partir deste entrelugar, e era alimentada pelas demandas postas nos saberes e fazeres da nutrição...

12 Este também foi um momento político de investimento para titulação de todas(os) docentes da ENUFBA.

Nos estágios de Nutrição Social, desenvolvemos ações valorizando as atividades com a comunidade, como exemplifico na atividade sobre o consumo de frutas e verduras. Em lugar das usuais palestras, ensaiamos com as comunidades um trabalho recuperando a memória alimentar dos territórios, discutindo como o processo de adensamento populacional dos bairros populares de Salvador, ao menos das áreas centrais da cidade, foi desmatando e eliminando os quintais, as árvores frutíferas, assim como os galinheiros, a criação de porcos, as hortas, dentre outros provimentos alimentares, dando lugar a um outro modelo de comércio de alimentos que ampliava as grandes redes de supermercado.

Discutimos, a partir desta memória, o lugar das frutas nas práticas alimentares contemporânea (ainda não estava em voga a discussão sobre a agricultura urbana, produção orgânica, tal como hoje). Junto às usuárias, as escutas, a centralidade da pessoa no lugar da dieta, a relação com o comer e a comensalidade, eram pautadas, por vezes, com estranhamento das estudantes, uma vez que a temática das culturas alimentares não fazia parte de modo orgânico da formação. Destaco a disciplina de Educação Nutricional, a qual já havia assumido algumas vezes substituindo a professora Maria do Carmo; na ocasião de sua aposentadoria, me tornei a docente desta disciplina. Trazer a temática do corpo, do comer e da comida era instigante e demonstrava o tamanho desafio que se avizinhava. Repito a pergunta: como articular estes saberes oriundos das ciências sociais e humanas com os saberes da saúde e nutrição?

Tal processo também se configuraria quando, levada pelas mãos da professora Maria do Carmo, participei como docente de um curso de Aperfeiçoamento sobre Alimentação e Cultura, coordenado pela Fiocruz de Brasília, através de Denise de Oliveira e Silva, em parceria com Maria do Carmo. Foram várias edições ocorridas no Rio de Janeiro, Brasília e Salvador nas quais participei como docente, debatendo o tema “O corpo, o comer e a comida”, fruto da minha tese de doutorado. Naquele período, era um tema “novo” para as nutricionistas e despertava interesse. A partir deste curso e capitaneada pela profa. Maria Eunice Maciel, antropóloga e professora da UFRGS, foi se constituindo uma rede de nutricionistas interessadas pela antropologia e pelo tema da alimentação e cultura.

Na hora de criar o grupo de pesquisa: emerge o NEPAC

Nesta esteira, alimentando as experiências e aprendizagens no percurso doutoral, decidi criar um grupo de pesquisa que se intitulou Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura. Convidei as professoras Maria do Carmo e Nilce de Oliveira, socióloga que trabalhava neste momento com o tema, juntamente com o professor

Ângelo Góes, que havia desenvolvido uma tese de doutorado no ISC/UFBA sobre o McDonald's em Salvador, para integrarmos este grupo. Convergíamos no interesse sobre as práticas alimentares e comer contemporâneo na modernidade. Surge o que se transformou no terreno no qual sementei todo o meu trabalho intelectual de investigação, o NEPAC, que merece um capítulo à parte nestas memórias...

Contrariando as orientações para docentes que desejam ingressar na pós-graduação, decidi transformar minha tese em um livro, publicado pela Edufba, em 2008. Tenho muito presente na memória a felicidade desta publicação, em um evento de noite de lançamento, ocorrido na Galeria Cañizares da Escola de Belas Artes da UFBA, ao som de Dorival Caymmi. Nasceu uma obra que teve uma boa aceitação pelo público. Até os dias atuais, recebo comentários de algumas pessoas, novos leitores, o que tem me feito pensar, nos últimos anos, em uma nova edição... Nunca reli esta obra, salvo trechos que busquei para compor algo. Penso que seria o momento de fazê-lo e não consigo imaginar como seria este encontro entre mim hoje e a obra de quase 15 anos atrás.

Ensinar é preciso, pesquisar não é preciso! Ingressando na pós-graduação (primavera de 2008)

Em 2008, já tendo manifestado o interesse e desenvolvendo algumas atividades como colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde, a coordenação convocou uma reunião com todos os docentes e anunciou o acolhimento de novos membros, e eu estava entre estes. Surpreendeu-me. De fato, desejava, mas não me sentia ainda tão preparada. Surpresa maior ainda foi o anúncio da finalização do mandato de duas professoras bastante experientes, cujo momento da carreira estava umbilicalmente imbricado na pós-graduação desde a sua criação. Creio que a ENUFBA não imaginava outras pessoas assumindo esse posto de tamanha envergadura e desafios. Dá-se a eclosão de uma crise relacionada à assunção deste cargo.

Ao lado destas professoras experientes, o corpo docente do programa era composto por membros muito jovens. Ademais, este era um momento em que a CAPES parecia se apresentar como uma instituição enigmática, da qual todas nós parecíamos temer a tal “avaliação da CAPES”. Não sabíamos ao certo como funcionava a avaliação, considerando, ainda, que os cursos de pós-graduação em nutrição estavam incluídos na área de Medicina II, e sequer sabíamos ao certo quem coordenava a área. Dentre as “inexperientes”, a mais antiga era a professora Jairza Medeiros que, por seu turno, não se sentiu encorajada para assumir o cargo. Após longas discussões

e possibilidades de arranjo, me prontifiquei a colaborar com a professora Jairza na condição de vice-coordenadora, na esperança de que as experiências com a gestão dada anteriormente pudessem colaborar nesta nova empreitada.

E assim, galgamos uma longa e árdua estrada de conhecimentos sobre os entremeios da Capes, de seu funcionamento, da administração de um curso de pós-graduação. Este caminho foi traçado pelas linhas do Relatório CAPES que estava em vias de ser produzido quando assumimos. Sem saber muito por onde começar, surgiu a proposta – “vamos nós duas preencher o relatório CAPES!”. Proposição esta que surpreendeu colegas, talvez, duvidando da possibilidade de, efetivamente, darmos conta. Foi uma profunda experiência, um mergulho intenso e um desvelar, através daquele complexo formulário, de políticas, implementações, ações e estratégias gerenciais, não só do PPGANS, mas dos cursos de pós-graduação. Abriu-se um novo universo e é inesquecível os dias e horas destinados a decifrar os “códigos secretos” do Relatório CAPES. Conseguimos realizar o nosso intento e o curso permaneceu com a nota 3. Dois anos depois, assumiria a coordenação, no mandato de 2010-2012, período de gestação do doutorado. Volto a este ponto muito em breve.

Antes, importante registrar a continuidade da articulação da Rede de Alimentação e Cultura, com a participação de pesquisadores internacionais e a realização dos cursos de aperfeiçoamento. Foi bem oportuna esta articulação e a divulgação dos desdobramentos da tese de doutorado, no campo do corpo, do comer e da comida, ampliando o escopo de minha participação em bancas de qualificação e de defesa de dissertações e teses em distintas instituições brasileiras, assim como em cursos pós-graduação de outras áreas do conhecimento. O tema do corpo dentro da Nutrição parecia um tema novo, pouco explorado ao menos a partir da ótica das ciências sociais.

Em 2008, realizamos um evento internacional de Alimentação e Cultura com a presença de pesquisadores e pesquisadoras nacionais e internacionais, ocorrido no belo Auditório da Escola de Medicina no Terreiro de Jesus. Creio que foi a primeira vez no Brasil que se reuniram, em um mesmo espaço no Brasil, Claude Fischler (EHESS/França); Jesus Contreras Hernández (Universidad de Barcelona/Espanha); Mabel Gracia-Arnaiz (UVR/Espanha); Mirian Bértran (UAM/México); e pesquisadoras brasileiras, como Rosa Wanda Garcia (USP/SP; Madel Luz (UERJ/RJ); Denise Oliveira e Silva (Fiocruz/DF); Maria Eunice Maciel (UFRGS), dentre outras pesquisadoras. Este grupo de pesquisadores e pesquisadoras conformou a Rede Internacional de Alimentação e Cultura, que passou a realizar encontros no Brasil durante alguns anos sucessivos sempre tendo convidados os parceiros internacionais. A organização deste evento, de modo tão artesanal, tendo estudantes e professores como equipe que o estruturou do início ao fim e, ainda com pouco recurso, foi uma experiência inestimável e momento de conformação de parcerias nacionais e

internacionais. A inexperiência deixou este encontro sem registros, poucos rastros, ficando tão somente na memória dos que participaram e os laços que foram construídos a partir dele.

E o Relatório Sucupira? Compondo a coordenação do PPGANS (2008-2012)

Somada um pouco mais de experiência como vice-coordenadora, ao lado do exercício de preenchimento da plataforma do Relatório Capes, assumi a coordenação da Pós-Graduação, fazendo um rodízio com a profa. Jairza, com mandato de 2010-2012.

Esta atuação foi quase que concomitante a minha participação na coordenação do Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Alimentação e Nutrição entre os anos de 2011 e 2013 juntamente com a coordenadora e a vice – Rossana Proença (UFSC) e Shirley Prado (UERJ), dividindo a secretaria executiva com Kenya Baiocchi (UnB). Não considero a minha participação expressiva neste grupo de pesquisadoras tão experientes em pesquisa e gestão de pós-graduação. Entretanto, este convívio não só com as colegas da coordenação, mas com os coordenadores, foi um aprendizado importante sobre pós-graduação e pesquisa, sobre o delineamento do campo da Nutrição neste cenário, sobre as instituições a exemplo da CAPES e CNPq bem como mais um espaço de luta pelo reconhecimento do campo de estudos qualitativos e das ciências sociais e humanas na área. É digno de nota as poucas pesquisadoras deste campo nestes espaços o que tornava uma luta muito árdua com as poucas colegas para sermos ouvidas. Exemplos destas lutas foram a instituição de uma linha na CAPES destinada ao campo “Ciências Sociais e Humanas em Alimentação e Nutrição” e o Qualis Livro a ser assumido pela área.

Tentei estruturar um plano de ações para os dois anos de mandato no PPGANS, todavia, fui atravessada por uma situação que reconfigurou este plano, ou melhor, lhe conferiu contornos acentuados. Estava presente em um encontro de coordenadores da pós-graduação em Nutrição, agora já com a área recém-criada, em 2011, o coordenador *pro tempore*, o prof. Egberto Gaspar de Moura. Antes de iniciar a reunião, nos apresentamos brevemente e, de imediato, o professor destacou preocupação com a continuidade da nota três na avaliação próxima bem como a probabilidade de descontinuidade do nosso programa. Tal alerta foi objeto de profunda preocupação – melhor seria dizer, apavorada – diante da responsabilidade que me cabia naquele momento, estando como coordenadora, em evitar que tal situação se procedesse. Retornei tomando esta missão na bagagem.

Procedi a realização de uma reunião com as colegas do programa, avaliando o que poderia ser feito, perscrutando as vias de “salvar o programa”. Três pontos foram essenciais no desenho de ações, buscando com que este processo fosse o mais dialógico possível e acordado.

O primeiro foi uma articulação mais próxima com as instâncias superiores – PROPG da UFBA e a coordenação de área da CAPES –, com vistas a discutir abertamente os pontos frágeis e as possibilidades de qualificar o programa. Um dos resultados foi a criação de comissão externa para avaliação do credenciamento e reconhecimentos e, quando oportuno, ao mesmo tempo, apresentar a proposta de doutorado. Para tanto, estruturamos uma comissão para avaliar a proposta em construção.

Segundo, foi a instituição de uma política de reconhecimentos e credenciamento do corpo docente, aspecto mais difícil de desenvolver dado o impacto na vida acadêmica dos professores. Desenhamos alguns princípios: manutenção do corpo docente ao máximo possível, respeitando trajetórias e envolvimento de cada um no programa; atender aos critérios da CAPES, partindo do pressuposto que nenhum descredenciamento ou até reconhecimentos seria definitivo; apontar estratégias coletivas de reinserção dos docentes, caso desejasse, até porque, ainda há um fosso entre as atividades de graduação, de extensão e as de pesquisa e pós-graduação. Parecia, na época, e talvez com resquícios até hoje, que a pós-graduação funciona fora da universidade com autonomia e princípios que ultrapassam a instituição.

Decerto que temos a CAPES, mas não podemos inferir que os programas de pós-graduação são instâncias autônomas da universidade. Partimos da ideia de que a pós-graduação e a pesquisa não são instâncias ou atividades “supremas” e, que os programas pertencem a instituição – unidades, escolas e departamento –, logo, todos são responsáveis pelo programa que, direta ou indiretamente, atuam. A pós-graduação não pertencia aos docentes a ela vinculada e, sim, organicamente a instituição, imbricada com as instâncias e as demais atividades, de modo indissociável. Buscava-se prevalecer a ideia de um coletivo. A ideia de coletivo, na sua profunda essência, como um devir, persegue a minha trajetória... Este não foi um processo fácil, exigiu muito diálogo, muitas reuniões, argumentos e justificativas, para minimizar os impactos que o descredenciamento provoca nos docentes. O corpo docente foi reconfigurado.

Uma terceira estratégia foi a realização de uma Oficina de produção de artigos. Esta surgiu da constatação de que a experiência de coordenação é árdua, entretanto, permite muitos aprendizados, dentre os quais conhecer a funcionalidade complexa da CAPES, a lógica e os princípios que regem as suas regras e os modos de avaliação. Naquele momento o processo avaliativo era muito nebuloso e estávamos ainda vinculados, no decurso do ciclo avaliativo anterior, a outra área, cuja possibilidade de diálogo era diminuta. E, para mim, esse movimento se revestia de importância,

em função da ação dos docentes ser realizada em forma de rede colaborativa. Isto porque, os nossos projetos tendem a ser individuais ou com poucos pesquisadores que se afinam, mas parece haver algo que chamaria de “solidão” do pesquisador ou do seu núcleo de pesquisa. Considera-se ainda a maturidade de programas de pós-graduação em nutrição que, até os anos de 1995, tínhamos – apenas cinco programas, chegando a um crescimento expressivo no decurso dos anos 2000, chegando a 18 em 2011¹³, e hoje são 37 programas. Tal ponto nos levava a ter pouca autonomia científica enquanto gestores de projetos – capacidade de captação de recursos, embora fosse ampliada ainda se tornava um ponto frágil, dentre outros aspectos.

Saindo de um lugar que reconhece a dificuldade de produzir publicações, começamos com interrogações simples: por que não estamos publicando a altura do esperado pela CAPES? E iniciamos um olhar retrospectivo: Não estamos publicando porque não submetemos o suficiente? Por que submetemos e os nossos artigos têm sido recusados? Se sim, por que eles têm sido recusados? Inadequação das revistas escolhidas para submissão? Conhecemos o elenco das revistas que impactam para a nossa área? Não está bem escrito? Temos bons resultados, mas não estão bem apresentados? Os dados não estão robustos? Por que os dados não estão robustos? Nos falta financiamento apropriado para qualificar a produção dos dados? O que fazer com a falta de recursos? Devemos buscar financiamento de outras fontes – internacionais? Devemos investir em artigos de revisões etc.? Podemos criar parcerias inter e extra pesquisadores do programa para qualificar os nossos artigos? Que estratégias podem ser usadas? Podemos pensar nestas estratégias observando amiúde os critérios da CAPES – o Qualis da revista, discente/docente? Não temos recursos financeiros para publicar? Quais revistas exigem taxas de publicação? O que fazemos com os artigos recusados? Quantos artigos recusados temos no programa? E assim seguimos... até construir planilhas de manuscritos e artigos recusados. Estabelecemos parcerias mais coletivas para investir nestes artigos e tentar ampliar as publicações em tempo ágil, ou seja, nos dois próximos anos que restavam para o fechamento do triênio.

Também debatemos sobre intercâmbios e parcerias internacionais, no entanto, estas são iniciativas mais singulares do que uma ação coletiva do programa. Avalio que esta estratégia colaborou, de alguma maneira, para estabelecer parcerias entre os docentes que perduram até hoje.

Estas ações também culminaram em uma reunião para a qual convidamos os coordenadores da CAPES, o Pró-Reitor de Pós-Graduação, prof. Robert Verhine e

13 KAC, G; PROENÇA, R. P. da C.; PRADO, S. D. A criação da área “nutrição” na Capes. *Revista de Nutrição* [online]. 2011, v. 24, n. 6, p. 905-916. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-52732011000600011>. Acesso em: 3 jan. 2023.

o coordenador de ensino, Ronaldo Oliveira. O apoio destes foi crucial nos caminhos de fortalecimento do programa no triênio. Foi nesta reunião que o coordenador da área da CAPES, nos sugeriu que, além dos investimentos para o aumento do conceito do programa, apresentássemos de pronto a proposta de doutorado para ser avaliada. Caso o programa elevasse a nota, poderíamos ter, concomitantemente, o doutorado avaliado, não necessitando esperar outro triênio. De imediato, acatamos a sugestão e uma comissão interna foi criada para esta construção tendo, em seguida, a formação de outra comissão externa para avaliar a proposta. Foi um investimento hercúleo nestes dois anos que exigiu uma profunda dedicação e empenho. Porém, logo após a finalização do nosso mandato, foi divulgado o resultado: o nosso conceito foi para nota quatro e o doutorado foi aprovado. Não me contive. O meu silêncio de felicidade e a sensação de “dever cumprido”, de ter contribuído para este êxito histórico para a ENUFBA foi inenarrável...

110

— Necessito, a esta altura desta escrita memorial, retomar as minhas atividades de pesquisa e, com ele, o NEPAC, no qual se constituiu – e se constitui até hoje, conforme já anunciado anteriormente – o território no qual o meu trabalho – ensino, pesquisa, formação e extensão – se fundamenta, no qual também constitui o que eu sou enquanto professora investigadora. Minha régua e compasso... O NEPAC tem sido o maior laboratório nesta empreitada acadêmico-científica, um caldeirão que envolve afetos, relações, produções, e uma trama vivencial...

O NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ALIMENTAÇÃO E CULTURA (NEPAC)

PARTE 01

Vamos conquistar o mundo e a Bahia também! A criação do NEPAC e primeiras atividades (2006-2012)

Como já aludido anteriormente, depois da minha tese de doutorado, que pavimentou estes novos caminhos na minha carreira, busquei estratégias para atuar. O tema da tese segue ainda sendo um dos principais fios condutores, ainda que adquirindo distintos contornos e tonalidades – sejam temáticos, teóricos ou metodológicos e até, mais recentemente, epistemológicos. Deste fio condutor aflora rizomas temáticos que serão explorados em pesquisas vindouras: aprofundamentos de temas com corporalidade e comensalidade e as suas correspondências com sociabilidades, identidades, gostos alimentares, gênero, patrimônio, alimentação saudável, modernidade e tradição, dentre outras.

Como consequência destas preocupações temáticas e, na tentativa de dar continuidade aos estudos, é que emergiu o NEPAC, criado em 2006. Contamos, como já aludido antes, com as docentes Maria do Carmo, Nilce de Oliveira e Angelo Goés que colaboraram em alguns momentos e projetos até as suas respectivas aposentadorias. A proposta foi convidar todos e todas que, de alguma maneira, se aproximavam deste campo. Somente a partir de 2010, contamos com a integração do professor Vilson Caetano (ENUFBA), hoje cuidando de uma nova linha intitulada Alimentação, Sociedade, História, Cultura e Religiosidade, criada em 2019; e com a profa. dra. Micheli Dantas da UFRB, docente e instituição com a qual o NEPAC

trabalhou a grande maioria dos seus projetos em parceria. O NEPAC vem congregando, ao longo da sua história, majoritariamente nutricionistas, pesquisadores(as) e estudantes de graduação e pós-graduação em Nutrição, pesquisadores em intercâmbio e pós-doutorado, que se enveredaram para transpor as barreiras das ciências da nutrição e da saúde, a fim de dialogar com as ciências sociais e humanas na tentativa de se aproximar do entendimento da complexidade que envolve o comer, alimentar e nutrir como atos profundamente imbricados; acreditando que somente uma abordagem interdisciplinar, cada vez mais transdisciplinar, nos possibilita este exercício compreensivo para entender a relação do homem com seu alimento e a sua comida na contemporaneidade.

O NEPAC, grupo hegemonicamente composto por mulheres, – o que parece fugir dos pesquisadores atuais na área de antropologia da alimentação aqui na Bahia – atua em concomitância com a graduação em nutrição – e agora em gastronomia – e a linha de pesquisa do PPGANS – Alimentação, Cultura e Saúde, compartilhada com a profa. Maria do Carmo Soares de Freitas e, a partir de 2019, com Micheli Dantas Soares. No ano de 2023, tanto o NEPAC como a linha do PPGANS adensam-se com novos docentes recém-ingressos na ENUFBA, fruto de uma árdua luta por ampliação de professores com uma diversidade temática que, de algum modo, tem sido favorecida pelo crescente reconhecimento da alimentação e cultura no campo das políticas e ações em alimentação e nutrição.

Desde que retornei à ENUFBA, como doutora em 2016, submeto projetos de pesquisa a editais de financiamento, basicamente da FAPESB¹⁴ e do CNPq¹⁵, sem êxito neste início. Eu sempre parti do princípio de que as dificuldades de financiamento seriam ampliadas pelo fato de estar inserida em uma área não prioritária no campo da saúde, ou melhor, não reconhecida como objeto de investigação. Recordo que na minha primeira submissão na FAPESB, recebi um parecer informando a não prioridade de projetos “individuais”. Lastimei por não saber dessa condição tão importante que estava sendo valorizada pela agência (e com a qual estou em pleno acordo): o trabalho em rede. Perguntava aos colegas mais experientes se já sabiam dessa informação,

14 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, fundada em 2001, que se constitui em uma agência de indução e fomento à pesquisa e à inovação científica e tecnológica do estado da Bahia que visa fundamentalmente apoiar projetos vinculadas a esta natureza. Está vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação – Secti do Estado da Bahia.

15 O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, fundação pública vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações do Governo Brasileiro cuja atribuição central é fomentar a pesquisa científica, tecnológica e de inovação, assim como promover a formação de recursos humanos de pesquisadores.

pensando quais eram os canais de colaboração com professores emergentes, considerando a opção por uma outra área ainda um tanto “estranha” ao contexto.

Isso me marca até os dias atuais, quando vejo os docentes recentes na escola e tento me colocar disposta para acolher, informar sobre processos e institucionalidades que julgo ser interessante compartilhar das experiências vividas. Entendo isso como dever institucional. Em síntese, eu buscava não desanimar, estudava os editais e pareceres, entrava em contato buscando mais informações na tentativa de me qualificar para a submissão destes projetos...

Saboreando o primeiro projeto de pesquisa no tabuleiro da baiana

O meu primeiro trabalho de pesquisa contando com financiamento saiu de uma parceria, fruto de uma união de esforços de pesquisadoras e pesquisadores de dois Núcleos de Pesquisa da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia – Alimentos, Alimentação e Saúde e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura – e a colaboração de um pesquisador do Centro Federal de Pesquisa em Nutrição e Alimentos, Karlsruhe, Alemanha, em torno de um desafiador exercício de promover um diálogo entre as “abordagens quantitativas e qualitativas” no campo da saúde, alimentação e nutrição. O projeto se intitulava *Uma imersão no tabuleiro da baiana: o acarajé, o azeite dendê e seus aspectos sócio-culturais e nutricionais*, que obteve o financiamento do CNPq e coordenava o subprojeto *O acarajé e a modernidade em Salvador: um estudo sócio-antropológico sobre os discursos e as práticas de consumo do acarajé na cidade de Salvador nos tempos da alimentação saudável*, parte integrante da pesquisa *Uma imersão no tabuleiro da baiana: o acarajé, o azeite dendê e seus aspectos sócio-culturais e nutricionais*.

Esta foi uma primeira tentativa de articulação de saberes, mediada pela profa. Purificação Araújo, que naquele momento fazia o seu doutorado já buscando a área de ciências sociais e da saúde, e pertencia ao Departamento de Ciência dos Alimentos. A profa. Deusdélia, que trabalhava com Dietética, estudando os aspectos nutricionais e microbiológicos dos alimentos, foi a coordenadora do projeto. Os dois subprojetos que compunham a investigação, caminharam com os seus passos e as suas equipes de trabalho. Tivemos oportunidade de realizar reuniões conjuntas que foram muito frutíferas para aprofundar a compreensão em como as ciências da nutrição eram também uma construção sociopolítica, a partir das descobertas, ainda que periféricas, de como operava a produção internacional dos conhecimentos sobre o dendê. Encantava-me quando a profa. Deusdélia trazia nas suas descobertas quem era o

maior pesquisador sobre o óleo de dendê no cenário internacional, um pesquisador da Malásia, e os enfrentamentos aos pesquisadores americanos que reconheciam o óleo de dendê como os óleos “tropicais”, como os causadores dos males alimentares que afligiam à população americana, o aumento dos níveis de colesterol. Deusdélia encontrava resultados contrários... Solidificava para mim como os saberes científicos estão dentro de um campo de saberes que eram colonizados. Infelizmente, não conseguimos apurar melhor estas interfaces dos saberes que seriam de grande valia, mas entendo que ainda é tempo de revisitar e recuperar tais processos... aludo sobre isso nas trilhas conclusivas desta escrita...

Assim, o projeto foi realizado entre os anos de 2007 e 2010 e conferia às margens pontilhadas do que viria a ser o NEPAC, nas tentativas de se aproximar do entendimento da complexidade que envolve o comer, a comida, a alimentação e o alimento, a corporalidade e comensalidade contemporânea, reunindo dimensões distintas destes fenômenos. Nesta proposta, o objeto de articulação deste trabalho foi a produção e comensalidade do acarajé na cidade de Salvador. Assim, este subprojeto destinou-se a estudar os discursos e as práticas de consumo do acarajé na cidade de Salvador e de Santo Antônio de Jesus, bem como as transformações e permanências das práticas de produção culinária e consumo desta iguaria ao longo da segunda metade do século XX. Buscou-se ainda compreender as práticas de utilização e aproveitamento do óleo de dendê sob a ótica das baianas de acarajé, identificando os critérios e regras culinárias construídas no cotidiano do saber-fazer destes sujeitos.

Foi com este projeto que obtive as primeiras bolsistas de iniciação científica – PIBIC, encetando a experiência de orientação de iniciação científica neste campo que trouxe uma pluralidade de desafios diante da perspectiva distinta daquelas que circulavam efetivamente da formação. Foram bolsistas do curso de Nutrição que participaram dos ciclos PIBIC entre os anos de 2007 e 2010 e muitas estão no NEPAC até os dias atuais.

Neste projeto também articulamos com uma experiência de extensão que nascia na UFBA, a Atividade Curricular em Comunidades – ACCS, um componente curricular que foi desenvolvido neste período. Cabe destacar que desde os idos dos anos 1990 a UFBA estava fomentando debates, discussões e fóruns em torno da própria formação nos cursos de graduação, bem como sobre a indissociabilidade das atividades ensino, pesquisa e extensão, em um momento de repensar a própria universidade. Dentre elas, o que seria a extensão da UFBA. As experiências de extensão empreendidas, a exemplo do Projeto UNI já aqui referido, buscavam estratégias de se organizar um outro fazer universitário na sua relação com a sociedade, inspiraram o projeto UFBA em Campo, criado em 1996, que buscou ressignificar a extensão da UFBA em uma interface mais ativa entre pesquisa, ensino e sociedade,

diferenciando-se daquelas práticas voltadas para “prestação de serviços”, e/ou realização de cursos e eventos. Muitos autores circulavam e inspiravam na época, desde Paulo Freire e a educação popular até Michel Thiollent e metodologia da pesquisa-ação, dentre outros.

O UFBA em Campo foi um grande empreendimento mobilizador de estudantes de distintas áreas. Tive oportunidade de participar da sua formulação, como integrante do Projeto UNI. Destaca-se que esse empreendimento nasce no contexto de reflexões do Fórum Nacional de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, em torno da perspectiva da extensão em sua dimensão acadêmica.

E é a partir daí que ocorre a institucionalização, até os dias atuais, do Componente curricular Atividades Curriculares em Comunidade dentro do qual coordenei (entre 2007.2 e 2008.2) uma proposta intitulada Acarajé e Modernidade Alimentar: um diagnóstico de produção, distribuição e consumo do acarajé na cidade de Salvador-Bahia. Essa proposta tinha o intuito de explorar territórios espaciais da cidade, utilizando recursos investigativos, observações etnográficas, entrevistas e aplicação de questionários. Foi ofertado para estudantes de nutrição, mas também de ciências sociais e artes, com vagas específicas, acolhendo também qualquer outra formação. Em todas as edições, junto a estudantes de diferentes formações – áreas de saúde, ciências sociais e artes –, desenvolvemos atividades nos bairros do Rio Vermelho, Liberdade, Centro Histórico e Itapuã, mapeando (hoje eu diria que estava mais para uma cartografia do que mapeamento) não só as baianas de acarajé como também espaços de comercialização dos gêneros e da produção da “massa” do acarajé, ao lado da associação das baianas. Recursos de fotografia e desenhos realizados pelos estudantes de artes plásticas, diários de campo e entrevistas exercitaram aproximações etnográficas que foram fundamentais para os futuros trabalhos do NEPAC. Reuniões com as baianas e a associação também foram desenvolvidas com o intuito de colaborar com ações que fossem pertinentes e relevantes para a preservação deste patrimônio. Infelizmente, o ACC foi interrompido com uma não aprovação de sua continuidade, alegando que seria um projeto de pesquisa e não de extensão, quando, a nosso ver, estávamos buscando articular as três dimensões do ensino-pesquisa-extensão.

Em síntese, neste projeto destacamos como o acarajé se localiza no centro de um intenso debate político-cultural entre o tradicional e o moderno, imbricando relações de classe, de gênero, de etnia e religião, este último conflito já foi noticiado em um jornal nomeando-o como a guerra santa da Bahia. O acarajé aparecia em um jogo entre o sagrado e o profano, o tradicional e o moderno, se estabelecendo em uma linha tênue entre se manter nos tabuleiros ou descer deles e tomar conta da cidade preservando o seu caráter icônico, simbólico e típico, mas se secularizando, embranquecendo e se elitizando.

Com o projeto Acarajé, nos aproximamos mais das ruas de Salvador – Pelourinho, Rio Vermelho, Liberdade, Itapuã, foram os principais cenários –, percorrendo as baianas artesãs e as já empresárias, observando o fenomenal acarajé de Cristo, e digerindo a sua “quase que perfeita” combinação com o ícone global: acarajé com Coca Cola. Nestas errâncias, fomos discutindo como se constrói o espaço público nas cidades, onde se situam as baianas e as interfaces do tradicional e do moderno. Neste projeto, o argumento era as tensões existentes entre os diferentes discursos sobre o tema, sendo a principal delas a tensão entre a patrimonialização alimentar e a promoção da alimentação saudável. Esta é uma tensão fundamental para os nossos trabalhos, considerando também outros objetos relacionados a alimentação escolar e outras políticas públicas que temos nos debruçado. Isto porque nas últimas décadas, os principais documentos normativos deste campo, oriundos do Ministério da Saúde, e do Desenvolvimento Social principalmente que norteiam ainda a Segurança Alimentar e Nutricional, tem progressivamente assumido a relevância da dimensão cultural no ato de comer, ainda que, a meu ver, não saibamos exatamente como lidar com essa discussão, já que o discurso do patrimônio e o discurso do saudável não necessariamente estão em harmonia.

116

Para o acarajé, esta tensão residia tanto no seu valor nutricional – como preservar uma iguaria que não integra a lista dos denominados alimentos saudáveis? –, quanto nas questões higiênico-sanitárias – como garantir na rua as condições higiênico-sanitárias preconizadas pela ANVISA? Estas duas tensões movimentaram a história da produção do acarajé na Bahia, particularmente nas primeiras décadas deste século. Aqui a higiene não estava no nosso horizonte como tema, mas surgiu com muita expressão no histórico de lutas e nos treinamentos das baianas. A higiene aparecia como algo dado, o mantra do “lavar as mãos” – mão que origina a palavra manipulador, e que recrudescer vertiginosamente com a pandemia da covid-19 –, é inquestionável para a ciência. É sempre bom lembrar que a higiene tem uma história e toda a sua produção científica legitimada poderia ser outra. O que temos hoje não é um mero fruto das “evidências científicas”, são consensos, negociações forjadas em uma relação de poder ainda que sejam supostamente as mais acertadas.

Assim, o NEPAC foi ganhando materialidade, compondo equipes e se transformando em um projeto. Grupos de discussão de textos sobre antropologia da alimentação, sobre etnografia e pesquisa qualitativa foram momentos importantes para pavimentar um caminho e posicionar mais ao centro da mesa outros modos de pensar nutrição na ENUFBA, de modo coletivo. Deste projeto derivaram trabalhos apresentados em eventos e congressos de antropologia, de geografia, da saúde,

e ainda, uma dissertação de mestrado que versava sobre a higiene dos sentidos e os sentidos da higiene para as baianas de acarajé. E assim foi adquirindo espaço, reconhecimento e acúmulos para trabalhos futuros.

O cinema, a comida e o comer (2006-2008)

Quando retornei à UFBA em 2006, as experiências cinematográficas iniciadas em Salvador e seguidas em São Paulo e França não saíram da mente. Tinha muito desejo de desenvolver algum projeto de extensão que envolvesse o cinema. Até que um dia, lendo um caderno cultural do jornal *A Tarde*, o Caderno Mais, que era publicado aos domingos ainda na modalidade impressa, vi uma matéria escrita por um crítico de cinema, também professor da Faculdade de Comunicação da UFBA, prof. André Setaro. Tomei a iniciativa de entrar em contato e expor minha intencionalidade de organizar um projeto com a temática de comensalidade e cinema. De pronto, ele aceitou o convite e se tornou um importante parceiro – diria curador – deste projeto.

Nasce o Projeto de Extensão “O Cinema, a Comida e o Comer”, cujo objetivo foi trabalhar com filmes cuja temática central girasse em torno da comida e do comer a fim de proporcionar, através de leituras cinematográficas, um debate em torno dos fenômenos da comensalidade no mundo contemporâneo. A proposta também visava possibilitar uma reflexão sobre a condição humana, caminhando entre as fronteiras da ciência e da arte. De 2006 até 2009, foram três edições pelo NEPAC e após foi reformatado para ser acolhido no Programa de Educação Tutorial de Nutrição – PET Cine Ciclo – a partir de 2010, o qual tratarei mais adiante. A contribuição de André Setaro foi central para a seleção de obras fundantes do cinema e a estruturação dos ciclos. Com ele aprendi muito sobre cinema. Cheguei a fazer alguns cursos de extensão sob sua condução, o que me ajudou a ampliar o olhar não somente para o cinema e as leituras cinematográficas, mas para o mundo e para os meus estudos no campo da alimentação.

Tivemos então um vasto arsenal cinematográfico sobre o tema, este aparecendo enquanto prazer e enquanto projeto suicida no filme *A Comilança* (*La Grand Bouffe*, Marco Ferreri, 1973, França/Itália); ou como elemento aglutinador e saneador dos conflitos familiares em *Comer, Beber, Viver* (*Yinshi nan nu*, Ang Lee, 1994, Taiwan); como manifestação do poder e da opulência em *Vatel* (*Vatel*, Roland Joffe, 2000, França/EUA); a comida como geografia da ação dramática em *O Jantar* (*La Cena*, Ettore Scola, 1998, Itália/França); ou a comida como fornecedora de estados de encantamentos em *Como Água Para Chocolate* (*Como água para chocolate*, Alfonso Arau, 1993, México). Tem-se ainda a comida como tom de realismo mágico deflagrador de

encontros e desencontros em *Chocolate* (*Chocolat*, Lasse Hallström, 2000, EUA); a comida enquanto celebração da vida em *A festa de Babette* (*Babettes Gaestebud*, Gabriel Axel, 1987, Dinamarca); a comida como fator integrativo nas desavenças humanas em *Tomates Verdes Fritos* (*Fried Green Tomatoes*, Jon Avnet, 1991, EUA); a comida como ingrediente do sexo, arte e humor negro em *O Cozinheiro, O Ladrão, Sua Mulher e o Amante* (*The Cook, the Thief, his Wife & her Lover*, Peter Greenway, 1989, França/Inglaterra/Holanda); e a comida na sociedade de consumo como combustível mortal em *Super Size Me, A Dieta do Palhaço* (*Super Size Me*, Morgan Spurlock, 2004, EUA).

Tivemos ainda o espetacular *Estômago*, a nossa obra brasileira, creio que a mais representativa do “gênero”, com um cunho antropofágico e até escatológico, o prazer em comer e a sedução, não sem conflitos. Nestes, a exemplo de *Simply Martha* (Mostly Martha, Sandra Nettelback, AUS-ALE-ITA-SUI, 2001) e *Bristô Romatique, o Jantar*, entre outros é mostrada a peculiaridade da cozinha – seja doméstica ou de um restaurante – e a mesa como os espaços – cenários das narrativas fílmicas, dentre outros que percorreram este arsenal.

André Setaro também foi importante pelo contato de debatedores qualificados. O seu nome abria portas e possibilitava um pronto “aceite”, especialmente daqueles que desconfiavam ou hesitavam em participar de um projeto oriundo da Nutrição. Isso apresentava para mim dificuldades em construir parcerias interdisciplinares e a disponibilidade de conversar com o diferente. Uma das edições foi organizada em parceria com a Sala de Arte que havia aberto, à época, uma de suas salas nas dependências da UFBA.

Desafios deste projeto também pairavam em promovermos deslocamentos das narrativas dos “filmes hollywoodianos” para os “filmes de arte” junto aos estudantes e a comunidade de nutrição, como ainda contrapor a uma tendência de relacionar o cinema e a comida com filmes em geral ou documentais. Sobre essa questão, André Félix, cineasta e um dos nossos debatedores, referiu a proximidade ao “cinema de terror”, ou seja, documentários que, se de um lado denunciava o papel da indústria de alimentos e dos *fast food* e os seus efeitos na saúde – talvez *Supersize* seja inaugurador do “gênero” –, por outro, as estratégias pareciam impedir um debate mais amplo do que as soluções normativas unívocas em relação ao “combate” ao risco do comer. Tais tendências cinematográficas corriam o risco de serem lidas superficialmente e digeridas pela afinidade com perspectivas também aterrorizantes do discurso nutricional. Pareciam funcionar com ilustrações das crenças já instituídas corroborando na medida em que se ampliava mensagens de risco e, por seu turno, creditava a elas a possibilidade de mobilização das pessoas em busca do saudável.

A dimensão estética da comida, as questões experienciais, do tocar, ver, ouvir que cada vez mais considero microrrevolucionárias de uma outra estética de mundo

pareciam ser secundarizadas...Tais suspeições eram levantadas e considerava que ampliava a tarefa do projeto: propor outros olhares ao fenômeno do comer no mundo da vida.

Assim, eram debates complexos e difíceis de colocar em pauta o que chamava das “dimensões socioculturais da comida”. Produzia em mim a noção cada vez mais consolidada do ato de comer como uma experiência que se dá ao longo da vida fazendo parte das biografias dos sujeitos e “não fora dela”. Assim, o ato de comer é um acontecimento, um gesto, portanto, passível de ser narrado de diferentes maneiras. A palavra, a imagem, o som e o gesto, captado pela imagem em movimento como no cinema. O gesto como forma de linguagem. Estes são elementos que compõem o universo filmico pleno de sentidos e significados que também me levaram a pequenos ensaios com outras formas de conhecimento artístico dentro do NEPAC. E a nutrição? o que teria relacionado a esta discussão? Devo trazer isso quando tratar do PETNUT...

O comer afro-barroco em Jorge Amado

Ainda buscando percorrer esta esteira do mundo das artes e do conhecimento artístico, Jorge Amado teve um protagonismo na construção da minha tese no entendimento da baianidade, a partir da sua literatura. Recordo o relato do meu ensino fundamental e o empobrecimento literário no qual Jorge Amado é partícipe através de uma obra intitulada Capitães de Areia. As demais obras projetadas passam a ser mais conhecidas pelas “traduções” em telenovelas e cinemas como Tieta do Agreste, Dona Flor e Seus Dois Maridos, e Gabriela Cravo e Canela. Fui, deste modo, no decurso da tese, instada a percorrer a obra de Jorge Amado.

Creio que foi a partir da leitura de caderno cultural de um jornal que me informei sobre um evento comemorativo sobre a obra de Jorge Amado – não estou certa, mas promovido por uma parceria entre a Casa Jorge Amado e a Fundação Pedro Calmon –, no auditório da Faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus, no qual me inscrevi. Nesta longa matéria, havia também um escritor romancista angolano o qual passei a ser leitora, José Eduardo Agualusa. Ele, como também Mia Couto, sempre quando oportuno, aborda a capilaridade da obra de Jorge Amado na África, influenciando toda uma geração de escritores do continente africano. Participei de todo o evento, algo que hoje não mais conseguiria fazê-lo, dada a lógica de trabalho que foi se avolumando ao longo do tempo. Sai muito animada para pensar um projeto que pudesse articular a literatura e a comensalidade.

Daí formulei o projeto intitulado o “Comer afro-barroco” para o qual nunca consegui financiamento direto, mas que compôs, *a posteriori*, uma das ações do PET/ENUFBA. Este projeto, costume dizer, segue os passos lentos evocados pelos artistas baianos no início do século XX. Constantemente, retorno a ele para alguma produção, releitura e desejo de retomá-lo. Já apresentei análises parciais em uma mesa organizada no Congresso da Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição, surpreendendo-me profundamente o convite feito, como para eventos internacionais na Espanha – um programa de rádio da UNED Madrid em 2019, e em um evento intitulado *La Comida e las Emociones* – da mesma instituição em 2022, ambos a convite de Julian Lopez Garcia. Na linha do *Slow Science* este projeto segue e relato em breve a sua experiência no PETNUT.

Tá na hora da merenda! O Centro Colaborador em Alimentação Escolar – CECANE – Bahia (2006-2012)

Paralelo a estes primeiros projetos de pesquisa e extensão, desde 2006, ingressei no Centro Colaborador de Alimentação Escolar, o CECANE, ainda no ato de sua fundação, sendo este uma estratégia que o Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar do Ministério da Educação FNDE/MEC criou para que as universidades pudessem apoiar o Programa Nacional de Alimentação Escolar no país. Deve-se aqui alguns dos principais marcos das reorientações do Programa de Alimentação Escolar no âmbito das políticas de alimentação e nutrição que se forjava no Brasil que, por seu turno, acompanhava os processos de descentralização e democratização do país desde 1985 e diria mais contundente nos governos a partir da década de 2000. Cito ao menos três: o processo de descentralização política da sua gestão para o âmbito do município, a ampliação do controle social e a instituição da alimentação escolar como direito humano. Importantes normativas estavam sendo instituídas e a proposta de criação dos CECANEs acompanhavam estas políticas.

Esta foi mais uma importante experiência de aprendizagem sobre as relações universidade, instituições gestoras de políticas públicas e comunidades – aqui, em especial da comunidade escolar, que foi bem acentuada no Projeto UNI. Os intensos diálogos e negociações para fazer convergir interesses institucionais de pesquisa e extensão e formação e de compreensão mútua dos objetivos e papéis não foi um processo fácil. O lugar da pesquisa científica e das publicações científicas sempre foram pontos de conflito. Recordo debates sobre a distinção deste dispositivo em parceria com a universidade de uma contratação de prestação de serviços. O olhar crítico e investigativo das instituições de ensino e pesquisa sobre as práticas nas quais elas

mesmas estão engajadas tencionam com uma perspectiva de ciência feita de “fora”. Muitos debates, mas fluíamos nos interesses comuns...

Dentre as inúmeras funções que assumi no CECANE, destaco a de Coordenação da Formação de Atores do PNAE. De um lado, parecia predominar o “treinamento” para fazer valer a legislação, de outro, privilegiava a “formação” dos atores politicamente críticos de suas práticas e, dentre estas tensões, cada uma com o seu histórico e validade, é que construímos as formações. Nos primeiros tempos do CECANE, em que existiam tão somente oito em todo o país, o CECANE-Bahia cobria todos os estados do Nordeste. Esforços envidávamos para o uso de metodologias mais ativas, pautadas na escuta e na construção da aprendizagem, para propor o diálogo entre os atores e para a inserção de novos. Exemplo disto foi a formação de coordenadores pedagógicos realizada no âmbito da rede municipal de Salvador. Desta atividade derivou uma publicação, dentre outras produções relacionadas às atividades desenvolvidas. Particpei de muitos eventos promovidos para e pelo CECANE, momentos nos quais tive oportunidade de escutar muitos atores institucionais e outros colegas de CECANE sobre a realidade da alimentação escolar nas escolas brasileiras, o que me potencializou na reflexão sobre a alimentação escolar que passou a se constituir em um dos campos de um projeto de pesquisa, enfatizando o campo da educação alimentar e nutricional no âmbito da escola. Entre 2011 e 2012, me desvinculei das atividades do CECANE devido a redução do orçamento e dos planos de trabalho, aliados a incompatibilidade de tempo para conciliar a coordenação da pós-graduação, a coordenação de projetos de pesquisa que estava com financiamento em 2009, e a assunção do Programa de Educação Tutorial na ENUFBA que iniciou em 2010.

Bega Xá Ca da Sebê: atuando no “Continente Africano” no Projeto Nutrição em São Tomé e Príncipe (2011)

Utilizo propositalmente “Continente Africano”, o segundo maior do mundo composto por 54 países, para descrever esta atividade que desenvolvi exatamente no segundo menor país deste continente, a nação insular de São Tomé e Príncipe. Vivo em uma cidade que tem a maior população negra do mundo fora da África e, em tese, desconhecemos historicamente este gigantesco pedaço do mundo que integra as nossas entranhas culturais, a sua diversidade, referindo-se sob a alcunha “África”, expondo mais os seus estereótipos plenos de preconceitos. Sempre me perguntava: qual é a África que estamos exaltando nas canções, festas expostas nos cartões postais desta cidade. Evidentemente, que me refiro as perspectivas mais hegemônicas de se “ver” a África e não as que estão em discussão nos movimentos negros, ou entre

as pesquisadoras e pesquisadores das universidades e nas lutas políticas para, por exemplo, a História da África integrar o ensino brasileiro.

A ida a São Tomé e Príncipe ocorreu no período de 14 de outubro a 04 de novembro de 2011, durante três semanas. Seja pelo acaso ou não, participei no mês de agosto desse ano do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)Igualdades – XI Conlab. Evento que reuniu pesquisadoras e pesquisadores de países como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Portugal e Brasil para “debater a diversidade e a complexidade de suas sociedades, privilegiando um enfoque comparativo e o confronto de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas”¹⁶. Este congresso foi impactante. Primeiro porque, com a Rede de Alimentação e Cultura que se conformava, inscrevemos um grupo de trabalho para o evento, como um movimento de exercício continuado de ampliação do diálogo. Segundo, em virtude de o evento ter me propiciado aproximações com discussões novas que proporcionaram uma ampliação do entendimento sobre o Continente Africano, a sua diversidade e o seu “lugar” na geopolítica internacional, especialmente a partir da Diáspora Africana. O termo Diáspora Africana retoma novos sentidos...

122

Com esta bagagem e com a discussão da segurança alimentar e alimentação nas escolas, ainda que neste período não estivesse mais vinculada ao CECANE, fui convidada a participar desta Missão em São Tomé e Príncipe. Tratava-se do Projeto Nutrição em Países de Língua Portuguesa e tinha como objetivo principal assessorar a implementação do Programa de Alimentação Escolar em São Tomé e Príncipe, por meio da ação articulada entre a Cooperação Brasileira (projeto bilateral), o Programa Alimentar Mundial PAM/local e o governo santomense, mediado pela profa. Iracema Veloso, então diretora da ENUFBA. Vale recordar que durante o governo Lula, paulatinamente, políticas de estreitamento de laços com os países africanos estavam sendo instituídas e o PNAE era uma das estratégias de colaboração com diferentes países africanos.

Em relação aos objetivos específicos, o projeto visou: capacitar os nutricionistas e técnicos para realizar o diagnóstico nutricional dos escolares de São Tomé e Príncipe; realizar avaliação nutricional dos alunos das escolas-piloto; pesquisar acerca do perfil da alimentação escolar em São Tomé e Príncipe; implementar hortas escolares e capacitar atores com o kit “Educando com a Horta Escolar”; além de divulgar as

16 <https://www.cedefes.org.br/xi-congresso-luso-afro-brasileiro-de-ciencias-sociais-diversidades-e-desigualdades/>

atividades do projeto para disseminação de bons hábitos alimentares e de higiene, promovendo a participação da comunidade escolar.

Fiquei responsável pela pesquisa acerca do perfil da alimentação dos escolares em São Tomé e Príncipe no que se refere ao “estudo qualitativo”. O objetivo foi “conhecer as práticas alimentares das comunidades em estudo e dos escolares por meio da realização de grupos focais e entrevistas, bem como analisar o cardápio da alimentação escolar na perspectiva da cultura alimentar da região, visando subsidiar a elaboração de cardápios adequados às necessidades nutricionais e hábitos alimentares”; associado à meta de realizar uma descrição das práticas alimentares das crianças e adolescentes no contexto escolar e das condições, atitudes e comportamentos dos estudantes que condicionam os comportamentos diante da alimentação escolar.

As ilhas de São Tomé e Príncipe me impressionaram e dialogaram com o meu imaginário de “África”, por vezes convergindo, por vezes confrontando. Impressionava-me como um país tão pequeno estava pleno de história profundamente engajada com a geopolítica internacional. Ampliei o meu olhar sobre a Diáspora Africana e a “mundialização” a partir da periferia. O eixo sul não estava à margem, estava no centro. Sua história estava entrelaçada com a monocultura para exportação de produtos como a cana-de-açúcar, café e cacau, e São Tomé e Príncipe vislumbrava como projeção futura uma eventual mudança do quadro econômico e social, em função da exploração dos recursos petrolíferos nos campos encontrados nas águas territoriais santomenses e na zona partilhada com a vizinha Nigéria.

À época, o país continuava a depender enormemente de ajuda externa para a consecução de seu orçamento e estava marcado pelo início da exploração petrolífera e sua consequente possibilidade de injeção de recursos na economia, ao mesmo modo que outro potencial econômico que se configura é o turismo. Portadoras de uma biodiversidade singular, reconhecida como única no continente africano e no mundo, as ilhas de São Tomé e Príncipe são vistas no imaginário turístico como pequenas ilhas tropicais com praias rodeadas de palmeiras, mares azul-turquesa, quedas de água, rios, espécies únicas de pássaros e plantas e, talvez o mais importante no contexto africano. Somado ao baixo índice de criminalidade e a hospitalidade que marca o povo santomense, o país tem sido alvo de investimentos turísticos. Diante deste quadro, era necessário preparar o país para essa nova realidade.

Fui descobrindo isso com as leituras parcas que localizava sobre o país, ao lado de um profundo mergulho em campo durante três semanas. Visitamos os espaços públicos, os museus, as bibliotecas, conversamos com os professores da escola, os pais dos estudantes, as pessoas nas ruas, nos restaurantes, na recepção do hotel. Também participamos da VI Bienal de Arte e Cultura de São Tomé e Príncipe, que ocorreu no período, dedicada ao tema Patrimônio, que teve como objetivo refletir e encontrar

medidas de requalificação do seu patrimônio cultural e histórico e a consequente valorização de um modelo ímpar no panorama do patrimônio agrícola mundial.

O interesse por esta história se ampliava à medida que realizava o trabalho de campo. Nas rodas de conversas com os pais dos estudantes sobre a alimentação das crianças em casa e na escola, descobria a devastação, ainda em curso à época, provocada pela monocultura desde os primórdios da modernidade-colonial sobre a diversidade alimentar das roças de São Tomé e Príncipe. Diversidade composta por óleo de palma – o nosso dendê –, as diversas espécies de banana, fruta-pão, mandioca, matabala e batata doce, os peixes variados que são parte central da dieta santomense – atum, peixe-andala, peixe fumo, fulofulo, vermelho eram algumas das espécies apreciadas –, algumas caças a exemplo do gembu, carne de morcego e carne de macaco, embora sejam pouco relatados pela população; os pratos típicos bem elaborados como o calulu, blabla, soo, fungi maguita, cachupa, bobofito, preparados à maneira tradicional com um vasto uso das plantas tradicionais a exemplo da matabala, micocó, maquequê, folhas de couve, cenoura, mosquito, folha de tartaruga, dentre inúmeras outras disponíveis na rica flora do país.

124

Em síntese, esta cultura alimentar, no dizer dos interlocutores, estava em risco. O que mais me impressionava é o quanto a alimentação escolar, que seguia o modelo brasileiro, parecia, de alguma maneira, corroborar com este risco. No que diz respeito à alimentação escolar, a assistência prestada pelo Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas, PAM, continuava a ser indispensável pelo menos até o horizonte de 2012. Portanto, é necessário dotar o país de capacidade institucional para substituir o papel desempenhado pelo PAM. Nesta perspectiva é que a cooperação brasileira buscava colaborar com o governo santomense para construção de um programa estruturante capaz de executar uma política nacional de alimentação escolar. Com base na experiência brasileira do PNAE, a cooperação bilateral procurou garantir a transferência de tecnologia para o governo local na área de gestão, Educação Alimentar e Nutricional e de controle social.

Ainda que no Brasil estivesse em curso, desde 2009, o dispositivo jurídico-legal que determinava, em um processo descentralizado, que 30% do orçamento para compra de gêneros alimentícios deveria ser empregado para a agricultura familiar, tal premissa não parecia estar ainda sendo “exportada” para aquele contexto. A alimentação escolar era a dieta de arroz e feijão, prato típico brasileiro, junto ao espaguete, que eram produtos importados. Os pais lamentavam que suas crianças já não se interessavam pelas comidas locais. Desejavam o valorizado e oneroso arroz na comida de casa, trazendo um conflito familiar sobre as práticas alimentares tradicionais e as modernas instituídas pela alimentação escolar: “tem que vender matabala para comprar arroz”. Os pais faziam uma clara distinção entre os “produtos

locais” ou “produtos da terra” e os “produtos importados”, bem como a relação que estes estabeleciam na construção dos hábitos alimentares contemporâneos dos santomenses. Percebia aqui, e temia os riscos “colonizadores” das políticas assertivas no Brasil a serem “transferidas” para outros contextos. Sai de São Tomé e Príncipe com profunda reflexão sobre este tema...

Penso que me estendi demasiadamente nesta descrição de experiência, e não alcanço o que ela representou para minha trajetória. Viver, sentir, tocar na “África” por meio deste pequeno pedaço de terra continental, outra cultura, outra língua portuguesa e distintos dialetos perfizeram singulares olhares para o outro, com os quais também projeto o olhar para mim.

Bega Xá Ca da Sebê consistia em uma expressão na língua crioula que significa “boa alimentação, melhor aprendizagem” e estava presente na política de alimentação escolar. As escolas de São Tomé e Príncipe eram rigorosas. No momento da entrega da refeição, os professores e supervisores escolares portavam uma espécie de galho de madeira destinado a “corrigir” o comportamento dos alunos, com seus aventais azuis, na fila. O castigo corporal – aquele de que vi resquícios até os inícios dos anos de 1970 no Brasil – estava sendo tema de debate nas políticas escolares com posicionamentos contrários a esta prática ainda muito viva.

Por fim, saí com a reflexão de que muito tínhamos com o que colaborar com os países africanos, mas como fazer isso sem necessariamente transferir tecnologias, sem exportar modelos de um contexto para o outro. Não seria isso, colonizar?

Voltei para o Brasil. Do voo de retorno guardo até hoje a imagem aérea do Deserto do Saara e via, para além do “nada”, a que popularmente atribuímos a palavra deserto, vida! De tão perto que era o voo, via o movimento da areia, via pessoas, via gente, via a vida acontecendo, assim como em São Tomé e Príncipe, assim como no Semiárido Baiano, vive-se e convive-se em conexões profundas... a vida acontece de modo resiliente, há o existir!!!

Vamos à feira? Desvelando o corpo e o comer popular em tempos da *lightização* da existência

As andanças pela cidade de Salvador, a conformação de um grupo de estudantes participando do NEPAC e a parceria que ia se consolidando com o CCS/UFRB, foram revigorando um dos capítulos que desejava empreender na tese: as narrativas daqueles que “resistiam” deliberadamente, ou nem tanto, aos ditames do “saudável”. Desde a tese, as feiras, mercados, como as narrativas de alguns entrevistados, em especial um deles, um homem negro, com cerca de 50 anos à época do estudo, cuja

biografia foi central para intercruzar com a biografia da cidade de Salvador. Ele havia ascendido econômica e socialmente quando passou a trabalhar na Petrobras, ou seja, se tornou “petroleiro”. Na primeira metade do século XX, os ventos da modernidade não haviam ainda soprado nas margens da Baía de Todos-os-Santos. As imagens dos trabalhadores personagens de Jorge Amado, do comércio informal, quituteiras e estivadores, evidenciam quais eram as oportunidades de emprego na cidade. A vinda da “modernidade” com o Polo Industrial de Aratu, Petrobras, e mais adiante do Polo Petroquímico – recorde aqui mais uma vez que era o sonho de muitos jovens das camadas populares trabalhar lá e reconhecia isso de perto por estudar na Escola Técnica – ETFBA – trouxeram e até reconfiguraram a dimensão do trabalho na cidade.

A ascensão social de setores das camadas populares para uma “classe média” expressava o discurso sobre as práticas alimentares deste entrevistado que, a seu dizer, diferia “comida de branco” e “comida de preto”. Chamou-me muita atenção na sua narrativa a transição de um circuito étlico-gastronômico que participava em distintos pontos populares da cidade para a academia de ginástica, que havia se tornado o seu principal espaço de socialização e produtor do seu corpo “saudável”. Interessou-me escutar os seus amigos com os quais havia praticamente rompido as relações pela instituição deste modo de vida que denominei “light”. A “*lightização* da existência” foi um fio condutor das análises desta investigação. Por absoluta falta de fôlego e tempo, não percorri estes passos...

Já no NEPAC e com as experiências de desvelar este comer soteropolitano e baiano pela cidade de Salvador e cidades do Recôncavo Baiano, elaboramos este projeto intitulado “Corporalidades, comensalidades e alimentação saudável na Bahia: Um estudo sobre as práticas corporais e alimentares em camadas populares sob a ótica da promoção da alimentação saudável”. Na verdade, o título data o período em que conseguimos financiamento em 2012, mas o projeto já estava aprovado pelo Departamento e Comitê de Ética desde 2008.

Destaca-se a mudança de “corpo e comer” para “corporalidade e comensalidade” que, sem perscrutar conceitualmente, eu diria que transita das práticas em torno do sujeito para o âmbito mais coletivo. A tese trouxe no seu lidar o espaço, a cidade, o território mais do que um cenário no qual as práticas ocorrem, elas imbricam-se nas tessituras da existência. Tais processos foram se desvelando diante dos meus olhos, não como se fosse uma descoberta original que a literatura não apresentasse. A ênfase a ser dada aqui seria como os saberes são incorporados com o fazer na vida, o fazer ciência. A tese emaranhou os desejos de modernidade dos corpos e do comer dos baianos e baianas, com os desejos de modernidade da cidade, hibridizando identidades, conformando a modernidade como uma prática, mas do que um ditame que se expande para as periferias do mundo. Um último destaque é o paradoxal diálogo

entre os desejos do moderno e da tradição, no qual, no projeto, era representado pela promoção do saudável.

Esta preocupação delineada na pesquisa doutoral, ao observar que, mesmo diante da intensa profusão dos ditames do saudável, as feiras, os mercados populares, e a comida de rua eram espaços e conceitos vivos de uma comensalidade oprimida pela modernidade e o discurso do saudável. O comer popular cercado de feijoada gorda, mocotó, sarapatel, maniçoba, e tantas outras iguarias consideradas densas e desproporcionais para o sujeito moderno, preenchiam estômagos e espaços com tanta vivacidade que intrigava compreender como estes sujeitos lidavam com os apelos aterrorizadores dos prejuízos desta dieta. Nossa errância se dirigiu agora para as feiras livres e mercados de Salvador – Feira das Sete Portas, de Periperi e o Mercado do Peixe, mas também de algumas cidades do Recôncavo Baiano como a de Cachoeira e a de Santo Antônio de Jesus.

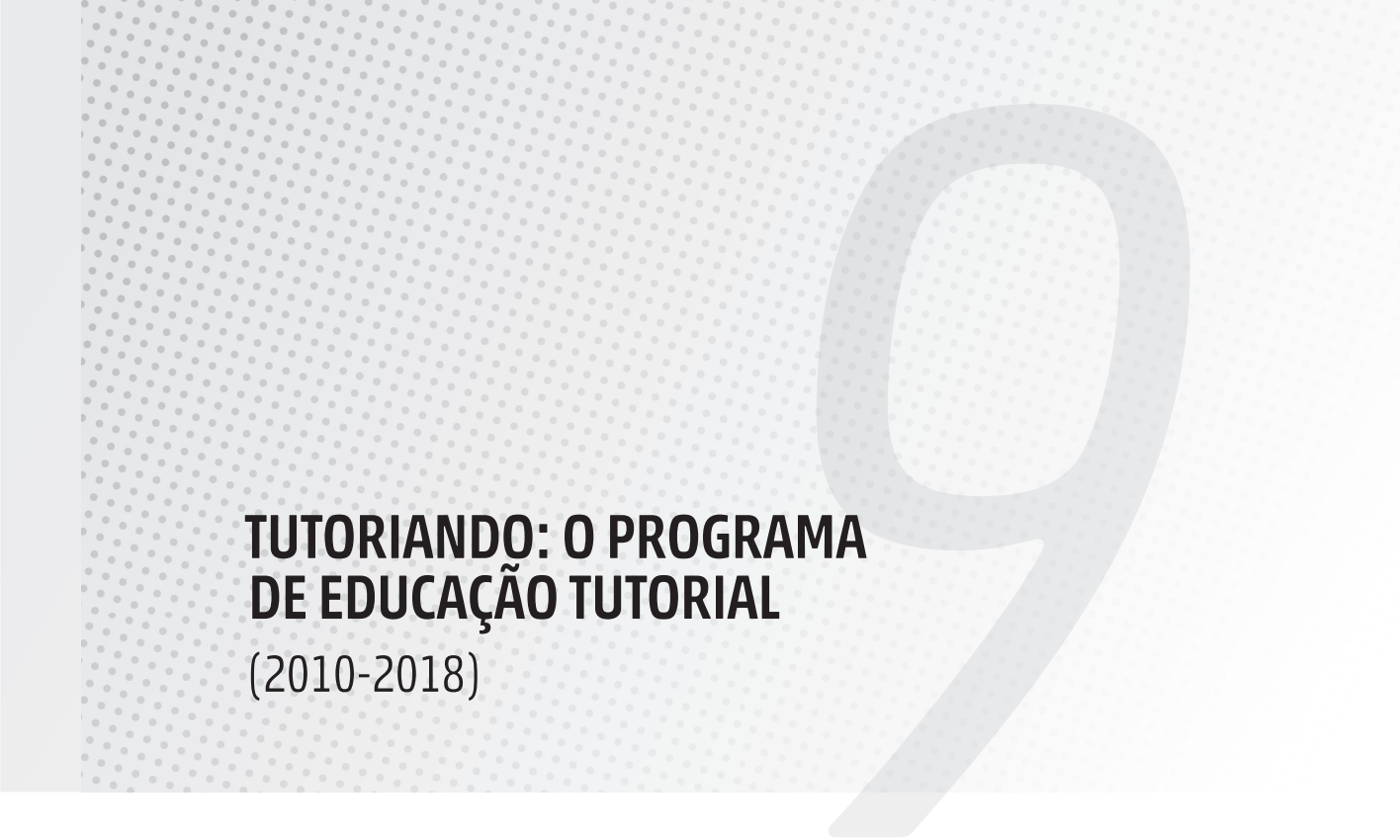
Assim, o projeto foi submetido a distintos editais do CNPq entre os anos de 2008 e 2010, sendo contemplado por um edital da FAPESB em 2009. Este projeto foi desenvolvido a partir de uma parceria do NEPAC/UFBA e pesquisadoras do Centro de Ciências da Saúde da UFRB – que ainda estavam criando o seu Núcleo de Pesquisa, o Núcleo Interdisciplinar de Extensão, Ensino e Pesquisa para promoção da Saúde e da Segurança Alimentar e Nutricional (NUSSAN/UFRB); estes têm sido parceiros de todos os projetos de pesquisa do NEPAC. O objetivo desta investigação foi compreender os discursos e as práticas em torno do corpo, do comer e da comida nas camadas populares das cidades de Salvador e do Recôncavo Baiano – Cachoeira e Santo Antônio de Jesus – considerando o discurso contemporâneo da promoção da alimentação saudável. Pretendeu ainda compreender os sentidos atribuídos ao discurso da promoção da alimentação saudável nas camadas populares estudadas e como este discurso é experimentado no cotidiano; além de descrever os cenários da produção, comercialização e consumo das comidas típicas populares nos municípios em estudo, identificando as transformações e permanências nestes processos a partir dos meados do século XX.

Sentidos de discursos e práticas a partir das óticas e narrativas dos sujeitos eram as orientações principais dos nossos projetos aliados ao que identificávamos como estudos com inspiração e/ou cunho etnográfico. Definimos para a construção do objeto alguns recortes em camadas: as cidades em estudo, os espaços de comercialização de comidas típicas populares, e um universo empírico construído a partir de sujeitos que consomem no seu cotidiano alimentar as comidas típicas, identificando a sua relação com o corpo e com o comer bem como a percepção do discurso da alimentação saudável. Para a produção dos dados, utilizou-se como recurso os dados documentais, observações etnográficas e entrevistas semiestruturadas. Tínhamos

como expectativas contribuir para a elaboração de propostas e ações que visassem à melhoria da qualidade de vida e de saúde das populações bem como a afirmação das identidades culturais destes grupos sociais.

Com a sua aprovação, foram cinco ciclo de iniciação científica entre os anos de 2011 e 2013, perfazendo 16 bolsistas que participaram do projeto – percorrendo a Feira das Sete Portas, o antigo Mercado do Peixe e as feiras de Santo Antônio de Jesus e de Cachoeira, que foram os espaços eleitos –, gerando publicações como a produção de cinco dissertações de mestrado – quatro delas orientadas por mim e uma pela profa. Maria do Carmo – além de artigos e capítulos de livro e apresentações em distintos eventos científicos. Destaco ainda dois ciclos do PIBIC, um no qual se dedicou a entrevistar donos de restaurantes populares com alguma projeção na comensalidade baiana e/ou de turistas, entrecruzando estas dimensões do empreendedorismo das camadas populares, ascensão de cozinheiros e fundamentalmente cozinheiras que ganhavam alguma projeção e/ou iniciativas que já se enquadrariam em empreendimentos gastronômicos modernizantes. O outro ciclo dedicou-se a estudar a comensalidade no *campus* da UFBA, buscando mapear/cartografar restaurantes, ambulantes, em suma, como se comia dentro da universidade. Isso importava mais à medida que crescia e diversificava o perfil dos estudantes com a instituição de cursos noturnos após o Projeto REUNI.

No meu entender, este projeto jamais encerrou, ele permanece vivo no âmago de projetos vindouros...



TUTORIANDO: O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL

(2010-2018)

Estou agora em 2010, desenvolvendo atividades de gestão com a coordenação da pós-graduação, as atividades do CECANE-Bahia, e ainda finalizando o projeto Acarajé e Modernidade em Salvador, cujo relatório técnico foi concluído em agosto desse mesmo ano, ao tempo que iniciava uma nova investigação no qual seria, pela primeira vez, a coordenadora proponente de um projeto com financiamento – portanto, aprendendo os trâmites burocráticos de lidar com recursos financeiros das agências financiadoras. Eu estava neste entremeio de atividades quando vi o edital do Programa de Educação Tutorial – o PET.

Sempre foi um desejo quando ainda estudante de graduação ser bolsista do PET. Já conhecia um pouco do programa por meio do relato de discentes de outros cursos e instituições brasileiras. Quando vi o edital para apresentação da proposta, rapidamente me interessei, sem dimensionar o volume de trabalho que já estava em mãos. Nunca consegui fazer poucas coisas, me conter diante de oportunidades novas. Entre perdas e ganhos desta atitude, eu sempre optei por ir seguindo. A minha sensação é que para as nossas universidades brasileiras e sobretudo as nordestinas, parece não haver o direito à recusa de participar diante das nossas carências que integram o projeto gerador de desigualdades.

Assim, mesmo considerando as demandas empreendidas pela coordenação da pós-graduação e do CECANE, projeto de pesquisa, orientações, sala de aula, dentre outras, em apenas um final de semana consegui produzir um projeto para submeter. Primeiramente, submeti à comissão instituída na Pró-Reitoria de Graduação da UFBA, na qual foi rapidamente selecionado e, em seguida, ao setor responsável pelo

Programa no MEC, conforme instruía o Edital. Eu fiquei profundamente feliz com a aprovação – por meio do Edital nº 09/2010 MEC/SESU/SECAD – e a classificação elevada que o projeto obteve no *ranking* nacional. Assim, a partir de dezembro de 2010, instituiu-se pela primeira vez na ENUFBA, o PET, ou melhor, o PETNUT, existente até hoje e eu, como tutora fundadora. É de se imaginar os inúmeros desafios enfrentados para fazer valer o PETNUT na instituição e a sua infraestrutura de funcionamento. Finalizei as minhas atividades no PET em 2018, perfazendo oito anos de tutoria.

Antes disso, cabe lembrar que o Programa de Educação Tutorial – tal como denominado na época, pois já fora o Programa Especial de Treinamento criado em 1979 – vinculado à CAPES –, estava estabelecido na Lei nº 11.180/2005, e regulamentado na Portaria MEC 976 de 27 de julho de 2010 (Atualizada pela Portaria nº 343/2013). A proposta é desenvolvida por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de formações em nível de graduação das Instituições de Ensino Superior do país – ou mais recentemente por projetos voltados para troca de saberes – o chamado PET Conexão de Saberes – orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e tendo seus objetivos expressos nas portarias supracitadas:

I - desenvolver atividades acadêmicas em padrões de qualidade de excelência, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar;

II - contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação;

III - estimular a formação de profissionais e docentes de elevada qualificação técnica, científica, tecnológica e acadêmica;

IV - formular novas estratégias de desenvolvimento e modernização do ensino superior no país;

V - estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior;

VI - introduzir novas práticas pedagógicas na graduação; (Incluído pela Portaria MEC nº 343, de 24 de abril de 2013)

VII - contribuir para a consolidação e difusão da educação tutorial como prática de formação na graduação; e (Incluído pela Portaria MEC nº 343, de 24 de abril de 2013)

VIII - contribuir com a política de diversidade na Instituição de Ensino Superior-IES, por meio de ações afirmativas em defesa da equidade socioeconômica, étnico-racial e de gênero. (Incluído pela Portaria MEC nº 343, de 24 de abril de 2013)

Observa-se o quão ambiciosos eram os objetivos do PET que nos fez de imediato pensar como operaria este programa, considerando a realidade vivenciada nas IES brasileiras, bem como a dos cursos de graduação em Nutrição. Não me refiro tão somente aos desafios de ordem estrutural, mas também de ordem ético-político-pedagógica. O ensino superior brasileiro tem tido muitas dificuldades de mudanças neste campo, se mantendo, ainda, apesar de projetos e propostas inovadoras emergidas em particular nas últimas décadas, profundamente tradicional. E este desafio não é pequeno pois me pergunto se vencêssemos os desafios estruturais alcançaríamos uma melhoria da qualidade de ensino de fato.

A principal marca do projeto apresentado do PETNUT foi a tentativa incessante de trabalhar nas interfaces entre as ciências da nutrição e da saúde e as ciências sociais e humanas, assim como entre a ciência e a arte, incluindo projetos em interface com a literatura, cinema e a fotografia, animado pelas experiências já desenvolvidas no NEPAC.

A proposta foi construída articulando três movimentos relacionados com a formação acadêmico-científica, os quais eu estava experienciando na minha trajetória: a) o fluxo curricular do curso de Nutrição, que estava em discussão de um novo Projeto Pedagógico Institucional cuja nova previsão de implantação ocorreria em 2014/2015, buscando desenvolver novas propostas teórico-metodológicas; b) com as atividades do NEPAC que visavam aprofundar temas emergentes da nutrição em interface com as ciências sociais, tais como alimentação e cultura, antropologia do corpo; como ainda as interfaces de diferentes formas de conhecimento, a exemplo do científico e o artístico, por meio de projetos já existentes que relacionam cinema e literatura com as práticas alimentares contemporâneas; c) o terceiro movimento seria o Projeto Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde), que era, de alguma maneira, conseqüente do Projeto UNI; no qual o curso de Nutrição esteve integrado ao longo dos últimos anos anteriores a escrita do projeto, tendo como objetivo promover a integração ensino-serviço de saúde, visando à reorientação da formação profissional, assegurando uma abordagem integral do

processo saúde-doença com ênfase na Atenção Básica, promovendo transformações na prestação de serviços à população. Ao articular as atividades curriculares, extra-curriculares e as de ensino-pesquisa e extensão que complementassem a formação acadêmica, buscava-se a ampliação da formação global e acadêmica, qualificando o futuro profissional seja para atuação no mundo do trabalho seja para a formação em estudos em programas de pós-graduação, conforme previsto nos objetivos do PET.

De 2010 a 2018, 37 alunos haviam integrado o PETNUT. Durante este período, projetos importantes foram desenvolvidos a exemplo de: a) *Projeto “DIA DE FEIRA: uma experiência interdisciplinar em Educação Alimentar e Nutricional em uma Escola Municipal de Salvador – BA*, que integra um projeto de pesquisa e extensão financiado pela FAPESB-BA, o qual irei discorrer mais adiante, abordando a integração entre PET, NEPAC e PPGANS e que consistiu em desenvolver e avaliar tecnologias sociais em educação alimentar e nutricional no âmbito escolar; b) *o Projeto Fotografia e Comensalidade Baiana*, que objetivou produzir um registro iconográfico da comida e do comer na cidade de Salvador, desenvolvido em parceria com o PET Comunicação (PETCOM) da UFBA; c) *Ciclo de palestras – Destaques em Nutrição* no qual o grupo promoveu discussões e debates sobre temas emergentes de alimentação e nutrição, aproximando os docentes e estudantes do curso de graduação e pós-graduação da nutrição da ENUFBA; d) *A Jornada de Nutrição da UFBA*, em 2012, que congregou estudantes de diferentes instituições de ensino da Bahia em torno da discussão do tema Segurança Alimentar e Nutricional e, em 2014, abordará o tema “Corpo, obesidade e transtornos alimentares”; e) *A comensalidade na obra de Jorge Amado*, um projeto de discussão sobre o tema comensalidade na obra amadiana que, ao mesmo tempo em que convidou aos estudantes a discutirem sobre a literatura brasileira, provocava-os a debruçar um novo olhar sobre o comer através da linguagem literária. Estes foram alguns dos projetos desenvolvidos.

Diversas formas de aprendizagem marcaram o grupo de bolsistas e a tutora sobre como desenvolver um projeto desta natureza. As primeiras petianas me desafiavam a todo instante quanto à integração dos saberes e o que efetivamente poderia ser fundante para a formação do nutricionista. Tudo era novo para nós. A palavra “comensalidade” soava estranha para os estudantes de nutrição e “reza a lenda” que foi o PET que a trouxe para os estudantes. Discutíamos textos, trazíamos exemplos cotidianos a fim de traduzi-los para o contexto da formação do nutricionista, e mesmo para mim, por vezes, cheguei a desconfiar dos meus intentos diante das resistências. Seria um tema do meu interesse investigativo ou seria um tema importante para a formação do nutricionista? Decerto que cada tutoria impregna o seu modo de ler a formação, todavia, não caberia instituir suas perspectivas e interesses pessoais. Imaginava que

a tutoria deveria ser uma espécie de bússola nesta navegação formativa de todos os temas de interesse da formação.

Aos poucos, essa experiência foi colaborando para sedimentar cada vez mais as questões e as relevâncias do fio condutor do PET. Por que enfatizar as ciências sociais e humanas em alimentação e nutrição? Não seria apenas pela fragilidade temática, mas o entendimento que esta seria também fundante da base nas quais se erigia as ciências de modo interdisciplinar que se referia ao comer e nutrir. Não há o nutrir no vácuo da existência, ela se dá no solo desta complexidade que é o existir humano – e, futuramente, o não humano. Fortalecia nesta relação dialógica com as estudantes o quanto era imprescindível este enfoque, além de ser uma das poucas oportunidades para à época. Ademais, corroborava de modo mais facilitado para a formação ético-humanística.

O projeto Fotografia e Comensalidade

Já havíamos experimentado de modo muito incipiente a fotografia no projeto do Acarajé e Modernidade e estávamos também no da Comensalidade e Corporalidade, recém-iniciado. O projeto Fotografia e Comensalidade foi uma atividade originária do projeto “Corporalidades, comensalidades e alimentação saudável na Bahia: Um estudo sobre as práticas corporais e alimentares em camadas populares sob a ótica da promoção da alimentação saudável”, realizado pelo NEPAC da UFBA em parceria com a UFRB. A ideia é que a fotografia fosse utilizada para registrar, em especial, os gestos culinários e alimentares existentes nas práticas de produção, comercialização e consumo da comida e da comensalidade, a fim de interpretar a realidade alimentar e nutricional na capital baiana. Esperava-se que, com a produção fotográfica, as estudantes fossem sensibilizadas e que as imagens pudessem, de maneira subjetiva, auxiliar na construção de um entendimento do contexto e da complexidade do comer na cidade. Teríamos, então, a imagem como um instrumento que possibilita compor um entendimento do comer e da comensalidade na cidade de Salvador.

A proposição no NEPAC foi muito oportunizada pela parceria que fizemos com o PETCOM e que, por seu turno, deu uma “virada” nas dificuldades que tínhamos na discussão sobre comensalidade. Animadas com a construção desta parceria, desenhamos um processo metodológico simples e colaborativo. Seriam construídas oficinas conjuntas sobre os temas da fotografia – incluindo as técnicas fotográficas – ofertadas pelos estudantes do PETCOM e nós sobre comensalidade. O curso de Nutrição – assim como os demais cursos que enfrentam este desafio de interpretações reduzidas do que sejam – enfrenta muitos desafios de apresentar-se em compreensões

mais ampliadas que ultrapassem a ideia de “fazedoras de dieta”, e mais, dietas que sempre primam pela negação do comer em prol do saudável. A imagem de “castradoras do prazer pela comida” faz com que as relações com estudantes de “humanas” possam ser difíceis. As petianas estavam imbuídas desta tarefa de reconstruir uma imagem e neste processo uma intensa discussão ocorreu entre elas quanto à oferta da oficina sobre comensalidade: “se os petianos do curso de comunicação irão ofertar a de fotografia então somos nós que iremos ofertar a de comensalidade!”. De pronto, fui comunicada deste intento e fui convocada para organizar uma oficina com elas sobre comensalidade: mas afinal o que seria comensalidade?!

Relato este ocorrido com algum nível de detalhes por ter sido um divisor de águas tanto para o projeto como para as bolsistas – destacando que muitas delas, seguiram as suas carreiras nestas esteiras no mestrado e doutorado. A comensalidade se transformou em um marco do PETNUT, ao menos entre os demais estudantes da nutrição; era um lugar em que se discutia a comensalidade. Decerto que este desafio é continuado dada a circularidade de estudantes no projeto. Cada edição contava com estudantes recém-ingressos reiniciando os ciclos formativos. O PET amadureceu muito o que alguns chamam de “aprendizagem colaborativa”. Os mais experientes recebem e formam os recém-ingressos nesta roda giratória continuada.

Com isso, esta parceria rendeu três edições do projeto, durante os anos de 2013, 2014 e 2015, e resultou em exposições, resumos em eventos, um trabalho de conclusão de curso e um livro de fotografias empreendido pelo PETCOM que infelizmente não foi concluído.

A cada edição definíamos um tema gerador, cujas justificativas das escolhas se centraram na relevância do alimento para a comensalidade baiana, seja cotidiana, ou por marcadores identitários: o feijão nosso de cada dia que gerou a exposição “Sirva-se”, composta por tomadas fotográficas que iam desde a produção e consumo/comensalidade do feijão, percorrendo feiras e mercados, mas também *shopping centers*, restaurantes etc.; a segunda exposição foi intitulada de “Frutifique-se”, tendo como tema gerador as frutas, mobilizada por uma reflexão feita nos estágios de Nutrição Social diante das novas recomendações para a alimentação saudável que incluía o consumo de frutas, legumes e verduras para a centralidade, em consonância aos dados que indicam o baixo consumo de frutas no Brasil e em especial no Nordeste. Este dado nos intrigava quando víamos a estética da cidade de Salvador e o comércio de frutas nas ruas. Basicamente, esta edição foi realizada em feiras, mercados, nas ruas de Salvador, espaços de concentração como os entornos da Estação da Lapa.

A terceira edição foi a “A comida que vem do mar”, cujo tema gerador foi “peixes e mariscos”, diante da imagem que a pesca e a culinária baiana os tinham como referência e o fato de que, efetivamente, os pescados não integram mais o comer

cotidiano dos soteropolitanos. A discussão do tema era um debate entre os grupos e, em alguns momentos, rendeu conflitos sobre a escolha: entre pescados, para o PETNUT e a comida volitiva para o PETCOM. Como escolher o tema, considerando que os olhares sobre a comensalidade vinham de diferentes perspectivas? Foram frutíferos momentos de experienciar e aprender sobre a negociação em situações de decisão coletiva. Ao final, prevaleceu a comida que vem do mar e foi escolhida uma comunidade de pescadores no Subúrbio Ferroviário.

As oficinas foram cruciais para o alinhamento tanto da equipe como dos projetos. Neste caso, estamos falando de dois universos, o da Nutrição e o da Comunicação, que se distinguem – aqui reside os campos destas áreas de saberes e práticas não somente, mas também de diferentes culturas de cada curso, e de cada unidade. São culturas e linguagens diferentes, lado a lado, predispostos a chegarem a um entendimento mínimo e necessário para dar conta do projeto. Os inícios das oficinas foram marcados por muitos “estranhamentos”, estudantes que possuíam modos de viver o mundo acadêmico distintos, que iam se superando a partir do diálogo.

Assim, as oficinas tiveram este papel estratégico de se fazer dialogar, enfrentar os estranhamentos; foram muitos conflitos e negociações realizadas, pois estamos falando de uma universidade que é estruturalmente segmentada. São poucas as estratégias de ensino e aprendizagem realizadas de forma conjunta e, quando se faz, são projetos fora dos currículos formais. Não se dialoga, não se pensa junto, não se constrói junto.

Após as definições do tema gerador, eram realizadas as saídas fotográficas a fim de registrar as imagens nos diversos lugares nos quais há existência dos atos e relações do indivíduo com a comida, a saber: praças de alimentação, feiras livres, restaurantes, incluindo o universitário, ruas, esquinas, praças, mercados, bares, entre outros. As fotografias registradas eram escolhidas pelos estudantes de ambos os grupos, contando com o auxílio do tutor do PETCOM, levando em consideração aspecto estético das imagens e algumas das técnicas utilizadas em fotografia, retomando os elementos discutidos nas oficinas de fotografia. Com o PETCOM também ficava a responsabilidade de tratar e editar as fotos. Em conjunto, os dois grupos organizaram e realizaram três exposições dentro da universidade e uma exposição pontual na cidade de Cachoeira, logo no início do projeto. Da parte do PETNUT, tivemos também uma atividade realizada na escola junto ao Projeto Dia de Feira, que será relatado mais adiante.

Assim, as estudantes tiveram a oportunidade de dialogar, observar, contemplar, ouvir, registrar imagens...enfim, estar no mundo da vida, onde o comer acontece, fora dos equipamentos de saúde onde o nutricionista atua. Pudemos aprender como proporcionar um diálogo mais horizontalizado entre sujeitos diferentes. Neste processo

estávamos ampliando as possibilidades de diálogo entre os tutores e os seus grupos, entre os estudantes de cada grupo, entre os grupos e os PETs e as comunidades envolvidas no trabalho, representando um encontro entre sujeitos e suas singularidades. Sair com os pescadores durante um dia de atividades laborais, por exemplo, acompanhá-los, conversar, fotografar, são ações que humanizam. Assim como fazer e articular diferentes espaços sociais com diferentes sujeitos e culturas, modos de ver o mundo, de conhecer saberes sobre a pesca. Todos emaranhados em uma “rede” de relações cujos movimentos e direções são diversos. A riqueza de aprendizagem em atividades como estas são inúmeras. O TCC de uma das petianas, trouxe algumas narrativas dos estudantes que participaram do projeto que as compreendo sob a égide da “mudança do olhar”, traduzido por “*podem ver além do peixe*”, elas sabem “*o que estava em volta daquela foto*”. “*Ampliou o olhar, aguçou a sensibilidade*”. Estas foram aprendizagens em que emerge o mundo sensível, as dimensões ético-humanísticas, por vezes indizíveis. Podemos inferir certamente que as imagens e os pescadores não foram mais os mesmos após o projeto.

136

Foi um exercício de “dar visibilidade ao invisível”, ou melhor, ao invisibilizado, inclusive a própria fotografia e as suas possibilidades comunicativas e interpretativas. Acho isso interessante pois estamos vivendo em uma era de profusão de imagens superpostas em uma velocidade tão acelerada que vale mais fotografar e postar do que o ver. Este exercício de parar o tempo e contemplar, observar e interpretar possibilita inúmeras aprendizagens através do mundo sensível. Para a nutrição é muito importante já que no terreno do comer tem imperado a racionalidade nutricional.

Cabe ainda ressaltar como os projetos do PET que envolviam a arte têm uma repercussão ambígua dentro da Escola de Nutrição: são muito bem recebidos, há uma certa receptividade da arte, todavia, estes projetos na verdade não ocupavam lugares centrais na formação profissional. É como se fosse “a cereja em cima do bolo”: ornamenta, confere sabor, beleza, mas não é fundante, não integra a massa do bolo. Aproxima mais de uma atividade “recreativa” talvez, que é bom para os alunos, mas não é ensinar nutrição. Isso já representa um desafio na legitimidade do projeto na instituição.

E assim vou eu aqui me tornando tutora... produzindo e sendo produzida pela experiência...

Literatura e Comensalidade no PET: reavivando o comer afro-barroco

Este amadurecimento das discussões sobre o tema da comensalidade colaborou em diversos outros projetos, a exemplo da literatura de Jorge Amado, outro bem desafiador. A seleção para o PET sempre incluía uma clássica pergunta: o que você lê? O que você faz no tempo livre? Já sabemos e, durante a tutoria do PET, costumava investigar o quanto é incipiente o consumo de artes e literatura pela juventude brasileira. Seria um dado confuso que não cabe aqui explorar, mas é pertinente aqui considerando o que estamos definindo como arte. Discutíamos este tema – juventude e arte – e barrávamos em uma realidade concreta: o acesso, seja financeiro ou até de infraestrutura de transporte de estudantes da periferia para o centro da cidade, onde se instala as opções de teatro, cinema, deixando as periferias sem oportunidades (claro, considerando aqui que a arte resiste e brota em todos os espaços).

De outra ponta, os dados sobre os índices de leitura no país nunca foram animadores. Livro é um artefato caro. Bibliotecas são equipamentos precários. Como ler? Quando aqui escrevo e rememoro este período do PET é inevitável retomar a minha história com a leitura, cujos breves fragmentos já foram tratados aqui. Retomando a pergunta nos processos seletivos, era recorrente uma resposta: o que eu lia, deixei de ler quando entrei no curso, pois não há tempo. Por vezes, leio algum livro não acadêmico durante as férias. Em geral, era “literatura de vitrine” em contraponto com os clássicos.

Aqui vejamos o quão desafiador foi para estes estudantes ler Jorge Amado. Não imaginava o quanto a literatura do século XX já se fazia “estranha” para os estudantes, especialmente quando partíamos para obras amadianas pouco lidas. Propus no projeto uma leitura cronológica e que investigássemos o que o autor trazia sobre os temas da comida, corpo e comensalidade. O desafio de ler Jorge Amado, ao lado do tempo não disponível para leituras não acadêmicas, do entendimento de comensalidade e a sua “utilidade” para a formação, de perspectivas metodológicas de interpretação literária que nem eu mesma me apropriava e, ainda, a circulação contínua das(os) petianas(os) trazendo todos os anos um recomeço dos debates, resultavam em profundos debates sobre a continuidade deste projeto. Íamos e vínhamos, ainda que sempre aparecessem surpresas: alguns se encantaram com *Seara Vermelha*, outros com *Suor*, e assim seguíamos, reduzindo o número de obras de acordo com as possibilidades concretas de leitura, acordávamos e fazíamos muitas adaptações para garantir alguma sobrevivência.

Selecionei estes subprojetos (há um que irei relatar a partir de um projeto de pesquisa do NEPAC) pelo desafio que apresentaram para mim, não desconsiderando os elementos desafiadores dos demais. Cabe ainda destacar que, em 2013, fomos contempladas com o financiamento FAPESB em um edital específico para os PETs com o projeto intitulado “Construindo a Articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão no Contexto do Programa de Educação Tutorial do Curso de Graduação em Nutrição da Universidade Federal da Bahia- PETNUT/ENUFBA”. Foi um projeto com duração de dois anos congregando aqueles que estavam em curso com a avaliação do curso de graduação em nutrição, segundo a percepção dos alunos. Este projeto foi integrado ao colegiado do curso para apoiar no processo da Reforma Curricular.

Assim, não me alongo mais com esta demasiada experiência. Foram oito anos com o PET me tornando tutora...experimentando, desafiando, compondo... Foi um esforço de colocar em tela os dilemas e desafios de ser tutora em sua tarefa de fazer inter cruzar diferentes experiências singulares, mobilizar o grupo, aprofundar reflexões, problematizar, o tutor que deve colocar mais questões do que responder. Questões que não levem a respostas unívocas e sim a reflexões plurais....

10

O NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ALIMENTAÇÃO E CULTURA (NEPAC)

PARTE 02

Ao final dos anos de 2010, as atividades no NEPAC tomam novos contornos com a instituição de um projeto de pesquisa relacionado ao tema da Educação Alimentar e Nutricional e com as parcerias com o PETNUT e CECANE na UFBA e a continuidade da parceria com a UFRB. A esta altura já estava concluindo as minhas primeiras experiências como orientadora do mestrado, iniciadas em 2008 – uma do PPGANS e outra do Mestrado em Saúde Ambiente e Trabalho com o qual colaborei por um breve espaço de tempo.

Neste decurso, estava com mais três orientações, já iniciando as vinculações com os projetos em curso e, uma delas, sobre alimentação escolar junto ao CECANE no qual constituiu-se o primeiro trabalho de inspiração etnográfica do NEPAC, estudando os hábitos alimentares regionais no PNAE no Semiárido Baiano. Recordo-me muito bem do dia em que a mestranda estava para viajar e com uma profunda ansiedade interrogava-me o que efetivamente faria no campo. Eu a respondi: “você irá descobrir, segue os rastros...” Já havíamos realizado muitas leituras e discussões de textos sobre etnografia nas reuniões de grupo de estudos que criamos. Vale aqui salientar dois aspectos que considero importantes.

O PPGANS, em que pese ter uma linha de pesquisa intitulada Alimentação, Cultura e Saúde, não tinha um currículo que ofertasse disciplinas e atividades que formassem os estudantes neste campo tanto teórico como metodológico, salvo um componente curricular optativo, ofertado com pouca regularidade. Tínhamos um componente intitulado Seminários de Alimentação e Cultura que ocorria articulado em parceria

com a Fiocruz. Deste modo, considerando ainda a pouca oferta na graduação dos estudantes de nutrição, isso se tornava um empreendimento seivoso. Sempre considerei os participantes do NEPAC desenvolvendo os seus projetos como um ato de muita coragem, praticamente repito isso em todas as bancas de defesa.

Tão logo evidenciado isso, a melhor estratégia seria o trabalho em grupo. Ao longo da existência do NEPAC, a permanência de atividades em grupo – ou subgrupos como surgirá no doutorado – para dentre tantas ações, desenvolver estudos foi fundamental. Tão logo, “emaranhar” os projetos em ação coletiva marca as ações nepaquianas. E foi neste espírito que as três mestrandas foram juntas realizar um intercâmbio curto no Observatório de la Alimentación (ODELA) na Universidad de Barcelona, com o prof. Jesús Contreras, começando assim um ciclo de parcerias internacionais no Programa e no NEPAC.

140

No ano seguinte, seguimos com defesas de dissertações relacionadas ao Projeto Acarajé e Modernidade – a higiene dos sentidos e os sentidos da higiene – o segundo de inspiração etnográfica. A outra dissertação vinculava-se ao projeto Corporalidades e Comensalidades e trata dos corpos masculinos e comensalidade na feira de São Joaquim, Salvador-Bahia, cujo marco principal dos dois trabalhos foi trazer à cena a discussão sobre a temática do corpo.

Este foi um empreendimento difícil de ser reconhecido como central nos trabalhos: imbricamento entre corpo e comer... Nesta esteira, segui aqui também colaborando com o Instituto de Saúde Coletiva na oferta da disciplina Antropologia do Corpo, com o prof. Jorge Iriart, que tem sido central para manter esta temática viva. No ano subsequente, cooriento uma dissertação no ISC sobre os significados da obesidade e a experiência de transformação corporal com pessoas que realizaram a cirurgia bariátrica. Assim, os projetos prosseguiram e avizinha-se um novo rastro temático: a Educação Alimentar e Nutricional.

“A EAN está em todos os lugares e ao mesmo tempo em lugar nenhum”: construindo Tecnologias Sociais em Alimentação e Nutrição

Em seguimento das atividades de pesquisa, extensão e formação do NEPAC, em 2010, a FAPESB lançou um edital de Apoio à Articulação Pesquisa e Extensão no qual o tema das tecnologias sociais estava no centro da chamada. Eu não tinha familiaridade com o tema das tecnologias sociais, mas sabemos que nós, pesquisadores e pesquisadoras, para fazer pesquisa em nossas instituições, temos de empreender um esforço pessoal. Começava a compreender isso e, em que pese as discordâncias em

relação a este empreendedorismo no qual a competitividade, a solidão do pesquisador e a dependência dos editais e de suas formulações, não há muitas outras oportunidades para seguir fazendo pesquisa. Não se trata de uma discordância dos editais temáticos e/ou aqueles construídos a partir das demandas reais tal como o PPSUS e as Agendas de Pesquisa construídas pela CGCAN/MS para direcionar pesquisas estratégicas, mas apenas um questionamento para que oportunidades para temas emergentes possam se fazer presentes no cenário da pesquisa brasileira.

Com este preâmbulo, justifico o investimento no tema das tecnologias sociais para o campo da Segurança Alimentar e Nutricional que culminou no projeto submetido a chamada intitulado: Segurança Alimentar e Nutricional: Construindo Tecnologias Sociais em Educação Alimentar e Nutricional em Dois Bairros Populares das Cidades de Salvador e Santo Antônio de Jesus – Bahia, em 2010. Com a experiência deste projeto, seguimos em decorrência com o foco na Educação Alimentar e Nutricional apresentado para o edital de 2012 com a mesma temática na Chamada CNPq/MDS-SESAN n° 027/2012, construído e destinado à temática, congregando dois financiamentos para este segundo projeto. Ressalta-se que o edital do CNPq junto ao Ministério do Desenvolvimento Social emergiu no bojo da instituição de uma série de ações e estratégias de políticas de Segurança Alimentar e Nutricional, tendo uma coordenação específica dentro da estrutura do ministério, a Coordenação-Geral de Educação Alimentar e Nutricional (CGEAN/DEISP/SESAN/MDS), uma das principais protagonistas para a elaboração e publicação do Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas, em 2012.

Neste mesmo ano, eu já havia publicado em fevereiro um ensaio intitulado “O fazer educação alimentar e nutricional: algumas contribuições para reflexão”, na revista *Ciência e Saúde Coletiva*¹⁷, no qual desenvolvo uma reflexão sobre as práticas de Educação Alimentar e Nutricional vigentes no contexto atual, seja no âmbito das políticas públicas de alimentação e nutrição, partindo de uma análise sobre as ações governamentais empreendidas e de suas ações no âmbito local, seja no âmbito da nutrição clínica ambulatorial e/ou na atenção a grupos específicos, buscando ainda identificar as tendências teóricas e metodológicas que norteiam as práticas educativas. Esse artigo é um prosseguimento de minha busca iniciada no artigo de 2005, no qual se localizam as práticas de EAN e como elas são desenvolvidas, o que as fundamentam.

17 SANTOS, L. A. da S. O fazer educação alimentar e nutricional: algumas contribuições para reflexão. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 455-462, fev. 2012. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000200018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 6 jan. 2023.

Reconheço, nesse artigo, ainda que a EAN tenha passado a ser alvo de políticas públicas, especificamente no contexto dos Ministérios do Desenvolvimento Social, da Saúde e da Educação, que persistem hiatos entre teorias, discursos e práticas, concluindo que a Educação Alimentar e Nutricional é – ao menos deveria ser, “menos um instrumento do que um dispositivo de ações conjugadas que devem envolver diferentes setores e disciplinas, entretanto, demanda investimentos na formação profissional e na produção de conhecimento no campo”. Esse artigo foi alimentado pelas reflexões desenvolvidas no decurso do projeto de SAN (2010-2012) e fundantes para a continuidade e para a construção das bases do projeto seguinte de EAN (2012-2015).

Fui convidada para participar da mesa de lançamento do Marco de EAN em novembro de 2012, quando oportunamente desenvolvi uma reflexão sobre a importância deste documento publicado em 2013 intitulado “Avanços e desdobramentos do marco de referência da educação alimentar e nutricional para políticas públicas no âmbito da universidade e para os aspectos culturais da alimentação”, na *Revista de Nutrição*¹⁸ no qual destaco o quanto o marco poderia funcionar como uma espécie de bússola, coroando o reconhecimento da importância da Educação Alimentar e Nutricional como estratégica para a promoção da alimentação saudável dentro do contexto da realização do Direito Humano à Alimentação Adequada e da garantia da Segurança Alimentar e Nutricional.

Nesse texto, enfatizo os aspectos culturais presentes no marco já que este foi o tema a mim solicitado para abordar e, com o olhar do presente sobre este passado, aludo o quanto o marco foi “visionário”, antecipando aspectos que seriam relevantes para a ampliação da EAN no que se refere aos seus princípios, não somente sobre os aspectos culturais da alimentação que atravessa os princípios, mas aspectos político-pedagógicos ao trazer para o centro do debate os sistemas alimentares, a abordagem freireana e o diálogo, assim como “A comida e o alimento como referências; Valorização da culinária enquanto prática emancipatória”.

Recordo das elucubrações que fiz durante o debate na mesa acerca da valorização da culinária como prática emancipatória e, neste quesito, discuti a participação histórica das mulheres neste espaço, pontuando as suas lutas em torno da “libertação” do trabalho doméstico, o que causou um interessante impacto. De lá para cá, este é um debate importante para mim, que intitulo atualmente como a discussão

18 SANTOS, L. A. da S. Avanços e desdobramentos do marco de referência da educação alimentar e nutricional para políticas públicas no âmbito da universidade e para os aspectos culturais da alimentação. *Rev. Nutr.*, Campinas, v. 26, n. 5, p. 595-600, out. 2013. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732013000500010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 6 jan. 2023.

das comensalidades plurais... Trata-se de um outro capítulo em uma retomada da discussão da EAN durante a pandemia de covid-19, coroando com a comemoração dos seus 10 anos, quando irei retomar escritas de novos ensaios que estão em curso. Durante o projeto, foram publicados artigos oriundos de dissertações de mestrados.

Em síntese, do que se ocupou este projeto? De 2010 a 2015, ele foi sendo desenvolvido à medida que se foi confirmando a EAN como um segundo eixo temático do NEPAC, ao lado do tema das corporalidades, comensalidades e alimentação saudável. A EAN nos trouxe para mais perto da Nutrição em uma compreensão de que ela consistia em uma das principais portas de entrada das ciências sociais e humanas no curso. Isso porque compreendia que a EAN era um dos nós górdios da prática do nutricionista, uma vez que a sua consecução se dá a partir do encontro dos sujeitos, no qual a complexidade humana, os afetos, os diálogos são imprescindíveis. É neste encontro em que as insuficiências das metrificações que se expressam diante de seres desejantes, que o comer se constitui também como uma expressão do desejo humano. Decerto que a EAN já fazia parte do meu trabalho, com publicações de ensaio e docência, entretanto, aqui iniciava a EAN enquanto tema de investigação. A EAN vai se consolidando como um campo de pesquisa e extensão.

Destarte, foi dentro deste contexto político, fruto deste conjunto de ações e estratégias governamentais, que o presente projeto teve como objetivo “desenvolver e avaliar estratégias de Educação Alimentar e Nutricional com base nos princípios teórico-metodológicos em comunidades periféricas urbanas, com vistas a contribuir para promoção da alimentação adequada e saudável, da SAN e do reconhecimento da titularidade do DHAA”. Partiu-se da compreensão de que o empreendimento conciliava marcos referenciais da educação a uma complexa trama de dimensões que conformam o fenômeno da alimentação humana. Para tanto, utilizou-se como princípios teórico-metodológicos a interface das ciências sociais, educação e nutrição, valorizando a participação social e o diálogo entre os saberes populares e técnico-científicos.

Doravante, teve como escopo proporcionar aos sujeitos a pensarem sobre a sua relação com a comida, a partir das raízes históricas sobre os seus hábitos e práticas alimentares desenvolvidas, sobre suas experiências e os determinantes de situações de insegurança alimentar no âmbito dos territórios e os modos de seu enfrentamento no cotidiano, como condição fundamental para instituição de mudanças nas práticas alimentares. Deste modo, os resultados descreveram o contexto do estudo e analisaram as experiências de Educação Alimentar e Nutricional desenvolvidas, ao lado de uma análise dos alcances e limites à luz dos princípios metodológicos propostos e efetivamente concretizados, buscando assim contribuir para o debate da construção de metodologias em Educação Alimentar e Nutricional.

Os grupos/cenários prioritários nessas comunidades foram eleitos para o desenvolvimento do estudo, a saber: Agentes Comunitários de Saúde, beneficiários do Programa Bolsa Família, comunidade escolar do ensino público básico. A escolha destes grupos/cenários se deu por representarem sujeitos para quem, prioritariamente, se dirigem as ações de EAN desenvolvidas pelos principais ministérios que desenvolvem políticas públicas no campo da alimentação e nutrição, MS, MDS, e MEC/FNDE, respectivamente, respeitando a agenda da política pública brasileira. Assim, articulam-se as áreas e equipamentos públicos de saúde, trabalho, assistência social e educação, dentre outros.

Pelo fato de as ações terem transcorrido na mesma comunidade, objetivou-se a interação dos diversos grupos – profissionais, comunidades e a equipe da universidade. Assim, em Salvador, elegemos o território do Subúrbio Ferroviário, tendo em vista que a UFBA já possuía uma parceria acadêmica no bairro de Periperi, uma vez que a ENUFBA desenvolvia seus estágios curriculares nos equipamentos deste bairro. Em Santo Antônio de Jesus, o projeto aconteceu no próprio bairro da instituição, o Cajueiro. Isso se deu não só pela facilitação do contato, mas pela oportunidade que me persegue academicamente, conexões e parcerias de ações.

Em se tratando disso, cabe ainda dizer o quanto o NEPAC cresceu neste projeto. Conseguimos convergir estudantes de iniciação científica, mestrados do programa, integrantes do CECANE e ações do PET, o que resultou no envolvimento e na circulação de 30 pessoas entre atividades diversas. Descrevo o Dia de Feira em breve.

Não foi um projeto fácil. Primeiro, o desafio da construção dos princípios teóricos e metodológicos que pudessem coadunar distintas áreas do saber, de modo interdisciplinar, que pudesse cercar o complexo fenômeno da alimentação. Segundo, as metodologias de pesquisa que acessávamos não dava conta do desafio. Queríamos nos distanciar dos estudos hegemônicos de EAN que, em regra geral, culminava na avaliação dos resultados na saúde humana que fossem metrificados, neste caso, no estado nutricional, através da avaliação nutricional ou em inquéritos alimentares. Entendíamos que a relação dos sujeitos e a alimentação e as práticas educativas eram mais complexas do que um simples ato de causa e efeito quase que automatizado. Terceiro, a própria ação ou “intervenção” (passamos dias discutindo esta palavra até chegar à elaboração no campo da pesquisa-intervenção do inter-ver). Como construí-las de modo “inovador”. Líamos sobre pesquisa intervenção, sobre pesquisa-ação, pesquisa participante, etnografia e as pesquisas qualitativas em educação. Aqui foi uma grande descoberta de como as diferentes áreas agenciam suas metodologias de modos distintos, como elas tomam contornos singulares emanado pelo campo e pelos interesses científicos.

É inesquecível o intenso debate e discussão sobre o livro *Um rigor outro. Sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa*, organizado por Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi e Álamo Pimentel, publicado pela Edufba em 2009, bem como o fato de, por meio destes autores, vermos a questão da epistemologia e multirreferencialidade nas pesquisas em educação. Um outro autor importante foi Oscar Hara, com as sistematizações de experiências que, por seu turno, utilizamos para estruturar uma oficina para a publicação de um livro deste projeto em 2016, e que não conseguimos concluir.

Difícil ainda foi o trabalho de campo. Primeiro este (re)encontro com as comunidades populares depois de alguns hiatos. Encontramos desafios importantes distintos de outrora com forte desconfiança das ações da universidade. As comunidades estavam mais politizadas e os processos de negociação coletiva exigiam mais esforços. Diria que este foi um dos momentos mais importantes e de aprendizados que tive neste projeto em mais uma “camada” do aprofundamento do que seja a “escuta do outro”. Em geral, chegamos convencidos das nossas “boas intenções” e do que “é bom para a comunidade”. O produtivismo do “fazer pesquisa” vai perdendo a criticidade e deixa nebulosidades sobre “estou fazendo pesquisa por que, para que e para quem?” Tudo isso entra em ebulição quando estamos em campo e não compreendemos as negativas das instituições e das comunidades.

No lugar da coordenação do projeto discutir isso com a equipe, era fundamental diante de algumas perplexidades: como não querer desenvolver um projeto de alimentação saudável na escola? Esta pergunta trazia na minha mente uma imagem de uma diretora que nos recebeu e, na sua mesa, postavam inúmeros documentos referentes aos projetos que chegavam à escola para serem “executados” (no sentido mais “duro” desta palavra). Chegavam de todos os lados, sem diálogo entre si e com uma mensagem quase que “Leia-se e execute!”. Foi neste dia que me dei conta efetivamente de que os projetos de EAN eram tão somente mais um projeto e que não caberia uma espécie de concorrência ou disputa de espaço sobre o que era mais importante ou mais urgente para os escolares, até porque esta decisão é da comunidade escolar. Deveríamos considerar a partir das nossas expertises conjugadas com os interesses da instituição, como poderíamos contribuir para a escola? Como fazer convergir os interesses em prol da construção de uma ciência cidadã? Diálogo, diálogo com os coordenadores, com os professores, espera do tempo apropriado para todos, convergências... até que chegamos ao projeto Dia de Feira.

Nesta esteira de negociações, recordo-me do diálogo marcado e remarcado com os agentes comunitários de saúde quando usei a palavra “laboratório” para ilustrar que o nosso projeto era “experimental” – outra palavra carregada de significados para a ciência – no que se refere à criação de metodologias educativas. Gerou de imediato

uma “agitação”. Diante de tais acontecimentos, de modo similar ao exemplo já narrado aqui em Cansanção, busco abrir mais o diálogo, tento interpretar-me em público, não “pedir desculpas” necessariamente, pois não se trata de um mero “ato falho”, mas de colocar-me como produto desta construção imperialista da ciência que só poderia desvencilhar-me dele por meio de um processo dialógico.

Narro três eventos para finalizar a discussão sobre este projeto que, por seu turno, foi um marco incomensurável na minha carreira. Primeiro, sobre a formação dos agentes comunitários de saúde. Foi muito oportuno para (re)estudar Paulo Freire. Depois de realizarmos oficinas utilizando uma metodologia gestada no NEPAC chamada “sob o fio da memória”, buscamos recuperar as histórias alimentares a partir das biografias dos agentes e do bairro, e construir coletivamente os objetivos da oficina. Para tal, tomamos o método de alfabetização e a partir de um tema gerador empreendemos uma espécie de “letramento” do comer e do nutrir. O tema gerador escolhido com o grupo foi o feijão, alimento mais expresso na oficina. Construímos as atividades a partir dos processos de produção, circulação, comercialização e consumo do feijão, tanto da dieta humana, como da dieta do bairro e dos sujeitos ali presentes – incluindo a equipe.

A história que gostaria de ilustrar aqui foi a dificuldade que tivemos para a discussão dos valores nutricionais do feijão. Todas as atividades utilizaram metodologias interessantes, com participação ativa dos participantes, mas a equipe não se interessou pela nutrição. Fugíamos desta atividade já que era a “fuga da nutrição”. As nossas discussões sobre ciências sociais e humanas em alimentação e nutrição traziam para o universo das nutricionistas do NEPAC uma espécie de negação dessa “identidade de nutricionista”. Insisti, insisti e insisti: “não podemos fugir deste debate”. Creio que a identidade desse entrelugar não nos permite “negar saberes”. Ao contrário, precisamos “refazê-los” continuamente. Negar as ciências da nutrição é negar um legado histórico da produção humana que é complexo. Precisamos ir à história, precisamos ir à essência, fazer uma arqueologia, uma genealogia. No que se refere aos sujeitos participantes, não nos caberia indicá-los os resultados e as prescrições. Naquele espaço, configurava-se um lugar do direito a saber sobre que ciência é essa que tem sido “prescrita” para o meu corpo?

Daí que emergiu a atividade: o que tem o feijão? A partir do que os participantes relatavam, uma matriz era aberta e registrada em um papel metro – proteína, ferro, carboidrato... Em seguida, buscávamos relacionar com os outros alimentos considerados “fontes”, e discutíamos as descobertas científicas, suas histórias, tomando o cuidado para não evocar o discurso unívoco da verdade. Assumimos as verdades científicas nutricionais como provisórias assim como emaranhadas em interesses

comerciais e mercadológicos – quem não se lembra do espinafre do Popeye no qual o espinafre vinha enlatado?

Cuidávamos de mais duas coisas: que o discurso do valor nutricional não ofuscasse o alimento identificado socioculturalmente, conferindo a complexidade do alimento e ponderando a sua redução e fragmentação a partir das ciências da nutrição. O outro cuidado aqui era de como expressar a dimensão métrica tão evocada – calórico e não calórico, portanto, não coma e coma. O que seria a mensuração calórica? Utilizamos metáforas de distância geográfica em relação aos bairros que nossos corpos sensíveis reconheciam: “o que é mais distante daqui até ao bairro da Calçada ou daqui até o Campo Grande?”. Todos tinham a resposta, entretanto, não tinham precisamente “o quanto”. Tratamos disso em termos de mensuração calórica e desenvolvemos uma atividade a partir de uma outra anterior sobre as diferentes formas de preparar e comer feijão, a partir da qual eles foram convidados a calcular. Essa foi uma das atividades mais impactantes conforme avaliação que desenvolveram. Este foi um dos subprojetos que resultou em uma dissertação de mestrado no qual a mestranda teve um protagonismo importante em todo processo de construção coletiva.

Desde este período, prometi a mim mesma, por inúmeras vezes, escrever sobre esta atividade e esta é a primeira vez que organizo esta breve descrição. Preciso retomar essa escrita, pois entendo que há muitos sentidos deste lugar do entre que compreendo como fundante da ciência que persigo. Creio que foi a partir daí que dei corpo a outras identidades de nutricionistas que não passam pela negação ou acreditar que as ciências sociais iriam “salvar” as ciências da saúde. Preciso escrever...

A outra experiência vivida neste projeto foi o Projeto Dia de Feira. Iniciamos o relato desta experiência com as negociações junto à escola para a construção do projeto. Curioso marcar estas experiências de “negociar” e “construir juntos” que ainda gera esforços de compreensão mútua do que seja. Apresentar as intencionalidades – e mesmo elas serem colocadas à prova dos interesses coletivos – e pensar em construir juntos a partir destas intenções compartilhadas, por vezes, nos deixa durante as discussões em um vácuo: o que vocês querem mesmo fazer?”. A materialidade do dia, hora, metodologia, objetivos, conteúdos, participantes, resultados etc. é exigida neste debate. Isso nos deixa até frágeis como se não soubéssemos o que fazer. Contestamos o “projeto pronto” ao mesmo tempo que sentimos falta dele. Assim, sempre foi e tem sido no contexto de projetos, da gestão ou das salas de aula... Penso que estamos ainda muito frágeis no que denominamos “construir juntos” e nos leva a “temos que apresentar alguma coisa” e essa “alguma coisa” é a proposta pronta que no fundo só vai sendo ajustada.

Não é um processo fácil e exige tempo, que muitas vezes não corresponde aos prazos exigidos dos relatórios, das produções etc. São manejos mágicos... Entretanto,

aos poucos podemos ir nos aproximando de algo que reconhecemos como o “coletivo possível”. Foi com os professores que definimos a feira do bairro como tema gerador para a proposta interdisciplinar. E isso teve incisivamente troca de experiências sobre o que pensávamos acerca do comer e da alimentação saudável. É sempre bom lembrar que os professores experienciam estes ditames do saudável em seus corpos. Ter a feira como tema foi uma conquista desta proposta de alargamento da alimentação e nutrição na escola.

A feira escolhida foi uma das mais importantes do Subúrbio Ferroviário, ficava próxima à escola e muitos estudantes tinham seus pais como trabalhadores da feira. O tema foi um dos articuladores do projeto interdisciplinar no qual todos os docentes de uma série – ou praticamente todos – se comprometeram a coadunar a temática das unidades com a discussão da feira. Para tal, tínhamos duas mestrandas e toda a equipe do NEPAC, estudantes de graduação e de pós-graduação, que tinham outros projetos de dissertação, somados ainda ao PET. Formaram-se equipes e grupos compostas por pós-graduandas, graduandas PIBIC e PET, voluntários que, com os docentes, elaboraram as unidades e acompanhavam as aulas.

Administrar os grupos, os conflitos, a circulação de petianas(os), que levava a interromper trajetórias e romper com as identidades do projeto, exigia constantes negociações de trabalho. Tudo muito desafiador para administrar (ademais, há um capítulo à parte entre a relação do PETNUT com o NEPAC no qual a desejada integração entre graduação e pós-graduação não era fácil).

Aqui ainda cabe uma outra conexão importante nesta rede: a disciplina de Educação Nutricional ofertada para a graduação, a qual assumi mais sistematicamente após a aposentadoria da profa. Maria do Carmo Soares. A gestão desta disciplina sempre foi compartilhada com professoras substitutas – muitas oriundas no NEPAC, tirocinantes do PPGANS, monitoras que, por seu turno, participavam do projeto.

Recordo, neste entremeio, quando recebemos na ENUFBA a visita da profa. Emilia Sanabria, que nos fez uma conferência sobre a Educação do Gosto e a pedagogia sensorial, tendo como referência a experiência da Arca do Gosto empreendida pelo Slow Food¹⁹. Experiência que nos marcou profundamente na construção de novos olhares para os objetos de estudo e de atuação. Em decorrência, uma das turmas práticas nas quais petianas participaram como alunas, ministrado pela professora substituta também integrante do projeto, gestou o *(Re)comendo* como atividade prática.

19 A Slow Food é uma organização global dedicada a luta contra o desaparecimento das culturas e tradições alimentares locais, defendendo estratégias que possam garantir que todos tenham acesso a alimentos bons, limpos e justos. <https://www.slowfood.com/>

O *(Re)comendo* foi “replicado” em distintos momentos no projeto Dia de Feira, nas atividades do PET, com escolares, com universitárias e produziu um TCC. Consistia em proporcionar experiências sensoriais com os alimentos por meio de intervenções que posso denominar “artísticas”. Por certo que a experiência da disciplina de Educação Alimentar e Nutricional foi deveras afetada com a experiência do projeto, o que penso ser uma das formas da indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão ser atuada. Um acontecimento dentro do que é possível nas malhas estruturais acadêmicas, como linhas de fuga...

Carregando todos estes desafios, o trabalho fluiu, gerou duas dissertações – e o campo em Santo Antonio de Jesus – assim como a primeira tese de doutorado do PPGANS que relato mais adiante. Cabe contar que durante este projeto tivemos uma greve nas universidades brasileiras que, de algum modo, paradoxalmente, facilitou a realização do trabalho de campo e os grupos de discussão. Nos entremeios éticos de “furar a greve”, negociando sempre as atividades de pesquisa e pós-graduação sob o argumento do “temor” da CAPES, que, por seu turno, acaba ditando o ritmo e os tempos – frenéticos diga-se de passagem – das pós-graduações, desenvolvemos o projeto. Isso também revela uma outra discussão que é sobre o tempo que a academia destina para o trabalho de pesquisa e extensão. Submersa em atividades burocráticas e a supremacia da “sala de aula”, não nos resta tempo para tal. Pesquisa ainda é o tempo que sobra. Pesquisa é durante à noite, madrugadas e finais de semana. Pesquisa ainda é fruto de empreendimentos pessoais do docente. Pesquisa ainda é vista como um ato de interesse pessoal – e para alguns até egoísta – do pesquisador. Nesta trajetória compartilhei sempre com os colegas a discussão do tripé ensino-pesquisa-extensão e a sua indissociabilidade.

Assim, com o NEPAC, crescemos em número de participantes, em atividades continuadas, em articulações entre grupos e comunidades. Fizemos um esforço no território para colaborar, a partir do projeto, em um diálogo entre os serviços locais de saúde, a escola e a comunidade. A escola e a unidade de saúde se situavam vizinhas, mas, entretanto, não tinha um diálogo contínuo para fazer valer as políticas públicas no local. Este projeto trouxe muitas pistas reflexivas sobre as políticas no local e até refletíamos o que comumente se chamava de “lá na ponta”, “os profissionais da ponta”. A ponta como a direção da seta para nós precisaria ser invertida, é a “ponta” que passava a ser o centro, política se constrói a partir do local...

Em suma, há um livro... há um livro a se construir para que possamos melhor compartilhar esta experiência...

“Nós olhamos o paciente como um todo”: o corpo da nutrição

Desde que retornei do doutorado, buscando caminhos para fortalecer a discussão sobre outros olhares no campo da nutrição “a partir das ciências sociais”, eu sempre, conforme mencionei anteriormente, tive dificuldades em trazer para esta cena o tema do corpo. Sempre escapava das discussões, dos debates em sala de aula e até ia arrefecendo nas minhas leituras. Já estava aparecendo como uma sombra com a qual não conseguia lidar. Daí, surgiram oportunidades e estratégias. Uma delas foi o convite, a que já me referi, para compartilhar a disciplina Antropologia do Corpo com o prof. Jorge Iriart no ISC/UFBA. Interrompida desde o início da pandemia da covid-19, esta atividade me trouxe um convívio com o ISC, um dos mais importantes institutos acadêmico-científicos do país, que, por certo, tem a sua própria cultura acadêmica. O convívio com uma sala mais diversa que me ajudou a pensar mais ainda o corpo para além dos imbricamentos com o comer e a comida e a compreender ainda mais uma área de saúde que se propõe a promover a saúde dos sujeitos “sem o corpo” ou para um corpo reduzido ao seu aparato anátomo-fisiológico, mensurável, metrificado.

Uma outra estratégia, além de sempre pautar o tema nos projetos de pesquisa, nas orientações e nas salas de aula, foi criar uma disciplina para o novo currículo sobre a antropologia do corpo no campo da alimentação e nutrição. Queria dar foco ao tema no campo, uma vez que, penso eu, no campo da saúde coletiva, a discussão da alimentação e nutrição ainda é marginal. Ademais, aprofundar esta relação – corpo e comida – que está imbricada historicamente. É interessante notar que naquele momento de apresentação da proposta houve resistências e questões como: qual seria a relevância desta discussão para a nutrição? O galgar nas esteiras da academia neste entrelugar foi administrando os meus afetos. Em lugar de surpreender-me, criticar, julgar tais manifestações, aos poucos, elas se transformavam em potências reflexivas de um processo que se conformava não no âmago dos sujeitos de modo individualizado, mas mediado pelas estruturas que gestavam a formação em nutrição.

Estes deslocamentos dos afetos – com idas e vindas por suposto – foram também incendiados por uma outra experiência que antecede a proposta da disciplina para a graduação: a oferta de Tópicos Especiais na Pós-Graduação com este tema. Desde que entrei na pós-graduação oferto disciplinas de Metodologia do Ensino Superior, e optativas como os Seminários de Alimentação e Cultura, já aqui citado, e Pesquisa Qualitativa, não de forma sistemática, quando tínhamos apenas o curso de mestrado. Esta oferta agrega alunos deste campo temático neste árduo processo formativo.

Nesta a que me refiro, fizemos leituras de muitos autores. Neste bojo cito desde *As Técnicas do Corpo* de Marcel Mauss, passando por Foucault, Le Breton, Bourdieu, dentre muitos outros. Neste entremeio, em uma discussão sobre o currículo – a tão esperada nova proposta curricular –, uma professora da área de nutrição clínica contestou-me quanto a ideia de que o tema do corpo não era considerado na prática do nutricionista. Ela respondeu com uma frase emblemática: “nós vemos o corpo como um todo”. Esta soou de uma maneira que eu diria irritante para quem tinha a plena convicção deste olhar até “desumanizado” dos profissionais de saúde sobre os usuários. Neste momento penso o porquê tanto me irritou, e hoje concluo que de fato não sabia responder. Só tinha a convicção de que se equivocava.

Esta mobilização afetiva reverberou na sala de aula da disciplina: por que não pensarmos em um projeto de pesquisa sobre estudar quais são as compreensões de corpo na área de nutrição? O acolhimento nos fez de imediato desenhar um projeto de pesquisa, submeter ao comitê de ética e desenvolvê-lo como prática da disciplina; o projeto “O corpo no campo da nutrição: acepções acerca da corporeidade dos nutricionistas” teve como objetivo interpretar as acepções acerca do corpo pelos nutricionistas em diferentes áreas de atuação. Decerto que não alcançamos um lugar muito longe diante do tempo curto de uma disciplina, salvo algumas entrevistas que pudemos utilizar para análise em aula com um cunho mais pedagógico. No entanto, gerou uma dissertação de mestrado.

O que foi interessante para mim nesta história? Foi que no transcurso do projeto, “caiu” em minhas mãos a obra *Body Multiple* de Annemarie Mol. Uma amiga que fazia doutorado no ISC e disciplinas no programa de Ciências Sociais com pesquisadores do campo da Antropologia da Saúde, aproximou-me de outros autores que por lá circulavam – reorientando os estudos e pesquisas –, como Tim Ingold, Bruno Latour e a sua teoria ator-rede, Annemarie Mol e um rol de autores que aportavam outras perspectivas de pensar ciência e epistemologias que oxigenam o campo.

Dentre os inúmeros aprendizados que a leitura – sempre incompleta, demandando ainda muitos aprofundamentos – desta obra me ofertou sobre ontologias, a lógica do cuidado e a reunião a um só tempo de distintas áreas do saber – para além da filosofia e antropologia, sociologia da ciência e da própria biomedicina adentra no jogo não como um objeto, mas um actante, o modo coordenado que as múltiplas práticas entram em cena na sua etnografia sobre a aterosclerose em um hospital, “fazendo” o corpo. A leitura da obra de Mol me oportunizou uma nova atenção ao olhar para as práticas como um ato, um acontecimento e como as pessoas as interpretam tomou outros contornos, que não tenho elementos e nem espaço nesta escrita para discorrer melhor. Mol e Latour têm me levado a outros autores como Judith Butler e Deleuze que ainda residem nas “estantes”, aguardando um pós-doutorado para

aprofundamentos em uma “calmaria” que o cotidiano eufórico das universidades não tem permitido e/ou não tenho conseguido lidar.

Assim, quem desejava nos mais recônditos espaços da alma, provar que minha colega estava equivocada, “virou a chave” para um novo olhar permeado de uma outra formulação ética, acolhendo de modo mais respeitoso os distintos saberes. Esta obra, insisto aqui com uma leitura incompleta e intermitente, pareceu consagrar para mim um outro espírito científico e a construção continuada do “entre”. Outros projetos de pesquisa me levaram a retomar esta discussão, porém, já indicou estar em curso novos caminhos para mim intelectualmente e o próprio caminho do NEPAC...

Tais reflexões levaram a elaboração de um manuscrito que foi publicado em 2015, com Micheli Soares, importante parceria nestas esteiras de reflexão, intitulado “Desafios da produção acadêmico-científica na interface entre as Ciências Sociais e Humanas e as Ciências da Alimentação e Nutrição”²⁰, publicado na *Revista de Nutrição*. Um ensaio com o objetivo de abordar os desafios teórico-metodológicos enfrentados na produção de conhecimento na interface entre as ciências sociais e humanas e as ciências da alimentação e nutrição, mediada pelas Ciências da Saúde, como um convite a “reinventar modos de pensar e fazer ciência que sejam mais pertinentes às questões apontadas no campo de saberes e práticas de saúde”. Destaco mais uma vez um fio condutor que parece atravessar o meu trabalho intelectual neste campo e as produções acadêmico-científicas são um singelo convite... para pensarmos juntas...

Retornando as ações com vistas a otimizar a formação dos pós-graduandos no campo da alimentação e cultura, creio ser digno de nota as ofertas de Tópicos Especiais Alimentação e Cultura com convidados externos ao programa, experts no campo das ciências sociais. Em 2013, convidamos a profa. Mirian Bertran da Universidade Autônoma do México-Xochimilco para um curso de Alimentação e Cultura e, em 2014, a profa. Elaine de Azevedo com o curso sobre Sociologia da Alimentação. Foram iniciativas no programa de cursos ofertados em módulos concentrados em três semanas, financiado pela própria pós-graduação via PROAP.

Encerro este capítulo registrando as publicações entre 2011 e 2015 relacionadas ao tema da alimentação na escola – não mais ou tão somente a alimentação escolar – em interface com a Educação Alimentar e Nutricional seja sobre as experiências de formação com os atores da escola e da alimentação escolar empreendidas ao

20 SANTOS, L. A. da S.; SOARES, M. D. Challenges of academic and scientific output in the interface between Social and Human Sciences and Food and Nutrition Sciences. *Revista de Nutrição* [online]. 2015, v. 28, n. 1, p. 89-98. Available on: <https://doi.org/10.1590/1415-52732015000100008>. ISSN 1678-9865. <https://doi.org/10.1590/1415-52732015000100008>. Accessed in: 6 January 2023

CECANE, seja sobre as experiências educativas em alimentação e nutrição na escola com o projeto de EAN no NEPAC com participação do PET, ou ainda que, sobre o comer na escola. Talvez este ciclo de publicações, especialmente no CECANE, tenha um fechamento, ao menos temporário, com a organização do livro empreendido pela profa. Maria do Carmo no CECANE intitulado *Narrativas sobre cuidado alimentar e o comer na escola*, publicado pela Edufba em 2016, tendo ainda as professoras Gardenia Abreu e Lilian Ramos como organizadoras da obra. Nós éramos a equipe de docentes do CECANE naquele período...

Agora já tem o curso de doutorado!: retomando a gestão do PPGANS (2015-2019)

Exerci dois mandatos na coordenação da pós-graduação entre 2015-2017 e 2017-2019, seguindo o mesmo caminho de atuação, investindo na consolidação do doutorado, na produção dos instrumentos normativos, produção de discussões coletivas, atenção aos períodos de avaliação CAPES, administrando os transtornos dos fluxos operacionais e a instituição da plataforma do SIGAA.

Como coordenadora, retorno também ao Fórum Nacional de PGNutrição, e aqui, novamente, sem grandes expressões de atuação nos períodos de 2016 a 2020. As mesmas pautas de luta seguiram-se. A área de nutrição se consolidava, se alargava, mas, no entanto, em passos mais lentos para a linha de ciências sociais e humanas e as ciências da alimentação e nutrição. Uma vitória na qual estive participando em muitos momentos da construção foi a instituição do Qualis Livro. Integrei um dos grupos na avaliação da CAPES relacionada ao Qualis Livro no triênio de 2014-2017, que ocorreu em Salvador, como também em 2019 o GT instituído no fórum para a construção/revisão de uma proposta de instrumento.

Novos ventos sopram no NEPAC e as primeiras orientações de doutorado (2015-2019)

Encerra-se, por ora, no CECANE, mas não no NEPAC, o tema da alimentação na escola. Não tive ainda a oportunidade de mencionar que no doutorado do PPGANS, que foi criado em 2014, já tive de imediato duas alunas nesse ano, mais duas no ano seguinte, 2015. Achei demasiado para alguém que não tinha experiência em orientações de teses, nem mesmo na condição de coorientadora. Melhor dizendo, salvo uma ou duas professoras do programa, o corpo docente que historicamente tem sido

da própria ENUFBA não acumulava essa experiência. Eu até tentei impulsionar discussões coletivas sobre este processo de orientações de tese e o que a diferenciava da de mestrado. Imbuída desta interrogação persistentemente refletia que precisava de novas perguntas para os trabalhos de modo a gerar “teses”, teses a serem defendidas.

Neste caminho e com um novo currículo, passei a ofertar disciplinas nestas direções, seja de aprofundamento metodológico ou teórico. Entretanto, como as disciplinas eram oferecidas para todo o programa, sendo optativas, tínhamos alunos de todas as linhas que nos levava a realizar discussões com distintos níveis de aprofundamento para diversos interesses científicos. Também passo a compartilhar com a profa. Sandra Chaves uma disciplina que se ocupa da Ciência e Epistemologia para os alunos do doutorado do programa, que, por seu turno, tem sido uma experiência relevante nesta minha trajetória. Pensar a ciência da nutrição, a conformação deste campo cujo contorno é por essencial borrado nos entremeios de outros campos, ciências saberes e fazeres. Nela, temos construído aos poucos um *corpus* de saberes para pensar o que é fazer ciência a partir deste lugar. Nela, aos poucos, temos nos debruçado em outras epistemologias, feminista, decoloniais que possam nos apoiar em outros olhares para o campo da alimentação e nutrição.

Faço ainda uma observação que considero importante. O transcurso desta disciplina, sendo ela disciplina obrigatória, é pautado em aulas produzidas no meio de um entresaberes. Ou seja, discutir epistemologia com estudantes que estão produzindo teses na área de nutrição clínica ou nutrição experimental é profundamente desafiador. Como se aproximar destes campos? Como produzir “outros olhares” com estes doutorandos? Como alinhar as escutas das experiências do fazer científico? Tem produzido efeitos importantes em mim referendando o quanto é importante o encontro com o diferente, o distinto, o outro.

Como se orienta uma tese? Uma experiência de orientação coletiva com as primeiras doutorandas

Como se faz uma tese foi uma obra de Umberto Eco que me marcou enquanto estudante e que também utilizei nos primeiros anos da docência. Nem imaginava na época que esta pergunta iria um dia se transformar na pergunta que fazia a mim mesma: como se orienta uma tese? É de fato uma pergunta retórica que já fazia para o mestrado. Recordo um momento em uma orientação de mestrado na qual a estudante estava em campo ensaiando passos etnográficos com as baianas de acarajé. Um dia, ela se sentou em minha frente e começou a desenhar o espaço, as pessoas, traçar os movimentos e ali pensei que já era um *insight*, uma passagem destas que a

busca do conhecimento nos oferta: Eureka! Os caminhos já estavam traçados e como se tivesse uma bola de cristal – ou até as minhas cartas de tarô que ensaiava jogar – conseguia antever um futuro.

Ensinar, orientar também é feito por estes caminhos que os nossos afetos, sentimentos e sensibilidade nos levam. Ler as entrelinhas dos estudantes me habituou a iniciar uma orientação sempre com a pergunta: Como você está? Uma questão que representa para mim uma chave de abertura para o outro: “você me importa”, não só como orientando, ou aluno, mas sobretudo como pessoa. E era nesta abertura que confissões aparecem, desenham os terrenos da vida no qual a dissertação ou tese não é mais do que um fio que vai sendo tecido naquela rede vital.

Por falar em fio, retomo este outro não menos entrelaçado, sobre uma experiência nova vivida com o grupo de doutorandas. Por coincidência ou não, todas com distintos temas: alimentação e identidades na escola, comida de rua – uma em Santo Antonio e Jesus e outra em Fortaleza – e o cuidado alimentar e nutricional na atenção básica de saúde; desejavam realizar uma etnografia. E é neste momento que o NEPAC passa a empreender projetos etnográficos – ou inspirados em etnografia – a partir do doutorado. Tal fato nos leva a aprofundar e discutir sobre o tema até hoje.

Conseguimos por um bom período realizar orientações coletivas com discussão teórico-metodológica a partir de textos seminais de etnografia. Utilizamos autoras como Mariza Peirano e o fazer etnográfico, Viveiros de Castro e Bruno Latour. Também a partir de um livro que “caiu” nas minhas mãos de Paola Berenstein Jacques, o *Elogio aos Errantes*, publicado pela Edufba, em 2012. Este foi um passo importante para interpretarmos o espaço urbano, especialmente considerando os projetos sobre comida de rua. Esta obra foi abrindo espaço para um caminho que se organiza mais futuramente – e o escolhido por uma destas teses – que é a cartografia. Não foi um momento de longa duração, estes encontros semanais bem focados – creio que um semestre – mas foi duradouro, ao menos para mim que me produzia como orientadora de doutorado e em teses com etnografia como foco. Por certo que já vinham desenvolvendo “inspirações etnográficas”, mas não assumindo integralmente esta proposição.

Assim, com as mesmas preocupações teóricas, a relação entre modernidade e tradição, destaco aqui a questão da readequação do espaço urbano, e o conceito de gentrificação atravessa o nosso debate. As teses doutorais somam-se na esteira de duas dissertações que foram desenvolvidas e defendidas em 2013 e 2019. Estas ainda vinculadas ao projeto de corporalidades e comensalidades nas camadas populares, situadas no Mercado do Peixe. Uma foi desenvolvida exatamente no período da primeira reforma sofrida e outra, recente quando se transforma na Vila Caramuru, observando estes processos de reforma do espaço público.

Duas teses de doutorado versavam sobre comida de rua. O estudo de tal fenômeno alimentou uma discussão da experiência vivenciada na cidade de Salvador, considerando como os processos gentrificadores configuram uma apropriação do espaço público por parte das elites, não só locais, homogeneizando-o, pasteurizando-o e excluindo setores cuja vivência da cidade é insistentemente negada. Assim, ocorre também a exclusão de certos modos de comer, sob a égide do saudável, do moderno, do limpo e do *light*. Vivenciamos, por exemplo, a comida de rua, usando historicamente inúmeras táticas de resistência – a comensalidade na rua não deixou de existir e de resistir mesmo em grandes aglomerações urbanas. Continua a fazer parte da estética visual, olfativa e gustativa das cidades – diante de tantas avalanches, como, por exemplo, o fenômeno do *food truck*. Ainda é possível ao final da tarde em Salvador sentir o aroma do dendê florescendo nas suas ruas.

156

As duas teses em curso no nosso grupo flertam com a etnografia da comida de rua, uma em Santo Antônio de Jesus e outra em Fortaleza, para apreender como os trabalhadores do comércio informal de alimentos sobrevivem, resistem aos processos impostos pela modernidade. A comida de rua se conforma neste diálogo com a cidade, sendo um produto de negociações, confrontos e conflitos políticos, legais, afetivos, culturais, dentre tantos outros.

Com esse estudo, também localizamos novas nomenclaturas que revelam o processo de gentrificação, no qual a barraca se transforma em *box*, o ambulante ou feirante em permissionário, com ares de “empreendedor”, a feira com ares de supermercados e *delicatessen*, da comida de rua ao *food truck*. Por outro lado, também talvez em confronto, as feiras orgânicas, e agroecológicas, a busca de outras dietas e mais verde, circulam o debate.

É muito difícil apreendermos o quanto até as mais bem-intencionadas atividades de organização do comércio informal de alimentos podem representar uma violência, na medida em que temos a naturalização do discurso da pobreza e como resposta a ela a sua domesticação, geralmente, realizada sem diálogos e sem ouvir os principais interessados. Nós, a academia e o poder público, acreditamos que sabemos, *a priori*, o que é bom para eles. Falo aqui de uma outra tensão que compõe este tema que é o diálogo de saberes: os saberes científicos e os saberes populares.

Estas reflexões com os pós-graduandos embarçando projetos, textos, grupos de discussão, encontros com a realidade concreta, trazem sistematizações oportunas. Não irei relatar as inúmeras participações que fiz em mesas-redondas, conferências, bancas, e toda sorte de eventos acadêmicos pelo território nacional e internacional. Não consigo ponderar o não aceite por dois motivos principais: primeiro, considero esta uma tarefa institucional. Os eventos são oportunidades de trocas acadêmico-científicas, práticas colaborativas de inter-ação (intra-ação/entre-ação)

entre pesquisadores, estudantes, e outros atores imbricados. Levo na bagagem o nome da minha instituição em um jogo assimétrico de poder entre as universidades. Sistemáticamente em eventos costumo contabilizar quantas pessoas das regiões Norte-Nordeste – especialmente mulheres e negras – ocupam espaços de fala. Ainda, a velocidade acadêmica nos sucumbe de tal maneira que, cada convite, se traduz em uma possibilidade para sistematizar saberes. Possuo, de modo impresso – haja vista o quanto a cultura do papel ainda reside em mim como um artefato mediador de socialização de conhecimentos – pilhas armazenadas de manuscritos preparados para conferências e interlocuções. Não uso slides, uso o texto, a voz e o gesto. Estes manuscritos, na sua maioria, ainda hibernam, após o esforço empreendido para a sua elaboração, aguardando um momento oportuno para sua socialização em forma de publicações.

Depois dessa digressão, retomo o fato. Estas discussões foram sistematizadas para a participação em uma mesa-redonda ocorrida no 1º Encontro Nacional sobre a Agenda Estratégica de Pesquisas em Alimentação e Nutrição no SUS, promovida pela CGAN/MS em 2016. Nesta ocasião destaquei como os saberes populares e as práticas tradicionais no mundo contemporâneo têm se deslocado do lugar de “obstáculo” ao progresso científico e tecnológico para estarem em lugares outros, a exemplo de preservadores de práticas ambientalmente sustentáveis. Prossegui argumentando que tais movimentos não estão à margem de uma série de tensões e conflitos: comida como identidade implica demanda de conformar a valorização dos alimentos tradicionais e promoção da alimentação saudável, cujos discursos não necessariamente convergem. Ao mesmo modo, a comida como patrimônio enfrenta acirradas beligerâncias com as questões relacionadas à higiene e os ditames da vigilância sanitária, a comida como um direito tem na instituição escolar as batalhas para coadunar um cardápio que, para além do atendimento nutricional, deve representar os hábitos locais e incorporar os alimentos produzidos pelos agricultores familiares, seguindo os ditames regidos pelas normas governamentais – prazos, normas sanitárias, dentre outros aspectos. Tais tensões não residem apenas em insuficiências operacionais e de ordem prática, se assentam fundamentalmente em um enfrentamento de saberes, o tradicional e o científico. Este último é a referência a partir do qual as ações governamentais tentam se apoiar.

Assim, concebo a partir da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, em um dos textos que estão reunidos na obra *Cultura com Aspas*, publicada pela Editora UBU em 2009, que a ciência hegemônica, nas suas tentativas de interação, tende a encapsular esta tamanha diversidade de saberes que marcam os conhecimentos tradicionais, com regimes de produção do conhecimento tão diversos, sob um só signo – o saber tradicional. A autora considera essa homogeneização um comodismo abusivo para

que possa melhor contrastar com o conhecimento científico. Cito este manuscrito por ter me afetado nesta discussão sobre diálogo entre saberes populares e científicos bem como sobre o próprio conceito de cultura, repercutindo, refinando com outros autores em trabalhos a diante.

Fechando ciclos de projetos anteriores: as defesas de mestrado e participações em cursos e bancas entre 2014-2018

No que se refere às orientações de mestrado, seguimos com os projetos vigentes nos quais o projeto EAN gerou duas dissertações em 2014 e mais duas em 2015. O corpo na nutrição produziu uma dissertação defendida em 2016. Aproveitando o lançamento do Guia Alimentar para a População Brasileira, nesse ano também foi defendida uma dissertação sobre o tema. Em decorrência do PETNUT, dissertações relacionadas aos temas da comensalidade, práticas alimentares e do gosto geraram dissertações sobre as aceções e práticas dos próprios estudantes de nutrição, focando como estas trajetórias formativas se conformam nas suas biografias.

Há de se registrar o quanto o desencadear destes estudos foram também alimentados por uma experiência vivenciada no PET quando – aqui já estarei trabalhando o tema da obesidade – realizamos uma simulação de grupo focal, necessário para o estudo sobre a avaliação do currículo da graduação em nutrição, a partir da ótica dos estudantes. Nesta simulação, utilizamos o tema gerador que havíamos elegido para as atividades do ano de 2017, a obesidade.

A pergunta circulava sobre as suas próprias experiências com o corpo e como viam a obesidade. Entretanto, havia uma estudante petiana considerada obesa pelos parâmetros do IMC o que, neste encontro, o discurso evocado “treinado” pela formação se choca com o outro – ou com si mesmo. Conversamos sobre isso. Conversamos como o curso vê as experiências vivenciadas com o corpo e com a comida dos seus estudantes. Sabemos, aludo aqui sem a confirmação de dados, que o curso de Nutrição – assim como de educação física, psicologia –, são cursos bem procurados por estudantes que são acometidos por relações conturbadas com o seu corpo e/ou com a comida.

Corpos gordos, com anorexia, bulimia, vigorexia, corpos famintos, pretos, de mulheres, LGBTQIAP+, cada vez mais indígenas, quilombolas, de periferia, com deficiência, corpos diversos ao das expectativas ainda persistentes do que deveria ser um corpo de universitário, confluem nestes espaços, com as experiências de felicidade, de angústias e acometimentos de toda ordem – no momento atual, a saúde

mental é um tema cada vez mais preocupante. E o que a universidade faz com estes corpos? Cuidamos deles? Trabalhamos pedagogicamente para aprender a conviver com o diferente? Ou nos debruçamos para formatá-los, apagarmos estas marcas diversas, homogeneizando em um bloco de “recursos humanos” treinados para cuidar do comer do outro?

No PETNUT, discutíamos estes pontos em aspectos mais concretos: “pró, como podemos comer saudável se nos cortes de horário da UFBA, não cabe o tempo para o almoço? Se as unidades universitárias não possuem espaço para as nossas refeições?” “Comemos nos ônibus, deslocando de uma aula para outra”. “Minha alimentação piorou depois que entrei na faculdade”. Assim, foram resultados das discussões no PET e de três dissertações cujo foco eram os estudantes de nutrição.

Cabe aqui ainda recordar dois aspectos: a) aqui seria retomar a minha primeira orientação no programa “Os aprendizes da Casa Verde” que se ocupou de desenvolver uma observação participante nos espaços da ENUFBA, tentando compreender como se dava a comensalidade, a construção das marmitas, os diálogos que circulavam sobre o tema etc.; b) Na disciplina de Educação Nutricional se institui como a primeira atividade: uma adaptação do “sob o fio da memória” no qual os alunos produziam as suas biografias alimentares para pensar a partir do seu comer, o comer do outro. Creio que a primeira vez que experimentei esta atividade foi no componente curricular de Deontologia da Nutrição entre 2010 e 2011. Nesta oportunidade tive uma surpresa imensa quando vi os inúmeros problemas que os alunos revelavam nas suas narrativas com o seu corpo e o seu comer de toda sorte. Eles diziam que nunca tinham tido oportunidade de falar sobre isso em aula, eram alunos do 9º semestre...

Por fim, este período também marca novos desafios de orientação: o ingresso de estudantes de gastronomia na pós-graduação, oriundos do curso de graduação criado na ENUFBA na ocasião do Projeto Reuni. Nos temas e objetos passam a circular novos conceitos, alargando o campo da alimentação e nutrição (e gastronomia...). A cozinha, a estética do comer, as práticas culinárias, o ato do fazer comida na cultura, levaram a objetos como o estudo sobre o coentro na culinária baiana, este símbolo das lutas étnico-raciais do eixo sul, ou a cozinha e gênero nas cantinas escolares, o que trouxe ares outros para o NEPAC e para as minhas elaborações intelectuais.

A esta altura de finalização tenho voltado a tempos anteriores desta narrativa. Entretanto, creio que seja relevante destacar dois pontos: na ocasião do REUNI, também participei da elaboração do projeto do curso de gastronomia em defesa de uma outra gastronomia, outra no sentido de enraizada na cultura baiana e brasileira, não colonizada, que pudesse articular o ensino-pesquisa-extensão na direção da produção de saberes sobre a cultura alimentar, tema candente para a história brasileira. O segundo ponto é que também tive a oportunidade de ofertar uma disciplina

em um curso de especialização em Gastronomia e Saúde da UnB em 2007 em uma turma com participantes de nutrição e gastronomia. A elaboração deste curso foi importante para organizar saberes sobre os diálogos e tensões existentes entre estas duas áreas. Ainda, participei de eventos organizados por Raul Lody em mesas e palestras que contribuíram também para as reflexões.

Nestas linhas escritas, não tive a oportunidade de me referir à minha intensa participação em bancas de mestrado e doutorado. Desde o meu doutoramento tenho sido convidada para distintos programas – Antropologia, Sociologia, Ciências Sociais, Ciências da Religião, Ciência dos Alimentos, Nutrição, Saúde Pública, Comunicação, Estudos Étnico e Africanos, Educação, em diferentes instituições do Brasil e do país – UFBA, UNEB, UFRB, USP, UERJ, UFRJ, UFJV, UFRGS, UFT, UFC, UFES, Universidade Autônoma do México, Universidad de Antioquia. Université Toulouse Jean Jaurès (a esta banca, estive presencialmente, em 2018 a convite da instituição). Considero as bancas e a participação nelas um dos momentos mais memoráveis da vida acadêmica. É o exercício do trabalho coletivo em prol da qualidade e certificação do fazer pesquisa e formar pessoas se formando. Eu me formo profundamente quando leio e analiso um trabalho e potencializo a minha habilidade de docente pesquisadora e orientadora. Escrevo isso para dar destaque a dois pontos. O primeiro é que estes convites de alguma maneira me reconhecem no espaço do “entre” e me consolidam neste lugar. O segundo, decorrente neste primeiro, é que não só consolida como me ensina ser e estar no entre. A cada trabalho que leio de uma outra área me faz perguntar: “o que, daqui deste lugar eu posso contribuir?”. Busco falar deste lugar a fim de conferir alguma identidade na interlocução. Ademais, me faz andar junto. Aprendo com o outro, com o que o outro lê, como o outro faz. Em síntese, acho simplesmente extraordinário a participação em bancas...

Nesse ínterim, diante desse acúmulo de novos caminhos para aprofundar, eu via a hora de fazer o meu pós-doutorado passando... Todos os anos eu registrava a intencionalidade no Plano do Departamento. Num ano não havia edital na CAPES, noutro algum impedimento novo, em 2014, resolvi investir impulsivamente por uma ex-mestranda que se candidatava para o seu doutorado sanduíche. Não sabia para onde ir, voltar à França? outro lugar? talvez um país de língua inglesa já que as minhas habilidades com esta língua prioritária para a academia se esvaíam. Cheguei a apresentar uma proposta ao CNPq, o qual solicitou informações complementares que não foram respondidas a tempo para prosseguir a análise do pedido, pois já havia outro projeto em curso: o retorno à coordenação da pós-graduação. Fui convencida sem muito esforço já que havia questões de ordem pessoal que me faziam hesitar em investir em uma longa estadia no exterior.

O NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ALIMENTAÇÃO E CULTURA (NEPAC)

PARTE 03 (2017-2022)

Este período já está com seus fragmentos relatados anteriormente. Iniciando a renovação do mandato na coordenação da pós-graduação, em 2017, desejo lançar luzes às ações no NEPAC capitalizadas pelos novos projetos de pesquisa aprovados. É importante destacar que, finalizado o projeto de EAN, o NEPAC ficou sem projetos financiados no período, recordando ainda a crise instituída no segundo mandato da então presidenta da República Dilma Rousseff, que sofreu um Golpe com o *Impeachment* em 2016, não finalizando assim o seu mandato.

Tal evento afetou incisivamente não só as universidades, como as demais instituições e projetos governamentais na educação, saúde, trabalho e assistência social. É evidente que não me refiro tão somente a uma crise financeira, mas a instituição de uma outra política de estado com a verve neoliberal. Afeta aos trabalhadores e trabalhadoras não apenas nos direitos trabalhistas, mas, também, em seus projetos acadêmicos e pessoais. Nestas décadas, a minha carreira é acompanhada pelos avanços das políticas públicas nas universidades: financiamento de pesquisa, REUNI, cotas para estudantes, ampliação das bolsas de estudo, políticas estruturadas, ampliação dos cursos de mestrado e doutorado, ainda que pese inúmeras críticas, 2016 somente anunciava o que estava por vir...

Ainda neste contexto, a coordenação da CGAN/MS desenvolvia habilmente estratégias para manutenção dos seus financiamentos e programas, dentre as quais a submissão em editais para projetos de pesquisa desenhados a partir de uma discussão coletiva que já fiz alusão aqui: Agenda Estratégica de Pesquisa em Alimentação

e Nutrição no Sistema Único de Saúde (SUS). Esta iniciativa proporcionou dois encontros nos quais participei em Brasília, em 2016 e 2019. Um fluxo de editais foi lançado e eu concorri em alguns deles.

Ainda assim, o NEPAC se consolidava. As experiências com os projetos de pesquisa, alunos circulando de mestrado e doutorado, somava-se às primeiras pós-doutorandas no NEPAC: Janaina Paiva, já integrante do NEPAC, concluído o seu doutorado no ISC/UFBA e Úrsula Verthein, oriunda da Universidad de Barcelona, orientanda de Jesús Contreras, que veio experienciar o NEPAC trazendo à tona o projeto de Educação Alimentar e Nutricional em escolas.

As duas inspiraram, coorientavam, davam corpo ao NEPAC, assim como contribuíram para, em novembro de 2018, realizar a I Mostra de Estudos e Pesquisas do NEPAC que foi um momento memorável. A um só tempo, contribuiu para dar visibilidade ao grupo – o que já funcionava, como também dar visibilidade a nós mesmos. O vertiginoso fluxo de atividades não possibilita avaliarmos amiúde o que fizemos e o que estamos fazendo. Na verdade, a sensação que impera é de insuficiência, incompletude, de não estar à altura; sentimentos compartilhados na universidade que precisam ser revisados...

Antes de tratar de pesquisa, acho importante visibilizar o meu retorno a outras agendas relacionadas à saúde e à Segurança Alimentar e Nutricional por meio de trabalhos em rede.

Vamos nos organizar! Participação em Associações Científicas e Redes de Pesquisa

A partir de 2006, já iniciava a minha participação em associações e redes de pesquisa. A primeira célula foi a de Alimentação e Cultura na qual encontros foram organizados quase que anualmente com pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, espanhóis, mexicanos e franceses. Este grupo promoveu vários encontros em distintas cidades brasileiras, como Brasília, Porto Alegre, Rio de Janeiro e aquele já relatado em Salvador, um dos precursores, ao menos, da participação de Claude Fischler neste evento. O objetivo destes eventos promovidos para a construção da rede era reunir investigadores – no geral investigadoras –, que se debruçavam sobre os aspectos socioculturais da alimentação, compartilhando seus trabalhos, promovendo intercâmbios acadêmicos e a incessante tentativa de construir um projeto de pesquisa conjuntamente em rede colaborativa de abrangência nacional e quiçá comparativo com outros países. Este último não conseguiu se efetivar ao longo da existência desta rede.

Marcos importantes eram a presença e o protagonismo das investigadoras brasileiras que, em sua vasta maioria, congregava nutricionistas que se arvoram aos entremeios da cultura alimentar. Havia uma presença marcante de uma antropóloga, Maria Eunice Maciel (UFRGS), que dentre poucos da área, apostava neste grupo e tinha uma penetração importante no campo da antropologia da alimentação no cenário internacional. Difícil seria recuperar os intensos debates sobre a identidade desta rede, muito agenciada pela Fiocruz na figura de Denise Oliveira e Silva, em que as nutricionistas impunham os limites dos seus interesses: não queriam ser antropólogas, a identidade de nutricionista se preserva, pretendiam arear o campo com temas, métodos e sobretudo a interface com a cultura.

Um evento que diria quase recorrente deste movimento aconteceu no México, organizado pela professora Mirian Bertrán e outros pesquisadores mexicanos, para o qual fui convidada a proferir uma conferência sobre as práticas corporais e alimentares na cultura contemporânea, no Colóquio Internacional de Antropologia de la Alimentación, realizado nos dias 22 a 24 de maio de 2013. Este evento foi importante, reunindo os pesquisadores já conhecidos nos eventos do Brasil e trazendo a possibilidade de ampliar o espectro de pesquisadores espanhóis e mexicanos, oportunidade na qual conheci o sociólogo francês Jean Pierre Poulain. Creio que não havia ainda participado de um evento latino-americano anteriormente e isso muito me impactou, mesmo antes das aproximações sobre os estudos decoloniais. Conheci ainda, entre outros pesquisadores espanhóis, Julian Garcia-López e Lorenzo Mariano, que encontrarei futuramente. Este evento estreitou laços com Mirian Bertrán, que por intercâmbio ofertou posteriormente um curso no PPGANS sobre antropologia da alimentação no mesmo ano de 2013.

A rede se arrefeceu, mas não deixou de produzir efeitos e outros movimentos. Por exemplo, levou-se a Associação Brasileira de Antropologia para o GT de Alimentação e Cultura, no qual coordenei uma das propostas na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, ocorrida em João Pessoa em 2016. Integro, ainda, desde os seus primórdios a Rede Ibero-Americana de Pesquisa Qualitativa em Alimentação e Sociedade (Rede NAUS), fundada em 2013 durante o VII Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro; afirmo que, de alguma maneira, decorrente deste movimento da Rede de Alimentação e Cultura. Foge ao escopo dessa escrita, aprofundar a análise destes grupos e destas interlocuções. Cabe aqui demarcar o protagonismo das nutricionistas – diga-se de passagem, sempre surpreendeu os pesquisadores europeus – que a partir dos anos 2000, muitas delas – estou inclusa nesse grupo – tentaram sair de suas “caixas” para revigorar o campo da nutrição.

Entretanto, queria ainda destacar duas redes que passei a integrar a partir de 2018/2019, participando da coordenação de Grupos de Trabalho que, conjuntamente, me trazem novas perspectivas de pensar o campo da alimentação e cultura/ciências sociais e humanas em alimentação e nutrição em relação com as políticas públicas. Decerto que esta reflexão sempre esteve na centralidade do meu trabalho desde os primórdios e é central na formulação da minha identidade acadêmico-científica e do grupo NEPAC que tenho recentemente caracterizado o “entre” saberes. Com o reconhecimento do que tem sido chamado de alimentação e cultura no campo das políticas públicas de alimentação e nutrição, que se pode observar nos vernáculos dos documentos normativos da PNAN, SUS, Marco de EAN nas PP, Guia Alimentar para a População Brasileira, demanda-se a ampliação da discussão em interface com os mais distintos objetos do campo da alimentação e nutrição, especialmente no âmbito da formulação das políticas.

164

A partir de 2018, passo a participar do Comitê Gestor do Grupo Temático Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva da ABRASCO (GT-ANSC), com a tarefa de contribuir especialmente na mobilização destes campos de saberes dentro deste GT, renovando o mandato em 2020, e ainda em vigência. Quase que paralelamente, já vinha participando dos Encontros Nacional de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, desde 2017, integrando, como convidada, mesas de debate e em 2019, assumo com mais três colegas, a coordenação do GT Alimentação e Cultura da então Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

Brevemente, dois marcos poderiam ser destacados sobre a importância destas duas participações na minha trajetória acadêmico-científica. Pareceu-me uma espécie de (re)encontro com as ações políticas que caracterizam tão bem as duas entidades – ao menos no GT. Uma, no âmbito do Sistema Único de Saúde e outra, no âmbito da Segurança Alimentar e Nutricional. Isso instigou-me ainda mais as conexões, entrelaçamentos, que me fazem perguntar: de que cultura alimentar estamos falando nestes espaços?

O segundo marco, é que este reencontro com as ações políticas se deu justamente em contextos de crises das políticas e retrocessos colossais no país. Um tempo relevante foi destinado à gestão da pós-graduação e pesquisa e entendia oportuno (re)tomar esta ciência com mais ativismo político. Isso se somou à participação no Banqueteço-Bahia, um movimento criado em 2019, desencadeado pela extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, um dos primeiros atos no primeiro dia do governo Bolsonaro. O Banqueteço me proporcionou também (re)encontros com os diferentes movimentos sociais e do campo em defesa da alimentação enquanto direito humano, que me fez pensar muito sobre a luta contra a fome

desde os tempos de Ação da Cidadania liderada por Betinho ao final dos anos 1990. Um filme passava em minha cabeça em tempos que jamais imaginaria retornar...

À esta altura já estava tomada por sentimentos confusos em relação à minha carreira e a tudo que foi construído e produzido que parecia desmoronar aos meus olhos. Venho desde então transformando o nosso trabalho como principal dispositivo de resistência (ou melhor, intensificando). Recordo-me da mensagem do então reitor da UFBA, prof. João Salles, realizando visitas nas unidades acadêmicas da UFBA, após a instituição do novo governo em 2019: “continuemos fazendo o que sabemos fazer de melhor”, uma frase que me afetou... O desmoronamento das políticas de ciência e tecnologia, as ameaças a órgãos como CNPq e CAPES ajudaram paradoxalmente a que eu fizesse as pazes com um talvez sentimento de culpa em ter supostamente reduzido o meu ativismo político: “não! Estar trabalhando na gestão e sustentação da pós-graduação e pesquisa é também fazer política!”. Nunca foi sobre si mesmo, nunca foi uma mera projeção pessoal, sempre foi luta para manutenção do direito a pensar, investigar autonomamente sobre as nossas realidades e as buscas de respostas produzidas no local.

Um segundo aspecto sobre estas duas redes, por fim, é que a centralidade da minha participação nestes espaços também se deu durante a pandemia da covid-19. A pandemia colocou em xeque aspectos como qual o lugar da cultura no bojo da crise emergencial, trazendo a discussão para um lugar mais ornamental nas hierarquias de prioridades políticas, como também trouxe de modo mais veemente as questões ambientais para o cenário da discussão da fome, coroando reflexões outras a exemplo das cosmopolíticas...

Com atenção plena: as PICS no cuidado *a pessoas* *com obesidade na atenção básica*

Conforme referido anteriormente, as iniciativas da CGAN/MS geraram editais relacionados à agenda estratégica de alimentação e nutrição no SUS. Um deles foi a Chamada CNPq/MS/SCTIE/DECIT/SAS/DAB/CGAN nº 13/2017 – Pesquisas em Alimentação e Nutrição. Já estávamos sem financiamentos para desenvolvimento de projetos e necessitaríamos participar deste edital. Entretanto, estudando a chamada não conseguíamos identificar a proposição de um projeto que convergisse os nossos interesses de estudo aos do edital. Em quase ato de desistência, observamos uma frase no item referente aos Resultados Esperados da Linha 01 sobre “Estudos sobre obesidade nas fases do curso da vida objetivando a organização da Rede de Atenção à Saúde no Sistema Único de Saúde”. Vimos nesta frase uma oportunidade,

entretanto, o nosso grupo de pesquisa não tinha, antes deste edital, as Práticas Integrativas e Complementares (PICS) como objeto de interesse, mas sim o fenômeno da obesidade, tema que ocupará o lugar central dos projetos do NEPAC a partir daí: corpo, obesidade e saúde, migrando para o cuidado a pessoas com obesidade.

Em uma trajetória de interesses pela fome, pelas práticas alimentares e o corpo, o tema da obesidade se tornou foco das políticas públicas de alimentação e nutrição ao final dos anos 1990 e, de alguma maneira, atravessa a minha tese de doutorado ao tratar sobre o corpo, o comer e o nutrir. Entretanto, ainda que a questão da obesidade tenha emergido nestes trabalhos, não era devidamente aprofundada enquanto um fenômeno socioantropológico. Preocupava-me como as pessoas incidiam sobre o seu corpo como forma de controlar o seu peso corporal por meio da dieta, atividade física, intervenções cirúrgicas e medicamentosas, todavia, não questionava o estatuto científico da obesidade.

166

A minha reflexão sobre esta marginalização do tema da obesidade a partir das ciências sociais e humanas, provavelmente, advinha de alguns interditos, que se daria em duas ordens: a) um interdito ético-político (e moral), uma vez que a emergência do sobrepeso e obesidade como problema no Brasil se dá quando a fome e desnutrição ainda são fenômenos alarmantes, então, como se preocupar com aqueles afetados com o comer em demasia, enquanto ainda temos um grande contingente de famintos neste país?; b) outro interdito que aparece mais adiante seria mais epistemológico, pautado em uma narrativa unívoca acerca das certezas científicas, segundo a qual a obesidade era um problema de saúde de ordem biomédica tão somente, e as estratégias de controle do peso corporal seriam o fundamento precípua e inquestionável para promover saúde e prevenir doenças (a perda de peso corporal se constitui como um passaporte primeiro para tratar dos outros problemas de ordem médica).

Assim, os estudos no Brasil sobre obesidade não ultrapassavam as representações sociais da obesidade sem questionamentos acerca do paradigma científico sobre o qual a ciência da obesidade se apoiava. Esta narrativa era complementada pelo reconhecimento da sua relação com a modernidade, sem, contudo, mobilizar discussões sobre os processos modernizantes geradores do problema. Era como se fosse uma consequência quase que “natural” de um processo não menos “natural” dos ímpetus modernizadores desenfreados.

Assim, somente em 2013 a obesidade se apresenta para mim como um objeto das ciências sociais e humanas. No entanto, não somente as repercussões deste fenômeno deveriam ser objeto dos estudos, mas o próprio fenômeno: me refiro ao “estatuto das ciências da obesidade” – o segundo interdito. Neste contexto, publiquei um texto intitulado “Saúde, práticas corporais e obesidade na cultura contemporânea”, no livro *Intercâmbio Solidário de Saberes em Saúde: racionalidades médicas e práticas*

integrativas e complementares, organizado por Marilene Nascimento e Maria Inês Nogueira, pela Editora Hucitec.

Esta produção foi resultante das minhas aproximações com os estudos críticos da obesidade, a partir de um conjunto de autores como Michael Gard, Jan Wright e Lee Mogathan – que compõem o chamado *critical weight studies ou fat studies, critical obesity research* –, com outros estudiosos da tradição francesa, como Jean Pierre Poulain, além da espanhola Mabel Gracia, ou ainda do México, como Mirian Bertrán, dentre inúmeros outros. Estes autores, cada um à sua maneira, pois não necessariamente compartilham dos mesmos pressupostos teóricos do campo das ciências sociais e humanas, desenvolvem críticas, por vezes, contundentes ao que denominam de ciência da obesidade.

Mais recentemente, estamos desenvolvendo um projeto em torno do fenômeno da obesidade, cujo desafio maior é a politização deste tema, ainda profundamente marcado por uma perspectiva biomédica, que centra as soluções deste problema na responsabilização do sujeito sobre o destino das suas formas corporais. Estamos buscando recolocar a obesidade no lócus da discussão da modernidade tardia, uma consequência de um modo de produção da vida, que inclui a produção de alimentos e da comida. A corpulência é produzida nesta trama entre o global e o local, na qual autores preferem se referir a obesidades, contrapondo a esta perspectiva universalizante do corpo forjada pela biomedicina. Discutir a obesidade parece-nos uma chave importante para compreender as relações entre o corpo e o comer na modernidade.

A chave principal do discurso nutricional, após a publicação do Guia Alimentar para a População Brasileira, é a centralidade na classificação dos alimentos nos níveis de processamento. Tal classificação impacta diretamente no olhar que debruçamos sobre o alimento, a comida e o que consideramos saudável. Uma nova leitura sobre a comida que vai além de uma combinação nutricional perfeita, das predileções ao *light* e *diet*, da invasão da intimidade dos alimentos e de sua manipulação artificial em prol do discurso do saudável. Tal classificação assume novos posicionamentos políticos em defesa da comida de verdade, um slogan com o subtítulo do campo à mesa e, por conseguinte, dos produtores da agricultura familiar, da agroecologia e da sustentabilidade socioambiental em confronto aos conglomerados em torno da grande indústria de alimentos.

Entretanto, a proposta de projeto implicava em dois desafios (dentre tantos outros): (re)tomar a atenção básica como cenário de estudos e as PICS. Decerto que o tema nos interessava pela oportunidade que as PICS nos possibilitam em produzir novos modos de pensar e agir e praticar saúde em uma perspectiva mais humanizada e integral, utilizando uma pluralidade interdisciplinar. Ademais, contávamos com integrantes do grupo que já experienciavam as PICS nas suas práticas de saúde

e autocuidado – o que parece ser um ponto importante na trajetória da formação dos profissionais que as utilizam.

Contudo, este projeto foi construído como uma oportunidade de participar deste edital. Faço este comentário para destacar o quão os editais quando construídos a partir das temáticas prementes e com discussão ampliada com os pesquisadores e instituição podem estimular investigações em campos pouco explorados.

A fim de construir algum lastro que pudéssemos trazer as PICS para o cenário, buscamos pessoas, professores da UFBA que lidavam com a temática e descobrimos que o Hospital das Clínicas possuía um ambulatório de PICS. Fomos visitar e o impacto desta visita seria um relato à parte... um encontro com outro universo de cuidado à saúde... e que imagino impactou de modo incisivo uma doutoranda que me acompanhou nesta visita e foi estudar o cuidado alimentar e nutricional na atenção básica.

168

Depois destas incursões, ativações de criatividade e novas conexões, criamos a pergunta de investigação partindo do encontro dos dois fenômenos. De um lado, tem-se a magnitude do fenômeno da obesidade enquanto um problema de saúde pública há pelo menos quatro décadas, produzindo investimentos a nível nacional e internacional em políticas e ações com vistas ao seu controle e prevenção, sem, contudo, ter obtido o sucesso esperado. Assim, adentramos a segunda década do século XXI com a demanda de revisitar estas ações e práticas que, por seu turno, exige investimento similar ao próprio estatuto científico da obesidade. De outro lado, tem-se as PICS instituídas desde 2006, a partir das PNPICS, apresentando potencialidades para repensar o cuidado integral à saúde das pessoas, partindo de outras racionalidades, outros modos de pensar saúde, buscando ampliar o cuidado.

Deste encontro emergiram as perguntas: Em que medida, as PICS podem contribuir para a ampliação do cuidado às pessoas diante do fenômeno da obesidade na Rede de Atenção à Saúde no SUS? Adicionalmente, pergunta-se em que medida as racionalidades e experiências das PICS podem colaborar para a ampliação da compreensão do fenômeno da obesidade e de outras formas de agir, ou seja, outras formas de cuidado a pessoas com obesidade? Assim, o nosso objetivo foi *avaliar, na perspectiva dos estudos qualitativos, a efetividade das Práticas Integrativas e Complementares no cuidado às pessoas com obesidade na Rede de Atenção à Saúde*.

Vejamos aqui uma inflexão importante no campo das políticas de “enfrentamento e controle da obesidade” para o “cuidado a pessoas com obesidade”, conformando o tema cuidado às pessoas. Em decorrência, o tema do cuidado alimentar e nutricional no NEPAC gerou uma tese de doutorado com este tema ainda pouco explorado.

Assim, o projeto foi aprovado neste edital em parceria, mais uma vez, com a UFRB, UFOB – através de uma ex-aluna, integrante do NEPAC, agora docente – e a USP de Ribeirão Preto. A formulação do projeto decorreu de uma força tarefa que

envolveu cerca de 15 pessoas – entre docentes, alunos e pesquisadores. Destaco que discorrerei, se for oportuno, a metodologia de escrita de projetos no NEPAC, que me parece uma experiência digna de nota. Logo de imediato, surgiu a chamada do PPSUS/FAPESB, oportunidade que aproveitamos para submeter este projeto recém-produzido, tendo sido também contemplado.

Cabe destacar que este pareceu ser o único projeto de cunho qualitativo neste edital, suscitando inúmeras interrogações sobre a não utilização das mensurações convencionais da obesidade. Difícil argumentar que privilegiaríamos os efeitos das PICS a partir das narrativas dos sujeitos – profissionais e usuários. Entretanto, isso não parecia convincente. A avaliação antropométrica parece ser o destino final de qualquer estudo e diagnóstico, por vezes sustentado pelas convenções instituídas desde os anos, estimo, 1980, quando a epidemiologia nutricional se fez presente no cenário e conformou as ciências da nutrição.

Aqui não se trata de invalidar a importância histórica da mensuração antropométrica, pois isso seria no mínimo irresponsável. Trata-se de validar outros olhares para o fenômeno com as suas ferramentas não presentes em muitos estudos quantitativos, buscando refutar a sensação de “falta algo” para ser ciência. Enfrentamos o debate e o acolhemos como necessário para o fortalecimento de argumentos à gestão de evidências outras que não necessariamente passassem pelos números. Algo que considero bem convergente com os desafios dos estudos de PICS...

Em síntese, este projeto possibilitou muitos debates, reflexões sobre o tema, duas teses de doutorado a partir de etnografias, três dissertações, três trabalhos de conclusão de curso de graduação, alguns finalizando em 2023, em decorrência do atravessamento da pandemia. Neste meio termo, fomos atravessadas por outro edital...

Obesidade(s), diferentes olhares e múltiplas expressões: um projeto de pesquisa e formação

Estava em férias quando vi a Chamada CNPq/MS/SAS/DAB/CGAN nº 26/2018 – Enfrentamento e Controle da Obesidade no Âmbito do SUS. Achei oportuno já que, com o projeto anterior, estávamos reunindo muitos elementos e reflexões sobre o cuidado a pessoas com obesidade no âmbito da atenção básica. Entretanto, era demasiado difícil enfrentar outro edital. Sempre mergulhada em muitas atividades, finalizando a gestão da coordenação do colegiado, enfrentando os desafios do projeto vigente e, considerando ainda que, a esta altura da carreira, avaliava a possibilidade de reduzir coisas, focar no que consideraria central... eu disse não.

Só que nossos caminhos não são traçados pelas nossas decisões individuais. A decisão difícil a ser tomada foi abalada por um telefonema de uma professora da UNEB convidando para uma escrita conjunta. A colega ponderava que o edital preconizava contemplar um projeto por estado e, nesse sentido, não seria possível o grupo da UNEB submeter uma proposta isoladamente. Considerei muito fortemente o seu convite até porque os cursos de nutrição da UFBA e da UNEB, os mais antigos do estado da Bahia e oriundos de duas instituições públicas, têm tido ao longo da sua história poucas experiências de parcerias. Informei que poderíamos conversar e era necessário também convocar os serviços de saúde.

Em uma reunião, a fala contundente da representante da área técnica da SESAB, que foi colega de graduação e do movimento estudantil, foi decisiva para mudança de rumos neste processo. A fala convocava, a partir de informações sobre a situação da obesidade no estado da Bahia, para a responsabilidade e relevância das instituições de ensino e pesquisa neste processo. Assim, uma força tarefa de pessoas – docentes, alunos e pesquisadores de distintas formações, que não necessariamente se conheciam – produziu o projeto em três semanas. Com a tradição do meu processo de trabalho representado pelo “chama todo mundo” e o uso da metodologia “da galinha pulando” (farei alusões a isso em breve) reunimos cerca de 30 pessoas neste constructo desafiador e de grande envergadura e realizamos a submissão, obtendo êxito no edital.

Em síntese, o êxito foi fruto desta grande articulação entre pesquisadoras e pesquisadores de três importantes instituições da Bahia: Universidade Federal da Bahia (UFBA) – com representantes do *campus* de Salvador e do *campus* de Vitória da Conquista –, Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sendo a UFBA a instituição proponente. Além das universidades envolvidas, o projeto também estabeleceu parceria com a Secretaria do Estado da Saúde da Bahia (SESAB) e com a Secretaria Municipal de Saúde de Salvador.

O projeto objetivou, por meio de processo formativo com profissionais dos Núcleos Ampliados de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB) e com gestores de regiões de saúde do estado da Bahia, fortalecer capacidades conceituais, metodológicas e estratégicas para qualificação do cuidado a pessoas com sobrepeso e obesidade. Para tanto, buscou-se enfatizar aspectos relacionados à prevenção, diagnóstico e tratamento dos usuários, considerando os contextos sociais, comunitários, familiares e aspectos subjetivos.

Desde sua conformação, o projeto esteve apoiado em quatro eixos: (1) Pesquisa e Desenvolvimento, (2) Formação, (3) Avaliação e Monitoramento e (4) Difusão Científica. O primeiro eixo incluiu estratégias diagnósticas no intuito de identificar formas de organização da gestão e da atenção nutricional no cuidado a pessoas com sobrepeso e obesidade nos municípios integrantes do projeto. O segundo eixo teve

como finalidade formar profissionais de saúde da equipe de NASF-AB e gestores, na perspectiva da multiplicação de pares, para atuar na prevenção e produção do cuidado a pessoas com sobrepeso e obesidade com ênfase na atenção alimentar e nutricional para famílias e coletividades, a partir de seus determinantes biopsicossociais.

Neste contexto, o curso foi ofertado para gestores da Atenção Básica e para profissionais do NASF-AB no período de 08 de setembro de 2020 a 21 de dezembro de 2020. Em função da necessidade de distanciamento social decorrente da pandemia da covid-19, todas as atividades ocorreram na modalidade à distância e envolveram, conforme planejado, as regionais de saúde de Salvador, Santo Antônio de Jesus, Vitória da Conquista, Cruz das Almas e Itapetinga, abrangendo vários municípios.

O terceiro eixo propôs a aplicação de instrumentos para avaliação da organização da atenção nutricional na ABS e das formações realizadas, apresentando interfaces com o eixo de pesquisa e desenvolvimento e com o eixo formação. Já o quarto eixo compreendeu um conjunto de estratégias de caráter transversal para democratização do conhecimento produzido ao longo do projeto, o qual se destina a diferentes públicos de interesse atendendo aos propósitos de divulgação de resultados, difusão científica e de atores da esfera pública, bem como reorientação de modelos de gestão e práticas de cuidado a pessoas com sobrepeso e obesidade.

A respeito da extensão, que já tomou este escrito memorial, destaco que não cabe a infinitude das experiências vivenciadas e aprendidas com este projeto, o que carece um escrito particular. Apenas cito pontualmente: a) primeiro, que a experiência do momento mais intenso da execução do projeto se confunde com a experiência da pandemia de covid-19. Tínhamos como previsão iniciar o curso de formação em abril de 2020 quando, em março, deflagrou a pandemia, com as medidas de distanciamento social. O curso era para ser desenvolvido de modo semipresencial e as discussões na CGAN foram intensas e desgastantes com os coordenadores. Todos nós estávamos em um momento muito ímpar no qual não sabíamos o que fazer e nem o que nos esperava.

Os nossos processos de tomada de decisão e de aprendizagem do modo de trabalhar de modo virtual foram profundamente intensos: a) necessidade de mudar a organização do curso e estudar muito mais sobre EaD – tanto para as atividades acadêmicas outras, como para a pesquisa e formação no projeto; b) as aprendizagens para gestar um projeto desta envergadura envolvendo um volume de recurso com o qual nunca havia trabalhado – os editais anteriores foram contemplados com recursos sete vezes menor – aliado ao número expressivo de bolsistas envolvidos; c) administrar os conflitos, que não foram poucos com a equipe, somados às experiências subjetivas e globais ocasionadas pela pandemia. Gerenciar esta situação exigiu de mim, para além das dimensões técnico-profissionais, um conjunto de habilidades

relacionadas com o que mais conferia identidade ao projeto – o cuidado. A questão era como desenvolver um projeto sobre cuidado sem cuidar de nós? Por outro lado, o tema obesidade para quem já estudava corpo, obesidade e saúde foi tomando outros contornos com esta experiência. Ainda que tenhamos uma literatura consistente sobre o cuidado e sobre obesidade, o cuidado a pessoas com obesidade era um tema que considero recente e cheio de curvaturas.

Muito contribuiu neste processo o estudo do Relatório da Comissão de Obesidade de The Lancet: Sindemia global da obesidade, desnutrição e mudanças climáticas¹, que foi traduzido para o português no mesmo ano de seu lançamento. Desde 2018, fazíamos reflexões sobre o tema buscando sair de duas perspectivas: uma que dominava até então a biomedicina, que resultava nas estratégias centradas no peso corporal, desde uma perspectiva comportamentalista, que responsabilizava os sujeitos pelo seu destino corporal, e outra – aí mais desafiadora ainda – de superação das críticas a este modelo para efetivamente pensar em estratégias de cuidado. Como um dos exemplos, a reflexão sobre se a obesidade era doença ou não era doença parecia ser pouco efetiva, ao menos da maneira que realizávamos no âmbito deste projeto. Talvez no contexto da pessoa, na sua integralidade ou na sua agência, poderíamos compreender qual era “o peso do peso” corporal na sua vida cotidiana.

Assim, o cuidado a pessoas com obesidade e/ou pessoas gordas parecia não se confundir com o tema obesidade em outras perspectivas e o cuidado não se confundia com as estratégias canônicas de seu “enfrentamento”. Desconfio que o tema cuidado a pessoas com obesidade nasce de uma confluência gerada pelos dados epidemiológicos que evidenciam que, em que pese os investimentos internacionais e nacionais ao seu “enfrentamento”, estes continuam em ascenso; e pelos acúmulos, mesmo ainda dispersos, de um lado, gerados pela experiência das pessoas que convivem com a obesidade e, de outro, das pessoas que promovem o cuidado que se ressentem da insuficiência dos protocolos.

E isso não se trata apenas da dificuldade de empreender a dieta e a atividade física, se trata do reconhecimento da insuficiência destas próprias estratégias. Isso revela

1 Swinburn BA, Kraak VI, Allender S, Atkins VJ, Baker PI, Bogard JR, Brinsden H, Calvillo A, De Schutter O, Devarajan R, Ezzati M, Friel S, Goenka S, Hammond RA, Hastings G, Hawkes C, Herrero M, Hovmand PS, Howden M, Jaacks LM, Kapetanaki AB, Kasman M, Kuhnlein HV, Kumanyika SK, Larijani B, Lobstein T, Long MW, Matsudo VKR, Mills SDH, Morgan G, Morshed A, Nece PM, Pan A, Patterson DW, Sacks G, Shekar M, Simmons GL, Smit W, Tootee A, Vandevijvere S, Waterlander WE, Wolfenden L, Dietz WH. The Global Syndemic of Obesity, Undernutrition, and Climate Change: The Lancet Commission report. *The Lancet* 2019; 393:791-846.

uma “obesidade sem corpo”, a avalanche dos movimentos ativistas antigordofobia e uma pluralidade de pautas que temos dificuldades de pôr em diálogo. Tal investimento também é decorrente das reflexões e estudos desenvolvidos nos projetos anteriores que resultaram no entendimento da obesidade como um fenômeno plural. Inspirada em autoras como a epidemiologista Nancy Krieger e a antropóloga americana Emily Yates Doeer, passamos a assumir as diferentes formas de obesidade ou obesidade(s), cujas expressões – seja epidemiológica ou individual – são distintas, bem como são distintas as formas de determinação no âmbito local.

A produção de *e-books* didáticos para o curso foi articulado ao passo que também foram articuladores de uma sistematização coletiva destes aprendizados a serem trabalhados no projeto e que tem gerado teses de doutorado – três – e de mestrado – duas – além de TCCs, e outros trabalhos ainda em produção no projeto.

Estas foram algumas das inúmeras “batalhas” intelectuais e práticas que travamos no projeto, oportunizando mais camadas de amadurecimento acadêmico-científico ao longo desta trajetória. Ainda que o contexto da pandemia tenha limitado as possibilidades de participação de gestores e profissionais de saúde (19 gestores e 44 profissionais de saúde finalizaram o curso), a avaliação evidenciou que as formações realizadas contribuíram para desenvolvimento e divulgação de estratégias efetivas e inovadoras para o cuidado a pessoas com sobrepeso e obesidade no contexto da Atenção Básica no SUS. Além disso, informações provenientes dos diversos eixos do projeto revelaram a importância da continuidade no investimento em processos formativos em torno de temas relevantes para a saúde pública, a exemplo do fenômeno da obesidade, mediante abordagens que considerem a complexidade do tema.

Morabeza: explorando outra nação insular africana, Cabo Verde

No decurso do ano de 2019, recebi um generoso convite para participar de uma comitiva, organizada pela UFPE, para uma visita a Cabo Verde, mediada por organizações internacionais e a Universidade de Cabo Verde, intencionando estreitar relações, estabelecer parcerias e construir projetos de colaboração. O convite partiu de uma professora da UFPE, que já tinha parcerias com instituições do país, e decidi ampliar o espectro convidando outras pessoas. Eu a conheci nas empenhadas do Fórum de Coordenadores PPGNUT. Não é um pequeno detalhe dizer que a professora é do campo da Nutrição Experimental e ensinava alargar os espectros da atuação, realizar trabalhos interdisciplinares. Logo, o tema da alimentação e cultura importava nesta aliança. Fomos em setembro, mês com temperatura agradável,

com uma ampla comitiva de docentes, muitos renomados e referências para mim, e muitos jovens pesquisadores.

A República de Cabo Verde é mais uma nação insular da África que me concede um ângulo de visão para este continente. Um conglomerado de ilhas vulcânicas, com terras não muito afeitas ao investimento agrícola, tampouco politicamente trabalhada para tal. Praticamente toda a alimentação dos cabo-verdianos é importada e vem, basicamente, do continente europeu. Ter sido recepcionada no aeroporto por, se bem recorde, um motorista que disse algo como “bem-vindo a Portugal”, e ao reagir com o olhar, completar que “somos um pedaço de Portugal”, fez-me refletir a diversidade de modos de “colonização do ser” que coexistem. Evidentemente, tal posição era dissonante a muitas pessoas, pesquisadores que encontramos, na busca das afirmações identitárias daquele país, com uma vasta história de lutas, migrações, relatadas nas falas, nas canções – tornei-me uma ouvinte assídua da música cabo-verdiana, para além de Cesária Évora. É importante que se diga que são lutas de afirmações não somente diante do eixo norte, mas também de países do eixo sul como o próprio Brasil. A luta contra o preconceito dos imigrantes africanos no Brasil, sejam refugiados, sejam os estudantes de graduação e pós-graduação nas universidades é um ponto digno de nota na nossa história. Insisto na pergunta: de qual África estamos falando quando a evocamos na Terra Brasilis?

174

Estivemos para participar de encontros, reuniões com escolas, organizações, setores públicos; estivemos para fundamentalmente participar do 1st International Forum on Food and Nutrition entre Brasil e Cabo Verde em que, entre as apresentações de trabalhos e pesquisas realizadas entre os dois países, íamos costurando possibilidades de trabalhos convergentes. Eu apresentei um texto intitulado: “PLANTAR, COMER E NUTRIR: Desafios na interação entre as ciências sociais e humanas e as ciências da saúde e nutrição nos caminhos da construção de saberes interdisciplinares.”

Reitero que estamos no contexto político brasileiro e internacional de crises. No Brasil, no primeiro ano da gestão do presidente Jair Bolsonaro com o desmonte das políticas de alimentação e nutrição e na América Latina explodiam manifestações populares contra a ofensiva neoliberal. Tais eventos incitavam em mim uma convocatória para juntarmos as pautas em defesa da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional dos países do eixo sul – o debate decolonial já me contaminava – e, para tanto, a aliança dos povos se fazia cada vez mais necessária. A convocatória era para as universidades e pesquisa – estava a uma semana da viagem em um congresso da Rede Brasileira de Pesquisadores em Soberania e Segurança Alimentar cujo tema circundava em torno da ciência cidadã. Entretanto, a convocatória era também para a cultura alimentar como um direito, um direito à diversidade dos povos e, um pouco mais adiante, irei afirmar a cultura como algo estratégico para a superação das crises

alimentares, ambientais, ético-políticas, dentre inúmeras outras. A cultura alimentar como movimento para o direito de existir.

Entre eventos, reuniões, visitas aos museus, conhecendo melhor a luta de Amílcar Cabral, entre o comer cachupa, escutar em reuniões as conversas em dialetos próprios, fomos apreendendo sobre a morabeza cabo-verdiana. A morabeza expressa a cordialidade e a amorosidade singular dos cabo-verdianos, um modo de acolher e se relacionar com o outro que também pode ser entendida como “fator de resistência do ilhéu que imprimiu o seu ritmo dolente ao idioma do colonizador, inoculando-o com traços da sua musicalidade mestiça, resultado do entrecruzamento das culturas que permearam a formação do povo de Cabo Verde”²

A morabeza nos afetou enquanto grupo na relação com Cabo Verde e entre nós – o nosso grupo do WhatsApp até hoje existente se intitula como Morabeza. A morabeza como um modo de estar e ser no mundo me lembrou o trabalho de Boaventura de Sousa Santos e Maria Meneses que organizam a obra publicada em 2010 pela Editora Cortez no Brasil – que adquiri somente em 2018 –, com textos que convidavam para outras epistemologias. Lembrei do texto de Mogobe Ramose quando analisa a globalização a partir do conceito ético de *ubuntu*. Lembrei também de nós, brasileiras e brasileiros e, sobretudo, da minha baianidade que historicamente teve uma marca da sua peculiar cordialidade. São distintos os modos de estar no mundo e para nós, povos do sul, entrelaçam-se com os modos de resistir... Passou da hora de aprofundar estes outros modos de existir e de pensar o mundo e de pensar a comida...

175

Uma missão possível: CAPES PRINT e Internacionalização em Espanha

O ano de 2019, em que pesem as conturbações políticas, foi de muitas viagens de trabalho, sendo duas delas para o exterior, de Cabo Verde à Espanha.

Neste íterim de discussão sobre o tema da obesidade dentro dos projetos de pesquisa, no âmbito político, após o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, temos crises ética, política e econômica acentuadas no contexto brasileiro e com um papel incisivo da redução do investimento nas políticas sociais no Brasil. O Brasil voltou ao Mapa da Fome em 2018 e o tema passa a retomar visibilidade nas pautas de discussões (o que, de fato, nunca saiu...). A publicação do relatório *The Lancet*, trazendo a

2 Secco (1999), citado por Madeira, João Paulo. *A morabeza cabo-verdiana: contributos para a sua análise* Revista de Estudos Cabo-verdianos Número Especial / Atas IV EIRI Maio 2016

intrínseca relação entre desnutrição, obesidade e mudanças climáticas, traz à tela essa temática imbricada – a qual prefiro denominar fome, obesidade e crise ambiental.

Neste ínterim, em 2019, tivemos a visita do prof. dr. Julian Garcia (UNED-Madrid) ao Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde PPGANS-ENUFBA, mediado pelo NEPAC/ENUFBA, tendo consequências importantes para a constituição de rumos da minha trajetória recente. Com larga experiência em estudos culturais sobre a fome na Espanha e na América Latina, o professor intencionava discutir com pesquisadores a participação da instituição em uma rede de investigadores que trabalham a temática da fome e cultura. Neste sentido, a reunião teve como proposta a junção de esforços para constituição de uma parceria em um projeto de cooperação que relacione as temáticas obesidade e fome.

Tal investidura resultou na realização de uma Missão de Trabalho no Exterior, em 2019, por meio do Edital n.º 002/2019-PROPG/UFBA, Projeto Capes-Print-UFBA. A referida missão teve como objetivo estabelecer parcerias entre a UFBA, mediada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (NEPAC) e o Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde (PPGANS), ambos da Escola de Nutrição/UFBA, e três instituições espanholas – Universitat Rovira i Virgili, Universidad de Barcelona e Universidad Nacional de Educación a Distancia –, em projetos de cooperação no campo da antropologia da alimentação, tendo como foco a temática corpo, fome e obesidade, no qual este projeto também se destinará para a realização de um pós-doutorado em uma candidatura para bolsa por intermédio do CAPES-Print.

Iniciei a missão pela Universitat Rovira i Virgili com Mabel Gracia, seguindo para a Universidade de Barcelona, no ODELA, com Maria Clara Gaspar e Cristina Larrea, então coordenadora do ODELA. Apresentei dois textos para palestras organizadas nestes cenários: um no qual sistematizei a reflexão sobre a obesidade a partir dos projetos de pesquisa que estavam em curso e outro, a experiência do NEPAC nesses entremeios do saber. Buscamos costurar parcerias, trabalhos conjuntos, proposição de um GT no Congresso da Associação Latino-Americana de Antropologia. Todavia, com o advento da pandemia, as interlocuções ficaram suspensas.

Deste modo, em 2019 ocorreu a criação da Red Internacional de Estudios del Hambre y Cultura, fundada durante a missão de trabalho no exterior realizada pela proponente no âmbito do Capes Print UFBA durante um evento intitulado Seminário Hambre y Obesidad, reflexiones desde la cultura, organizado pela UNED, com a participação de representantes das Universidad de Extremadura (Espanha), Universidad de San Carlos de Guatemala (Guatemala), Universidad de la Guarija (Colômbia) e Universidade Federal da Bahia (Brasil). Neste evento, a proponente foi palestrante do tema “Intercruzando corpo, fome e obesidade no contexto brasileiro: um olhar

a partir das ciências sociais e humanas”. Em preparação para publicação, este texto buscou traçar uma trajetória temporal ao longo século XX e primeiras décadas do século XXI, sobre como as políticas públicas empreendidas pelo Estado brasileiro no enfrentamento da fome e da obesidade confluem e se confrontam, na busca da garantia de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Tais reflexões também foram mediadas pela discussão de como estas políticas atravessam os corpos e são subjetivadas no cotidiano dos sujeitos sociais nos quais a fome e obesidade se expressam de modo imbricado.

Assim, este manuscrito, juntamente aos dois anteriores, representa, a um só tempo, uma consequência e um desencadeamento destes projetos e das parcerias que estão sendo estabelecidas, que vislumbra culminar na realização de um pós-doutorado. Necessito ainda destacar que Julian Garcia fez um gentil convite para conhecermos a Espanha Profunda, acompanhando uma viagem com o grupo de pesquisa³ que desenvolvia um outro estudo sobre a memória das vítimas do Regime Franquista. Caminhando por aqueles vilarejos que chegaram a mim com as obras de Almodóvar, participando da reunião com (as)os filhas(os) e netas(os) das vítimas do regime, algo pulsava no sentido do “Profundo”, dos territórios nas profundezas do meu corpo. Pensava também no Brasil Profundo, na Bahia Profunda, da sua gente que irei encontrar no plano mais imediato no início da pandemia da covid-19 com a obra *Torto Arado* de Itamar Vieira Jr. Algo também foi se passando conformando uma ideia que se concretiza em projeto contado nas linhas finais deste memorial. Em suma, em 2022, faço outra estadia nas missões ao exterior, agora no México, para “aprofundar” a América Latina, que relato em breve.

3 Julian Garcia também é diretor do Centro Interdisciplinario de Estudios de Memoria Y Derecho Humanos (Ciemedh/UNED)



INTERLÚDIO IV

A EXPERIÊNCIA ACADÊMICA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

POR ENTRE AS MULTIDÕES

Por entre as multidões
Eu me perco e me encontro,
Dissolvo-me e reintegro
A minha identidade rasgada em pequenos pedaços
Diluída neste caldo humano
Encontra os limites do eu e do outro
E neste encontro, eu e multidão, que me vejo
Vejo-me vendo o outro
Uma espécie de espelho reverso
É nas formas do outro que reconheço a minha
É na face do outro que delinheio os meus traços
É comunicação entre os corpos
Nos humaniza nesta seara eletrônica
Emite o seu calor que revela a existência da natureza
Natureza humana,
Multidão humana
Crua e nua...

Ligia Amparo
De um algum entre lugar (2006?)

É impossível, ao escrever esse memorial, ainda com brevidade, não abordar sobre como a pandemia nos afetou acadêmico-profissionalmente assim como as nossas subjetividades – e intersubjetividades. A miríade de crises sobrepostas, acentuando a crise nas universidades, o denominado negacionismo da ciência, o caos sanitário, as novas leituras sobre o imbricamento da fome, pandemia e crise ambiental, o isolamento social, transformaram incisivamente o nosso cotidiano de trabalho e as rotinas.

Mal havíamos iniciado o semestre letivo, deflagra-se a pandemia da covid-19 e as medidas de isolamento social. As universidades, assim como diversos outros dispositivos não considerados como essenciais, têm suas atividades suspensas. Entretanto, somente as aulas foram suspensas e mantivemos aprendendo em ato muitas atividades de modo virtual.

180 — Recordo ter citado desde o início da carreira os efeitos das tecnologias digitais no trabalho docente. Do “quadro negro” de giz para caneta piloto, os retroprojetores e suas transparências – estas, primeiramente escritas à mão com as canetas e depois utilizando a impressão na era do computador –, em seguida os projetores de slides e agora as telas dos computadores com o PDF, *slidescreen*, Canva, e uma sorte de dispositivos capazes de “dar vida” ao “conteúdo” (por vezes, podem até retirar a da figura do professor). Isso foi transformando o meu lidar em reuniões e, fundamentalmente, em aulas. A minha crítica é que as tecnologias não eram isoladamente capazes de, por exemplo, modificar a lendária disposição das carteiras em sala de aula em fileiras, uma disposição que não “disponibiliza” os corpos para o diálogo, a interação.

Só que, agora, quem estava nas telas das tecnologias digitais éramos nós mesmos. Alunos, professores, pesquisadores, reuniões departamentais, projetos de pesquisa, defesas de dissertação e teses, todos ansiosos e com medo da morte, e medo destes dispositivos. Como agir, como manusear? RNP, Google Meet, Zoom, Teams, tudo absolutamente novo, novas posturas corporais, enquadramentos em tela, microfone mutado, quedas da internet, passou a fazer parte das nossas vidas cotidianas; o que já estava presente, mas de modo ainda eventual. Já usava o ambiente virtual de aprendizagem da UFBA, mas funcionava praticamente como compartilhamento de materiais. Aos poucos, tivemos que ir nos apropriando das ferramentas do AVA para aulas, mas também para os projetos de pesquisa.

Como havia aludido anteriormente, especialmente no primeiro semestre, as atividades acadêmicas foram tomadas pelo projeto de cuidado a pessoas com obesidade, aprendendo simultaneamente sobre o desenrolar deste projeto do ponto de vista teórico-conceitual e metodológico, bem como o operacional. As novas tecnologias que já estavam previstas tomaram novas tonalidades alimentadas pelo contexto. O segundo semestre foi a execução do trabalho de campo.

De outra parte, mais duas atividades foram empreendidas: a primeira, também já aludida, se refere às participações nas associações e redes que seguiram com inúmeras reuniões, *lives*, eventos com discussões temáticas sobre o contexto político e os temas referentes às nossas especialidades. Participei de pelo menos 12 *lives* e mesas em 2020, 12 em 2021 e 06, já em descenso, em 2022, nacionais e algumas internacionais (que consegui efetivamente registrar), além de bancas de defesa e outros eventos. Ao contrário do que imaginávamos – narrativas de aproveitar o tempo para cuidar de si, cozinhar, meditar, fazer yoga, cuidar de uma horta caseira – foi um período de intenso trabalho. Estas atividades também se somaram a um ativismo a nível local contra a fome, com os grupos locais destinados a colaborar com ações destinadas às populações mais vulnerabilizadas.

Além das participações em organizações de *lives* e outras atividades virtuais no período da pandemia, especialmente no ano de 2020, estive na participação de uma série de debates sobre EAN na pandemia com o grupo de docentes em EAN no Brasil, que foi de relevância para o tema.

Este também foi um momento de acentuar algumas reflexões sobre a minha trajetória acadêmica e no NEPAC e a relação que estávamos estabelecendo com a sociedade. As reuniões do NEPAC foram mantidas, para além das reuniões do projeto de pesquisa de qualificação do cuidado, mas para demais atividades, como orientações e discussão de temas e textos. Avaliamos coletivamente que a continuidade das reuniões semanais foi, também, estratégica para nos manter unidos, compartilhar as sofridas experiências que estávamos vivenciando e não conseguíamos elaborar apropriadamente. Oportunamente, reflexões sobre os nossos engajamentos sociais e políticos.

No meio desta reflexão, tentamos promover algumas ações como a produção de materiais educativos. Destaco a pequena série denominada “Comer em tempos de pandemia”, que tentou experimentar outros modos de narrativas para contrapor os materiais mais normativos referentes ao comer. Outra iniciativa foram as ações nas redes sociais, especialmente pelo Instagram, convidando pessoas para compartilhar suas experiências com o comer na pandemia, tentando, mais uma vez, oportunizar outro modo de relação com a sociedade na produção de conhecimentos através dos Google Forms.

Seguindo nas contribuições para a gestão acadêmica dentro e fora da UFBA

Neste período, não tenho assumido cargos. Com a saída da coordenação do PPGANS em 2019, havia decidido que, ao longo da minha trajetória, já tinha

182

contribuído, considero acima da média, e em momentos conflituosos, a questão da gestão. Entretanto, segui participando a partir de outros lugares no que foi necessário no período. Louvando e parabenizando as colegas que estavam em gestão no período da pandemia, no âmbito da ENUFBA, participei de bancas de seleção do programa, de seleção de alunos para o doutorado sanduíche, da Comissão de Autoavaliação e Planejamento Estratégico do PPGANS, assim como da comissão designada pela direção da ENUFBA para assessorar a reestruturação do Setor de Apoio ao Estágio, Pesquisa e Extensão (SEPE) da ENUFBA. As duas últimas que estão fora da rotina anual são dignas de nota. A primeira aconteceu entre 2020 e 2021 diante dos movimentos de reconfiguração da avaliação da CAPES que emergia em 2019: a avaliação multidimensional que, de alguma maneira, intencionava deslocar a lógica de avaliar os cursos, pluralizar as dimensões de avaliação e neste processo, incluir a autoavaliação como um elemento central. Foi desafiador este constructo que, no âmbito do programa, não passava de estratégias pontuais, seminários finais sem um processo articulado incluindo indicadores, metas etc. Coordenar a comissão, reunindo corpo docente e discente em oficinas, tudo ainda de modo virtual, foi desafiador. A segunda ocorreu entre 2021 e 2022, também como presidente, debruçou-se a realizar um diagnóstico dos trabalhos desenvolvidos pelo Setor de Apoio ao Estágio, Pesquisa e Extensão da Escola de Nutrição – SEPE, desde a sua instituição, e apresentar os resultados da discussão realizada com a comunidade acadêmica, ampliando a reflexão, a identificação de problemas e propondo soluções ao setor. Considero que foi um importante trabalho uma vez que o setor é estratégico na consecução e/ou apoio às atividades de pesquisa, extensão e estágio da ENUFBA, dada a sua capilaridade nos distintos órgãos da unidade – congregação, departamentos, colegiados de graduação e pós-graduação, Comitê de Ética, setor de laboratórios, setor de orçamentos, núcleos de pesquisa e com os pesquisadores e extensionistas – como também a órgãos externos à ENUFBA – Pró-Reitorias de graduação, de extensão e de pesquisa e pós-graduação, e de apoio estudantil, assim como da Assessoria de assuntos internacionais, e ainda os setores externos à UFBA – agências de fomento à pesquisa – FAPESB, CAPES, CNPq dentre outros.

No âmbito externo à UFBA, eu também integrei duas Comissões na Avaliação Quadrienal 2021, na qualidade de consultor *ad hoc*, como membro titular entre 2021 e finalizado em 2022 – lembro de muitas conturbações ocorridas nesta avaliação que somaram o compromisso político de estar nestes espaços políticos. Considero um trabalho muito complexo, por vezes não está ao meu alcance, especialmente, para quem vem de olhares dos “estudos qualitativos”, entretanto, ao mesmo tempo, muito estratégico na construção de uma avaliação multidimensional como se espera. Ainda assim, fui consultada pela CAPES quanto à disponibilidade de assumir a coordenação

de área por ter sido o meu nome citado entre os coordenadores. Confesso que achei demasiado, e que não me considero preparada para tal e não aceitaria. Todavia, antes desta avaliação da “competência”, já havia declinado diante da incompatibilidade com os planos para 2023. Mas, confesso também que me deu alegria pela confiança depositada por alguns colegas, e por intuir que a indicação também pode estar relacionada a outros ventos que sopram nos programas de pós-graduação em Nutrição...

Em tempos de isolamento social: entre o corpo, a comida e o cuidado

Desta última experiência que muito nos tocou, desenhamos um projeto de pesquisa intitulado *Corporalidades, Comensalidades e Práticas Alimentares em Tempos de Pandemia da covid-19 na Bahia*, que empreendemos de modo profundamente coletivo. Nos ocupamos em compreender como as pessoas estavam lidando com as práticas corporais e alimentares durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia da covid-19, utilizando para a produção dos dados registros documentais (relatos dos participantes, artigos científicos, publicações institucionais), registro de campo (diário de campo), realização de entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Neste entremeio, realizamos também coletivamente um curso sobre etnografia digital como forma de otimizar ferramentas para estudos nesta nova realidade que nos apresentava. Este projeto resultou em um livro publicado no início de 2022 intitulado *Em Tempos de Isolamento Social: entre o corpo, a comida e o cuidado*, pela Edufba.

183

Tecendo cuidados com nossos retalhos em mais um projeto

Neste ano, também surgiu um novo edital derivado do qual havíamos sido contemplados anteriormente, Chamada CNPQ/MS/SAPS/DEPROS – Formação em Doenças Crônicas Não Transmissíveis e seus fatores de risco associados. Com a experiência do anterior, creio, este estava mais estruturado. As mudanças principais deste edital foram a ampliação do seu escopo para as DCNTs e não somente obesidade e, também, na gestão do edital que abarcou não somente a CGAN, mas a própria Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Ainda que em um desânimo pandêmico, o outro projeto em curso, pensamos nas poucas oportunidades que estavam sendo ofertadas neste momento político do país, a equipe que havíamos construído e a possibilidade de continuidade de um trabalho de grande envergadura e parceria

nos mobilizava. Decidimos apresentar um projeto aos mesmos moldes e intencionalidades do anterior, mas, entretanto, ampliando escopos em relação a discussão da interseccionalidade, bem como outras populações a exemplo da população indígena, em uma parceria com o DSEI/Bahia, e/ou focos como a saúde da população negra e quilombola, tendo também como parceria o curso de Mestrado de saúde da população negra, quilombola e indígena da UFRB. Intitulamos como Tecendo Cuidados...

O alargamento destas reflexões é oriundo da experiência do projeto de cuidado a pessoas com obesidade, mas também dos debates, estudos, participações de *lives* nas quais elaborei um conjunto de manuscritos, que, por seu turno, tem me levado e/ou acentuado algumas outras inflexões na trajetória acadêmico-científica...

Agora sou PQ2!: imbricando corpo(s), fome(s) e obesidade(s)

Relato estas inflexões a partir deste projeto de pesquisa que foi gestado em 2021, para a Chamada CNPq nº 04/2021 Bolsas de Produtividade em Pesquisa. Desde que iniciei a minha participação na pós-graduação e nos Fóruns de Coordenadores recebi como tarefa a ser cumprida a submissão anual para as chamadas de Bolsa Produtividade, pois esta seria uma ação importante dentro das estratégias de luta para o aumento das bolsas para a área de nutrição. Era preciso sempre gerar demandas. Submeto quase todos os anos mesmo sem a confiança de ser contemplada. Isso porque não integro áreas “centrais” na nutrição. A minha produção acadêmica, dada também às especificidades do campo a que me filio, não são deveras “competitivas” com os demais colegas pesquisadores. Mas... submeto. Submeto também porque acredito que esta área precisa de espaços e valorizações. Precisa de pesquisadores bolsistas que sejam mais habilitados a avaliar outras candidaturas neste campo.

Historicamente, tenho obtido aprovação na maioria das submissões, mas em colocações que não me possibilitaram a contemplação do recurso. Historicamente, também, tenho submetido projetos em curso e, à medida que obtinha financiamento nestes projetos, supunha aumentar alguma chance, ainda que mínima. Talvez sob a perspectiva de escrever um memorial e, com isso, a vida acadêmica se projetando em uma tela a ser editada, me levou justamente a resolver “ousar” em um projeto que sistematizasse de alguma maneira um fluxo de reflexões oriundas desta trajetória. Pensei nos anos que venho submetendo projetos “escritos para” editais e chamadas, atravessadas pelas urgências, prazos, gestões operacionais, lutas e negociações com o produtivismo, que a delicadeza dos aprofundamentos em questões vai sendo adiada.

Decidi, como cheguei a comentar com uma colega de trabalho, que tinha resolvido “ser mais eu”, ou seja, construiria um projeto com os meus interesses investigativos, a partir e para além dos enunciados nos projetos que venho coordenando. À parte dos manuscritos preparados para interlocução em eventos científicos, as publicações que têm sido socializadas, são muito mais oriundas dos orientandos e eu, com coautoria, do que originalmente minhas. Decidi até porque penso que cada uma de nós, pesquisadoras, temos conosco – ou poderíamos ter – uma obra que não resulta necessariamente dos relatos fragmentados de projetos sucessivos. Decidi “costurar”, tecer os fios e retalhos produzidos ao longo do tempo.

Assim, nasceu este projeto materializando ideias, histórias, desejos e pulsações. Seu objetivo visa compreender, a partir de perspectivas interdisciplinares e epistemologias plurais, os imbricamentos entre os fenômenos da fome e da obesidade no contexto brasileiro e global contemporâneos, considerando ainda as interfaces com os temas do corpo, cultura, saúde e território. Para tanto, proponho-me partir dos estudos e pesquisas empreendidos ao longo da trajetória acadêmico-científica neste campo, já entrelaçado das ciências sociais e humanas em alimentação, nutrição, vinculando também a uma proposição de pós-doutorado.

A consecução da proposta prevê intercruzamentos de metodologias e aportes teóricos para proceder uma (re)interpretação crítico-reflexiva dos principais resultados dos projetos de pesquisa em curso que versam sobre a temática deste projeto, fazendo uso dos recursos da autoetnografia e da perspectiva cartográfica trazendo à tona a reflexividade, trajetória e a experiência da pesquisadora no decurso das suas práticas de investigação sobre o objeto deste estudo

A constituição do objeto deste projeto de pesquisa também foi atravessada por dois apontamentos. O primeiro foi o recrudescimento do debate sobre a agudização da fome no mundo, que já vinha em ascensão com o empreendimento das políticas neoliberais no cenário político global e acentuado pela crise sanitária provocada pela pandemia de covid-19, a partir dos anos de 2020. Nesta esteira, o fenômeno da obesidade parece ser sombreado diante da urgência da fome, mas que apresentam questões relevantes a serem refletidas. Na qualidade de ser considerada “comorbidade” para a covid-19, acentua a dimensão do “risco” para os corpos obesos, aliados a condição do “confinamento” destes corpos diante da medida de isolamento físico, instada para contenção da pandemia, impondo, portanto, restrições para uma das medidas mais difundidas para o cuidado a pessoas com a obesidade que é a atividade física, ao lado da dieta. Tais acontecimentos acentuaram o fenômeno da gordofobia para o qual uma das respostas tem sido a eclosão dos movimentos antigordofobia. Cabe, aqui, mais uma ressalva que entrelaça os fenômenos da fome e obesidade. Com a dupla carga, a corporalidade dos famintos contemporâneos expressam uma

corpulência, distinta das imagens iconográficas famélicas ao longo do século XX, discutida por Julian Garcia, em seu texto “Fotografías de Cuerpos Desnutridos: ética y pornografía contemporâneas”.⁴

O contexto pandêmico tem imposto um repensar a ciência e o seu papel diante desta realidade concreta. Ao lado das lutas para situar a ciência como um dispositivo relevante para o enfrentamento da pandemia, acirra-se o debate, não menos relevante, sobre demanda de novas modalidades de cooperação entre os diferentes campos do conhecimento, com vistas a revigorar epistemologias, teorias e práticas científicas que possam dar conta não somente de novas respostas, mas também de novas perguntas.

Nessa esteira, situou-se o segundo apontamento. No âmbito do NE-PAC, tem-se acentuado a persecução por aprofundamentos em referências teórico-epistêmico-metodológicas que possibilitem aproximações mais factuais à investigação de “objetos híbridos” produzidos no bojo da relação entre seres humanos, sua alimentação e o meio ambiente.

Com apoio de referências das chamadas “epistemologias do sul”, dos autores decoloniais, do pensamento afrodiaspórico, e das epistemologias feministas e interseccionais, os nossos estudos começam a enfrentar a episteme branco-eurocêntrica e monológica e o etnocentrismo colonial que marcam os fundamentos das ciências da saúde e da nutrição, pondo em tela outros conceitos que podem ser relevantes para (re)pensar bases para uma nutrição, a partir de uma perspectiva pluriepistêmica e interdisciplinar.

De outra parte, e de modo interligado, acentuou-se a atenção sobre como as experiências corporais e alimentares relacionadas à fome e obesidade também são orientadas pelos modos de subjetivação dominantes, empreendida pelo modo de produção colonial-capitalístico. Neste âmbito, interessou-me pensar as práticas de resistências micropolíticas que operam para desestabilizar estas formas dominantes de subjetivação diante da opressão da modernidade colonial.

Tais incursões na literatura destes apontamentos tem me mobilizado para a incessante busca de novos olhares para os fenômenos aqui estudados, a exemplo da noção de obesidade(s) plurais, ao considerar que o fenômeno no corpo-território se expressa de modo singular mediados pelo micro espaço e os múltiplos marcadores dos sujeitos a exemplo de gênero, raça e classe social, geração dentre outros. Portanto, a(s) obesidade(s) situada(s) não podem ser consideradas um fenômeno abstrato aliado do lócus de produção dos corpos. Do mesmo modo, o plano se propõe abordar

4 GARCÍA, J. L. Fotografías de Cuerpos Desnutridos: ética y pornografía contemporâneas. In: JUARÉZ, L. M.; GONZÁLEZ, B. M. *Cuerpos sin Fuero: Políticas de la Subalternidad*. Puertollano: Ediciones Puertollano, 2011

o imbricamento com o fenômeno da fome, partindo da publicação da obra de Maria do Carmo Soares de Freitas, *A agonia da Fome*⁵, em 2002, na qual a autora empreendeu uma inovadora abordagem fenomenológica sobre a experiência da fome em um bairro popular da cidade de Salvador.

Assim, interessa-me agora realizar deslocamentos epistêmicos que alimentem a reflexão sobre o fenômeno da(s) fome(s) e obesidade(s) na modernidade-colonial, obesidade(s) e interseccionalidades, obesidade(s), identidades e modos de subjetivação, detonando importantes dispositivos para (re)pensar este campo de saberes e práticas.

À luz de tais perspectivas, agora com a Bolsa Produtividade, os intentos de uma nova fase na carreira serão dedicados a compreender como a fome e a obesidade se enraízam no mesmo fenômeno expressando o retrato das desigualdades que são corporificadas.

Considero a conquista desta bolsa como, mais do que uma vitória pessoal, uma vitória coletiva de um campo de saber historicamente alijado do campo científico, como ainda, talvez, reconhecimento de uma luta neste campo político. Destaco, inicialmente, a coragem de apresentar este projeto para quem sempre tentou se “adequar” às normas e perspectivas do campo – quanto à metodologia etc. Posteriormente, surpreenderam-me os pareceres atribuídos de forma muito positiva, o que me encorajou a questionar a sua não aprovação. Obtive êxito e o questionamento foi acatado e a proposta foi aprovada. Entendo que a escrita deste memorial, de alguma maneira, integra a este intento junto ao pós-doutorado...

Reverberou em mim como um ânimo, já que estava desalentada com os contextos da vida nestes últimos tempos...

Pesquisadoras latinas, uni-vos! A missão do CAPES-PRINT/UFBA agora é no México

Percebo que tenho apresentado a minha trajetória neste momento com a titulação dos editais, ainda que faça um esforço para dar visibilidade às suas conexões e imbricamentos. Acho interessante explorar esta errância acadêmica que não está presente em manual algum. Aprendemos a docência por estas linhas tortuosas e a experiência de cartografar isso é algo importante. Desapontada com o não êxito no Edital de Pós-Doc do CAPES Print – pois a nossa carreira é plena de desapontamentos e desalentos também – quis aproveitar para seguir adiante no projeto com o um novo edital lançado para Missões no Exterior. O caminho mais óbvio a se fazer era ir

5 FREITAS, M. C. S. de. *A agonia da fome*. Salvador: Edufba, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

à Espanha, pois este era o destino escolhido para o pós-doutorado não só submetido ao CAPES Print, mas também a uma Chamada para Bolsas no Exterior no CNPq que relatarei logo em seguida.

Entretanto, a obviedade nunca pareceu algo que me identificasse. Sempre que possível busquei fugir delas, olhar por entre suas frestas, entrever suas fissuras e contradições, tudo isso ao conceber, cada vez mais, que a vida não te oferece roteiros prontos. A vida acontece em ato, surpreende, é feita também de acasos, estava cada vez mais aprendendo a navegar em mares inusitados, e esse não sendo terrenos transitórios, e sim o terreno da vida. Na academia, ainda que preze muito pela produção de verdades absolutas, isso não é diferente, seu cotidiano não é diferente, os afetos nos atravessam. Tecendo a vida em ato...

Então, a obviedade já estava em erupção com as leituras sobre estudos decoloniais que me faziam acentuar questionamentos não novos em relação aos nossos destinos naturalizados no eixo norte para pós-doutorado. As leituras e o estudo da língua espanhola com um professor argentino que com a sua força cultural buscava me apresentar o “espanhol da Espanha”, me despertava cada vez mais interesse em, através do aprendizado da língua, apreender as culturas latino-americanas, artes, músicas, sotaques, obras cinematográficas, culinária, literatura – algo que já havia mobilizado décadas atrás. Já estava atenta às oportunidades de eventos científicos e, ao longo da última década, em especial, estive em congressos no próprio México, em Cuba, Colômbia e na República Dominicana. Tudo isso despertava em mim cada vez mais sentimentos de pertencimento a este amplo pedaço de terra do eixo sul, de colonização ibérica.

Assim, decidi ir ao México. O México foi escolhido por uma miríade de fatores, por alguma razão é um país que me afeta, tenho parceiras de trabalho – o que facilitou dada a brevidade do tempo para a submissão ao edital, enfim... vamos ao México.

Não caberia aqui confrontar as duas viagens que fiz ao México – a primeira, curiosidade desperta de um novo mundo, a segunda, já com uma maturidade em termos científicos e acadêmicos, de construção de parcerias, de pertencimento. As três semanas na cidade do México me levaram a dialogar com quatro instituições, trazer a perspectiva de três parcerias, realizar quatro conferências e palestras, cujos temas – comida e comensalidade, Educação Alimentar e Nutricional, corpo, fome, obesidade e saúde – foram “renovados” para serem pensados a partir do solo latino-americano, trazendo os enlaces históricos entre Brasil e México, bem como as dissonâncias com o pensamento eurocentrado que coloniza o nosso modo de pensar e fazer ciência no campo da antropologia da alimentação. Neste decurso, aproximei-me de reflexões sobre os conceitos centrais para nós – comensalidade, modernidade alimentar –, dos quais, todos partem de pensadores europeus que nos formaram

– para, fundamentalmente, congregar uma perspectiva político-científica de uma ciência produzida por nós e que fale sobre nós, a partir de nós. Muitos nós, em múltiplos sentidos.

Foram três semanas que me encheram a bagagem e parti com a proposta em curso de uma rede latino-americana neste campo do saber, com um conjunto de colegas pesquisadoras mexicanas e colombianas até este momento. Indubitavelmente, os movimentos políticos latino-americanos e suas lutas contra a investida neoliberal, ao lado da memória de um governo que se voltou para a América Latina e a África, também, despertaram esse sentimento no qual a saída para “nosotros” só se faria conjuntamente. Considero aqui também a busca de saídas para a questão da fome e desigualdades na América Latina.

Tricotando redes: Projetos das Redes NAUS e GT A&N ABRASCO

189

Concomitantemente a estes movimentos no ano de 2022, destaco aqui dois outros eventos: a oferta de um componente curricular em parceria com mais dois programas de pós-graduação brasileiros – UERJ e UFC – e a participação de duas pesquisadoras, uma espanhola e uma portuguesa, que integram a coordenação da Rede NAUS. Por aqui, alocamos na disciplina optativa da pós-graduação NUT A73. Recordo, que desde 2006, ainda juntamente com a profa. Maria do Carmo Soares de Freitas, esta disciplina tem sido um espaço de lutas para inserção de “outros olhares”. Primeiro, a oferta presencial em parceria com a Rede Alimentação e Cultura, realizada em forma de seminários com pesquisadoras de todo o país e contando com financiamento dos programas e da Fiocruz. Posteriormente, os seminários ocorreram com as pesquisadoras locais do estado da Bahia. Em seguida, cursos ofertados de modo condensado com pesquisadoras nacionais e internacionais – por duas vezes. Desta feita, financiado com o recurso PROAP/UFBA, por meio de uma iniciativa inédita de disciplina interinstitucional.

Eu fui uma das animadoras na discussão do título para a inclusão do subtítulo “perspectivas ibero-americanas”. Certamente os movimentos anteriores relatados, atravessaram esta animação e o curso foi intitulado como *Corpo, alimentação e sociedade: perspectivas ibero-americanas*. Defendia que tais perspectivas, considerando a longa história de colonização e a diáspora africana, deveriam atravessar a identidade desta rede. Os temas propostos para o curso, como modernidade, corpo e corporalidade não poderiam ser discutidos “fora deste terreno”. Esta foi uma experiência muito importante.

Somo a ela o desenvolvimento do projeto *Deslocando os sentidos do comer: ações para promover uma ampliação do cuidado alimentar e nutricional na saúde*, desenvolvido ao longo de 2022 pelo GT A&N da ABRASCO com o financiamento do Instituto Ibirapitanga. Este projeto foi mais um projeto gestado em plena pandemia de covid-19, em 2021, com uma intensa discussão sobre as questões alimentares.

Comemorávamos os 20 anos da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) e destacamos, com outros documentos, os avanços na compreensão da alimentação e nutrição, alargando e aprofundando este entendimento na relação com outras dimensões, como as questões ambientais, sustentabilidade, as culturas alimentares, o comer e a comensalidade como fundantes para a promoção da saúde, que vem permitindo revolver também a compreensão do saudável da alimentação saudável. Entretanto, paralelo a este movimento, observávamos que a formação do nutricionista não parecia acompanhar estes movimentos de “deslocamentos de sentidos” e a formação parece seguir encapsulada na sua vertente biomédica, eixo estruturante dos cursos de formação de modo quase que impenetrável, ou sobrevivendo de modo periférico nos estudos e pesquisas dentro destes mesmos espaços.

E foi deste contexto que gestamos este projeto com a intenção de provocar deslocamentos nos sentidos do comer e nutrir em estudantes de nutrição de diferentes instituições que foram participantes do projeto, já que se espera destes profissionais um certo protagonismo na construção e gestão das políticas públicas no âmbito dos territórios. Para isso precisaríamos, também, a um só tempo, mobilizar outras dimensões da formação não menos enrijecidas do que a compreensão do comer e do nutrir: trazer para a cena formativa as experiências subjetivas e intersubjetivas dos participantes, enfrentando o modelo de transmissão de conteúdos, que aposta quase que exclusivamente na cognição, na racionalidade. Assim, estas experiências subjetivas expressadas por meio de narrativas postas em diálogo, foram o ponto de partida para o ato formativo, tendo aqui o entendimento de que comer é uma das experiências mais fundantes e universais dos seres humanos.

O compartilhamento destas experiências traz também para a cena os afetos e as afetividades e isso foi muito desafiador para nós docentes que também nos formamos enquanto professores neste modelo hegemônico. Ainda que possamos destacar que este nosso encontro se mobiliza por docentes que sempre estão buscando as rotas de fuga, tentando fazer diferente. Como lidar com um modelo educativo que se dá em ato, que escapa aos controles programáticos, fomos aprendendo. Um fato a destacar que nos surpreendeu foi como o projeto foi exitoso em mobilizar experiências e afetos pelos meios virtuais. O ensino a distância foi uma experiência nova para grande parte dos docentes no mundo, impelidos a utilizar esta ferramenta por conta do distanciamento social ocasionado pela pandemia. O fato é que não sabemos o quanto somos capazes de criar e inventar.

E o seu pós-doutorado?

Retomo o projeto apresentado para o CNPq na Chamada para Bolsa Produtividade, também apresentado ao CAPES Print; este foi submetido ainda à Chamada CNPq nº 26/2021 Apoio à Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação: Bolsas no Exterior. Foi um edital inédito em que, com três colegas, conformou-se o projeto de pesquisa intitulado “Corpo, Cuidado e Saúde Mental: articulando abordagens interdisciplinares para o cuidado alimentar e nutricional”, vinculando-o ao projeto Tecendo Cuidados. Com algumas lutas, conseguimos aprovação de uma bolsa, permitindo que, enquanto escrevo as linhas deste memorial, eu me prepare para uma estadia de seis meses na UNED/Madrid, Espanha, levando na bagagem a latinoamericanidade maturada com intensidade entre a submissão ao edital e a aprovação dele. Este será um novo capítulo que se avizinha...

DESENLACE

13

Escrever é desnudar-se
Que as morfologias das letras expressam
As nuances da alma
As entrelinhas dos parágrafos
Trazem olhares
Cada ponto é um suspiro
Cada reticência uma interrogação...
Ligia Amparo

Rascunho em Salvador, 01/04/2004

O porvir que figura na linha do horizonte...

Parto agora para as últimas tessituras no desenlace desta narrativa em contexto singular da história brasileira. Uma miríade de sentimentos que envolvem esperança após o pleito eleitoral, posse do novo presidente e um desalento com os ocorridos uma semana depois com o ataque à sede dos Três Poderes da República Brasileira. Temos um país profundamente dividido em classes, valores, perspectivas de mundo que se chocam frontalmente. Faíscas atingem as universidades que, por seu turno, demandam organizar-se para os tempos vindouros. Eu preciso organizar-me... o que de fato está por vir?

Doravante, neste exato momento em que escrevo, estou me organizando para fazer o pós-doutorado em 2023. Vejo isso como uma almejada breve pausa, de apenas seis meses, no tempo veloz do cotidiano acadêmico – preparar aulas, dar aulas, refazer aulas, avaliar trabalhos, orientar alunos, escrever projetos, submeter ao comitê de ética os projetos, submeter ao departamento os projetos, submeter projetos, coordenar projetos, comprar materiais para o projeto, estruturar equipe para o trabalho de campo, pensar nas publicações que podemos fazer a partir do projeto, ajudar os estudantes a coadunar seus interesses de pesquisa com os interesses do projeto, fazer as contas dos recursos para o projeto, fazer relatórios de projetos – técnico e financeiro – preparar relatório para progressão, dar pareceres, participar de reuniões infundáveis, coordenar reuniões infinitas, preparar e/ou corrigir manuscritos para publicação, responder aos avaliadores em artigos não aprovados pela revista, refazer trabalhos, refazer relatórios, preparar conferências...uma lista infinita que não cabe nas horas do dia.

194

Todavia, aqui obviamente não me refiro a uma pausa para descanso. É uma pausa para efetivamente estudar, ler, aprofundar aqueles temas, aquelas obras que emergem na vertigem do cotidiano acadêmico, aqueles que, por vezes, perfazem com leituras apressadas, fragmentadas, enfim... são as contradições da vida acadêmica... é um tempo que você olha para a trajetória – e ela olha para você, pede para atualizar, revisitar, sistematizar, ao menos assim, foi a minha proposta de trabalho para este pós-doutorado.

Entretanto, parto também com um conjunto de coisas na bagagem. Primeiro, as coisas concretas. Além dos projetos aqui descritos que seguem em curso, há dois que foram aprovados ao longo de 2022 a serem empreendidos em parceria com colegas e programas da educação. O primeiro se intitula *Observatório da Educação Básica: Impactos da Pandemia sobre o Direito à Educação e a Reconfiguração do Trabalho Docente*, de âmbito nacional envolvendo instituições de diferentes partes do país, coordenado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social – Universidade Federal de Minas Gerais, financiado pelo Edital nº 12/2021 da CAPES – Impactos da Pandemia. O outro, decorrente deste, se intitula *Educação, Narrativas e Saúde: direito à vida e a educação em tempos de reconfigurações*, financiado pelo Edital CNPq nº 28/2022 – Pró-Humanidades e coordenado pelo GRAPHO/PGEDuc da UNEB, com parcerias nacionais e internacionais. Em ambos, a minha participação com o NEPAC e em parceria com os CECANES UFBA e UFRB, consiste em perscrutar a discussão da alimentação nos ambientes escolares, estudando as interfaces entre o direito à educação e o direito à alimentação. Foi uma perspectiva bem aceita por pesquisadoras e pesquisadores da educação

e pretendemos empreender mais amiúde esta disposição para um profícuo diálogo em parceria com o ensino básico.

Este tema muito me interessa não apenas pelo histórico de ter trabalhado com o tema da alimentação na escola, mas pela dura realidade da educação brasileira agravada não somente por uma crise político-econômica, mas, sobretudo, pelas disputas de narrativas sobre o que venha a ser a escola diante de um negacionismo profundo da ciência. Creio que a alimentação pode ser um dispositivo potente para colaborar na abertura de um diálogo pedagógico com as gerações primevas sobre a existência humana e o futuro do planeta.

No lugar de ensinar a comer corretamente, o certo ou o errado, é imprescindível, como nos ensina Paulo Freire, ensinar a pensar corretamente sobre o comer. Pensar o comer e a comida corretamente implica compreender o quanto a história da alimentação se confunde com a história da humanidade. Pensar o comer e a comida é pensar a história da terra, das águas, dos recursos naturais, a cultura humana, o encontro entre os seres humanos – e entre outros seres vivos – ao redor do fogo, ao redor das feiras com os escambos nos primeiros núcleos de cidade, nas guerras, nos grandes banquetes, nas festas da colheita, e na luta pela soberania dos povos. É pensar quando a comida se torna mercadoria nas sociedades capitalistas, pensar nos grandes mercados, nos *commodities*, na violenta produção em massa de alimentos, da soja, dos animais para o consumo, que não só escraviza animais, mas também pessoas em trabalho escravizado, nas publicidades que nos empurram para modos de comer lucrativos para quem produz, nas dietas que insistem a querer “formatar” os nossos corpos como mais uma máquina para a produtividade capitalista.

Não obstante, também é pensar os nossos modos de resistências com nossas hortas – comunitárias, urbanas, domésticas, escolares –; é pensar na luta pelo direito à alimentação, o não aos agrotóxicos, as feiras orgânicas; é pensar nos povos originários, nas águas, nas florestas, as quebradeiras de babaçu, pequenos produtores, agricultura familiar, nos feirantes, na cozinha, nas comensalidades plurais, no comer como um ato (cosmo)político, um ato ético-estético-afetivo; enfim, é pensar em pessoas, pessoas que lutam com suas cosmologias para preservar a terra, vislumbrando um outro mundo no qual o planeta terra seja um lugar para todes, para a vida multiespécie, (re)habitar a terra... Não seria isso conteúdo pedagógico para a escola? a comida é sim também um ato pedagógico...

Na bagagem, ainda seguem as orientações de trabalhos em curso que ficarão em suspenso, mas vivos! São teses e dissertações que me instigam. Três doutorandas são do campo da gastronomia, desenvolvendo etnografias e/ou textos com aproximações etnográficas sobre veganismo em Salvador, a cultura pesqueira dialogando com a antropologia marítima, os diálogos entre culturas alimentares e gastronômicas na

constituição de uma rota turística no estado do Ceará, ou ainda, nutricionistas estudando a produção do saudável em feiras agroecológicas, outra (etno)cartografando sobre a atuação da obesidade como objeto científico em uma rede de pesquisa.

Na bagagem, estão também as orientações de mestrado em curso que ainda conformam objetos desafiadores como um estudo sobre narrativas e autobiografia em uma formação sobre o cuidado a pessoas com obesidade, tendo ainda quem se propôs a estudar o corpo obeso e o corpo gordo no Google Imagens, somados a coorientação do cuidado alimentar e nutricional no campo da saúde mental, concepções do cuidado a pessoas com obesidade entre gestoras na atenção primária à saúde.

Junto a este último estudo, lembro que ainda levo na bagagem a supervisão de um trabalho de pós-doutorado, iniciado em 2022 que, oportunamente, nos brinda com a possibilidade de adentrar nos espaços virtuais e as redes sociais, como um locus fundamental da interação entre os sujeitos na contemporaneidade, estudando corpo, obesidade e ativismo gordo digital, revigorando temas e questões nesta complexidade que envolve os nossos corpos e o nosso comer, dentro do NEPAC.

Em síntese, são inúmeros trabalhos, temas, metodologias intercruzadas e tecidas no NEPAC, que também sente em sua pele as novas brisas que sopram...

O NEPAC e os novos movimentos

Em 2016, comemoramos os 10 anos do NEPAC. Foi durante um Congresso da UFBA, consistindo em um momento muito importante de pausa instantânea para revisitar a nossa trajetória e debruçar um olhar acolhedor que, mesmo diante das agruras da vida acadêmica, fizemos muitas coisas. Coisas que estão materializadas e outras que não se consegue apalpar. Contrapõe um sentimento conflituoso presente nas universidades de estar fazendo muitas coisas e sentir que não está fazendo nada. Parece que sempre estamos aquém, sempre falta, sempre em falta, sempre é insuficiente... a comunidade universitária se deita no divã...

Sempre em um tom jocoso, evoco ao grupo que o NEPAC não só iria conquistar o mundo, mas a Bahia também! Uma frase alegórica que expressa como esta província chamada cidade da Bahia sempre pretendeu ser planetária. Conquistar o mundo não representa um convite “competitivo” de se alcançar o pódio. Até porque estamos falando de outros mundos e este mundo somos nós. E a ideia aqui é seguir juntas, já que “ser um é sempre o devir com muitos”. Este grupo só se fez junto nas parcerias com outros grupos da ENUFBA, e de outras instituições, a exemplo do NUSSAN/UFRB.

Tentamos comemorar os 15 anos durante a pandemia, projeto pensado durante a I Mostra do NEPAC ocorrida em 2018, mas não aconteceu. A mostra foi um segundo

momento também comemorativo, no qual desejávamos congregiar, socializar e divulgar os estudos e pesquisas realizados no NEPAC. Não conseguimos organizar os festejos de debutante. Realizamos muitas preparações com oficinas de sistematização de experiências com uma grande adesão das ex-nepaquianas, construção de uma linha do tempo, mas o ato comemorativo não foi efetivado.

Durante o ano de 2022, cabe registrar que o NEPAC está em processo de ampliação do seu escopo com a entrada de mais quatro integrantes docentes da UFBA. Aqui faço ainda a ressalva que durante esta minha trajetória mais recente, eu tenho me somado às vozes no departamento com algumas colegas em defesa da ampliação de “outros olhares” na ENUFBA, que representa repensarmos o *modus operandi* de trabalhar os perfis das vagas para concurso público.

Via de regra, a definição das vagas dos nossos concursos é pensada a partir do currículo dos cursos de graduação. Isso é tão representativo e muito bem expresso na coloquialidade do “concurso para a vaga de fulana”, ou “concurso para a vaga da disciplina X” (leia-se aqui disciplinas da graduação). Sempre defendi que este modo de lidar com a vacância alimenta uma reprodução nas práticas enrijecidas das universidades, fechando as portas e janelas para os ventos que sopram. A meu ver, não inova, não cria, não acompanha os movimentos da consolidação da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, nem das novas áreas do saber. Aqui não me refiro às tentativas privatistas das universidades que fazem da inovação um movimento eufórico que atropela as tradições para instituir o novo como “produto” e que seja um produto “rentável”. Defendo irrevogavelmente a universidade pública, gratuita e de qualidade com seus princípios éticos, sua autonomia, e a liberdade para pensar criticamente em favor de uma sociedade justa, igualitária e plural – vale reforçar, não patriarcal, antirracista.

Em suma, as lutas entre as áreas na definição de vagas e o que seja um(a) professor(a) universitário(a) é um fenômeno conhecido nas instituições. Nesta trajetória, persiste a luta para efetivamente “profissionalizar” o “fazer ciência”. Não é “no tempo que sobra”, não é voluntarismo, não “paixão” à ciência, não é projeto egoisticamente pessoal de docentes. Como é defender a ciência hoje, bandeiras, ser contra o negacionismo, defender os recursos para tais instituições brasileiras, se o nosso cotidiano ordinário é um processo hercúleo de lutas para defender o espaço da ciência? Além de “profissionalizar”, oferecendo condições concretas para tal, também é preciso democratizar o fazer ciência entre as pessoas e entre as instituições. Fazer ciência é um ato político.

Em síntese, nesta beligerância, com intensos debates e negociações, novos professores com perfis mais ampliados têm sido acolhidos na ENUFBA – e até perfis “não nutricionistas” para o curso da nutrição, o que para mim representa a interdisciplinaridade que perfaz este campo de saberes e práticas acadêmico-científicas

e profissionais. O NEPAC, em 2022, acolheu mais quatro docentes; estamos apostando que, juntas, novos ventos, novas potências de diálogo, novas aberturas estão por vir tanto nas áreas de nutrição como na de gastronomia. Estamos repensando assim a sua dinâmica, redefinindo as linhas de pesquisa, enfim, denominamos como NEPAC “Novos Movimentos”.

Estes docentes estão participando de reuniões e debates, coorientações, bancas e, dois deles, já estão como docentes do PPGANS a partir de 2023 na linha de Alimentação, Cultura e Saúde. Neste ano, também participaram da construção de um projeto que submetemos ao Edital Pró-Humanidades, o qual relato brevemente dois movimentos: a proposição do projeto em si e a metodologia da sua construção, que os nepaquianos denominam como “método da galinha pulando”.

Desvelando a Bahia profunda...

O projeto se intitula *Práticas, saberes, memórias e patrimônios alimentares em populações vulnerabilizadas a partir do estado da Bahia: imbricando corpo-território-ambiente em contextos de modernidade-colonial*, apresentado à Chamada nº 40/2022 – Pró-Humanidades. Estava insegura quanto à aceitabilidade de uma proponente lotada na área de saúde e que isso pudesse contar em desfavor à proposta. Ainda que você faça um doutorado em outra área, o fato de estar lotada na sua área de formação de graduação, não “favorece” nas relações de “fidelidade conjugal” a sua trajetória de formação básica. Não ao acaso, muitos de nós, voltamos à graduação para se titular nas bases. Com isso não quero dizer, sob nenhuma hipótese, que tal questão seja a “causa” de algum insucesso. Respeito muito as áreas, os pareceres, o *modus operandi* dos campos, assim como reconheço os meus limites. Tão somente quero dar luz a algo que parece estar subjacente no nosso jogo interativo, algo que, de algum modo, passa... antecede as nossas leituras. A nossa leitura “lê” também quem escreveu. O que quero dizer, é que creio que estamos muito distantes de uma construção interdisciplinar – ou “entre” disciplinar ou ainda, como escutei um dia, “pandisciplinar”. Eu decidi ser “anfíbia”, com direito a não contemplar por completo transições. Decidi pelo “entre” lugar. Não como passagem, mas como o meu próprio habitar. Inconstante, imprevisível, nutrióloga, uma metamorfose ambulante...

Este último projeto me parece congrega muitos elementos da história do NEPAC, da minha história e as interações recentes entre novos saberes, novas práticas, novas pessoas, novas tecnologias – a exemplo do Google Docs e das plataformas RNP e Google Meet. Foi construído com, pelo menos, duas dezenas de pessoas,

duas dezenas de pares de mãos trabalhando em um único arquivo de nuvem e um grupo de WhatsApp.

Respeitando as orientações da chamada, construímos o projeto partindo da premissa de que o campo da Alimentação e Nutrição se conforma em uma perspectiva transdisciplinar e pluriépistêmica, debruçando-se sobre objetos de estudo que se expressam por meio da complexidade dos sentidos, práticas e experiências relacionadas à alimentação, à comida, ao comer e às corporalidades, reafirmando o hibridismo de temas continuamente intercruzados e interseccionados. Assim, o objetivo foi compreender as práticas culinárias e alimentares, a partir de saberes locais evocados pelas narrativas e memórias de populações em situação de vulnerabilidade em distintos territórios marcados pela precariedade das condições de vida.

Propomos, então, estudar o cotidiano das pessoas em cenários de fome e insegurança alimentar e nutricional no qual corpo-território-comida-cultura se imbricam nos contextos de modernidade-colonial. Para tanto, na investigação propusemos adotar perspectivas interdisciplinares e epistemologias plurais, para o estudo de populações na sua vida cotidiana, nos rituais vividos, empregando metodologias advindas de constructos teórico-metodológico do campo das ciências sociais e humanas em torno da experiência e da narratividade. Com a consecução deste estudo, espera-se ofertar para o campo da alimentação e nutrição, um suporte teórico-epistêmico sobre conceitos fundamentais do campo das ciências sociais e humanas em alimentação e nutrição no que se refere aos conhecimentos científicos sobre os fenômenos das práticas alimentares, da fome e da insegurança alimentar, colaborando também com a produção de novos olhares para o campo das políticas públicas em alimentação e nutrição e da Segurança Alimentar e Nutricional.

Além das duas dezenas de pares de mãos – 40 mãos, 200 dedos digitando... –, convidamos parcerias que envolviam cinco instituições brasileiras de quatro estados, quatro instituições estrangeiras envolvendo quatro países, no intento de contrastar realidades distintas e dialogar especialmente com a americolatinidade. A nossa expectativa era – e ainda é! não ganhamos o edital, mas o projeto resiste, sendo submetido a outro edital – que a produção possa impulsionar a qualificação das atividades de ensino, pesquisa, extensão da proponente e consolide parcerias institucionais de âmbito internacional, mediadas por projetos acadêmico-científicos colaborativos, intercâmbio de outros docentes e estudantes e produções científicas conjuntas.

Para o NEPAC junto ao NUSSAN/UFRB a intenção seria explorar a Bahia profunda... o que se passa nas entranhas deste estado ainda é algo que confronta com o imaginário romântico estereotipado da(s) ruralidade(s) paradas no tempo, intocadas e/ou atávicas, tão bem simbolizada pelo personagem de Jeca Tatu... O capital já tocou com sua pesada mão esmagando a terra, as pessoas, impondo as suas lógicas

predatórias – vejamos o primoroso documento de Marcelo Gomes, na cidade de Toritama, interior de Pernambuco, “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” de 2019. Vejamos como a lógica do empreendedorismo sequestra a alma dos seus moradores e moradoras com o “ouro azul” – a produção de *jeans* em fábricas caseiras, mudando o seu modo de vida, a relação com o tempo, o corpo e o trabalho, com a paisagem e o território, todavia, há suas linhas de fuga, sem *spoiler!*

Em síntese, o que se passa com estes territórios, com estas pessoas, e com a sua relação com a comida, mas do que nunca, nos interessa saber...

A metodologia da galinha pulando

Uma certa feita, lá pelos idos de 2010, narra hoje uma integrante do NEPAC que está presente desde aquela história, mal havia entrado no grupo com o intuito de iniciar o seu mestrado, quando em uma reunião, iniciando um dos primeiros projetos financiados, eu sugeri que ela e outra integrante coordenassem o trabalho de campo. Quase que assustada, ela conta, mas, ao mesmo tempo, conto eu, encorajada pela confiança, seguiu a aprender como fazer em ato. Ao que tudo indica, ela é autora desta alcunha já que ela diz, em tom anedótico, que “recebeu uma galinha pulando”⁶.

Os trabalhos e projetos do NEPAC são construídos assim, como uma galinha pulando onde todes que estão com disponibilidade se colocam a saltitar neste “galinheiro” para fazer junto. A construção dos projetos de pesquisa é pensada em reuniões, em grupos de WhatsApp, e-mails, distribuindo anarquicamente tarefas, as pessoas vão se juntando, discutindo no decurso, trocando referências e, ao final, o grande trabalho de juntar as partes, tende a ficar com um pequeno grupo de pessoas mais experientes e/ou disponíveis ou ainda que se voluntariam. Criou-se uma tecnologia de produzir projetos e trabalhos de modo profundamente coletivo, com todas as mãos digitando entrelaçadamente, ao menos o mais coletivo que nos é possível.

Recordo-me, em 2017, uma cena da produção do projeto em que toda a equipe estava “espalhada” pelos espaços da ENUFBA, distintas salas, laboratórios de informática, nos computadores pessoais, todos ao mesmo tempo escrevendo com intensidade. A cena é relatada por uma doutoranda de outro estado recém-chegada a ENUFBA que conta, algum tempo depois de ter passado este momento e já mais ambientada ao grupo, o quanto ela se assustou na anarquia do trabalho. Relata que eu cheguei a uma das salas entoando uma frase “motivacional” que se transformou

6 Expressão que está na gíria do “baianês” e que significa receber um problema de modo inesperado e não saber o que fazer.

em quase um “grito de guerra” do NEPAC: “gente! vamos ganhar este edital!”. Ela atribuiu-me um certo estado de insanidade diante do caos que estava instaurado.

O fato é que ganhamos sim o edital (um grande feito para uma área com pouca afinidade a projetos plenamente “qualitativos”; sem os números parece sempre que falta algo...ainda é uma sensação forte mesmo considerando que todo estudo sempre “estará faltando”, sempre será por natureza “incompleto”). O fato é que eu já considero a vitória de um edital o próprio sucesso do processo de construção para a submissão. Considero, daí a convocatória de todes, que este processo é também de profundo aprendizado de saberes, novos conhecimentos, de aprender a produzir um projeto e sobretudo, de trabalhar coletivo.

Em um momento recente, após a construção do projeto a pouco relatado para a Chamada Pró-Humanidades, contamos com a presença dos novos docentes e da pós-doutoranda, que se juntaram animadamente à equipe já habituada a este *modus operandi*. Produzimos em um curto espaço de tempo, um vertiginoso projeto. Digno de nota, reitero, são as interfaces com as tecnologias digitais e as nuvens que substituem os arquivamentos fixos. O editor de texto na nuvem do Google – o Google Docs – tem incidido de modo incisivo no trabalho acadêmico. O fato de estarem mais de vinte pessoas editando um texto e construindo um projeto é algo genuíno dos últimos tempos.

Talvez não esteja aqui trazendo novidades em um modo de fazer, mas queria registrar o como interpretamos a metodologia da galinha pulando.

Ao receber a galinha pulando no “lodo” do galinheiro, a ideia não é domá-la, não é adestrá-la e nem confiná-la aos moldes dos sistemas violentos adotados na produção de carne de frango cujo Brasil é um dos maiores produtores. A ideia é acolhê-la – assim como buscamos acolher e contemplar os desejos e ideias no projeto de todes –, é acompanhá-la em seus cacarejos, cantos, no ciscar a terra – buscando um texto novo uma ideia nova –, e acolher quando ela se agita – são os nossos momentos de “o que faço agora?”. Em verdade, gostaríamos até de romper as grades do galinheiro, mas não conseguimos sempre tamanha façanha dentro da academia, ao menos por ora. Pulamos a cerca do galinheiro, mas estamos aí (um não lugar?). Também não seria, de outro lado, imaginar um certo “naturalismo” ingênuo de que o mundo é como ele é, “deixando a vida ‘naturalmente’, nos levar”. Temos projetos, temos desejos, temos intenções, e isso nos guia em um devir...

Não prosseguirei explorando, a partir da figuração da galinha pulando, para interpretar o nosso processo de trabalho. Isso será objeto de análise em outro momento. Só trago aqui pois se trata de minha trajetória nos intentos de fazer valer efetivamente a prática de trabalho cooperativo. A insistência persistente no trabalho coletivo percorreu toda esta trajetória em todas as áreas, em sala de aula, com

estratégias metodológicas para tal, nas gestões em todas as esferas em que me fiz presente, nos projetos de pesquisa e até na tensão dos trabalhos monologicamente construídos de trabalho final de curso que até conflituava nas, às vezes, dramáticas definições de autorias.

Não defendo por ser uma mera estratégia que pode “ampliar a produtividade”, mas porque a produção de um bem comum, exige, por natureza, a comunhão. Precisamos aprender (ou reaprender) que a vida comum e o espaço universitário são fundantes para promover estas práticas. Aprendemos que ninguém solta a mão de ninguém!

Assim, foi que com a minha baianidade, sempre tentei busquei fluir na electricidade da musicalidade baiana, quando Moraes Moreira diz: Por isso chame, chame, chame, chame gente/ Que a gente se completa enchendo de alegria a praça e o poeta /É um verdadeiro enxame, chame, chame gente/ Que a gente se completa enchendo de alegria a praça e o poeta / Ah! A praça e o poeta!

202

Encerro, por fim, com reticências estas linhas-fio, evocando palavras que marcam esta escrita: novos olhares, novos ângulos, um outro olhar, que transita pelo “entre” buscando imbricar, enredar, entrelaçar, emaranhar no “entre”, entre as frestas das cercas, pulando as granadas, carregando aquela menina baiana com o encanto, a régua e compasso, que nasceu no ano do cavalo de fogo, que se dispôs a pular inúmeras cercas na vida – para quem tinha medo de subir em uma cadeira... – que cerceiam as mulheres, negras, nordestinas... e se dispõe a pular tantas outras que estão por vir! Essa menina-mulher que vos fala segue enlameando-se neste caldo acadêmico, aprendendo todo dia a ser gente: afinal tudo na Bahia “é um manguê”!!!

Salvador, Verão de 2023

Este livro foi produzido em formato 530 x 708 pixels e utiliza as tipografias DTL Haarlemmer e Akko Pro, com miolo preparado na Edufba, em formato PDF.

